00143116

NOT TO BE ISSUED
OUT OF THE LIBRARY.

WITH

THE
ASIATIC SOCIETY OF BOMBAY
Town Hall, Bombay.

Digitized with financial assistance from
NSDL
Technology, Trust & Reach
on 11 March, 2020

GOA

ANTIGA E MODERNA

POR

Frederico Diniz d'Ayalla

«Não cuidei que Goa estaua desta maneira com S. A. antes me pareceo que a tinha dentro na sua Alma pella mais principal cousa das indias.»
(A. d'Albuquerque - C. a D. Martinho)

143116 ac

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO COMMERCIO
1—Rua do Belvêr—1

1888

00143116

Á querida memoria

DO MEU PAE

ANTONIO DINIZ D'AYALLA

Capitão de artilheria e lente da extincta Escola Militar de Goa

E DOS MEUS IRMÃOS

JOSÉ E ADOLPHO AYALLA

Fallecidos por occasião da guerra do Bonga em Africa

Á MINHA BOA MÃE

EM TESTEMUNHO DO MUITO QUE LHE DEVO

A SAUDOSA MEMORIA

DO MEU MESTRE E AMIGO

P.e Francisco Luiz Gonzaga de Athaide

Ao Ex.mo Sr.

Joaquim Pedro Oliveira Martins

Em signal de viva amziade e sincera consideração

DEDICA E OFFERECE

O AUTOR

AO LEITOR

> Il (l'historien) ne songe ni à louer ni à blâmer; il ne veut ni exhorter ses auditeurs à la vertu, ni les instruire dans la politique. Ce n'est pas son affaire d'exciter la haine ou l'amour, d'améliorer les cœurs ou les esprits... il n'a pour devoir et pour désir, que de supprimer la distance des temps, de mettre le lecteur face à face des objets.
>
> (H. TAINE—Essai sur T. Live.)

Este livro não representa um trabalho completo, nem é a historia perfeita de Goa. Para isto faltaram ao autor muitos documentos, e nem o assumpto lhe merecia a paciente investigação de annos de estudo. Pretendeu apenas restabelecer a verdade nos factos mais salientes dos successos politicos do seu paiz e systematicamente deturpados ao sabor de escriptores, a quem elle deve o peculio de conhecimentos sobre que elaborou este trabalho, por um sentimento de justiça e de natural curiosidade.

A natureza do assumpto caracteristica de um paiz onde apenas nasceu; a feição dos factos e a indole dos factores historicos, alheios ao seu genio de raça e mesmo á comprehensão de um espirito educado para uma outra ordem de ideas e de sentimentos, não só obrigaram o

autor a escabrosas meditações, mas em muito prejudicaram a belleza artistica com que se poderiam revestir os homens e as coisas. Além d'isto deve notar-se, como o leitor ha de ter a occasião de ver ao percorrer estas paginas, que o autor teve de reconstruir a historia na sua fórma verdadeira sobre a maior parte de trabalhos adredemente feitos com o fim de deturpal-a. O que isto prejudicou, não o methodo, mas a fórma, obrigando-o a refutar antes de poder expôr, vê-se claramente comparando certas porções do livro com outras originaes do autor, como o *Perismo*, a *Extincção do exercito* e em todas as outras em que não confessa servir-se de documentos colhidos e aproveitados por outrem. É notavel, comtudo, que o autor quasi geralmente se serviu dos mesmos documentos sobre que os historiadores de Goa tinham baseado a *sua historia*. Este trabalho de analyse e de critica é porventura o unico merecimento d'este livro.

Vem por isso a proposito falar dos escriptores indigenas Barreto Miranda, M. V. de Abreu e Filippe Nery Xavier.

O primeiro d'entre elles, Barreto Miranda, é um espirito coordenador e assimilador. O seu estylo é animado, correcto, vivo por vezes, o que não quer dizer que tenha estylo ou que não plagie. Discipulo da escola revolucionaria, no que ella tem de incongruente e tumultuoso, abalado pelas aspirações partidarias, romantico sem poesia e quasi sempre por banalidade, vê-se que se formou nos livros de Voltaire, Rousseau, Chateaubriand. De uma imaginação limitada; devido a uma educação religiosa alheia ou adversa ao seu typo original, a sua intelligencia só conhece a agudeza ardilosa, e a sensibilidade confina com a hypocrisia, senão com um mal contido rancor. É o typo do brahmane ferido no seu orgulho e nas suas ambições de raça, como elle se mostra nos seus *Quadros Historicos*.

Miguel Vicente d'Abreu residia na capital, viveu mais

que era coberto de um lençol branco e crepitante, desnuda-se e deixa ver as corôas de musgo e algas alastrando-se sobre o dorso dos rochedos, reluzentes, movediças, como as serpentes.

O morro da Aguada encimado por um bojudo reducto, como guarda avançada na foz do Mandovy, espalha em noites procellosas a luz que encaminha o nauta para as terras de Goa. Por baixo, á flor da agua, correm as casas volteando a curva do promontorio de Bardez, e defendidas do mar pelas cortinas quasi symetricas, brancas e uniformes, como a dentadura de um leão. Estamos á bocca do Mandovy *sereno e brando*.

Na margem esquerda, rompendo por entre copados cajueiros, encara o mar o convento do Cabo. Quantas vezes não ouvi eu os sinos da Aguada e do Cabo, no calado de um dia sereno e limpido, espalhando mansamente seus sons pelo niveo seio do immenso mar! Como essas notas afflictivas me traziam á mente os eccos gloriosos de um passado luidoso e homerico! Como é triste espraiar a nossa saudosa vista pelo littoral eriçado de fortalezas, e ir, apoz um alleluia fictício, assistir ao *miserere* entoado por entre as ruinas de uma cidade deserta! Uma legião de espectros nos espera para entoarmos uma elegia sobre o tumulo da nossa grandeza!

Entre Gaspar-Dias e Reis-Magos redemoinham as vagas nos bancos de areia. As ondas fervem, quebram-se, rodopiam, e as gaivotas, sacudindo as azas, dão caça aos peixes. O barco entretanto singra lentamente, evitando o baixio. Por entre as palmeiras espreitam as casas de campo e os casebres angulosos cobertos de *ola*, sobre os quaes as gralhas, espicaçando a presa, grasnam de contentes. Sobre a areia quente de Caranzalem os pescadores compõem as redes, cantando. Vai-se descobrindo a parte occidental de Pangim. O coreto de musica, o hospital-barraca, as pontes de Minerva e Martha, as meias-laranjas e os bancos de pedra saltam aqui e alli no Campal, como alvas tendas em meio de um oasis. Largas ruas enfiam a vista para o interior da cidade, meio coberta de densos palmares. Nas tardes de maio, a briza

GOA

I

Estão pelos telhados e Janellas
Velhos e moços, donas e donzellas.
(Camões.—C. 7.º)

Adiante ha ho longo da costa estaa hũu my fermoso rio, que lança flous braços ha ho maar, entre hos quaes se fas hũa ilha, em estaa ha cidade my grande, de boas casas, bem torquada de fortes muros, torres e cubellas, ha ho redor della mytas hortas e pomares, com my fermosos arvores e tanques de boa agoa.
(Viag. de Duarte Barbosa, 1516).

Mal assoma a barra da Aguada, transpondo a ultima sinuosidade da costa brava, ao sul despontam as casarias e os baluartes, caiados de branco, que mansamente vão subindo a encosta do promontorio de Mormugão. Dobramos as praias de Galvão, mais propriamente rochedos batidos por grossas vagas, que de longe se ouvem quebrar com a monotonia e placidez proprias do oceano. No inverno por entre aquelles cachopos espuma o mar as suas mal contidas iras. A onda monta, e desdobrando-se com furia vai de arremesso contra os negros penedos, que a agua tem cavado em configurações extranhas. Chocando-se, fundindo-se, as vagas rolam marulhando uns ruidos cavos, que a resistencia da costa transforma em grito medonho. As aguas espirradas pelo embate sobem como um veo de gaze prateado pelo sol. E em breve o

um eleiar muito parecido com o bater das azas de uma ave; o vento do mar alto sacode os troncos das *mangueiras* e *jaqueiras* n'um ruido flacido e susurrante, proprio do bosque; a areia volteia em espiraes pelo Campal, e o mar ronca, imitando o despenhar de uma cascata, por entre os bancos de Gáspar-Dias. A fortaleza de Reis Magos, na margem direita, parece irromper das aguas, deixando ver, ao passo que subimos o rio, as trincheiras que gradualmente sobem, e a bella fachada da egreja, olhando para o interior. Aproamos á cidade de Nova-Goa.

Veem-se no outeiro de Pangim as escadarias e a egreja da Conceição, e d'outro lado as umbrosas e verdejantes margens de Verém e Betim ostentam toda a opulencia tropical. Nas pequenas enseadas agglomeram-se as canôas carregadas de fructas e flores, que vão depois fornecer o mercado da capital. Pangim ao sopé do outeiro, em alguns pontos coberto de arvoredo e subindo a encosta, deixa ver os seus predios meio escondidos, como uns brancos lenços suspensos ao vento. Pelo nascente, destacam-se as casarias de Ribandar, a egreja da Piedade, Chorão, e mais além, n'um fundo doirado pelo sol e cortado pelo rio, as torres da Velha-Goa, quaes flocos de neve confundidos no horisonte com as altas serranias das Novas Conquistas.

Entre Pangim e Betim atravessam o rio as *tonas* carregadas de gente. Marinheiros de corpo nú, cabello atado no alto da cabeça e luzidio de *azeite*, descem o rio cantando uns, fumando outros. Como a cidade é quasi morta, ouvem-se perfeitamente o bater do helice dos barcos a vapor e as ordens do patrão, á ingleza, *stopper!* De um e outro lado os passageiros entram e saem as lanchas, que fazem carreira entre Pangim e Verém. Uns de trajos pagãos, turbante branco ou barrete bordado a galão, pallidos, amarellentos e desconfiados, desapparecem presurosos, sacudindo a trança ao vento e batendo os pés no chão para sacudir a poeira das sandalias; outros, meneando muito a cabeça, contando pelos dedos, bocejam com incrivel tedio. Conversam n'um tom aspero e cantante; vão apressados, sempre em grupos, falando nos seus negocios, offerecendo uns aos outros a

areca e o betel ou passando de mão a mão o *cânudo*, que sorvem a largos tragos. Os *interessados* das communidades e os demandistas que veem á capital tratar de seus negocios, calção curto até ao joelho, chinellos sem piugas e um chapéo alto de dimensões collossaes, sobraçam rolos de papel e seguem o seu caminho em agitada conversa. O serio burguez, proprietario ou advogado, caminha sempre seguido de uma turba de clientes. Mais polido, de porte amaneirado e cheio de si, o indigena educado á portugueza dá-se ares entre os seus amigos, tendo sempre o cuidado de se referir amiudadamente ao seu trato com pessoas gradas da provincia, juiz, delegado, o que não deixa de causar sensação e provocar commentos entre os seus admiradores. Raparigas de bellos olhos pretos, cabello basto e negro, seguem a passo curto para o *bazar*, e vão pelas ruas de Pangim vender os seus generos. De uma das dobras do panno, habilmente fisgada á cintura e que deixa ver a coxa, tiram de quando em quando grão assado e caroços de tamarindo, com que entretecem o appetite. Lestas e tagarelas, como são, andam apressadas, jogando descompostamente os quadris e rastejando umas sandalias feitas de *ola*, que mal lhes cobre a planta do pé.

De varios pontos da capital, logo pela manhã cedo, grupos de criados dirigem-se para o novo mercado pela rua do aterro, dando-se ao derriço, beliscando e jogando dictos obscenos. D'aqui e alli se ouvem garridas risotas e o languido *mandó* ao som da picareta, com que o pedreiro vai afeiçoando o material para uma casa nova ou para as obras do aterro. As moças que os ajudam em conduzir a cal e as pedras, sobem os andaimes espicaçadas por uns ditos amorosos e outras vezes rogando pragas contra os mais atrevidos. Este passatempo é caracteristico da sensualidade indiana, e a não serem estas raparigas, os pedreiros e carpinteiros, risonhos e dengosos, tanto a mulher como o homem na India, ainda que extremamente sensuaes, são no geral tristes, principalmente a mulher, que chega a ser lugubre no seu trajo de preceito, o *âll* (muito parecido com as vestes da judia).

O *farangui* ou o mestiço, como lá se chama, julgando-se ainda o fidalgo d'outras eras, entra em scena mais

tarde, segundo a pragmatica. Levanta-se sempre tarde, lê assiduamente de manhã e á noite os romances do sr. Camillo, Dumas, Paul Kock, e se não é precisamente um Pico de Mirandola ou um fervoroso adepto de Voltaire, não deixa de saborear Hugo e Guerra Junqueiro com certa predilecção. Não é revolucionario por indole, mas amantetico, gostando de Soares de Passos e João de Lemos, e, sobretudo, da historia de Carlos Magno e os Doze Pares de França. Um espadachim em miniatura e fanfarrão como o hispanhol; não namora como os *dandys* de cá, mas julga-se com direito de ser amado, e por força tem uma noiva, a mais bonita e elevada na sociedade! Se é militar, não se espreguiça tanto á espera que a criada lhe vá levar o café á cama, e, como o tempo urge, não tarda a fazer-se sentir pelas ruas o rastejar estrepitoso da espada do garboso alferes. Todo elle é um primor. O calçado tem o brilho dos seus olhos, os botões luzem-lhe como estrellas, e a banda, bem se vê, cingiu-lh'a mão mimosa da esposa ou irmã. Se passa commandando uma força, as damas o vão admirar á janella, recebendo graciosamente o cumprimento, que elle, com donaire e marcial ufania lhe faz, levando os copos da espada ao rosto. O mesmo rompante, o mesmo ar de triumpho junto das damas, parecendo esmagar meio mundo com o seu olhar cioso e tremulo de intimos jubilos. Não fala sem bater nos copos da espada, saracoteando-se ruidosamente de um lado para outro, tudo para se mostrar formoso aos olhos da dama dos seus amores. Algumas vezes, principalmente desde que se não armam cavalleiros no exercito, não prima por bom gosto e chega á ser ridiculo, ridiculissimo.

As damas, pelo contrario, são em tudo portuguezas: tristes e meigas. Quasi que não falam, e ao passarem em *machilas* divisam-se pelas portinholas rostos pallidos, de olhares timidos e mornos. Ainda assim denota-se-lhes o espirito altivo de antigas fidalgas quando pelas salas rastejam a longa cauda de seus vestidos. Em familia, a alegria quasi mystica da portugueza, a serenidade do gesto e meiguice no olhar, reveste-as de um encanto irresistivel, fascinador.

Tinhamos deixado o convento do Cabo, hoje palacio de recreio dos governadores; o Campal, o melhor passeio de Pangim; Reis Magos e Aguada, dobrados sobre o rio; Caranzalem, com as suas larguissimas e brancas praias, para onde a *elite* da capital vai passar a estação calmosa. Do outro lado, para o sul da ilha, entre a peninsula de Mormugão e Dona Paula, tudo está mudado. É uma cidade nova, cheia de fumo, a bahia coalhada de vapores, constantes apitos, os guinchos dos guindastes, uma babel de linguas e o eterno *oh!* inglez, parvo de tanta gloria á nossa custa. Deixemol-o em paz, o nosso fiel alliado. Espraiemos a nossa vista pelas margens do Mandovy, serenas e bellas.

A actual capital da India Portugueza, Pangim, transformaram-n'a, de um paul que era, o conde d'Ega, D. Manuel de Portugal, conde de Torres Novas e o contra almirante Caetano de Albuquerque. «Desembarca-se em Pangim — escréve o viajante francez Victor Fontanier — n'um bello trapiche recentemente construido. Numerosas embarcações estão occupadas em carregar e descarregar mercadorias; de todos os lados se vêem levantar novas construcções. Poulhamos pé em terra: as ruas são largas e symetricamente alinhadas; uma consideravel população percorre-as em um movimento extranho e não usual n'aquelles climas; tudo, emfim, se allia para dar á cidade um aspecto mais europeu que asiatico.»

Os predios caiados de branco e amarello, independentes, deitando sobre o Mandovy rasgadas janellas de feitio das dos nossos conventos antigos, umas de *ostras*, outras de vidros com sacadas de madeira, cobertas no inverno com *reparos* de *ola*, dão á cidade o aspecto de uma pittoresca villa. As ruas como os tectos, nos mezes de junho e julho, cobrem-se de relva e matizam-se de pyrilampos, que no escuro da noite parecem boccados arrancados ao céo. Á beira-mar o palacio da primeira autoridade, hoje quasi abandonado pelo do Cabo, é o typo mais symbolico de como as nossas cousas andam: sempre a renovar-se e sempre velho. Suppre tudo, porém, a galeria dos viso-reis — quadros baços e gigantescos, que mais parecem uns troglodytas do que as epicas figuras

dos nossos heroes. Ao extremo occidental um mercado —Visconde de Ribandar — de uma belleza e de uma architectura que faria parar de saudade, se por alli tivesse a ventura de passar, um descendente dos Pharaós; no largo das *Sete Janellas*, sobre um pedestal pesado e informe, orgue-se a estatua de Albuquerque *terribil:* um collosso de pedra preta, e sem nariz. Uma cupula rotunda, sustentada por uns pilares dorícos, resguarda a cabeça do conquistador de Goa das chuvas torrenciaes dos tropicos, á maneira dos idolos pagãos que se encontram na India á entrada dos pagodes. Na inauguração d'esta estatua, um veterano da liberdade, que então governava a India, exclama assim n'uns versos inflammados:

> Grita-lhe, e verás seu ardimento...
> Arranca a espada que inda tens em punho.
> (Gov. Pestana.)

Por toda a parte este patriotismo banal de exclamações e reticencias!

Deixemos os estudantes do lyceu garatujar pelas paredes do monumento d'este, que de ha muito devoria ter arrancado da espada, e subamos o Mandovy, que muita vez escutara os saudosos queixumes do epico portuguez. O crystallino das aguas retratam as esguias palmeiras e o sombreado bambual, que ornam a tralda e as vertentes dos outeiros de Verém e Betim. A cordilheira, que corre da Aguada parallela ao rio pela margem direita, desvia-se n'um ponto em direcção nordeste, exactamente no sitio onde se levanta a egreja da Penha de França, e onde o rio entra por um braço pelas terras do Bardez. A fachada d'essa egreja, correcta, nivea, sobresahindo n'um fundo verde e plumoso da encosta, com as escadarias que os salgueiros mal deixam ver, parece de longe um navio que desembocca para o rio a panno cheio. Pela margem esquerda a cordilheira do Cabo corre na mesma direcção até ao extremo oriental de Pangim; desviando-se para o sul e cingindo as varzeas de Santa Cruz e Mercês, para seguir de novo pela villa de Ribandar até ao extremo oriental da antiga cidade. Uma ponte, ou antes uma estrada-ponte, dá entrada para Ribandar. Altaneiras fa-

cliadas de antigos solares descobrem-se successivamente por entre o arvoredo que cobre o outeiro. Do sopé sobem as casas em amphitheatro, todas com a fachada para o rio; em baixo fica a unica estrada cortada em rocha viva e, alguns metros inferior ao seu nivel, a linha de casas com balcões e jardins sobre o rio, e escadas para subir á estrada. Tal é a antiga *Rajah-Bandar* ou caes dos rajás.

O rio estreita-se depois de Ribandar, e as sombras das palmeiras e salgueiros dão-lhe a côr esverdeada e mansa de um lago. De um lado as choupanas dos pescadores, d'outro os plainos cobertos de vastos arrozaes. Defrontando Ribandar e a Velha Goa, as ilhas de Chorão, Divar, Santo Estevão, encimadas de egrejas e conventos desmantelados, irrompem d'aquelle vasto paul, cortado de regueiros, alagoas, arrozaes e salinas em perspectiva risonha e caprichosa. Quasi ao nivel do rio e a perder de vista alastram-se os arrozaes, verdes, ondeantes e listrados de faxas de agua, que o sol doira a primor. Perdidas por aquella pequena Hollanda serpenteiam á noite as canoas de pesca com fogueiras accesas á proa, enchendo o espaço d'um clarão rubro e sombras phantasticas.

Por terra tudo é agreste, a temperatura humida, a luz mortiça, que o sol vai esparzindo sobre arcos meio sustidos no ar, cruzes partidas, palacios derrocados, morros aqui, fachadas alli. Regueiros de agua doce serpenteiam por entre os muros sustidos por uma rede de raizes esbranquiçadas, que parecem cobras, e pelos palmares, como a unica melodia d'aquella paizagem umbrosa e rude na sua belleza sem arte. Vêem-se frontispicios de palacios sumptuosos phantasticamente erguidos com o vão das janellas e portas, deixando entrever d'outro lado o céo e as ruinas de outros palacios. D'estas frestas, meio escondidas de trepadeiras, saem troncos de arvores, palmeiras curvadas, que á noite semelham uns monstros espreitando a rua, por onde raras vezes passa alguem. Taes são os suburbios da antiga metropole, S. Pedro, Panelim, ninhos despedaçados n'aquelle mattagal immenso.

Despontam já as molles immensas dos conventos, a torre da sé, a cupula de S. Caetano, *seis tenques*, emfim,

alvejando entre um palmar enorme. Nenhum galeão surto na Ribeira das Galés, flamula alguma ondula ao sabor da briza por sobre o baluarte d'outr'ora, nem jaos, malaios, negros ou mouros se agitam pela margem do rio; e os sinos não repiçam, os fidalgos não atravessam pela cidade em fogosos corceis, nem as damas velam os seus formosos rostos com doirados véos... só o Arco dos visoreis se levanta ahi, como parodia reles das grandezas que já lá foram:

> Vim assistir ao desabar da gloria!
> Ter de mostrar ás tribus extrangeiras
> por todos os brazões da nossa historia
> só desertos, ruinas e caveiras.
> (T. Ribeiro.—Sino d'oiro da Sé.)

Depois de Lenschotten, Pyrard, Buchanan, Cottineau e Dellon era preciso que uma alma portugueza chorasse sobre essas ruinas. Ao suave e apaixonado cantor de *D. Jayme* coube esta gloria. Para tanta poesia só um poeta, para tanta amargura só a alma triste de um portuguez.

Aquella Goa, tão afamada na historia e tão admirada pelos viajantes dos seculos XVI e XVII, nem pelo menos indica o que outr'ora foi. Só a tradição póde fazer crer que aquelle cemiterio fôra jardim, que aquelle sombrio e humido palmar fôra o emporio de luxo e fausto oriental ainda não excedidos. Onde se erguiam palacios, alteia a palmeira, symbolo da solidão; onde percorria uma turba avida, buliçosa, vaguciam solitarias borboletas sobre os arbustos; ao brilho dos chales de Kachmyr, dos tapetes da Persia, das perolas de Ceylão e do oiro de Golconda, o pallido reflexo do pyrilampo vem esmaltar aquelle esfarrapado manto da nossa miseria:

> Rajahs de Bisnagar, a vossa Goa é nada!
> Filhos de Siva-Rai, é sombra o vosso imperio!
> a flor do Mandovy cae murcha e desfolhada!
> a filha de um jardim tapiza um cemiterio!
> .....
> .....
> Mas, se o formoso sol que a minha mente sonha
> não rompe a cerração, nem calma adversos ventos;
> roubando-nos á luz, poupai-nos a vergonha!
> Cahidé sobre nós, heroicos monumentos.
> (Velha Goa. Idem.)

O poeta, apesar dos seus bons desejos, presentiu o quer que é de triste, de vergonhoso, no futuro da nossa India, e dá logar a todo o seu orgulho de portuguez:

> Cahide sôbre nós heroicos monumentos!

A cidade da Velha Goa é o que ahi se vê: *desertos, ruinas* e *caveiras*. Compassadamente o *sino d'oiro da Sé* chama os conegos a côro. Do vasto templo reboa pelo espaço o angustioso grito do propheta—*ad te, Dómine, clamavi*—como o unico recurso de uma geração descrente e prostrada; uma aragem humida e fria silva por entre a ramagem, e uma chuva de folhas seccas junca o transito tapetado pela relva; o viajante evita cuidadosamente a cobra que rasteja por entre a folhagem; os grilos enchem o espaço de um zumbido triste e agonisante; um ou outro *rendeiro* do *sura*, sentado sobre o ramo da palmeira, solta estridulos gritos (uh-uh!) como o piar do mocho agourento; algumas *tonus* quebram o silencio das aguas ao fanhoso e puxado cantar do marinheiro que desce o Mandovy... Para o coração portuguez a sensação causada por aquella hecatombe é esmagadora. Os poucos templos que ahi existem parecem antes umas lapides funereas; a natureza é uma elegia; o viajante sente-se vaguear em meio de sombras. Aquelle sitio despovoado, plangente na voz d'esse sino que tanto encantou o poeta, e que é como um grito do passado; as cupulas e as torres desbotadas pelo tempo, que se alteiam quaes cyprestes em meio d'aquelle cemiterio; o respeitoso silencio do ermo, a pompa rude e homerica de ruinas seculares, tudo, emfim, fala e se agita com a placidez dos seculos e a poesia dos destroços: um mundo parece accordar d'entre aquelle sepulchro imponente das nossas glorias:

> A flor do Mandovy cae murcha e desfolhada!
> a filha de um jardim tapiza um cemiterio!...

Do *Tissuady*, theatro dos nossos primeiros feitos n'estas partes da India, convida-nos a montanhosa Bardez,

terra de mulheres varonis e homens fortes. Transpomos o outeiro de Betim e logo descemos para o immenso varzio, que em alguma epoca geologica parece ter sido uma bacia para onde entrava o mar, que hoje banha as praias de Calangute. Do cimo d'esse outeiro o panorama é delicioso. Os montes correm caprichosamente dos Ghattes levantados aqui; deprimidos ahi; descem para os valles, arredondam a superficie, levantam-se rudemente mais além, cobrindo a vista de um ponto, alargando os horizontes d'outro, correndo em rôlos entumecidos até se confundirem com as nuvens. Orlando o valle, espreitam as ermidas rurаes, e os campanarios erguem-se magestosos por sobre as palmeiras, espalhando por aquelle ambito a musica alegre dos seus sinos. O vasto arrozal estende-se como uma alfombra matizada a capricho pela mão da natureza. Quasi ao meio está o Monte de Guirim, ilha de verdura, encristada pelo collegio do seu nome. Foi alli que, na doce contemplação do mystico, uma alma pura e simples sonhou um dia criar um centro de luz e de amor. Mal pensava eu, educado n'esse collegio, que teria de misturar com lagrimas o saudoso nome do meu santo mestre e amigo, padre Francisco Luiz Gonzaga d'Athayde, ao recordar-me hoje d'esse bando de crianças, para quem elle tinha todos os carinhos e todos os disvelos de mãe. Meu bom mestre, fostes vós que, ao lado da minha viuva mãe, me infiltrastes n'alma os bons sentimentos, que porventura possuo. Aqui vos agradeço, consagrando á vossa saudosa memoria estas singelas palavras d'um culto filial...

De um lado do monte vêem-se os cannaviaes de Saligão —jangadas de verdura balouçadas pelo vento; pequenos morros semeados de palmeiras, de bananeiras, e humildes casebres pullulam pelo valle como uns recifes de coral; pelas encostas lobrigam os povoados, de que dá signal o *gomatta* (batuque) em festas domesticas, ou o estoirar das *recantaras* ao som do bumbo e caixa, nas festas religiosas da freguezia.

Raça de mais fibra, energica e trabalhadora, devido em parte ás condições geologicas do terreno montanhoso, cortado de poucos rios, por vezes arido, e no contacto

de povos guerreiros como os maharatas, o povo de Bardez tem desempenhado na historia o papel caracteristico da sua superioridade de raça e de genio. A emigração em grande escala para Bombaim, pondo-os em relação com um mundo mais activo, com classes trabalhadoras e energicas, tem-lhes modificado os habitos, mais ou menos sedentarios em outros dos seus conterraneos. Aberta, pela sua posição geographica, á incursão dos maharatas, pouca ou nenhuma influencia tiveram em Bardez as immigrações do Canará, que em tempos anteriores á nossa conquista vieram invadindo as regiões meridionaes das Ilhas e Salcete. Tudo faz crer na pureza de raça dos seus habitantes: o seu genio altivo e emprehendedor, o sentimento de familia mais vivo e as suas aspirações pela liberdade. Foi Bardez a comarca revolucionaria por excellencia, como veremos.

Não succede já o mesmo em Salcete, se excluirmos os brahmanes, classe abastada e intelligente, e a cujos principaes membros cabe um logar singular n'esta historia. Com o poder de uma intelligencia mais casuistica que solida, guiados por uma constante idéa, teem elles podido, apesar da sua inferioridade numerica, impor-se aos seus conterraneos e ainda á metropole, onde elles disputam logares aos europeus nos variados ramos da actividade social. A singular apathia e desmoralisação dos habitantes de Salsete teem a sua explicação no facto de estarem expostos ás incursões do ramo dravidico e nas constantes perseguições religiosas, que acabaram pelos tornar timidos e desconfiados.

Onde, porém, a raça se conserva mais pura é exactamente onde o catholicismo e a civilisação européa pouco importaram. Ainda que semi-selvagens possuem um fundo moral e religioso superior aos convertos. As Novas Conquistas, virgens em natureza e civilisação, são mais dominios independentes, feudatarios, que mossos. Vivendo em uma região accidentada, em campos encastellados por altas serranias, cortada de profundos valles, encristada de imponentes despenhadeiros, sombreada por densas mattas, regada de esteiros de agua que inundam seus formosos arrozaes, accordada pelo fragoso despenhar das cascatas,

pelo rugir do tigre e dos uivos do chacal, os seus habitantes conservam com ciume os seus habitos tradicionaes. Em rudes choças *(govoles)* o *gouly*, pastoril e nomada, vive como que embalado pelo mugir do seu rebanho, a sua unica riqueza, sem ambições, mas feliz á sombra do sumptuoso docel da arvore da gralha *(ficus bengalensis)*.

Quasi sempre em frente do pobre casebre, mesmo no centro do *anganam* (pateo), mão religiosa cultiva o *pimpol (ficus religiosa)*, entre cujos ramos nasceu Vishnú. O habitante das Novas Conquistas é um eximio conhecedor de plantas uteis e medicinaes. Muitas vezes desce elle ás villas como curandeiro ou *garopeiro* (acrobata), e então vende mèzinhas ou diverte as turbas. Não gasta o sabão importado da Europa, porque conhece o uso das folhas de saboeira *(saponaria vaccaria)*; condimenta o caril com as folhas da arvore do caril *(bergera kenigei)*; conhece a celebre raiz de João Lopes *(paullinia asiatica)* como o melhor tonico; anda quasi sempre munido de um pedaço do pau de cobra *(ophioxylon serpentinum)*, emfim, é um digno precursor se não mestre de Garcia da Orta.

Com effeito, a natureza ahi é de prodigiosa exhuberancia, e o hindu nutre não sei que amor santo pelas plantas. Ao lado das medicinaes brotam ahi a champeca *(michelia champaca)*, dedicada a Vishnu, e cujas flores são muito apreciadas pelas gentias, como ornato de cabeça; o jasmineiro, o *mogarim*, a arvore triste *(nyctanthes arbor tristis)*, e a linda trepadeira *(clitorea ternatea)*. A prodigalidade do reino vegetal corresponde á do reino animal. Ao romper da alva lindos passaros saudam o astro bemfazejo, espalhando pela ramaria a musica alegre dos seus trinos. Mal doiram o horizonte os primeiros raios do sol, e o orvalho cae gotta a gotta no solo alastrado de odoriferas flores, saltitam de ramo em ramo o passaro do sol *(arachnechtra asiatica)*, o bulbul sultana *(tchitria paradisi)*, o papagaio de cabeça azul *(palæornis cyanocephalus)*, o engole-vento, o gaivão dos palmares, o passaro alfaiate *(orthomus longicauda)*, o mainato religioso *(gracula religiosa)*, e uma infinidade de aves qual d'ellas mais rica na plumagem e mais festeira no gorgeio vi-

bratil, modulado, ligeiro como o accordar do dia oriental.

Debaixo d'um céo rubro, o *gouly* descalço e a cabeça descoberta, como um heroe, pastoreia por vastas campinas o seu rebanho. Fatigado pelo calor, deita-se sobre a fresca relva, e erguendo as pernas em posição vertical brinca com os pés ao som da flauta pastoril. Vem descendo pela encosta uma manada de bufalos. Sobre o dorso, de rosto para traz, sentam-se os pastores com as pernas encruzadas, como uns idolos de lodo levados em charolas; outros deitam-se de barriga para o ar e soltam gritos stridulos em signal de recolher aos seus companheiros. Nas aldeolas esperam-n'os as *goulinas*, raparigas fortes e esbeltas, com os seus grandes brincos pendentes da orelha e o collo cheio de contas e missangas, como os seus idolos. Emquanto os pastores tiram do *langotim* e repartem entre si os *carandams* e *churnams* que colheram no matto, a familia ata o gado ás estacadas e ajunta a bosta com que se aceia o chão da casa e o canteiro do sagrado pimpol. Muitas vezes estes hebreus indianos formados em tribu desarmam a choça, fazem em feixe os bambus, as mulheres atam os filhinhos por detraz das costas, e lá vão carregando a casa toda por esses ingremes trilhos, escolher outro sitio mais commodo. Mas não é só o *gouly*, pacifico e pensativo, vindo ás villas vender o *lounim* (manteiga) que habita essas regiões, sobre as quaes a nossa influencia tem sido nulla. As Novas Conquistas para os imaginosos é um ninho de salteadores. De feito de tempos em tempos fortes quadrilhas de salteadores teem trazido em constante sobresalto os povos de Goa. Os salteadores das Novas Conquistas, porém, não são, como se suppõe, uns scelerados por indole ou profissão. A maior parte das vezes não é só a fome ou o espirito de aventura que lhes arma os braços. Ha no fundo d'essa vida semi-barbara profundos dramas humanos. Teem elles alguma cousa de quixotesco, d'esse espirito fanfarrão de outras eras, que revela um fundo não de todo pervertido. Não assaltam uma propriedade, as mais das vezes, sem primeiro mandar avisar o dia e mesmo a hora em que hão de ir á mão armada exigir o dinheiro de que

precisam. Se o proprietario se não resigna a deixar em tal ou tal sitio a quantia exigida está no risco de se ver atacado.

Pelo calado da noite, á luz de archotes, caminham os salteadores para o local aprazado. Vão mascarados, ou com barbas postiças e a cara pintada de carvão. Dispõem os vigias de modo que não sejam surprehendidos, e um grupo dirige-se á porta principal (raras vezes escolhem um ponto fraco) de machados e alavancas. Cada porta e janella do bairro tem um vigia, que ao menor signal de soccorro grita logo: *cabarda!* (cautela!) e não ha outro remedio senão a gente ir deitar-se resignado. Cá por fóra, atravez do fumo e do sinistro clarão dos archotes, vêem-se grupos de salteadores armados, bebendo, conversando. Já a porta vacilla meio carbonisada; da janella os inquilinos fazem fogo; atiram-se para dentro garrafas cheias de polvora e betume, e aos gritos de *zoi-diu! zoi-diu!* ao som de batuques, da *singa* e da fuzilaria, entra para a casa um limitado numero de salteadores e prende o dono. Se a resistencia continúa ha luctas e mortes. Seguro o homem, correm a casa toda, arrombando as caixas e recolhendo o espolio. Tudo lhes serve, até o arroz. Raras vezes espoliam ou violam as mulheres, aliás bellas e adornadas de joias, todas tremulas e sentadas de cocoras á um canto da casa. Não falta, d'entre os salteadores, um braço que as defenda generosamente quando se ouse espolial-as ou manchal-as.

A indole guerreira dos habitantes das Novas Conquistas, o seu cavalheirismo, a sua bravura, a sua sympathia pelos portuguezes teriam sido qualidades que outro governo mais sensato que o nosso teria aproveitado em prol dos nossos interesses n'essas partes da monarchia. Em vez de salteadores, educando-os, regularisando o seu systema economico e civil, teriamos n'essa gente aguerrida e generosa a melhor garantia da autonomia de Goa e um elemento de prosperidade colonial. Para nossa vergonha, porém, tem havido quem, ignobil e covardemente, se tem prestado, com o unico empenho de agradar á autoridade do districto, a manchar o nome portuguez pela brutalidade e vilania com que tem trucidado

mais de um cabeça d'essas quadrilhas, faltando-se ás promessas mais peremptorias da parte do governo. O poetico e heroico *Custobá* foi uma d'essas victimas.

Um *bôtto* (sacerdote) manchára a honra de sua familia. *Custobá* jurou vingar-se, e procurou ensejo de castigar o impudico brahmane. O *bôtto*, para se ver livre do braço que o ameaçava, subornou testemunhas para imputar alcivosamente um crime qualquer ao seu rival. Não faltou quem, movido de indignação contra o sacrilego que assim ameaçava violar a pessoa do sacerdote, se prestasse ao miseral trama do brahmane impudente. *Custobá*, de grilheta aos pés, gemeu longos annos no arsenal de Goa, condemnado a trabalhos forçados por um crime imaginario. Um dia quebra os ferros e desapparece. Depois de poucos dias chega á capital a noticia de que *Custobá* se collocára á frente de uma poderosa quadrilha, devastando e arrasando tudo. Fez-se o terror das Novas Conquistas, e o seu terrivel nome foi cantado pelo povo como de um malfeitor lendario. Com effeito, foi um habil guerrilha, um bravo montanhez. Sahira do carcere como o tigre da jaula, espumante de raiva e respirando vingança. Os annos de prisão levaram-o a premeditar um justo crime. Quando menos esperava, o *bôtto* cae-lhe aos pés, roto o coração e os membros despedaçados. Depois, reune um troço e embrenha-se nos mattos, d'onde de tempos á tempos guiava o seu bando á pilhagem, ao assassinio e á devastação. A fatalidade das coisas fizera-o, de heroe, salteador. Saciado, porém, a sêde da vingança, a onda de sangue que lhe enebria o cerebro esbate-se na pallida visão do remorso. Queria regenerar-se, queria voltar ao saudoso lar pelo qual se fizera assassino e ladrão, mas não pôde porque cahiu n'um logro dos agentes da autoridade, que o assassinaram cobardemente.

Se os habitantes das Novas Conquistas tentassem em tempo algum emancipar-se, por certo que ninguem taxaria esse acto de attentado contra a nossa soberania, porque não temos o direito de exigir vassalagem áquelles que nada nos devem; e, comtudo, essa gente rude conserva um religioso respeito e até amor pelo nome portu-

guez. Guerreiros e aventureiros como nós, quasi se nos ligam pela affinidade de genio e de caracter. O exercito da India era na maior parte formado d'essa gente, e elles nunca desmentiram a tradicional coragem e lealdade, quer nas campanhas de Satary, quer nos sertões da Zambezia. Quem ha ahi na India, se exceptuarmos os portuguezes e uma grande parte dos *charadós*, que se avantaje em firmeza de caracter, em lealdade e bizarra hombridade aos nossos *Sar-Dessays* e *Ranes*? Encastellados nos seus palacios, cercados dos seus gallhardos sypaes, os *Dessays* das Novas Conquistas são ainda os restos d'esses tempos em que os altivos rajahs representavam os nossos poderosos barões.

Nas Novas Conquistas, ao lado dos habitantes generosos e aguerridos, a natureza tambem se reveste do quer que é de audaz e febril, como notámos. A arequeira parece proencher o ideal tenue e vaporoso do apathico filho do Ganges. Direita, esguia, de uma côr pardacenta, quasi nua como a castidade, ergue a cabeça melancolica e copada: é um brahmane nú e pensativo. Um regato de limpida agua corre-lhe aos pés; os ramos caem em preguiçosas curvas, como os braços da amante, e os cachos de fructas, de côr alaranjada, pendentes do alto, quaes brincos ornando a face da mulher, dão-nos a imagem da languida bailadeira. O arrecal é o bosque sagrado da India. A arequeira é a pompa, o luxo, a alvorada oriental, assim como a palmeira representa os tempos heroicos, a antiguidade quasi fabulosa d'esse povo-mytho. Irmã d'aquella, levanta-se esta, esbelta e triumphante. Saltam-lhe aos ventos doiradas pelo sol as palmas, como a cabelleira fulva de um heroe germano; o tronco range qual mastro de um navio açoitado pela tempestade e baloiça, como os antigos athletas do circo, em curvas audaciosas. As palmas varridas pelo *torval* espalham um cicio egual ao da flammula agitada pelo vento. Se um vendaval açoita o palmar, como é então bello ver a lucta de equilibrio em que se empenham esses gigantes. A palmeira, ao principio, oscilla lentamente, recurvando-se rapido, nervosa, á proporção que o vento cresce. Cabeceiam as comas entrelaçando-se umas com as outras, e

as paluras batidas, resvalam n'um choque de armas. Em doida furia são arremessados para o espaço os côcos e as *ollas*, que juncam o chão de destroços. A agua da chuva corre em borbotões pelo tronco abaixo e as palmas, acalmada a tempestade, erguem-se sujas e esfarrapadas.

Em um dia de maio quente e pesado, o sol a dardejar implacavel sobre as cabeças alagadas em suor, a palmeira é uma tenda de Deus para o pobre indio. A agua de côco é o gelo n'aquelles climas. O *boiá* (carregador de palanquim) fatigado e a escorrer em suor apanha do chão uma palma, arranca d'ella uma folha e enxuga o corpo ou antes raspa-o como com o fio de uma faca; depois, ajudado dos dedos dos pés, tece uma especie de esteira, estende-a á sombra e dorme apenas descança o corpo sobre o frio leito. O *boiá* dorme com tanta facilidade como bebe *urraca* por todas as tavernas que depara no seu transito. Quem andou pela India deve ter visto como em dia de calmaria os *boiás* e os marinheiros, deitados sobre as lages do passeio e nos degraus do caes das Columnas, de braços estendidos, o rosto coberto por um lenço de chita, dormem debaixo d'aquelle céo ardente, com uma placidez e um bem estar inexpremiveis. Quando se levantam, vê-se desenhada no chão a figura humana. Muitas vezes depara a gente com esses filhos do sol, durante os grandes calores, encostados a um objecto qualquer, os braços pendidos, a cabeça caida e os olhos cerrados, esfregando o corpo contra o que se apoiam. Assim dormitam, cabeceiam e suam n'essa embriaguez voluptuosa, propria do indio. Nada ha que o arrede d'ali. O calor na India é esmagador e deprime sensivelmente o systema nervoso; mas tem o quer queé de grandioso e solemne. Não só escalda e abate, mas assombra. Em uma tarde de maio principalmente, o espectaculo da natureza toca as raias do sublime horrivel: são tardes ameaçadoras, rubras de fogo como a ante-camara do inferno.

O sol desce para o occaso em verdadeiro triumpho. As aguas do mar attingem uma phosphorescencia unica n'aquelles climas, semelhando uma massa de cristaes em que incidem os raios do sol poente.

O horizonte é a bocca de um vulcão. Largas faxas de luz de um vivo bronzeado, entremeadas de listrões brancos e azues escuros tremem no horizonte como as franjas de um docel. Nuvens de phantasticas fórmas, debruadas de luz, tumidas como uns rolos de fumo transformam a lizura do vêo que nos cobre em phantastico turbilhão de blocos que se movem. Umas correm, outras montam augmentando de corpo e mudando de fórma; estas chocam-se, aquellas irrompem do vacuo; desdobram-se umas, desapparecem outras; estas geram as que vão rolando pela fimbria do horizonte, aquellas desfazem-se pelo vento em canudos de fumo; rasga-se o bojo de umas abrindo na abobada celeste frestas de fogo; outras, quaes negros penedos desencadeados do alto, precipitam-se sobre o fóco de luz. Ao subito escurecer por um tropel de sombras, a luz por tal fórma reprimida extende-se no alto das nuvens como as lavas de um incendio por cima de um monte. N'esta continua e rapida metamorphose de fórmas, luz e sombras, o expectador parece assistir á genese de novos mundos. Um cataclysmo igneo confunde os ceos e o mar n'uma orgia de luz, variando em intensidade á proporção que o sol caminha para o occaso. De subito as tintas chocam-se, esbatem-se, e á variação da luz e da perspectiva, segue um vco denso da côr de oiro fosco: é sol-posto.

Do lado do nascente o horizonte carrega-se a pouco e pouco. Ameaça a chuva. A luz crepuscular incidindo sobre este fundo negro espalha uma claridade etherea por sobre as cumiadas das serras das Novas Conquistas, que se nos affiguram mais proximas. Emquanto d'este lado o fundo cada vez mais se alarga e escurece, pelas bandas do mar o amarello carregado accentua-se cada vez mais até descambar n'um rubro firme e baço. Como o crepusculo dura pouco, a intensidade da luz e do calor é rapida, mas vulcanica. As nuvens que espreitam por detraz dos montes galgam rapidamente o horizonte visual. Zonas de luz e sombras apparecem e desapparecem segundo a direcção que as nuvens seguem, para dentro em pouco se estender uma escura cortina, que põe a coberto os lados do nascente. Este véo denso e negro como o fu-

mo do carvão bate o reflexo vespertino para o seu fóco. O espectaculo é arrebatador. Da Aguada a Ribandar o espaço apparece envolto em um clarão que ninguem sabe d'onde parte. Diriamos arrebatados ao Thabor para assistir á transfiguração de um deus. Como na Europa em dia de nevoa a terra e' o céo se confundem, na India, em uma tarde de maio, a multidão que passa parece uma legião de espiritos vaporisada por aquella claridade vespertina. A este quadro de tintas biblicas nada ha que se compare na arte ou na imaginação. Sentimo-nos transplantados ao Sinai, onde Moysés se cria arrancado da terra por uma tromba de luz. Em uma exhuberancia tão caprichosa de côres, de audazes crispações, chega a perder-se a consciencia da realidade. A imaginação banha-se em um mar de volupia, a sensibilidade quasi se insensibilisa n'um delirio de extasis e de doce esquecimento. Só n'um clima d'esses é que poderiam nascer o impassivel Bhudah e o meigo Jesus.

Já pelos montes vem echoando longinquas e surdas trovoadas. Uma aragem humida e saturada d'um aroma peculiar áquelles climas, um cheiro de barro novo, pronuncia-nos que a chuva começa a cahir sobre os montes mais proximos. De subito estala uma trovoada. Um vento rijo e possante espalha grossos fios de agua e a terra exhala um cheiro acre como o de agua lançada em ferro rubro. O calor exhalado da terra pelas gottas de agua attinge a temperatura de ebolição e a poeira levantada pelo vento voltija pelo espaço como as faiscas de um incendio; por sobre as nossas cabeças, bandos de *gralhas*, espavoridas e desordenadas; passam grasnando, e o céo parece descer como um capacete de ferro em braza: estamos asphixiados.

Começa no entanto á noute a subir bruscamente; a chuva não se fará tardar, porque á proporção que a noute caminha, uma aragem fresca e humida nos indica que ella cahe já em abundancia pelos Gattes. E noute cerrada. Nem uma estrella brilha no céo; em vez da trovoada a barra da Aguada brame com furor, como o despenhar de uma cascata; o horizonte de quando em quando estremece ao clarão dos relampagos que deixam vêr as

aguas encapélladas e da côr de terra, que dos montes corre pelo Mandovy á bocca do mar:

Espalham cheiros nos campos
As florestas tropicaes,
Volitam os pyrilampos
Por sobre os verdes junccaes.

Já se não ouvem os trilos
Que ao sol modúlam as aves,
Ouve-se a bulha dos grilos
E uns murmurios mais suaves.

Sopra uma tepida aragem;
Grupos de esbeltas palmeiras
Arcentúam na paizagem
As estaturas ligeiras.

(F. Leal—Seren. ind.)

E a noute triste e espessa, como o manto da viuva, cobre silenciosa o espaço de ha pouco cheio de luz e tintas, ullulando raivas e gargalhadas satanicas: segue a magestade sombria e muda do silencio. O mundo affigura-se-nos então um templo onde se adora o Deus solitario das lendas hebraicas ou a crypta funeraria dos egypcios, onde reina a Morte.

Esta mudez, porém, vem em breve romper. as fortes bategas de agua e as columnas de ar açoitando o arvoredo com impeto insano. Cobertas de agua impellidas por um vento doido redemoinha pelo ar em espiraes tortuosas; rompem por entre os palmares como um esquadrão de fogosos corceis e batem nas vidraças, como o duro granizo. Reboa outra vez o trovão; o mar braveja com mais furor; cortam o espaço, em todas as direcções, em doidos zig-zags, os coriscos, como as faiscas d'uma metralha; estalam com mais fremito e umas apoz outras, as trovoadas sobre as nossas cabeças, como se em um festim os espiritos celestes arrojassem ao marmore duro uma baixela de louça, e o Deus da vingança ou Satan presidisse áquella bachanal celeste. Abrem-se depois as boccas do céo, e a agua cahe em jorros como do alto de

uma cascata, rija e compassada como as torrentes diluvianas:

Eu amava no Oriente as noutes tempestuosas,
as noutes hybernaes de pragas cavernosas
em que parece ser uma taberna o céo,
as noites em que o mar beijado do escarceo
treme como n'um leito uma mulher violada;
em que a chuva que cahe, doida, descabellada,
co'um tenir de grilhões bate pela vidraça,
e faz crer que pelo ar algum forçado passa;
em que a lua não rompe a atmosphera sombria
e jaz como o afogado immerso na agua fria;
em que o firmamento é triste e tenebroso
porque o vento apagou com um sopro as estrellas.

Aquellas noutes tão tragicamente bellas.

(G. M. Barreto, A. G. Leal.)

A natureza oriental tem alguma cousa do caracter humano: tão depressa coram-lhe as faces e esbofetea a terra, como logo cae em torpor. Apaixonada, por assim dizer nervosa, revolta-se em impetos de colera para logo cahir em uma modorra tanto mais feminina quanto varonil foi a agitação. As primeiras manhãs de inverno são de uma harmonia e de uma tinta tão suaves como a face de uma virgem. A chuva fez brotar de um salto arbustos aromaticos que juncam os palmares; os pardaes volitam pelos beiraes das casas a construirem o seu ninho; as ruas e os tectos ostentam os seus verdes tapetes de relva; o sol tem a luz mansa e opaca da lua de inverno, e o céo desbotado conserva a homogeneidade das aguas de um lago — frias e esverdeadas. Parece a nave d'um templo coada pela luz mystica das vidraças gothicas. A terra é uma mãe cheia de amor, de risos e de encantos. O inverno é a primavera da India:

.....aonde o duro inverno
os campos reverdece alegremente.

(Camões.)

A estes indicios da estação chuvosa começam os primeiros trabalhos da lavoira, porque não tarda o rigoroso inverno, não tardam os dias diluvianos de junho e julho.

A ponte de Linhares ladeada pelo Mandovy e pelos vastos arrozaes de Santa Cruz e Mercês offerece-nos um panorama deslumbrante n'essas noutes de inverno. Se não existe Deus, Deus é tudo aquillo: a magestosa palmeira, o céo severo como a lapide de um sepulchro, as trevas da noute a accentuarem no horizonte não sei que imagens sinistras do cadafalso. Ao clarão dos relampagos só se vê o Mandovy que, qual restea de luz, se torce rapido e turvo entre Pangim e a outra banda; myriades de insectos açoita-nos o rosto e vão, coitados, attrahidos pela claridade morrer nos candieiros, que ardem dentro das casas; as rãs coaxam nos charcos, nos poços, fazendo um côro de agreste musica. Sobre as paredes, na relva das estradas e dos tectos scintillam os pyrilampos, como se a terra fosse um manto cravejado de pedrarias. De longe destacam-se os beiraes cingidos por um cinto de luz, as grandes cruzes das torres e dos adros como se fossem illuminadas a bicos de gaz. Como as trevas são densas e a illuminação quasi nenhuma, vêem-se de longe os pyrilampos elevando-se em espiraes, que se deslocam lentamente, luzindo ora aqui, ora ali, como a columna de fogo dos israelitas:

Aquellas noutes são tragicamente bellas!

Seguem depois as de copiosa chuva, o coração do ... verno. Não ha rajada de vento que açoute as arvores, nem trovoadas, nem relampagos, nada. A chuva desce em bategas de agua grossa e compacta. Sobre o Mandovy faz a bulha do estalar de chicotes, sobre os tectos e *reparos* de *ola*, que resguardam todas as portas e janellas, faz o ruido do vento quando açouta uma densa floresta. Noé abrindo o postigo da Arca não teria um espectaculo differente. Todo o espaço como que se illumina do brilho das aguas, que parecem paredes de aço erguidas da terra ao céo. Tem este quadro alguma cousa de sinistro, porque não tardam a carregar esse fim do mundo o ruido das paredes que se esbroam, os muros que se desmoronam, as fontes de agua que rebentam pelos cantos da casa, as rãs que coaxam debaixo das nossas

camas. Ninguem se ouve em meio d'este ruido, e a gente que anda e fala pelos nossos aposentos parecem phantasmas.

Estas noites, porém, não teem o frio das de cá. Na Europa o inverno, ainda que moralisador, é triste e afflictivo. Traz-nos a idéa da fome e do desalento, das mães que apertam contra o seio os filhinhos enregelados, do operario entrevado que espera a caridade do mundo que odeia. O inverno aqui é aggressivo e obriga-nos a pensar tristemente no corpo que treme de frio e de fome. As noites da Europa são crueis como o desalento; parecem zombar das victimas e riem-se do infortunio nas frias e seccas nortadas do inverno — supremo sarcasmo d'esta natureza rude e implacavel. Nada tem de magestoso, de sublime horrivel, d'essa sensualidade geradora, que na India parece convidar tudo á maternidade, ao amor: é frio e impassivel como o cynico, sarcastico como a morte. Se canta, se ruge, se açouta a terra é como o espectro e não tem a pujança nem a belleza horrida dos tropicos:

> Porque o inverno aqui é um inverno reles,
> não tem o frio russo, que faz vestir pelles,
> nem as noites do Oriente a musica bravia;
> por isso sinto em mim a immensa nostalgia
> das chuvas, dos trovões, dos gritos das torrente
> e do ullular feroz; longo do vendaval.
>
> (G. M. Barreto.—Idem.)

O quadro que tentámos apresentar d'aquella natureza prodiga e exuberante é de todo o ponto necessario para uma melhor comprehensão da indole d'esse povo. Ao estudarmos a historia social de Goa achamo-nos em frente de um assumpto novo nos nossos fastos coloniaes. Depois da sua conquista pelos portuguezes tem ella um logar á parte, representa na historia um papel seu, talvez devido ao deslocamento inesperado do grande cyclo da historia do Oriente.

A India Portugueza não é o Brazil por ser pobre e por não ter nascido outro rei que tivesse o generoso amor de D. João VI pelos seus colonos; não é a Australia, porque o elemento portuguez não foi dominante como o inglez; não é a America livre e independente por isso que o elemento branco, na maior parte militar, considerou sempre esse torrão vinculado aos seus mais gloriosos feitos e ás mais soberbas paginas da historia da mãe patria. Como militares eram os portuguezes por dever e por indole fieis ao rei e á patria; como aristocratas, eram naturalmente conservadores e orgulhosos do seu passado. Tinham ido para a India a fim de se armarem cavalleiros, como seus paes o fizeram em Ceuta e Azamor. Não pode ser independente, iamos nós dizendo, porque o elemento indigena em Goa é heterogeneo, esphacelado em classes mais ou menos rivaes, sem unidade historica ou affinidade de caracter, raça ou religião. De um lado estão os hindús, quasi metade da população, conservando a pureza da lingua, vendo os christãos como apostatas e não querendo de modo algum transigir com a nova ordem de coisas; de outro, estão os christãos entre os quaes a distincção de castas impera com maior furor. Possuem um dialecto adulterado, conservam muitos dos habitos gentilicos e não possuem as aptidões industriaes e commerciaes d'esses seus irmãos.

Esta classe indigena christã perdeu tudo, porque emquanto uma porção d'ella se esforça por civilisar-se, e o tem conseguido em parte, a outra, a mais numerosa, conserva-se no nivel em que a foram encontrar os portuguezes ou por falta de aptidões ou porque camadas superiores a esmagou na lucta. Os *charadós* e os *sudras* formam a maior parte da população de Goa. Apartados como estão no seu conjuncto dos aryas occidentaes e insuperavelmente desligados dos aryas orientaes, os brahmanes, occupam assim um logar pouco azado para o seu desenvolvimento. Antes d'elles estão ahi o elemento branco a influir nas sociedades, e o elemento brahmanico a neutralisar-lhes as aspirações pela autoridade quasi religiosa de casta, e pela incontestavel superioridade de raça [1]. Como existe um antagonismo mais pronunciado entre os brahmanes e

os *charadós* do que entre estes e os portuguezes, todo o empenho dos segundos é supplantar os seus adversarios de casa, os brahmanes, ficando por este modo a civilisação europeá um degrau acima das suas primeiras e naturaes aspirações. É claro que a influencia numerica alcançou uma preponderancia positiva na politica do paiz. Os brahmanes são batidos na urna, e esta victoria ephemera considerain-n'a os *charadós* como a ultima solução do problema politico-castista. Mas a questão social, a evolução d'essas sociedades, que é feito d'ellas? Por outro lado os brahmanes, por isso que são nossos irmãos, sentem-se com orgulho bastante para desprezar a civilisação que nós lhes levamos. Mas ha a notar que os brahmanes christãos de Goa, porventura por terem abraçado a nossa religião, não são ciosos das suas tradições, e todo o seu empenho é exceder o europeu no que elle tem de externo, sem comtudo perder aquella reluctancia instinctiva por tudo quanto é occidental e o espirito de casta, o que necessariamente lhes impede uma transformação radical e duradoura. Ao passo que os indigenas pagãos se conservam firmes no logar em que os fomos achar, religiosamente conservadores e fazendo parte da grande sociedade industanica de além dos Gattes, os christãos de Salcete, Bardez e Ilhas ficaram occupando um logar muito inferior na accepção historica da palavra. Prevê-se o resultado d'estes elementos postos em contacto.

A acção partiu primeiro da colonia portugueza, como dominante. Para isso creou ella um meio que fosse adequado á sua indole e ao seu temperamento — o militarismo. Nascidos n'essa época de heroismo e abnegação, educados guerreiros, os portuguezes não fizeram mais do que mudar de terreno; continuam no Oriente o que foram no Occidente — raça de aventureiros. Mas pelo seu limitado numero e com um unico meio de influir — o exercito, não puderam conseguir o que outras colonias mais providentes teem alcançado. Arrastados pela vocação militar, dispunham apenas de um meio para que se pudesse influir em sociedades pusillanimes e por indole adversas ao regimen spartano. Se á variedade de acção se unisse a multiplicidade de meios, que tendem a rela-

cionar mais os factores sociaes e a estreitar os seus laços, quer pela communidade de interesses, quer pela dependencia de serviços, outro teria sido o estado d'esses povos, outra a situação da colonia portugueza. Como o militarismo era o seu unico modo de ser, e habituados como estavam os portuguezes ao trato dos arabes, tanto no reino como em outros pontos da Asia, soffreram uma completa desillusão ao acharem-se frente a frente com um povo imbelle e servil. O que d'isto resultou foi o constante despreso com que elles sempre trataram os indios, um despreso tão profundo e tão natural, que não havia portuguez que não se julgasse com coragem bastante para levar de investida uma povoação inteira. Este sentimento aliás naturalissimo, mas pouco generoso, determinou a reacção da parte dos brahmanes em 1787 pela *conjuração dos Pintos*. Este movimento continúa e nós veremos de que modo.

Os *charadós* mais generosos e guerreiros do que os brahmanes, receberam-nos com menos reluctancia e por isso em vez de um antagonismo formal, polo menos historico, entre elles e nós, voltaram-se contra os seus antigos emulos, a quem não podiam admittir a ascendencia que iam ganhando n'um paiz em que elles se sentiam com mais direito pela sua força numerica. Esta lucta tem uma data historica, a da fundação da *India Portugueza* (1861), jornal que serve de orgão aos *charadós*.

Se o regimen de castas á primeira vista se nos affigura absurdo, o que não é sob o ponto de vista da pureza da raça, o dominio portuguez na India deve a esse absurdo a sua conservação e estabilidade, postos em cheque pelas medidas dissolventes de 1871. Ora é claro que muitos pretextando acabar com as castas, isto é, tentando fundir os *charadós* com os brahmanes, teem tido em mira fundar uma liga anti-nacional contra o dominio de Portugal.

De tudo isto se vê que a India Portugueza é um largo campo de investigações. Nenhuma das nossas possessões asiaticas teve uma vida politica tão agitada, nenhuma como ella foi victima dos nossos erros administrativos e da ignorancia da sua historia. O ideal de alguns jacobinos era

eliminar o elemento branco para poderem sem obstaculos adquirir, não a liberdade do seu paiz, mas a sua preponderancia sobre as demais classes, á sombra de um patriotismo fementido. A colonia portugueza servia-lhes de impeço a este anhelado retrocedimento para os tempos em que os pobres *parias* soffriam mais que os servidores da gleba. Este desejo, porém, se não o poude realisar de todo o energico ministro a contento d'uma fracção minima de Goa, foi porque as circumstancias excepcionaes a que está ligada a vida politica d'elles não o permittiram. Se não fosse á Inglaterra o que seria de Goa depois das reformas de 1871? Levantar-se-hia d'entre a colonia portugueza um Miranda, um Mariano Moreno, como na America hespanhola? Não, por isso que a independencia de Goa quer pelos indigenas (e estes tinham mais probabilidade) ou pela colonia estava fóra das condições geographicas e sociaes d'esse paiz. Qual seria, pois, a solução mais adequada ou realisavel da sua marcha historica? O retrocesso? Tres seculos de dominação portugueza no interior e a modificação por que teem passado as povoações limitrophes sobre o dominio inglez não dariam logar a que a India Portugueza voltasse para os tempos do Sabayo. Caminhará para o futuro sob uma fórma qualquer autonoma? Duvidamos.

A solução dos problemas economicos e politicos de Goa estava prevista pelo illustre professor do Curso e para ella caminharam as suas medidas. Sete annos mais tarde (1878) nascia na fecunda Regeneração o fructo dos seus planos, o complemento logico do seu pensamento da reforma das colonias. O sr. Andrade Corvo cortou o nó gordio. Goa não póde ser independente, não póde ser a Jamaica de Adderly, nem o seu povo deve por mais tempo supportar o predominio portuguez; façamol-a livre, liberrima, inglesa! Já não temos a receiar a sua independencia; não mais a oppressão, o despreso, a tortura com que o Branco esmagava o Canarim; tudo se salva com o caminho de ferro silvando a liberdade e equidade inglezas. Este modo de ver as cousas coloniaes faz honra aos que souberam e puderam realisal-o.

É necessario que se diga que tanto o sr. Jayme Moniz

como o sr. Andrade Corvo se conservaram por esse modo perfeitamente dentro do programma do seu partido. Para que se possa regar o paiz com libras, não ha outro meio se não o tratado de Goa e de Lourenço Marques. De outro modo seriamos portuguezes e não convém á patria que nos afastemos do rito anglo-regenerador. O evangelho dos Albuquerques e Castros são cousas velhas, romanticas, não dizem com o Progresso Moderno. Camões é um louco; os Brights cantam melhor o *peito lusitano*.

A historia de Goa, por isso, depois do tratado anglo-luso teve uma solução de continuidade. Desde essa epoca começa uma nova ordem de cousas, e o historiador acha um cyclo completo de que occupar. O futuro não póde desmentir-nos, porque elle depende de factos bem diversos dos que ora narramos.

Antes de entrarmos n'um outro estudo mais detido das diversas camadas ou classes de que se compõe a sociedade de Goa, temos um dever a cumprir para com a maioria da sua população, que ha 300 annos vive grata ao dominio portuguez e honra e ama o immaculado nome d'esta nação. Na India ha dois povos, duas classes: uma que nos odeia, a outra que nos ama.

«Ha na verdade aqui (India) uma Polonia e uma Russia. Uma colonia composta de todas as classes indigenas, e uma Russia formada por esses poucos patronos natos, que exercem uma influencia sem limites sobre a massa da população a que distribue o seu talante o trabalho, e regateiam o pão de cada dia sem obedecerem a outra lei mais que aos impulsos do seu sordido interesse... ha na India por uma parte uma pequena oligarchia, que domina a grande maioria das classes dos indigenas, e exerce sobre ellas uma influencia sem limites; um grupo, um bando, que quer sejam reduzidas a completa nullidade todas as outras classes da sociedade indiana, que não partilham as suas idéas[2]; que quer arredal-as completamente de toda a influencia eleitoral para que a urna seja a expressão exclusiva da sua vontade suprema, porque é da urna que esse grupo, esse bando especialmente faz derivar a sua força e poder; que esse grupo, esse bando trata sempre com empenho de sacrificar, de arrastar ao

calvario da anniquilação moral toda e qualquer autoridade, que ousar pôr obstaculos a suas aspirações de exclusivismo patriotico, embora essa autoridade possua todas as virtudes sociaes, e os dotes mais recommendaveis. E por outra parte ha na India a grande massa da população, que conserva a indole pacifica dos primitivos habitantes d'esta região; *que vive em perfeita harmonia com os portuguezes europeus, e seus descendentes; que com elles faz causa commum;* que deseja a paz e a concordia publica; e cuja unica politica he a adhesão sincera á liberdade legal, á justiça, á ordem, á nação e ao rei.»— (C. Rivara. *Analyse do folh. elei.* Torres Novas, pag. 79).

Posto isto, a ordem natural dos factos nos leva a dividir a historia de Goa nos seguintes periodos:

1.° O regimen das communas agricolas e o successivo dominio dos Rajahs e Nababos;

2.° A conquista portugueza (1510-1661) até á cessão de Bombaim, época de que data a total decadencia da colonia;

3.° A decadencia (1661-1787) que veiu a terminar pela conjuração de 1787, e onde começa uma nova ordem de coisas;

4.° O jacobinismo constitucional (1821-1835);

5.° O Perismo (1835), memoravel época do Prefeito Bernardo Peres da Silva ou das reivindicações;

6.° O *Ultramarismo* (1859-1871) ou a guerra aberta contra a colonia portugueza, de que resultou a sua extincção;

7.° O Abkarismo (1879....) ou o Fontismo na India.

A primeira época, pouco interessa ao fim a que nos propomos. Só nos occuparemos d'ella como rapida introducção ao periodo portuguez. Emquanto durou o prestigio de Albuquerque, o collosso feito de lodo e ouro, o edificio erguido sobre bases de areia, o padrão de nossas glorias e vergonhas permaneceu de pé. Um dia aziago, porém, e um dia bastou, para o collosso cair em bocados, para a patria confundir na lama do esquecimento Albuquerque e Mascarenhas, Almeida e Sampaio. A decadencia foi rapida, precipitada, mas não sem protesto. Ainda

Havia quem pronunciasse no solemne momento da morte este principio quasi eterno da nossa existencia politica: mal com o rei por causa do povo, mal com o povo por causa do rei. Portugal constituiu-se por tal fórma, que mal saberiamos explicar como elle vive a um tempo nos Albuquerques, nos Pachecos e Castros, e nos que deixaram morrer Camões n'um hospital e a patria nos braços da Inglaterra.

Ao ruido do imperio que tombava, mais alto ainda erguia-se o protesto de Antonio de Mello e Castro: «Confesso aos pés de Vossa Magestade (D. Affonso VI) que só a obediencia que devo como vassalo, pudera forçar-me a esta acção (cessão de Bombaim) porque antevejo os grandes trabalhos, que desta visinhança hão de nascer aos Portuguezes; e que se acabou a India no mesmo dia em que a Nação Ingleza fizer assento em Bombaim.»

Era sem forças esse grito da patria junto do rei, que representava outros ideaes, outra aspiração. Ao rude e leal portuguez respondia o monarcha em carta de 8 de fevereiro de 1664: «para conseguir esta entrega uzareis com todos os meos que vos forem possiveis, procurando que sejão todos os que bastarem para effectivamente se dar cumprimento a minhas ordens, e advertindo que este negocio não admitte replicas, nem dilação, e que não poderei deixar de estranhar muito, e mandar proceder com as demonstrações que o caso pedir.»

Sempre este dualismo vergonhoso na vida da nação! Mas ella não morre porque tem um bom medico á cabeceira. Tem de fóra as mezinhas das libras inglezas e de dentro este bello solo, os quatro milhões de habitantes que não sentem a fome. D'ahi os indifferentes, a camada que tem por lei o egoismo e por norma o goso. Levanta-se um Herculano? Morre como um portuguez roido pela tristeza e pelo desalento. A geração que o viu passar lamenta-o e conta mais um ingenuo. Levanta-se um homem capaz de organisar a desconjunctada patria? É um ambicioso, quer ser ministro, é um renegado! Symptomas esses d'uma geração estiolada e pervertida! Venha a Republica, fundemos o imperio africano, venha D. Sebastião, Sancho, Pangloss!... Doidos ou ambicio-

sos? ingenuos ou pervertidos? Inconscientes todos, filhos repudiados de uma patria madrasta.

Na India, os portuguezes como que vissem retratada a grandeza da nação n'aquelle vasto imperio d'outr'ora ainda quente do sangue de tantos heroes, esqueciam-se do que ia pela mãe patria, e sentiam-se como que arrebatados aos primitivos tempos de gloria e prestigio do nosso nome. Napoleão criá-se invencivel ao lado dos seus veteranos, e os portuguezes da India tambem se criam grandes, ainda senhores dos mares e dos reinos á sombra de uma geração que illustrara Portugal no vasto Oriente. Não sabiam que Portugal se tornara um jardim á beira-mar plantado. Mas não precipitemos a historia.

Convem antes de tudo, e é o que vamos fazer, estudar as classes de que se compõe a sociedade de Goa. Veremos o que presidiu á formação e conservação de cada uma d'ellas, o seu caracter e o meio em que se desenvolveu. Por esta fórma acharemos motivos que desculpem erros, circumstancias que attenuem crimes, emfim, a razão de ser de muitos factos, que á primeira vista surprehendem um mediano conhecedor da indole e vicissitudes humanas.

O POVO E AS CLASSES

II

> Si le peuple indien n'est lui-même que l'Eternel incarné dans la société humaine, pourquoi substituer une volonté privée, tumultueuse à celle de l'être souverain que vit dans le cœur de l'État.
>
> (E. Quinet.—Gen. des. relig.)

Estamos em um paiz de castas — brahmanes, charadós, sudras, etc., em um paiz cujos habitantes christãos nada teem de commum com os pagãos, a não ser a mesma origem. D'estes, pouco nos temos occupado, d'aquelles, porém, importa tratar mais detidamente para o plano d'este livro.

Os successos que chamam a nossa attenção não constituem propriamente a historia d'esse povo, porque tudo se tem modificado n'elle: as suas idéas não possuem o cunho original; a religião, os habitos e as leis que nós levámos para o Oriente exerceram n'elle uma influencia illimitada e até perniciosa. O que dissermos de Goa e nomeadamente dos christãos de Goa não deve ser generalisado ao geral dos habitantes de toda a India. Quando tratarmos dos brahmanes de Goa não se deve confun-

dil-os com os aryas pagãos do Hindustão. Frisamos bem estes pontos para que nos não apodem de levianos.

Além d'isto; a India não deve ser estudada nas camadas que estejam em contacto com os povos europeus, e mui principalmente Goa, que não tendo historia e litteratura autochtones, pelo menos dentro do periodo de que nos occupamos, é um specimen singular do typo indiano pervertido pela influencia do Occidente. O regimen de castas, a degradação da mulher, os sacrificios sanguinolentos, o ostracismo religioso e tudo mais que revolta e indigna um europeu, é uma outra feição da India — a face politica e religiosa: Mas o lado philosophico, a verdadeira India, ahi se nos está manifestando na sua litteratura opulenta e sabia, na moral, agora vazada em moldes novos pelos philosophos allemães, e durante seculos de inalteravel pureza. O brahmanismo de hoje é uma forma degenerada, politica, como o catholicismo o é do christianismo. O castismo de que ninguem ignora a origem natural e a sua razão de ser, como um principio altamente conservador das qualidades ethnicas de cada raça, tornou-se odioso e é, segundo a significação politica que lhe deram. E é notavel como em Goa a despeito do christianismo se mantecm com vigor essas differenças.

A maioria da população de Goa, ainda que fraca, indolente e passiva, quer seja devido á natureza do solo fertil e humido, quer á influencia d'uma religião que para elles só teve os terrores do inferno e as torturas da Inquisição, é, no fundo, d'uma bondade propria dos fracos e dos pusillanimes.

Os cantos populares de Goa, uns de ordem politica e outros d'um sentimentalismo amoroso, constituem a viva expressão do seu genio [3], fortemente actuado pelo meio religioso e politico em que se tem desenvolvido. A toada cadencial, melancolica e sem grandes variações dos *mandós*, se não são precisamente de origem pastoril e nomada, indica a muita influencia que n'elles tiveram os cantos religiosos do christianismo. A paixão viva, os raptos de uma imaginação ardente e a sensibilidade artistica são qualidades que o povo de Goa não possue; mas em

compensação ha canções de um objectivismo sensual, pagão, revelando-nos por vezes os seus habitos e costumes. Parece n'aquellas endeixas-suspiros, n'essa melodia nostalgica do rythmo e da musica, recordar a cada instante o lar e um passado cheio de alegrias e venturas.

A par d'este sentir triste e saudoso, corre o viver monachal de suas casas e o seu desprezo instinctivo pela vida de lucta e sacrificios. A religião christã augmentou n'essa gente a nativa falta de comprehensão da vida real e invadiu-lhes o espirito de um mysticismo dormente e sem paixão, o que não é para admirar. Conservam ainda muitos dos habitos pagãos, christianisados pelos jesuitas, e como hão conhecem o *struggle for life* entrincheiram-se na immobilidade contemplativa dos Arahats.

Em uma sociedade por tal fórma organisada, o que importa a idéa da patria e da familia? Para que nos serve a patria, a familia, o amor, a gloria, se tudo acaba com a morte? Para que nos serve a sciencia, a arte, o commercio, a industria? Desprezemos o mundo com as suas vaidades e procuremos o reino do céo, fim e movel da vida. D'esta philosophia que partilha do nirvana e do ascetismo christão nasce-lhes o gosto pelo *mandó*, dengoso e languido, e pelo *zagor*, especie de theatro, em que a mordacidade se allia ao mau gosto e á desenvoltura.

O *mandó* e o *zagor* nada teem de original; serve-lhes quando muito de um elixir vivificador á vida que passam entre a indolencia e a ejaculação beata, entre a canja e as festas da parochia. Que diverso tudo isto da dança das bailadeiras e das festas gentilicas a evocarem de um glorioso passado os heroes e os deuses!

Na apreciação do caracter oriental não seremos pessimistas como Mill, Dubois, Buchnan e Ward, nem tão optimistas como o coronel Sleeman. Não ha duvida que a litteratura, a religião e as leis da India dão-nos d'ella uma idéa mais lisongeira do que geralmente se faz, e se ha alguma coisa que a corroe é por certo o regimen de castas, impedindo fortemente a fraternisação d'esses povos. D'ahi a natural aversão que um nutre por outro, e a consequente doblez e má fé no trato. Admittido um povo retalhado em castas, entre si adversas, a lealdade

afrouxa pela reciproca desconfiança, e quasi que se fórma no seu regimen moral uma consciencia dupla.— *(M. Muller. Ind. what it can teach us.)* Em Goa, porém, modifica-se um tanto esse modo de ser, por isso que se não dá o poderoso antagonismo religioso entre os portuguezes e os habitantes christãos do paiz, nem a idéa de patria ou de um glorioso passado, que acirre mais essas differenças: no emtanto é natural que se julgue correcta toda a deslealdade e falta de veracidade.

Os indigenas christãos de Goa em geral não possuem a coragem e a hombridade do mahrata, nem a dedicação do africano; são fracos e pacificos, desconfiados e indolentes, e geralmente intelligentes. Diz do goanense um critico perspicaz: «dá-se-lhe uma pancada n'um hombro, elle cambaleia, suspira, n'esse dia come pouco, no outro estende-se ao sol e geme, começa a beber muita agua e morre.» *(Farpas.)* Elles proprios confessaram em um documento official a sua *summa cobardia e fraqueza. (Repres. das camar. 1.º març. 1775 e 6 jan. 1779.)*

«É frequente ver dezenas de individuos—escreve outro escriptor—fazerem os maiores esforços para obter um pequeno officio, que não rende 600 xerafins (120$000 réis) annuaes, valendo-se para isso de toda a qualidade de empenhos, e offerecendo mesmo avultadas quantias, só com o fim de figurarem e haver d'elles dependencia. Quando isso não póde ter logar, buscam o serviço de algum empregado publico para ganharem respeito entre os seus compatriotas, e poderem por valimento dos amos alcançar algum emprego. Esta mania é geral nos goanos.»—*(Mem. sob. poss. port. na Asia. Dezemb. Magalhães Pinto.)*

Este traço é caracteristico do regimen de castas. Damos um outro:

«São estes canarins, naturaes de Goa, muito dados a papéis e demandas, porque além de terem grande natural para escreverem, os que se dão a isso fazem excellente letra, por onde ha mais de mil escreventes na cidade de Goa e em toda a Ilha... e parece a cidade de Goa mais academia de litigantes.». e póde-se affirmar que ha hoje em Goa mais escrivães, solicitadores, advogados e de-

mandistas, do que soldados e capitães. *(Mem. de um sol. Edit. Costa Lobo.)*

Este caracter litigioso é geral entre os hindus, de que a sociedade de Goa descende, e em todas as sociedades decadentes ou ociosas.

Pelo seu caracter, pela sua coragem, pela sua actividade e lhaneza de trato os *charadós* inquestionavelmente se distinguem tanto dos brahmanes como de outras classes inferiores [5]. Pena é que nós nunca tivessemos estudado a India para a governar, porque com elementos tão uteis não teriamos sido victimas dos embustes d'alguns desvairados odientos e ambiciosos. Mas infelizmente nós somos um povo de heroes e de frades.

Passemos agora a estudar as classes detalhadamente.

«Goa é um typo do systema colonial aristocratico, e algumas familias portuguezas alli estabelecidas conservam ainda até hoje com cioso cuidado a pureza do seu sangue e suas virtudes tradicionaes.»

A colonia portugueza de Goa, segundo bem nota a folha ingleza *Bombay Gazette*, é com effeito o typo de uma aristocracia militar. A sua missão historica estava já definida por um documento do seculo XVI, datado de 13 de novembro de 1529:

«Haverá nesta cidade filhos de portuguezes, passante de mil meninos, que os mais d'elles daqui em diante seram para tomar armas e servir a V. Alteza; e prazendo a Deus seram espertos na guerra, porque nella nascerão e se crearão.» —(*C. escriv. da cam. de Goa. T. do Tomb. 20-2-33.*)

Esta classe, porém, passa por um bando de revoltosos, destituida de energia e de caracter, orgulhosa e ignorante. Tem-se affirmado isto em livros, em jornaes, no parlamento, e ainda se affirma no calor das discussões. Não é para admirar. Por um concurso de circumstancias deveria ella criar uma roda de malquerentes. Não representava a raça conquistadora? Não occupava uma posição

social elevada? Não era privilegiada por elevadas munificencias regias? Que poderia eliminar o abysmo que a separava do resto da população? Só o odio dos que não gosavam dos seus privilegios ou não dispunham de egual prestigio e riqueza. Não é a inveja o condão dos afortunados, nem os fracos ou os conquistados jámais inspiraram odio aos seus senhores. A sua condição excepcional em meio d'essas sociedades frias e imbelles; a arrogancia que dão o triumpho e a consciencia de superioridade; o seu espirito guerreiro e enthusiasta naturalmente a levaram a conceber esse profundo desprezo, que o vencedor nutre pelo vencido. A desegualdade de raça, de aptidões, de meios de actividade não eram de molde a estreitar os laços entre a colonia e os habitantes do paiz, tanto mais que estes não se sentiam com vocação para o militarismo, e os portuguezes se não entregavam ao commercio, á industria e outros empregos civis. Eram na quasi totalidade uma aristocracia militar, e como tal mal vista pela aristocracia brahmanica e pelo clero. Pela aristocracia, por se julgar egualmente dominante, e pelo clero, como sendo o elemento indigena, que pela sua cultura pôde primeiro apreciar os seus direitos. O primeiro grupo, está representado pelo *Ultramar*, orgão dos brahmanes, e o segundo foi quem tomou a iniciativa na conjuração de 1787, que tinha por fim expulsar os portuguezes da India.

Estas duas forças sociaes, a imprensa e o clero, teem na villa de Margão, centro do brahmanismo politico, a *Athenas na sabedoria, e Paris na civilisação*, um baluarte irreductivel, com as baterias da chicana assestadas contra Ribandar, o antigo solar dos fidalgos. Um busto de Bernardo Peres da Silva, o *Washington de Goa*, uma especie de orago politico, relembra-lhes o seu programma patriotico: abaixo os portuguezes. E por que não? São todos malvados e ladrões: «Com raras excepções são todos ladrões e malvados, que abusando do poder com maior desaramento e impudencia, devastam, assolam e dissecam tudo quanto suas mãos tocam, e destroem quanto seus pés pizam.»—*(Off. de B. Peres ao secr. dos neg. da mar. e ult. Margiochi.)*

Os fidalgos, esses eram ainda peores, uns miseraveis, os párias da India:

«Os fidalgos a que me refiro—escreve outro brahmane illustre—foram em tempos numerosos na cidade de Baçaim... mas o que importa áquelles que estudam a historia natural do homem vivendo em paizes e climas differentes, como em diversos meios sociaes, é o facto que durante tres seculos, de cem familias, para nos exprimirmos em numero redondo, setenta e cinco pelo menos se extinguiram. Das restantes vinte e cinco, vinte não apresentam uma descendencia directa, e as outras collateraes são uma raça degenerada, physica e moralmente, incapaz de um esforço qualquer, habitando os sitios mais escusos *(meaner)* da nova cidade de Goa, e, ainda que orgulhosa da sua linhagem e dos seus direitos de conquistadores, fórma quando muito a escória da sociedade goana, attrahindo o desprezo e o riso do mais reles pária do paiz. E em referencia a esta classe de portuguezes, que os indigenas applicam este proloquio em concani: nunca se diga que uma serpente é pequena, ou um portuguez vosso amigo: Quer a cobra seja pequena, ou o portuguez sincero, ambos, porém, são venenosos—completamente faltos de veracidade.»—*(Hist. and. antiqui. of Bassein. Dr. Gerson da Cunha, pag. 224 e 225.)*

Mas os portuguezes não eram só venenosos e faltos de veracidade, são um elemento oppressor, dissolvente entre a colonia e a metropole:

«A classe intermediaria, a classe dos descendentes, tem além das armas, onde possa ser eminente. Póde distinguir-se nas lettras, nas artes agricolas, na vida ecclesiastica, nos cargos civis, nas sciencias, emfim em muitas funcções dignas, hoje exclusivamente confiadas aos que ella chama canarins. Em vez de *meio de oppressão*, deverá ser laço entre a metropole e a colonia em honra da civilisação.»—*(Jayme Moniz, sess. da camara dos deput. 19 de mar. de 1873.)*

Uma população branca por tal fórma degenerada, *improductora* (?), oriunda dos *mordangueiros* e *bailadeiras*, opprassiva, convinha que se extinguisse. E é o que fez o ministro por um decreto, que alcançou os fóros de re-

gular a marcha e a lucta das sociedades! Convinha extinguil-a, por isso que occupava em força e numero a infima escala! Mas vejamos quem são estes oppressores.

Criados na guerra e para a guerra, os portuguezes foram por vezes rudes. A profissão de armas que escolheram por vocação e porque assim as circumstancias o exigiam, constitue um poderoso traço do seu caracter. O militarismo é hoje, quando muito, um meio de vida e uma poderosa força nas mãos dos despotas coroados; não o foi, porém, n'esses tempos em que o defender a patria se julgava o dever de todo o cidadão. A profissão de armas era essencialmente a mais nobre, aquella que mais se coadunava com os habitos generosos e fidalgos dos *barões assignalados*, e é por isso que o antigo cavalleiro symbolisava a abnegação, o heroismo e o amor da patria, virtudes hoje não vulgares n'estas sociedades crestadas pelo egoismo e pelo utilitarismo. A colonia portugueza, cavalheirosa e aventureira por herança, constituiu-se em aristocracia militar por um instincto de raça. Não se limitava a defender o paiz que lhe foi berço, mas ia generosamente sacrificar a vida onde quer que a honra nacional a chamasse.

Quando em 1781 o austriaco Guilherme Bolts tentava desviar o nosso commercio da bahia de Lourenço Marques, tendo ahi construido uma fortaleza, foi o brioso official da marinha Candido José Mourão, obrigal-o a prestar homenagem á bandeira das quinas [6]. Depois do assassinato do infeliz Amaral, governador de Macau, não foi preciso muito para que o capitão Antonio Diniz d'Ayalla (pae do autor) fosse vingar o ultrage com a consciencia de quem se desempenhava de um dever. Para a guerra de Satary, no tempo do visconde de Ourem, offereceram-se quasi todos os cadetes da escola militar, arriscando o futuro á sórte de uma campanha perigosa nas alcantiladas serras das Novas Conquistas. Em 1869 eram ainda os mesmos que marchavam para os inhospitos sertões da Africa, deixando n'esse torrão ingrato da Zambezia 18 dos seus camaradas, por quem choravam mães, esposas e filhos [7]. Mas não eram só os homens, as damas de Goa tambem partilhavam d'esse fervor de outras eras. Quem desconhece a historia de Isabel da Veiga, das ma-

tronas do tempo de D. João de Castro e d'aquellas que offereceram á expedição da Zambezia o estandarte, que tremulou nos sertões da Africa?

Eram corações partidos pela dor, mães a quem se arrancavam filhos cheios de talento e de vida, esposas desconsoladas, que em um momento de brios suffocam a magua, e esquecidas de que eram fracas mulheres, só se recordam de apontar o caminho que a portuguezes cumpria seguir: ávante pela patria!

Isto passava-se na India não ha vinte annos, nas vesperas de uma campanha e do anniquilamento da colonia, em presença do veterano da liberdade, conselheiro Ferreira Pestana, que arrebatado ante aquella reviviscencia dos nossos tempos heroicos exclama do Mandovy ao Tejo: «Aos poderes publicos recommendarei desde já o vosso patriotismo e dedicação, que louvo e admiro!»—*(Alloc. do gov. ger.)*

Taes são os oppressores por cuja extincção conjuravam os patriotas de Goa e de Portugal!

Os privilegios concedidos a essa classe em 1519 pela munificencia de el-rei D. Manuel, o exclusivo de empregos, a isenção de impostos e de castigos civis, tinham de ha muito caducado, e só o exercito constituia o seu orgulho, a sua gloria; era apenas o symbolo dos seus titulos de nobreza e honra, e foi contra elle que se dirigiu o ataque em massa.

«A instituição do exercito—dizia o sr. Jayme Moniz—é oppressora, porque constitue o apanagio, a primazia de uma classe [8], tendendo a organizar-se em casta superior, em sociedade onde antigos preconceitos religiosos e fundas differenças ethnologicas trazem já tão divididos os povos.»—*(Rel. do sr. Jayme Moniz.)*

Bom apanagio esse, na verdade, que tinha por estipendio as agruras da vida militar e os lucros de um salario mesquinho; ruidosa primazia essa, com effeito, que se ostentava com galhardia nos duros sertões da Africa em meio de fomes e das intemperies d'esses asperos climas; oppressiva instituição essa, que tinha por dever defender e proteger esses povos seus opprimidos; superior casta essa, emfim, que estava ao serviço de todas!

gular a marcha e a lucta das sociedades! Convinha extinguil-a, por isso que occupava em força e numero a infima escala! Mas vejamos quem são estes oppressores.

Criados na guerra e para a guerra, os portuguezes foram por vezes rudes. A profissão de armas que escolheram por vocação e porque assim as circumstancias o exigiam, constitue um poderoso traço do seu caracter. O militarismo é hoje, quando muito, um meio de vida e uma poderosa força nas mãos dos despotas coroados; não o foi, porém, n'esses tempos em que o defender a patria se julgava o dever de todo o cidadão. A profissão de armas era essencialmente a mais nobre, aquella que mais se coadunava com os habitos generosos e fidalgos dos *barões assignalados*, e é por isso que o antigo cavalleiro symbolisava a abnegação, o heroismo e o amor da patria, virtudes hoje não vulgares n'estas sociedades crestadas pelo egoismo e pelo utilitarismo. A colonia portugueza, cavalheirosa e aventureira por herança, constituiu-se em aristocracia militar por um instincto de raça. Não se limitava a defender o paiz que lhe foi berço, mas ia generosamente sacrificar a vida onde quer que a honra nacional a chamasse.

Quando em 1781 o austriaco Guilherme Bolts tentava desviar o nosso commercio da bahia de Lourenço Marques, tendo ahi construido uma fortaleza, foi o brioso official da marinha Candido José Mourão, obrigal-o a prestar homenagem á bandeira das quinas [6]. Depois do assassinato do infeliz Amaral, governador de Macau, não foi preciso muito para que o capitão Antonio Diniz d'Ayalla (pae do autor) fosse vingar o ultrage com a consciencia de quem se desempenhava de um dever. Para a guerra de Satary, no tempo do visconde de Ourem, offereceram-se quasi todos os cadetes da escola militar, arriscando o futuro á sórte de uma campanha perigosa nas alcantiladas serras das Novas Conquistas. Em 1869 eram ainda os mesmos que marchavam para os inhospitos sertões da Africa, deixando n'esse torrão ingrato da Zambezia 18 dos seus camaradas, por quem choravam mães, esposas e filhos [7]. Mas não eram só os homens, as damas de Goa tambem partilhavam d'esse fervor de outras eras. Quem desconhece a historia de Isabel da Veiga, das ma-

tronas do tempo de D. João de Castro e d'aquellas que offereceram á expedição da Zambezia o estandarte, que tremulou nos sertões da Africa?

Eram corações partidos pela dor, mães a quem se arrancavam filhos cheios de talento e de vida, esposas desconsoladas, que em um momento de brios suffocam a magua, e esquecidas de que eram fracas mulheres, só se recordam de apontar o caminho que a portuguezes cumpria seguir: ávante pela patria!

Isto passava-se na India não ha vinte annos, nas vesperas de uma campanha e do anniquilamento da colonia, em presença do veterano da liberdade, conselheiro Ferreira Pestana, que arrebatado ante aquella reviviscencia dos nossos tempos heroicos, exclama do Mandovy ao Tejo: «Aos poderes publicos recommendarei desde já o vosso patriotismo e dedicação, que louvo e admiro!»—*(Alloc. do gov. ger.)*

Taes são os oppressores por cuja extincção conjuravam os patriotas de Goa e de Portugal!

Os privilegios concedidos a essa classe em 1519 pela munificencia de el-rei D. Manuel, o exclusivo de empregos, a isenção de impostos e de castigos civis, tinham de ha muito caducado, e só o exercito constituia o seu orgulho, a sua gloria; era apenas o symbolo dos seus titulos de nobreza e honra, e foi contra elle que se dirigiu o ataque em massa.

«A instituição do exercito—dizia o sr. Jayme Moniz—é oppressora, porque constitue o apanagio, a primazia de uma classe s, tendendo a organizar-se em casta superior, em sociedade onde antigos preconceitos religiosos e fundas differenças ethnologicas trazem já tão divididos os povos.»—*(Rel. do sr. Jayme Moniz.)*

Bom apanagio esse, na verdade, que tinha por estipendio as agruras da vida militar e os lucros de um salario mesquinho; ruidosa primazia essa, com effeito, que se ostentava com galhardia nos duros sertões da Africa em meio de fomes e das intemperies d'esses asperos climas; oppressiva instituição essa, que tinha por dever defender e proteger esses povos seus opprimidos; superior casta essa, emfim, que estava ao serviço de todas!

De uma classe tão limitada (2:240 em 1866) e exclusivamente votada á vida militar seria uma excepção que ella desse litteratos e artistas.' O exercito da India possuia officiaes distinctissimos, que mais de uma vez mereceram encomios dos governadores, como Lopes de Lima, conde de Torres Novas, visconde de Ourem e ultimamente do visconde de S. Januario.

«Quaes sejam as vantagens que uma instituição d'esta ordem (escola mathematica) — dizia o sr. S. Januario — proporciona n'um paiz onde as tendencias militares demandam applicação e aproveitamento, póde julgar-se pela existencia de muitos officiaes de incontestavel e distincto merito, filhos d'esta escola, e que em differentes armas honram o exercito da India a que pertencem.»

Á primeira vista parece sem explicação o facto dos membros d'essa classe não se terem dedicado aos misteres do commercio ou da industria; mas se repararmos bem que muitos d'elles eram fidalgos, e, o que é mais, já militares quando do reino foram para ahi estabelecer-se, nada terá de extranho [9]. É evidente que em tempos proximos da conquista os portuguezes negociaram; mas no momento que esse periodo da nossa riqueza declinou, pelo successivo desmembramento do nosso imperio colonial, o commercio passou ás mãos dos hollandezes e inglezes, e a precaria situação das nossas minguadas possessões avocou a attenção dos portuguezes para um meio seguro de defeza e protecção. Ameaçados constantemente pelos inimigos Bounsulós, não podendo esperar auxilio de um povo por indole nada guerreiro, constituiram-se naturalmente em classe militar, se já a propria tendencia os não impellisse a isso [10].

O commercio em Goa é quasi nullo. A classe indigena dos christãos não tem as necessidades do europeu e é em extremo parcimoniosa; a população pagã, metade do total, não dá extracção aos generos do mercado europeu, como vinho, carne, etc.; a industria quasi que não existe, por isso que estamos em uma parte da India, e isto é quasi geral no Oriente, decididamente hostil ás grandes manifestações do trabalho e escassa em exigencias do consumo.

Havia, porém, outros generos de profissão — medico, advogado, clerigo. Para a vida ecclesiastica não se sentia com vocação uma classe cujos membros se viam constantemente attrahidos pelos seus maiores á vida militar, nem elles poderiam superar a difficuldade da lingua e outros requisitos de egual ordem, tão indispensaveis em um missionario. Emquanto á outros cargos e mormente aos do funccionalismo civil, muitos o desempenharam com mais ou menos proficiencia. O officio de medico ou advogado, que um ou outro seguiu, o que poderia dar n'um paiz dividido em castas cujos membros naturalmente pròpendem a consultar os do seu grupo? A colonia portugueza era tão limitada, tão intimamente ligados os seus membros por laços de parentesco, que um medico ou advogado tinha que trabalhar de graça. Accresce a isto a India Portugueza não ser um grande centro de actividade, a ponto de seus filhos se verem na necessidade de ir procurar outros paizes para o exercicio de suas funcções. Portanto, era quasi necessario escolher-se a profissão das armas em preferencia a qualquer outra, porque as circumstancias, quer politicas, economicas ou sociaes assim o exigiam.

A sua posição excepcional, desligada da maioria dos habitantes do paiz, deu origem a essa rivalidade que, todavia, não passava do campo de um orgulho afidalgado, de um preconceito de pureza do sangue. Na India os portuguezes não foram uma excepção; ahi, como em toda a parte, pelo seu todo simples, franco, tratavel, o portuguez foi sempre d'entre os europeus o mais bemquisto. Generosos até á prodigalidade, imprevidentes, ingenuos e fanfarrões como quasi todos os peninsulares, são estes um excellente specimen de nossos avós em um desenvolvimento livre e natural. Elles souberam criar dentro do seu seio um meio adequado á sua indole e ao seu genio aventuroso, conservando-se incolumes em meio d'essas sociedades doentias.

Dos seus rasgos de patriotismo, sentimento que exprime a vitalidade e a pureza de uma raça, dá-nos muitos exemplos a sua historia. O verbo inflammado da patria sae-lhes do seio quente e sentido:

É esta a mesma Goa, a altiva e nobre moira
que o crescente rendeu ao luso gladio e arnez,
e que sempre christã, fiel, bem se redoira
de beijar com amor o pendão portuguez!.
(Manuel Campos.—Saud. a D. Augusto.)

Esse sentimento chega a um delirio, a uma febre de dor e angustia por occasião das medidas regeneradoras do sr. Jayme Moniz, que conduziam para o esquecimento e para a deshonra o nome portuguez na India:

Não te abateram, patria! A malvadez febril
em gritos de possesso, ou algazarra vil
arvora o teu sudario em lugubre pendão!
Se negros corações, a delirar anceios,
folgam torpezas taes, regorgitando os seios
estos de podridão,
levanta a face austera, encara esses atheu
e os reprobos de Deus aos pés te cairão.

Não te abateram, patria! A ingratidão villã
aos pés sonha calcar as glorias de um balsão!
Resurge, ó Albuquerque, aponta á horda bruta
o nome portuguez e a estrella do christão!
(Hypolito Garcez.—A Goa.)

N'essa mesma epoca outros ao deixarem o paiz e o lar despedem-se da terra que lhes foi berço em endeixas repassadas de tristeza, e apesar de entreverem uma esperança, o desalento e a magua carregam ainda mais o saudoso *Adeus:*

Choras por eu me ir embora,
quando a esperança me resta?
Mais tristes lagrimas chora
quem nem esperanças já tem!...
Vês que o pranto segue á festa
e choras por mim sentida?
Ha mais espinhos, querida,
chora por elles tambem.
(C. Ayres.—Adeus.)

E muitos choravam os duros espinhos semeados pelo generoso ministro. Os que trocavam um viver abastado pela vida de lucta e privações na Europa tinham pelo

menos uma esperança; mas os que lá ficaram só viam o desalento e um futuro de miseria e vergonhas.

Ao menos salve-se a honra da nação, pois quando n'um proximo futuro tremular sobre as gloriosas muralhas de Goa a bandeira da soberba Albion, nenhum portuguez ha de corar de vergonha. Sob a louza de Albuquerque confundir-se-hão as cinzas do primeiro portuguez e do ultimo seu descendente.''

Os brahmanes de Goa entraram para ahi com os primeiros colonos que vieram immigrando para essas partes do Concão: Concão era terra deserta, mas um deus chamado Farissú Rama, com alguns brahmanes, começaram a cultival-a. *(Noticia para a hist. das naç. ultr.)*

«Gomancha é Goa ou monte de Goa — escreve o sr. Gerson da Cunha — e Kusasthali identifica-se com a villa defronte, da Velha-Goa, mudada pelos portuguezes em Cortalim. Na mesma obra (Sahyadri Kanda ou Skanda Purana) diz-se além d'isso que foi Parasurama que levou esses brahmanes de Tirhut; que elles pertenciam a uma das cinco subdivisões de Ganda, Thrihatras, Agnavaishas, Kanyakubjas, Kanojas e Maitrayanas, e que elles pertenciam a dez familias ou *gotras* chamadas Bharadvaja, Kansika.a. e finalmente que o fim para que Parasurama os levou para o Concão era fazer sacrificios especialmente o *sraddah* ou ceremonia de offerecer bolos e agua aos manes dos seus progenitores. Estabeleceram-se elles além de Goa e Kusasthali (Cortalim) em Mathagrama (Margão) Kardali (Curtorim) com os penates que levavam de Tirhut.»—*(G. da Cunha. Konkani language and litt.)*

As communas agricolas por elles estabelecidas como systema feudatario ou sob um regimen de colonisação patriarchal deu-lhes um seguro predominio sobre os aborigenes. Não tardou, porém, em degenerar n'um systema oppressor e vexatorio. De feito, ainda hoje se nota

nas communidades agricolas de Goa essa influencia perniciosa de um direito e de um poder constituidos por usos e leis que não teem outra base além do privilegio — a absorpção dos direitos individuaes n'uma oligarchia dominadora e oppressiva: «Unicas *sui generis* em todo o mundo civilisado, que nascidas na edade mysteriosa ainda vegetam ciosas de tradições de seculos, umas indifferentes e outras absurdas, que mais mal, que bem tem adduzido aos seus proprios interesses.» —*(F. Nery Xavier. Bosq. hist. das com. agric.)*

Na epocha em que o rajah de Bisnagar e depois o rei de Onor se apoderaram de Goa, essas communidades estavam por tal fórma organisadas que os invasores lhes conservaram as suas immunidades mediante tributo, como ao depois fez Affonso d'Albuquerque.

Ainda que o conquistador de Goa protegesse as instituições do paiz, não tardou o tempo de as communidades serem extorquidas em beneficio do thesouro. Isto e a perseguição religiosa que exerciamos contra os brahmanes causaram de certo essa antipathia com que elles sempre nos trataram. O portuguez era para elles um monstro que empunhava de um lado a cruz e no outro a espada tinta no sangue dos seus deuses e no de seus filhos. Bem cedo, por isso, começam a vingar-se de tanto opprobrio, prejudicando clandestinamente o nosso commercio.

«Os brahmanes são estes que teem sua mulher na terra firme e jente sobre sy e não sonhão senão em rendas e tiranias e em dar alvitres a Capitães e Feitores e Escripvães da Vossa Feitoria e tem soldo de vossos officiaes, por lhe fazerem suas contas e que são homes muito sabedores e tudo á custa de V. Alteza; porque de nenhum tem V. A. necessidade, e assi de muitos, como de qualquer outra que elles loguo não dam alvitre aos Mercadores da terra firme que se tenham com estas mercadorias, pelas revenderem a V. A. e sam ellès os Mercadores que andam na Feitoria, e assi se V. A. tem necessidade de dinheiro, ou de jente ou de Navios ou de polvera loguo os Mouros são sabedores de tudo por elles; a tal jente não devia V. A. de consentir nesta Cidade e dar ó diabo as taes rendas; porque até os Mouros da terra firme sal-

lão nisso, e estes Brahmanes quando vem de lá da terra firme, aqui nesta Cidade estes Brahmanes lhe fazem grande reverência os Mouros, porque lhe tem mais medo e mais acatamento aos Mouros, que não a nós outros e isto causa-lho vossos Capitães e Feitores pelos alvitres que lhe dão para roubarem a V. A. e o Povo desta Cidade.»—*(C. dos proc. dos mest. da cid. de Goa. Torre do Tombo, gav. 20-2-26.)*

A fraude foi sempre a arma do fraco, e n'este caso estavam os brahmanes, commerciando e intrigando por toda a parte.

«Ouvi muitas vezes dizer aos brahmanes de Calecut— diz o viajante francez Pyrard — que a ilha de Goa era d'elles, de sorte que por isso são grandes inimigos dos portuguezes, que os maltratam e desprezam muito; e por esta razão a maior parte foram morar em Calecut, onde estão em maior segurança.»

A cruz e a espada volveram-se com maior furor contra elles. Eram em Goa como os *naires* em Calecut — arteiros e ladinos, com o sorriso nos labios e o veneno no seio. Julgando-se senhores da terra, era natural que odeassem implacavelmente o *farangui*, e como os portuguezes não soubessem pagar a astucia com a astucia, o dolo com o dolo, esmagavam os seus idolos e devastavam as suas aldeias, arvorando por sobre os escombros dos pagodes o pallido tropheu da cruz:

> Tendo embebido seu furor insano
> Na falsa gente brachmane inquieta
> Que amaldiçôa o jugo lusitano.
>
> (Bocage.—Epist. a Josino)

«O verdadeiro brahmane não contaminado pela influencia europea, rosto claro, testa ampla, a physionomia profundamente significativa, os beiços finos e a bocca expressiva, os olhos vivos e penetrantes, dedos delgados e o porte todo nobre e quasi sublime, senhor de si e profundamente convicto de sua superioridade, revelada em cada musculo do seu rosto e por cada movimento do seu corpo, é um maravilhoso specimen da raça humana.» *(Sherring. hind. caste and tribes.)*

O brahmane christão de Goa, possuindo no fundo todos esses traços expressivos, varia no emtanto do seu typo original, e não possue o caracter que eminentes orientalistas attribuem ao hindu, em nada inferior ao europeu.—*(Max Muller, obr. cit.)*

Varias são as causas porque os brahmanes de Goa se moldaram n'um typo singularmente original. O dominio musulmano tinha profundamente revolucionado os seus habitos, e depois pouco puderam lucrar com o imperio religioso de frades desenvoltos e de fidalgos apparatosos e tresloucados. Além d'isso, os indigenas que vinham para o reino, como succedeu a Luthero na côrte romana, assistiam ao degradante espectaculo d'esta Lisboa allucinada pelas riquezas do Oriente. O prestigio do nome portuguez, tão alto na India, perdia toda a influencia logo que elles viram a patria dos Pachecos e Castros, um jardim á beira-mar plantado. O desprezo vinha então reforçar o natural antagonismo de raça, e voltavam a Goa, parodiando Camões: ora tudo aquillo não vale dez réis de mel coado, philaucia, postas de pescada, e nada mais [11]. As luctas eleitoraes concorreram tambem bastante para exaltar as paixões e definir as idéas que animavam certos grupos.

Em nenhum povo da India as idéas revolucionarias do seculo XVIII dominaram por tal fórma como em Goa, principalmente entre os brahmanes, o que porventura se deve attribuir ao influxo das idéas levadas para ahi, no começo d'este seculo, por varios europeus que n'esse tempo residiam em Goa e eram conhecidos como chefes da patulea. A vibração das idéas reivindicadoras, que em Portugal deu o 1820, e a sensivel decadencia d'este paiz n'estes ultimos dois seculos, habilmente se combinaram para dar alento aos planos ambiciosos de alguns clerigos de Goa, que pelos fins do seculo passado residiam em Lisboa e outros pontos da Europa, constituindo o nucleo dos homens, que mais tarde tanto influiram na historia politica do seu paiz.

Bernardo Peres da Silva, herdeiro das idéas de 1787, o *Washington de Goa*, como pomposamente lhe chamavam, compendia no final de um livro que escreveu para

se defender d'essa pecha, a idéa fundamental dos conjurados, e como que lega aos vindouros o seu testamento politico:

«Compatriotas meus! Eu vos fiz conhecer os embustes dos Manifestantes (partido anti-Perista)... Estas serpentes, que se querem enroscar no seio da nossa Patria, eu vos fiz ver e sentir o seu mortifero veneno... Pouco me importa, que me cubram de baldoens elles e seus sequazes, que até em paizes estrangeiros formigam e vivem entre nós solapados. Perseverai pois Concidadãos meus, na nobre emprezâ que encetastes... Sim, meus caros Compatriotas, não vos desanimeis. A nossa Cauza he a Cauzá da Justiça, da Razam, da Lei e da honra: ella ha de portanto triumphar, e vós sereis então havidos na posteridade como os defensores e campeoens da liberdade da vossa Patria, recebereis as bençaons dos vossos netos, e lhes servireis de exemplo.» —*(Ref. analyt., pag. 155 e 156.)*

É n'estes e outros que iremos estudar a feição, entre comica e revolucionaria, dos brahmanes christãos de Goa. Como estamos a tratar da sociedade christã désligada desde a conquista dos seus elementos tradicionaes, a litteratura concani, que é até hoje pouco conhecida, nada tem que ver como expressão do genio d'esses povos n'um periodo dentro do qual nós os estudamos.

Como os conventos constituiam o unico centro de ensino, a primeira manifestação litteraria d'esse povo obedeceu á influencia do christianismo. Toda a actividade por isso dos seculos XVI e XVII pouca era para traduzir cathecismos de doutrina christã e cantar em verso concani a Paixão do Christo e as Sete Dores de Maria. Os *Puranas* de Francisco Vaz de Guimarães, Thomaz Estevão e Diogo Ribeiro, poetas cheios de ternura e enlevados por um amor compassivo, que é a alma da Egreja, representam o periodo aureo do catholicismo em Goa. Mas nem por isso esse sentimento poetico da religião pôde désarraigar d'entre os indigenas o inextinguivel preconceito de casta. Dão exemplo d'isto as obras de dois sacerdotes indigenas, um brahmane, outro *charodó*, Antonio João de Frias e Leonardo Paes. O primeiro na

Aureola dos indios e nobiliarchia bracmana (1702) diz: «as detracçoens (benevolo Leytor) cõ que vi murmurada de alguns Criticos a Nobreza illustrissima dos Bracmanes, fizerão arrojar a minha penna á sua defensa». O licenciado Leonardo Paes no *Promptuario das diffiniçoens indicas* (1713) em nada lhe fica para traz: «os chamados *charadós* são legitimos ascendentes e descendentes dos Reys da India por consaguinidade».

Bem se vê que nem mesmo entre o clero a fraternidade christã tinha conseguido calar as rivalidades de casta.

Mais tarde, principalmente desde o meado d'este seculo, com a extincção dos conventos, a cultura toma outra feição, e uma sêde de saber devora aquellas organisações nervosas, a ponto de muitos indigenas se distinguirem pela sua illustração. E o que se vê desde 1850 [12].

Goa nos seus tempos floridos tornara-se a Thebaida da legião de aventureiros amorosos que da India enviavam sentidos queixumes ás suas queridas Natercias. A estada de tantos homens illustres como Camões, Christovão Falcão, Bocage, Garcia d'Orta, Diogo de Couto, João Lopes Leitão e Castanheda, tornava Goa um centro de cultura intellectual. (*T. Braga. C. de hist. de litt. port.*) A influencia d'esses e outros vultos litterarios reproduziu-se em tempos posteriores na epocha do secretario Lagrange, Thomaz Ribeiro e do erudito antiquario Cunha Rivara, em cuja escola se formaram escriptores contemporaneos —M. V. d'Abreu, Barreto Miranda, F. N. Xavier, F. L. Gomes, C. da Cunha, B. da Costa, I. Garcias, T. Ferrão e N. da Fonseca, etc.

Este desenvolvimento intellectual, esta sêde ardente do saber, nota um sabio inglez, é quasi geral nos povos do littoral da India. O empenho com que procuram estudar e conhecer tudo quanto diz respeito aos seus conquistadores chega a attingir a ancia com que os homens da Renascença se dedicavam ao estudo da antiguidade classica. (*S. Maine. Vill. Com.*)

O franco apoio dado por alguns governadores d'este seculo á instrucção publica e a circumstancia d'alguns in-

digenas terem voltado á Goa, depois de formados em varios institutos da Europa, concorreram muito para o rapido desenvolvimento intellectual d'essa sociedade. Porventura movidos de um justo ciume que lhes causava a superioridade da colonia portugueza, quasi a unica a auferir os beneficios da escola militar, pugnaram pela sua extincção, como sendo um instituto antipathico aos seus habitos intellectuaes e profissionaes. A instrucção devia começar pela classe sacerdotal, por isso que era a profissão a que quasi exclusivamente se dedicavam os indigenas. Mais cedo, porém, do que se esperava a instrucção em geral e o conhecimento das cousas portuguezas em especial, tornaram-se nas mãos d'elles uma poderosa arma de combate. A feição litteraria, erudita, transforma-se desde 1821 em pronunciada phase politica, isto é, em guerra aberta ao elemento branco. Tudo estava preparado desde 1787; esperava-se apenas um momento favoravel, e elle não tardou a chegar com a Constituição, com a Carta. É então que começa o periodo polemista, a chicana jornalistica, as malquerenças, as represalias, a lucta sob toda a fórma, desde a grave representação ao rei até á prosa Bocaciana: viva a liberdade da patria! viva a religião! viva a constituição! Deu n'isto a cultura européa.

Da escola dos conjurados de 1787, dos constitucionaes de 1835, surgiu não um Spartaco ou Riel, mas o *leader* por excellencia, Bernardo da Costa, que sem discursos nem rhetoricas, soube realizar o programma de Bernardo Peres da Silva.

Mas quaes eram as idéas do illustre brahmane? Diffuso e mysterioso, querendo a liberdade e repellindo-a como que aterrado, Bernardo Peres não sabia o que queria: «Nascido por minha desgraça n'hum Paiz coberto das mais espessas trevas da ignorancia, inseparavel companheira do despotismo, ou ignoro, assim como quasi todos os meus conterraneos, o que he o bom e o máo em Politica.» *(Folh. do Rio. fol. 6 e 7.)*

E como poderia elle saber o que o seu paiz aspirava, se o primeiro movimento anti-nacional tivera por fautores uns clerigos ambiciosos e immoraes? Que idéa pa-

triotica ou plano politico lhe poderia legar um punhado de homens, que não hesitavam em entregar o paiz a um dominador estranho, só porque as suas ambições não tinham sido attendidas pelos poderes publicos de Portugal? «O que n'elles se deve condemnar — escreve C. Rivara — he o pensamento de excitar uma sublevação na sua patria, ou pretendel-a entregar a algum dominante barbaro em revindicta de não serem satisfeitos os seus ambiciosos desejos (cargos ecclesiasticos) pelo ministerio de Lisboa.» *(Conj. de 1787.)*

Remontemos no emtanto aos conjurados de 1787, porque é ahi que se manifesta o caracter dos brahmanes christãos de Goa. Estes são os paladinos denodados, os campeões da liberdade, os *martyres da patria,* segundo os seus admiradores.

O padre José Antonio Gonçalves, doutor formado em Roma, *o mais vivo, o mais activo e o mais intelligente de todos os conjurados, cujo cerebro esquentado, soberbo e ambicioso deu causa a esta sublevação,* apparece-nos envolvido em uma lenda, com um quê de sinistro e comico. A sua condição de sacerdote e conjurado, vestido de preto, concorreu para que a imaginação popular, propensa ao mysterio e ás sensações do pavor, o transformasse n'um ser sobrehumano, a um tempo divino e satanico. Uma especie de Mahadi tonsurado, elle se communicava com Deus, adivinhava as tramas dos seus inimigos, desapparecia como o *vento (varém)* espirito maligno.

Um dia, depois de descoberta a conjuração, uma patrulha andava-lhe na pista. O padre tinha passado n'aquelle instante por uma estrada. Os soldados seguem-n'o. Ao fim de alguns momentos deparam com os seus chinelos: é por aqui que elle fugiu! Correm. Mas a rua estava deserta. Atterrados, os soldados voltam. O criminoso tinha desapparecido como por encanto. Não ha que ver, tinha pacto com o demonio. Mas o que era verdade é que o padre deparando com dois caminhos, largara os chinelos n'um e tomara pelo outro atalho. Os soldados tinham cahido no logro!

Quando em 1785 regressava de Lisboa á India em companhia do arcebispo de Goa, seu amigo particular,

sentiu que não poderia sublevar o paiz sem dinheiro. O arcebispo levava 486$400 réis, 50 meias dobras e uma bengala com castão de ouro. Roubou-lhe tudo para salvar a patria!

Dotado de uma imaginação inventiva correu as costas do Malabar revestido das insignias episcopaes, impondo-se ás turbas e aos rajahs. Tinha recebido a missão de Deus; o Papa dera-lhe todos os poderes para salvar a patria; não havia poder humano que lhe pudesse resistir. No confessionario imperando sobre as consciencias timoratas; nas reuniões secretas ostentando o saber que em Roma adquirira, dominava, fascinava. Seria torpe ou sincero, inconsciente ou risivel? Para os indios, que sabiam que elle tinha vindo de Roma, a gravidade doutoral com que se impunha, o mysterio em que o envolvia a sua posição, tornavam-n'o poderoso e temido. O povo qualificou-o de satanico.

O padre Caetano Victorino de Faria, pae do abbé Faria, autor de um interessante trabalho: «*De la cause du sommeil lucide*», é menos lugubre e tragico, mas muito mais calculista e cynico. Em Lisboa fizera-se amigo intimo dos condes de S. Vicente (ascendentes da esposa do autor) e apresentava-se como disvelado protector de Miguel Carlos da Cunha, filho do antigo fidalgo e que n'esse tempo (1785) vivia na India quasi na miseria. Uma familia indigena de Calanguete (Goa) dos *Pintos*, muitas vezes o soccorria. Ao desventurado pae contava Victorino de Faria as privações por que o seu filho passava na India e a generosidade com que era soccorrido pelos Pintos de Calanguete. O velho conde, cada vez mais pauperado, não se poupava a sacrificios para satisfazer as várias pretenções dos protectores do seu filho e de varios outros indios, que por intermedio de Victorino de Faria e do seu valimento junto do conde, conseguiam alcançar. O seu systema de especulação, elle proprio o confessava em cartas dirigidas aos Pintos: «assegurando (ao conde) que a casa de V. Mercê era asylo para o dito senhor (M. Carlos) e sua familia, *expressando-lhe distinctamente como e quando o acudiam.*» (*Obr. cit.*) Com egual cuidado inculcava aos seus amigos os homens por via dos quaes em

Lisboa se podiam alcançar várias coisas, e com especialidade os mordomos João Evangelista Machado e Luiz Manuel Tavares; negociava elle proprio para a India, servindo de intermedio ao criado do nuncio, que mandava para Goa veronicas, cruzes, campainhas do Loreto, e recebia em troca peças de lenços, cobertores e outros artigos. Para que não se duvidasse dos seus creditos e limpeza de mãos, contava em cartas aos seus amigos os grandes dissabores por que passava em prol da patria, as suas luctas de 22 annos em querer libertal-a, os seus jubilos e as suas esperanças. Uma vez que Ramã Custan Nai lhe pedia contas de uns certos dinheiros, o padre respondia-lhe: «patria, liberdade, lucta indomavel, uma epopéa em vez de cifras. Insistia o pobre Ramã, que já não percebia bem o idealismo do heroe em negocios tão prosaicos, e elle, em resposta, dissertava sobre os dons da graça, lembrando-lhe a falsidade dos idolos e a inconstancia da vida!. Pedia-lhe contas, e o acerrimo defensor das liberdades patrias respondia apocalypticamente n'um tom, que faz dó e causa riso, que enoja e entristece: «Espero assegurar-lhe outra felicidade muito maior e sem comparação alguma, pela qual estou contendendo já ha vinte e dois e mais annos com esta Europa toda, que se gloria das desgraças de V. Mercês. Eu tenho trabalhado para tirar das mãos dos Europeus o nosso arcebispado de Goa e India, que o N. S. Redemptor nos deu ha mil e 800 annos (!?) pelo seu apostolo S. Thomé, e a Europa nos roubou ha trezentos annos para seus proprios interesses temporaes... Eu tiro agora bem contra a vontade de toda a Europa e d'esta côrte, não com minhas forças, mas sim com o omnipotente braço do N. S.» (*Obr. cit.*)

Em 1835 as circumstancias eram outras, por isso tambem os homens estavam mudados: constitucionaes por fóra, ambiciosos e demagogos por dentro. Bernardo Peres é o prototypo d'essa pleiade de libertos, que sacudindo nos ventos o pendão da liberdade gritavam fulos de raiva contra o despotismo que expirara! A Carta garantia-lhes já a liberdade e egualdade civil; a primeira autoridade da provincia era um indigena! Tinha-se al-

cançado o mais que um povo podia conquistar, mas elles, quaes ebrios por uma dadiva que excedia a sua expectativa, berravam contra o despotismo! Nada os satisfazia. Eram republicanos, socialistas, communistas? Nada d'isto. Queriam ser patriotas a seu modo; queriam convencer-se a si mesmos de que o eram, porque assim o affirmavam em papeis de todas as nuances. O terror pela perspectiva da lucta e o anhelo pela liberdade combinavam-se de maneira a moldal-os em typos, cuja physionomia seria difficil precisar se a hypocrisia, a chicana, a submissão indigna não revelasse a fundamental covardia.

«Os habitantes da India—dizia Bernardo Peres—conhecentes já por experiencia de trezentos e mais annos o que era o governo, estavam persuadidos de que *a Carta só não podia fazer a sua felicidade*, nem a sua execução facil na India, por quanto as Authoridades no Ultramar se acham na constante posse, salvas honrosas excepções, de se nutrirem do sangue d'aquelles Povos por se considerarem (particularmente a classe Desembargatoria) seus senhores naturaes, e seus curadores, como o sam dos escravos seus amos.» —(*B. Peres. Memor. a D. Pedro, 8 de abr. de 1834.*)

Qual o seu ideal, pois? Carta, liberdade, egualdade, tudo uma burla emquanto se não revestisse n'elle o supremo dominio da sua querida patria. A salvação era elle, o Prefeito de 1835; a liberdade e a egualdade, o governo e a Carta não podiam medrar sem o seu halito vivificador, patriotico. Seria, com effeito, um libertador, ou apenas um ambicioso? Padecia do patriotismo de Goa e soffria de *spleen*: «Se acommette de novo *spleen* por não vêr quanto antes realisada a grande obra da regeneração!» —(*B. Miranda. Quad. hist.*)

Este seu strenuo admirador e discipulo da mesma escola, dá o retrato do grande homem de 1835, com mão de mestre: «A actividade do seu espirito nada escapa; o braço que dicta a sentença de exterminio contra os inimigos da ordem e da Carta (*sic*), corta ao mesmo tempo o carcere que rôe as finanças, manda examinar os orçamentos, attende á justiça, cura do ramo militar, desvela pela instrucção, cuida das corporações agricolas, refor-

ma, crea, abole, legisla, *faz e desfaz!*» —(*Idem. Pag. 76 e 77.*)

Parece inventado, mas é verdadeiro, até o ponto do admiração. Eram assim todos esses patriotas; todos... padeciam de *spleen!*

Em officio *reservado* de 30 de março (1825) ao governo da India, dizia-se de Bernardo Peres: «Sendo o referido Peres d'aquelles que abusiva, e sinistramente se dizem sob a nossa oppressão e violencia».

Mas se era abusivo, não é sinistro. No ridiculo foi sinistrissimo, um heroe de papelão e nada mais. Esteve no reino, fez as campanhas da liberdade, hóm isiou-se em Londres e no Rio de Janeiro, d'onde escrevia vigorosos folhetos e protestos; mas na India, á frente de meio milhão de patriotas, soffria de *spleen!* Queria-se a independencia, mas os proprios libertadores assustavam se da tal idéa a ponto de, em contraposição aos actos, declararem alto e bom som, que portuguezes eram e que portuguezes haviam de morrer. Patriotas por diversão, pelo capricho de o quererem parecer. Como as crianças imitam seus paes, pondo o chapéo, agarrando na bengala e imitando o seu passo grave, assim elles vestiam-se á Robespierre, falavam á Danton... mas tudo por bem, por brincadeira. É assim tambem que no *zagor* se vestem de fidalgos, chapéo de bicos e meias de seda, não para os ridicularisar, mas pelo gosto, pela vaidade de mostrar que ao menos sabem imitar, como as crianças.

Quando ia governar a India dirigiu ao povo uma proclamação (10 de janeiro de 1835). Não cheira a polvora, nem a veterano da liberdade, cheira a incenso, a latim: «*Lapidem quem reprobaverunt ædificantes, hic factus est in caput anguli.*» Exigia do povo a solidariedade com os portuguezes da Europa, e sobretudo a elasticidade: «Extendam-se os fuzis da vossa Cadeia social até os Portuguezes da Europa — viva, viva, viva!»

A nação era elle, a liberdade era elle, e a patria girava em torno dos seus calcanhares invulneraveis:

«Duas epochas houverão na India, em as quaes os Povos conceberão esperanças de que terião fim os seus crueis males, e principio a sua prosperidade: a de 1821, em que

jurarão a Constituição, e a de 1835 (seu governo) quando segunda vez libertados pelo Immortal Libertador dos Portuguezes, virão *pela primeira vez tremular nos seus muros a Bandeira Nacional;* mas que infelizmente se enganaram!» —(*Peres. Aos repres. da naç. port. 1839, pag. 2.*)

A bandeira nacional fluctuava agora nas mãos do *Washington de Goa,* e todavia os povos se tinham enganado! *Mas que infelizmente se enganaram* —dizia-lhes friamente o *caput anguli!*

Da maneira porque a geração de 1787, pasmada e confusa, ouvia os oraculos dos Mahadis tonsurados, assim tambem em 1835 o povo, arregalando os olhos, via desfilar esse exercito de proclamações em guerra aberta á grammatica e ao bom senso. Despotismo, Liberdade, Carta, Regeneração da Patria, Bandeira Nacional, Tyranos... zumbiam aos ouvidos d'essa pobre gente como guizos do chocalho, sem nada apparecer d'esse baluarte de palavras:

«Compatriotas! expirou o reino da usurpação, e com elle baqueou o despotismo... Quão alcançados em divida não se acham os Portuguezes, particularmente os da India, para com aquelle tão Magnanimo Principe, que vergados sob o pesado jugo do maior despotismo, gemião ha mais de tres seculos! Viva a Carta Constitucional! Viva a Nação Portugueza! Viva, viva e para sempre viva!» —(*Proc. de 11 de jan. de 1835.*)

O povo continuava pasmado, e não percebia senão esse rhythmico vivorio, que lhe fazia recordar o *mandó* e o regabofe do *zagôr.* Bebia canja e *urraca,* e viva, viva para sempre, viva!

Mas se a idéa, qualquer que ella fosse, não tinha vingado; se o *caput anguli* se tinha esboroado, o edificio, todavia, não se desmoronara de todo. A herança de 1787 mantinha-se illesa na geração d'esses patriotas. Um mixto de odios e despeitos, em parte naturaes, formava a alma d'esse homem pequenino e infeliz, como a sua historia.

«O odio e o rancor que Bernardo Peres e os indigenas votavam aos portuguezes, e principalmente aos militares, tem por origem o terem elles reclamado contra a

candidatura d'este por não possuir renda certa para isso, conforme a lei exige.»—(*M. F. Louzada, cit. apud. resp. corr. 7 de out. de 1839.*)

Por detraz de Bernardo Peres fica o homem por excellencia, a alma de 1835, o *ignorante* e *incivil advogado* Constancio Roque da Costa, pae de Bernardo da Costa: Entre elle e os homens de 1787 ha uma grande analogia; representa fielmente essa geração desmoralisada e impotente, que em 1871 teve em Bernardo da Costa o seu digno successor. O mesmo terror pelo despotismo; o mesmo enthusiasmo pela liberdade, pelo immortal dador, pelo prefeito; o mesmo disvelo pela regeneração da patria, e o mesmo horror pelos portuguezes, que devoravam as carnes e sugavam o sangue, com uma differença, porém: já não fala em Christo, nem nos bons desejos do Papa; dardeja ao coração da inquisição uma setta civada do seu liberalismo:

«Baqueou-se o despotismo, triumpha o liberalismo—O Immortal Heroe, que salvou o Reino das garras do Dragão assolador da guerra civil, não só penhora a nossa gratidão com organisação legal, capaz de regenerar a patria moribunda, mas nos dá no nosso Deputado ás Côrtes, elleito o Prefeito, que enche de jubilo todos os corações amigos da ordem, ley, e do bem ser nosso e da nossa posteridade. Exultay Cidadãos Officiaes, os pezados grilhões que encadeavam até as vossas linguas, com huma Inquisição peor que a denominada Apostolica, evaporou-se da aura Govana—Hum orizonte novo se espraia a vossa vista; esta repartição (secretaria) de Caverna tetrica de intrigas, e trapassas que era passa a ser o deposito Publico dos arquivos legaes, e da ordem—Ela he patente a todos—Não ha segredo com que se despojavão as propriedades Reaes e pessoaes dos Pacificos Cidadãos, sem respeito a seus serviços, e merecimentos mas pelo unico termomito de=quero por que quero e mando por que posso=ou por melhor dizer=a Satrapa tudo, e a Cidadão nada=&. Exultay, e trabalhay quaes abelhas laboriosas com alegria, e só assim teremos o doce favo, que sirva de sadia nutrição para nós e nossos vindouros.» —(*C. R. da Costa. Prov. 16 de jan. de 1835.*)

Se não fosse o bom apetite pelo *doce* e *favo*, era caso para duvidar se o *termomito* do secretario de Bernardo Peres marcava a sua temperatura intellectual. Com typos e productos d'estes, a historia não é a reviviscencia de uma epoca, é um vergel de... rabanetes!

A influencia revolucionaria da França n'estes jacobinos de papelão é manifesta, principalmente porque alguns indigenas, que tinham estado em Paris n'essa época, levaram, de regresso a Goa, os germens da revolução. Os *conjurados*, como se verá, tinham mandado para Paris seus delegados para conferenciar com os agentes de Tipu Sultão. A consequencia foi a conjuração, o 1821, o 1835, e posteriormente o *Ultramarismo*, anti-portuguez, irreligioso, revolucionario, brahmanico.

Os factos notados nos jacobinos da França pelo lucido e profundo espirito de Taine: a predilecção pela antiguidade pagã, o amor naturalista pela agricultura, o sentimento irreligioso, o atheismo, a falta de concepção da ordem e hierarchia, etc. etc., nota-se n'estes homens.

Bernardo Francisco da Costa, por exemplo, apresenta-se strenuo propugnador da agricultura, e publica o *Agricultor Indiano*, uma reproducção da *Arte Palmarica* dos frades. Em vez de se mudar o kalendario e de se adoptar novas festas, apropria-se de quasi toda a nomenclatura pagã, e cada brahmane tem na sua sala os retratos de Bernardo Peres e Bernardo da Costa, especie de oraculos. Na educação familiar o principal elemento é a historia tradicional. Os graves avós contam aos netos as *historias* do seu tempo, os males que soffreram por causa da patria, e insinua-se finamente que são victimas do odio dos portuguezes. A capital do brahmanismo, Margão, regorgita com os nóvos Catões, Brutos, Condorcet, Aristides, Socrates, toda a antiguidade grega e latina empalmada por uma geração de visionarios. Prenhe de symbolos, de mythos austeros e stoicos, impõe-se pelo ruido d'esses nomes e ganha os foros de ser chamada a *Paris em civilisação* e *Athenas na subedoria*. Tudo paródia, tudo ratice. Depois do simulacro revolucionario comprarão titulos aos ministros, diplomas ás sociedades litterarias, e parodiarão os antigos fidalgos de Lins-

chot e Pyrard. Uma sêde de grandeza devora esses demagogos. Fidalgos em miniatura, portuguezes no vestuario, socios de varias sociedades, irão, de *machila* atraz, graves, passo cadenceado, e a cabeça cheia de idéas, conversando sobre politica e os negocios da patria. Com assiduo cuidado notarão o accento do europeu, e, bem ou mal, parodiarão o modernismo do Chiado, como nós a vida dos *boulevards*. Quem mais polidos e fidalgos do que nós, os opprimidos canarins? Quem mais dignos do que nós, que imitamos os antigos fidalgos de Goa na prodigalidade, no luxo e na basofia? A mocidade transviada, os morgados darão em pantana a fortuna, é ver-se-á isto: heroes de nome, e fidalgos de palanquim. O chefe do partido com o *Ultramar* á frente, gritam agora contra o luxo, contra a mania fidalga: economia, economia, agricultura e artes industriaes é o que nós queremos. Eis no que deu uma raça intelligente e de costumes sobrios.

O paiz, na verdade, victima da nossa incuria, e da influencia perniciosa d'esses *leaders*, que deviam ter trabalhado para o nivelamento de todas as classes por uma propaganda exclusivamente portugueza, isto é, tendente a nacionalisar todos os elementos indigenas, deu n'esse pedantismo a um tempo triste e burlesco. As classes não tiveram por base os elementos que constituem a vida e a força das sociedades, mas antes um principio retrogrado, esphacelante, como é o castismo, por unico estimulo ás suas aspirações. Por isso quando esperavam o resurgimento, veiu-lhes o desengano; tudo desappareceu como um sonho. Os inglezes virão agora ensinar-lhes o caminho que deveriam ter seguido. Bernardo da Costa tendo vivido longos annos em Portugal, tenta em vão dar-lhes uma orientação européa. É verdade que na ultima vez que voltou á India (1883) a sua missão estava terminada; não tinha a luctar, nem programmas que submetter á approvação dos governadores. O exercito está extincto, e a classe *oppressora* pobre, humilhada e sem futuro, não possue o brilho que o deslumbrava. A miseria leval-a-á á deshonra, e as orgulhosas Mestiças irão a Marcella, onde as bailadeiras vendem o pudor. (*Phenix* n.º 32.)

Agora nada de patriotismos com os inglezes de fronte; o que se requer são livros para a infancia editados pelo Mestre, e fabricas de conserva em casa para estimular a industria da patria. Um pouco de Padroado para se poder dotar as sobrinhas, e em politica economia, economia em consciencia, em tudo economia. O *amigo particular de Sampaio e Fontes* aproveitou muito com a amizade. Não temos o mahadianismo de 1787 nem o jacobinismo liberal de 35, é o Fontismo transplantado á India e regado com agua de pimenta. A vida resume-se n'isto: o goso como fim e o jogo como meio. Alcançam-se empregos pelo ministerio da marinha, e espreguiça-se á sombra da palmeira. Para que odios e animosidades? Todos somos irmãos, segundo Darwin; o christianismo é um mytho, segundo Comte; sciencia moderna e pingues ordenados é o que se requer para a regeneração da patria. O Mestre aproveitou muito com a *amizade particular*, e está outro desde 1862:

> Tu que falsos recibos arranjaste
> Para pensões pagar do velho tio;
> Que p'ra empolgar maquias de um gentio
> Da tarde á noute o rio atravessaste...
> Revê-te primeiro na propria vida
> .....
>
> (India Portugueza, 24 de setembro de 1862.)

Não nos parece todavia tão feio como os seus inimigos o pintam, e um *patriota* tem o direito de ser perdoado.

Como prova do seu disvelo pela regeneração patria fez-se um Pestalozzi indiano e escreveu folhetos para as crianças: «o syllabario é tropego e informe; pullulam erros de estylo; ensinam se ás crianças até palavras repugnantes pelo descomposto do conceito; a tendencia moral do livro nem sempre é sã, sendo ás vezes todo estimulo pelo interesse grosseiro e material. (*Imprensa, 15 de março de 1873*)[13]. Mas fundou o *Ultramar* e o Monte-Pio de Margão. Do reino enviou o primeiro navio mercante, *Typhon*, (o genio do mal) que injectou nova vida

no systema economico do paiz, e mais tarde, quando perdeu o barco *Villa de Margão*, declarou-se fallido e soffreu agruras: tudo por causa da patria! Em politica possue a consciencia *ad hoc*, e como a Regeneração vive no *deficit* assim elle no *Ultramar*. Para conhecer este seu orgão seria necessario um volume *in folio* e possuir uma noção clara da casuistica e da cabalistica. Aquillo é um armazem de incongruencias. Mas daremos apenas uma carta como typo da sua politica, de seu estylo, que revela o homem.

Governava n'esse tempo a India o general Macedo e Couto, delegado do gabinete regenerador Fontes-Jayme; a colonia portugueza estava extincta, o *Ultramar* dominava a situação, e dava leis ao governador de Goa.

Eis a carta:

«*Tenho presente as muitas apreciadas cartas de v. ex.ª* (de M. e Couto) de 14 e 15.

«Estimei muito *que fosse do agrado de v. ex.ª* o que escrevi: espero successivamente continuar no mesmo gosto.

«A *India* (jornal) é creatura do Campos (presidente da Relação de Goa); deveu-lhe a elle ter os quarenta maiores contribuintes para fazer o recenseamento como lhe convem e as eleições municipaes; o receoso que em o desgostando poderá perder predominio eleitoral n'este concelho (Salcete) faz-lhe vontade em tudo.

«Nós é que não queremos entrar nas eleições camararias em Salsete, nem á quinta facada, porque sendo communs os interesses nossos e os d'elles não ha vantagem na lucta, e o empenho nas eleições põe-nos na escravidão e dependencia de todo o mundo, o que nos cumpre evitar. A experiencia já nos ensinou isso.

«Deixal-o com a sua politica amphibia, que não agrada nem a Deus nem ao diabo.

«Relativamente a politica da metropole, embora Jayme Moniz (pobre ministro, que nem sonhar apanhava) saia do ministerio, como é provavel em vista do seu estado de saude, *estou seguro* que v. ex.ª ha de ter *decidido*

apoio de quem quer que venha substituir no ministerio actual.

«Ao Torrie (chefe de saude e nosso estremecido amigo) vai n'esta semana no nbticiario uma pequena arrochada. Na immediata irá em artigo editorial admoestações que lhe causem alguma dor.

«Como o ministro está doente e por isso as cartas escriptas por v. ex.ª *não podem ser conhecidas do successor* (?!) talvez fosse conveniente por um officio confidencial dar parte da opposição que lhe movem o Torrie, o Moreira (director das obras publicas) e o Silva Campos, abusando da sua posição official como funccionario do governo, e effectivamente o presidente da relação é *funccionario administrativo* na qualidade de presidente.

«O Torrie póde ir a Macau e vir para cá o Magalhães que o S. Januario mandou a Timor. O Moreira é despreciso; e o presidente da relação póde ser apeado da presidencia ou mesmo recolhido ao reino por ter completado todo o seu tempo.

«Será bom fazer *estas lembranças ao ministro e indicar* o Abranches para a presidencia: é o mais competente. Apeados aquelles tres a egreja ha de morrer infallivelmente, e ha de acabar a opposição. O Manuel de Carvalho (procurador da corôa) em simples juiz de relação não póde nada fazer não sendo coadjuvado por outros dois, e *eu tenho esperanças de evitar que elle se desmande.*

«As suas idéas são as *mesmas* de v. ex.ª: é amigo das reformas; mas o seu amor proprio offendido o arrastou para um caminho escorregadio, de *que tenho fé se ha de conseguir arredal-o.*

«N'esta mala escrevi ao meu m. (mano) Bernardo (da Costa), *que é amigo particular do Sampaio e Fontes, para pedir a estes que o auxiliem removendo os funccionarios cujas transferencias v. ex.ª tiver pedido.*

«Na proxima mala quero repetir, e espero que com antecipação me previna a mala em que vai o seu officio. Saude.

«De v. ex.ª—O mesmo.—*A. A. Bruto da Costa.*

«Margão, 18-12-72.».

Esta carta, que foi publicada na *Imprensa* (n.º 128), constitue um documento historico, não só porque a assignatura do signatario foi reconhecida por tabellião, mas muito mais porque o proprio autor vem authentical-a por esta confissão: «não publica (a *Imprensa*) senão *duas d'essas nossas pobres cartas,* com que tanto barulho fazia no seu numero anterior.» —(*Ultramar,* 26 de junho de 1875.)

Nós não achamos, porém, o caso para barulho. Sentimos apenas, que na *alliança negra* entrassem portuguezes como Fontes, Jayme e Sampaio. Se o dever de historiador nos não obrigasse a dizer tudo, nós teria-nos rasgado esta pagina, porque nos envergonha.

Sublinhamos de proposito alguns de seus trechos, porque elles revelam uma infinidade de coisas, que o leitor vae comprehender, e depois envergonhar-se comnosco [15].

Para um estudo completo dos brahmanes de Goa, ainda que julgamos ter dado os traços mais salientes, seria necessario condensar n'um trabalho especial a sua pseudolitteratura, e principalmente os artigos do *Ultramar*. A intelligencia mais poderosa e aguda teria de estacar aturdida e assombrada perante essa serie de factos, contradictorios, anodynos, atravez dos quaes mal se póde definir uma alma. Todavia, notemos isto, que parece um paradoxo: a intelligencia, origem do bem, é, desacompanhada do senso moral, um mal.

«Sem necessidade de defensa da terra, da familia e das leis, absortos pela casta sacerdotal — escreve o douto orientalista sr. Vasconcellos de Abreu — os Hindus não adquiriram o vigor de espirito que torna um povo apto para grandes commettimentos. O caracter moral amesquinhou-se em todos, a ponto de o lavrador ver impassivel os exércitos gregos invadirem o país, atrevessando os campos que ele lavrava e continuava a lavrar sem fito nem previdencia, sem intuito de futuro, indolente, desapercebido, indifferente, sem conhecer patria. Em vez de desenvolver o politeismo (a classe sacerdotal) despenhou a mentalidade dos ignorantes no mais abjecto feiticismo, — o feiticismo de uma casta!... Deste modo os Hindus confundiram a idea de *divindade* e de *intermedio* entre

Deus e o homem, o que é ficar ateu sem consciencia da criação humana da divindade, e feiticista sem possibilidade de communicar com o seu deus.»—(*A litt. e a rel. dos arias no Ind., pag. 70, 71, 75.*)

Fechemos estas paginas, porventura severas, mas verdadeiras, com um quadro mais vivo e palpitante. Dos tramas escuros, das intrigas nos ministerios, das cartas venenosas e das proclamações sybillinas, passemos á vida, á acção, ao campo de sangue.

N'essa ilha de Divar, bella, ridente, onde existe uma veneranda imagem de Christo, attrahindo constantes romarias, ilha onde antigamente existiu uma numerosa aristocracia brahmanica, deu-se ha coisa de 30 annos um crime politico revestido dos caracteres mais perfidos e sanguinarios. Não eram agora os pagãos que trucidavam os nossos missionarios, como em Curtorim, nem os que em tempos queimaram em effigie um vice-rei da India. São centenares de homens avinhados, armados de varapaus e ás ordens do despotico *battcará* (lavrador), trucidando cobardemente um official portuguez, que teve a ingenua boa fé de ir assistir e proteger as eleições de um seu irmão, confiado na sua bravura e na covardia dos seus adversarios. Ora sempre é certo que os covardes são os peores inimigos.

Joaquim Pereira Garcez, irmão do fallecido deputado Caetano Francisco Pereira Garcez, um dos mais prestimosos e valentes officiaes do exercito da India, tivera a imprudencia de ir á ilha de Divar impedir que os *patriotas* de Goa influissem na eleição do seu irmão. Ninguem suspeitava um crime. Na tarde d'esse dia memoravel, memoravel porque foi mais uma vez que a colonia mostrou quanto prezava o nome e a honra de um portuguez, correu por toda a Goa, com a velocidade de uma faisca electrica, a triste noticia de que o joven militar Joaquim Pereira Garcez tinha sido assassinado pelos indigenas. Aos primeiros rumores, alguns dos seus

parentes e amigos atravessaram o Mandovy e correram em auxilio do infeliz mancebo, a quem suppunham ainda poder salvar.

A subida para o alto onde fica a egreja é tortuosa. As ultimas claridades crepusculares mal tingiam o horizonte, e a noite vinha descendo severa e triste sobre aquella ilha, n'esse momento um deserto. Só ficavam alli a egreja fechada de luto, e o cadaver de um portuguez exposto aos tigres, no adro.

Á luz de archotes viu-se um vulto exangue, esfarrapado, sobre o lagedo frio, balbuciando uns ais abafados. Correram. Era Joaquim Garcez, a victima. Um amigo dobra religiosamente os joelhos, e segurando-o pela cabeça tenta levantal-o: *quem é,* Raymundo! *mataram-me covardemente,* disse o moribundo. Quando o fizeram sentar sentiu-se o ruido d'alguma coisa que se vasava, e o tronco rolando sobre si mesmo desappareceu, como se do homem só ficassem duas pernas e um molho de carne. Estava morto. Para o collocarem n'uma *machila* foi preciso fazer dos casacos uma mortalha com que o pudessem levantar do chão. O infeliz tinha os ossos feitos em pó, era uma massa informe de carne, rota e pisada. Á indignação succedeu o horror. Todos choravam.

Esta scena tragica, de que desviamos o olhar triste e indignado, dois annos depois pintava-a no seio da representação nacional o desventurado irmão Caetano Garcez, entre as lagrimas e commoção de todos os deputados da camara. Levantara-se indignado, o illustre deputado, por um indigena, Jeremias Mascarenhas, se bem nos lembra, ter proposto, como um dos representantes da India, que se amnistiasse os réos d'esse crime. «Nem se limitam já elles — dizia Caetano Garcez na sessão de 28 de junho de 1856 — sr. presidente, ao assassinato moral: já começam tambem a derramar o sangue portuguez! Já não é dado a um portuguez, n'uma terra portugueza, apresentar-se desarmado, e só nas suas reuniões publicas! (*Vozes: ouçam, ouçam*).....
Ainda não ha dois annos, sr. presidente, que essas turbas fanatisadas por seus magnates, commetteram o mais barbaro homicidio na pessoa de um joven portuguez, de

um militar distincto, de um cidadão prestante, que inoffensivo e indefeso se lhes apresentara! Prenderam-o, sr. presidente, e manietaram-o com grossas cordas, e depois de bem seguro e ligado, de modo que absolutamente se não pudesse mover, barbara e infamemente o assassinaram, arrojando o seu corpo, feito pedaços, aos braços de uma joven viuva!» *(Grande commoção na camara: tem razão, tem razão.)*

ALBUQUERQUE E A CONQUISTA DE GOA

III

> Albuquerque was not merely a great conqueror. He was a just and humane governor.
> (E. J. Payne.—Europ. Colonmis., pg. 42.)

Por 300 milhas de comprimento sobre 40 de largura corre a zona maritima do Concão desde Damão até Goa. A região desce de 4:700 pés de altura gradualmente para o mar, sobre o qual alteiam montes de perenne inverno. *(E. Haeckel. Voy. dans l'Inde.)*

O Canará norte e sul, com as respectivas capitaes Carwar e Mangalore, occupa em parte essa região, que se estende até ao Malabar. A immensa cordilheira Sehyadri de 1:000 pés de altura, o planalto de Balaghat a 1:500 e 2:000, e a fragosa cascata de Gersoppa adornam essa região fertil e umbrosa, por onde ainda vagueiam restos dos Navâyátas, colonia arabe, e dos *sidis*, descendentes de outras tribus de Africa e Arabia, ahi estabelecidas em tempos anteriores á conquista portugueza.

É n'esta região que por entre copados palmares e vistosas arequeiras espreita o mar a cidade de Gualdeu, seu fundador, Goa ou Gopacpur—terra fresca e fertil.

A antiga Tyndis do Periplo, segundo Rennell, em breve converter-se-á pelo genio audaz de Albuquerque em *mãy de todala India, por assy estar no mêo dela, que seryia cabeça de todolo poderio da India.* Para logo os temidos Angrias e Timojas cederiam o logar aos audazes navegantes portuguezes.

«He ilha cercada dagua — dizia Albuquerque — de muita Remda, e muito proveitosa; barra de muitagua, porto morto de todolos ventos, ilha de muitos mantimentos e muita criaçam.»

Não havia, por certo, maior attractivo para chamar a attenção do illustre portuguez, que buscava um ponto de apoio para o seu gigantesco plano colonial. Embora muitos optassem pela ilha de Ceylão como centro do nosso imperio colonial, cremos todavia que a ilha de Goa offerecia melhores condições de segurança. Além d'isto, como se sabe, sendo Goa a capital do poderio mussulmano, a sua hegemonia politica estava claramente a indicar o destino que deveria ter na transformação do dominio hindustanico. A posição equidistante de Ceylão das nossas possessões africanas orientaes e do archipelago, não nos parece razão sufficiente para que ella fosse convertida em capital do nosso imperio. Demais, nem Colombo nem Ponta de Galles teem porto seguro. As costas ficariam abertas ás invasões dos inimigos como de feito estavam as do Malabar no littoral da peninsula, apesar de innumeras fortalezas dispersas por aquella vastissima região. Se algum erro commetteu Albuquerque foi de certo o de conquistar para Portugal um tão vasto e longinquo imperio.

Não se sabe ao certo quem fossem os aborigenes do Congão. Dos antigos povos da India expulsos pelos Dravidas e Kuschitas, restam ainda os Ghonds ao centro,

ao norte os Kolas e os Sauras ao sul. Estes possuiam uma constituição patriarchal com uma auctoridade de nome Abbaya; não tinham, como os Ghonds os sanguinolentos ministros *torambus* nem as horrendas victimas *meriahs*, eram pacificos e agricultores.

Os antigos habitantes do Canará são os *Toulouvas*. Presume-se que foram restos d'estas tribus nomadas e montanhezas que desceram para o Concão, attrahidos pela fertilidade do solo, e começaram a cultivar os fe racissimos tractos de terreno. Migrando do Sul-Canará para Goa, foram elles que dividiram a terra em *Mulu* (provincias e aldeias) dando o nome aos logares segundo a condição topographica dos terrenos. Estabeleceram o regimen das communas agricolas, transformado mais tarde n'um systema feudatario pela colonia aria, que ahi se estabeleceu ha dez seculos pouco mais ou menos. *(Man. d'hist. anc. de l'ori. Lenormant; G. da Cunha, ob. cit.; F. N. Xavier, Bosq. hist. das com.; etc.)*

A lingua dos aborigenes é ainda desconhecida. Mr. Taylor pensa que houve desde os Himalayas até ao Cabo Camorim um dialecto homogeneo, cujo representante culto é o *tamil*.

A India póde ser dividida em duas classes de linguagens: a linguagem dos invasores arianos ou sanskritoide, e a linguagem de uma raça civilisada ao sul representada pelo *tamil*.

Segundo Lassen, Mackenzie e Ellis, a lingua concani começa pelo norte de Goa até onde chega o maharata, e vai até ao norte de Ulpí (Udipo) ao sul de Goa, junto a Cundapur, onde o *tulu* ou o canará começa.

Em Goa não se fala hoje entre os habitantes christãos o puro concani, nem o maharata; a linguagem é deturpada com vocabulos sanskritos, portuguezes e canarins. Escrevem a lingua do paiz em letras romanas, com que se tem impresso alguns livros de devoção e algumas can-

tigas ou *mandós*. Os gentios, porém, teem a sua lingua falada e escripta com caracteres proprios, que hoje geralmente é o *maharati*, na qual se tem publicado alguns jornaes. O puro concani fala-se desde Malwan até Carwar, ao sul de Goa.

«Em conclusão—escreve o competentissimo dr. Gerson da Cunha—considerando a lingua concani syntheticamente, pode-se asseverar que ella apresenta toda a affinidade com o sanskripto, não só emquanto ás raizes communs, mas tambem na semelhança da construcção grammatical. A incidencia da linguagem, a analyse das inflexões e ainda mesmo a accentuação syllabica póde ser directamente remontada ao sanskripto. Vocabulos de um caracter puramente privado ou domestico, como os que servem para exprimir relações de parentesco, descendem da mesma lingua aryana. Emfim, a parte formativa e symbolica da lingua é de origem sanskripta, ao passo que a porção nocional ou presentiva vem tanto do sanskrito como de outras origens. D'estas origens o persiano contribue com uma porção de vocabulos uteis, que dizem respeito á arte militar, administração da fazenda e navegação; o canarese, termos de natureza objectiva com uma consideravel porção de particulas. Emquanto ao portuguez não se póde dar um logar determinado, por isso que a sua encorporação no concani é regulada mais pelo capricho e ignorancia do que por uma lei fixa do progresso ou desenvolvimento das linguas. A negligencia de quem fala não é muitas vezes a causa d'esta indiscriminada mistura de palavras portuguezas em conversação, quando teem á mão os equivalentes em concani. Quando occorrem synonymos de origem sanskripta e canarina, taes como *'phator* e *gundó* (pedra), os primeiros termos são, como regra, usados pelas classes mais elevadas, e os segundos pelas inferiores, cuja pronunciação é, além d'isso, extremamente pesada (*thick*) e deturpada.» — (*Konca lang. and litt., pag. 24.* Vidè tambem *ens. hist. da ling. conca. C. Rivara.*)

O concani romanisado tem como representantes litterarios a Fr. Francisco Xavier, autor do diccionario e grammatica concani-portuguez, e os auctores dos *Puranas*

(cantos christãos laudatorios ou commemorativos), padres Francisco Vaz de Guimarães, Thomaz Estevão, Diogo Ribeiro, Manuel Jacques de Noronha, Gomes Faria e Paschoal Dias.

A queda do concani deve-se em parte attribuir ao influxo de varios povos que dominaram Goa, e de cujos vocabulos se deparam vestigios na lingua, e ao zelo catholico de nossos missionarios, principalmente franciscanos, e de alguns vice-reis, que se horrorisavam de tudo quanto lhes pudesse lembrar a origem pagã d'esses povos.

Os brahmanes, como se sabe, tinham-se refugiado na terra firme, e talvez ali pudessem conservar a pureza da lingua e salvar da devastação os seus monumentos litterarios se nós os não fossemos perseguir até no mais recondito logarejo.

Um furor iconoclasta se apossa dos portuguezes contra os idolos e pagodes dos gentios, e ao lado dos pagodes que se derrubavam e dos idolos que se trituravam com gaudio de todos, viam-se pyras de fogo consumir livros e manuscriptos d'essa lingua, da qual poucos dados ha hoje. Quantas preciosidades architectonicas e litterarias não se perderam n'essa corrente de insania religiosa!

A historia, porém, faz justiça aos jesuitas pelo seu empenho em cultivar e estudar os monumentos historicos d'esse povo, entre o qual raiou primeiro a luz da imprensa devido ao louvavel zelo da mesma ordem religiosa.—*(A Imp. em Goa., S. Garcias.)*

Outros, mais zelosos, mais sinceros talvez, entendiam dever dar cabo de tudo—pagodes, concani e pagãos. Ao lado do jesuita Henrique Henriques, o apostolo do Camorim e acerrimo cultor do concani, levanta-se esse outro D. Frei João d'Albuquerque, bispo de Goa, que mandava colligir os livros concanis e queimal-os publicamente em holocausto á Ignorancia e ao Fanatismo.

Elle proprio nos dá em uma carta o vivo testemunho da sanha de que se achava possuido contra o irreligioso concani:

«Averá dous meses que mandey na Ilha de Divar hu meirinhó da Igreja e o padre da Irmida e duas testemunhas a buscar pagodes e livros da jentilidade a casa dum jentio omrrado porque quãdo vão, vão a cousa çerta, acharão hũa canastra meam alta de cairo com hũa capa em cyma chea de livros a sua guisa; trouxeram nos aqui a casa. tamto andou favoreçemdo este dadaji a este jentio onde se acharão os livros que alcamsou do gov (governador) que me mandasse pedir os livros a esta casa omde eu moro, um criado da parte do gov. emtramdo omde eu estava com o mesmo dadaji que tornasse a dar os livros aquelle jentio; eu não pude sofrer demtro no coração o caso deste man.ª levamteime da cadeira sem falar tomey o bordão que tinha a par de mim corri ainda que velho e fui tras ele toda a camara e sala; como era moço correu mais que eu até a porta da rua e chegamdo eu a porta cuidey que lhe dava com o bordão nas costas; o portal era baixo e com açodamento dei com o bordão no portal e filo em dous pedaços.» [15]

Sobre o mesmo assumpto, o mercador italiano Felippo Sassetti escrevia de Goa com a data de 9 de novembro de 1585:

... «Goa d'onde a maior e a melhor parte de gentios que aqui habitavam, que eram muitos e muito doutos, por ser terra de estudo, foram para outras partes. De maneira que esta cidade de Goa, bella em posição, grande em circuito, cheia de bellas coisas e rica pelo commercio, que aqui era maior do que em qualquer outra parte, é reduzida a pouco e cada vez vai para menos. A causa da partida d'estes gentios é a pretensão da conversão d'elles; mas tendo-lhes sido prohibido ler a sciencia, fazer os sacrificios e devoções; sendo os seus bens apropriados e seus templos, e novamente vedado que não passassem de cá á terra firme, como faziam, para celebrar as suas cerimonias, o melhor d'elles foram viver em outros sitios, ficando a féz de toda aquella gente, á qual pouco importa viver mais d'esta que d'outra maneira.» - *(Lettere di Filippo Sassetti. Milano 1674.)*

Em 1684, a pedido dos parochos franciscanos de Bardez, o vice-rei da India Francisco de Tavora, conde de

Alvor, por um alvará publicado em 27 de junho d'esse anno, acha conveniente que o povo de Goa *deponha o uso do idioma natural.* O inquisidor Antonio Coutinho, em 1731, tambem achava dever prohibir o uso da lingua, *porque,* acrescentava o discipulo de Torquemada, *como não falam senão a lingua da terra vem os Botos, servidores* e grous *dos Pagodes ás ditas Aldeias occultamente e com os homens e mulheres d'ellas ensinam dogmas da sua seita e os persuadem a ella e que lhe dêm esmolas para os ditos Pagodes.*

A par d'este zelo christão, um mal entendido amor por coisas portuguezas levava o arcebispo D. Fr. Lourenço de Santa Maria a prohibir o sacramento do matrimonio a *todo aquelle homem ou mulher que não soubor ou não usar e falar a lingua portugueza;* bem assim o arcebispo Silva Torres e o vice-rei D. Manuel de Portugal, um prohibindo a lingua da terra no seminario de Rachol, outro nas escolas officiaes.

Do zelo mal cabido de uns e do patriotismo mal entendido de outros, que é que resultou? O portuguez sem mestres europeus, o ensino primario confiado a indigenas, fez com que na India a nossa lingua ficasse, como causticamente notou Camões, *meada de muita hervilhaca.* O latim quasi que geralmente substituiu o nosso idioma entre a gente educada, e o concani quasi que desappareceu d'entre os indigenas christãos.

«Goa ainda que entra na Concanã (Concão)—diz o autor italiano da grammatica concani—e a sua linguagem seja verdadeiramente Concanã, hoje he corrupta, por terem introduzido mil palavras portuguezas das quaes a maior parte são estropeadas, poucas são reduzidas á analogia do idioma de Concanã, e uma grande parte he usada tal qual em portuguez.» [16]

De duas ou tres laminas de cobre descobertas em 1641 e enviadas a Lisboa em 23 de janeiro de 1727, segundo o sr. Gerson da Cunha, e segundo outra auctoridade acha-

das em abril de 1054 da era vulgar, e escriptas em letra *Nandinaga* (?) na lingúa Sansorut (?), deprehende-se que o principe que desceu sobre Goa para a conquistar aos seus pacificos habitantes, chamava-se Jayakésî II, da dynastia Kadamba, e que reinou ahi pelos annos de 1090 da nossa era.

Seguiram-se os principes da dynastia de Châlukyas, tribu poderosa dos Râjputs, que se suppõe ter vindo de Oude. Esta dynastia achava-se estabelecida em Kahânapura, perto de Beder, do territorio do Nizam, 250 annos da era vulgar. O seu poder subiu ao maior auge nos seculos IV e V, e decahiu em 1182 pela conquista do seu reino pelos Yâdavas. Successivamente Goa passou ás mãos dos Râyas de Vijayanagara, e d'estes para as da dynastia Bahmani dos musulmanos, que se assenhorearam do territorio (1347-1489) até que o Concão fosse dividido em cinco pequenos reinos, ficando Goa incluida no reino de Bijapur, fundado pôr Yasuf Adil Shah, o Idalcão dos portuguezes.

No tempo do seu lugar-tenente Mullek-Eia-Almuk, governador de Goa, foi esta conquistada por Affonso de Albuquerque.—*(Bosq. hist. de Goa. Cottineau de Kloguen.)*

Bijapur aformoseada em 1566 por Ali Adil Shah, com os seus largos fossos, o mausoléo sumptuoso de Muhammad Shah e a mesquita de Ibrahim Adil Shah, depois da dissolução da dynastia Bahmani, em 1489, teve uma serie de reis independentes até que Shah Jahan, em 1650, a fez sua tributaria. Aurangzeb aboliu a monarchia e teve debaixo do seu jugo até 1724, tempo em que o Nizam a encorporou no seu dominio. Em 1760 os mahratas conquistaram o reino, que foi depois annexado ao territorio inglez na queda do Peshaw, em 1818, sob o rajah de Satará.

Goa não podia deixar de attrahir as attenções de Albuquerque, como sendo um ponto estrategico de primeira ordem. A sua posição insular, defensavel por terra pela linha de cortinas que a circumdariam pelo nascente, protegendo-a contra as invasões da terra firme, resguardada

pelo lado do mar pelas fortalezas da Aguada, Mormugão, Reis Magos, Pangim e Gaspar Dias; isolada por dois rios, cuja passagem não seria facil ao inimigo; entre Cochim, a séde do nosso imperio nascente, e Ormuz, chave do estreito e um posto avançado contra as incursões dos arabes e persas, naturalmente a indicavam como *may de todola India.*

Dèsde o momento em que isto se concebeu, Albuquerque revela-se-nos a um tempo um valoroso soldado e um proeminente homem de estado. Os Clive, a quem Macauly compara com Napoleão, os Hastings, os Delhousis, os Cornwallis não passam de aventureiros felizes ao pé d'este gigante do seculo XVI. Todos seguiram, mais ou menos, no caminho traçado por Albuquerque, o *terribil.*

«Foi o unico espirito organisador que houve na India — diz sensata e profundamente sobre as coisas da India, o sr. Costa Lobo — e no seu pensamento devia a India ser mais que a cevadeira de Portugal. Entendia por isso que os fidalgos couraçados de ferro, os escudeiros penseriosos, os rascões famintos, os serraños da Beira e os abegões do Minho, os gualteiros e aventureiros de todo o reino, que se lançavam, como adibes, a prear na India, só uma disciplina inexoravel era capaz de os conter na guarda e respeito das tradições cavalleirosas do seu paiz natal.—(*Mem. de um sol. da Ind. Compil. por A. de S. S. Costa Lobo.*)

Como soldado, o conquistador de Goa levava á India uma tradição gloriosa. Em Arzilla aos 19 annos era um bravo; em 1489 quando foi a Tarento em soccorro do rei de Napoles, mostrou quanto valia na defesa do forte Graciosa.

Em principios de abril de 1503 (contava 50 annos) ao tempo em que voltava a Portugal Pedro Alves Cabral, sahia Albuquerque pela primeira vez para ir construir a Cochim um forte a mandado de el-rei D. Manuel. Foi como simples capitão-mór de tres navios; acompanhavam-no seu primo Francisco de Albuquerque, Fernão Martins de Almada, Duarte Pacheco Pereira, Antonio Saldanha e outros. Francisco de Albuquerque foi quem chegou primeiro a Cananor.

Corria o mez de setembro, d'esse anno bem mau para as coisas portuguezas na India. O nosso alliado de Cochim fora desthronado pelo Zamorim. O desleal Vicente Sodré não soubera conservar o prestigio do nome do seu paiz, que seria ao depois cabalmente desaffrontado por Pacheco. Em fins de setembro chega a Cananor Francisco de Albuquerque, e com mais seis caravellas vai em soccorro do rei de Cochim, a quem consegue reintegrar no throno. Outra vez recomeçam as hostilidades, provocadas pelo Zamorim, que tinha mandado destruir a feitoria de Calecut e trucidar os dez portuguezes que ahi estavam.

O inverno d'esse anno foi cheio de peripecias. Lizuarte Pacheco, Alvaro Borralho, Pedro Alvarengo, e sobre todos Duarte Pacheco, o heroe do passo de Cambalão, deviam illustrar n'essas paragens o nome portuguez. O pagem do Zamorim cahia-lhe ao pé varado por uma bala, e tal era o ardor na peleja *de mouros por mar, gentios por terra,* que os portuguezes *deixarão por aly tudo feyto em carvão:*.

> Nenhum claro varão no marcio jogo,
> Que nas azas da fama se sustenha,
> Chega a este, que a palma a todos toma,
> E perdôe-me a illustre Grecia ou Roma.

Pacheco, porém, morria depois em Lisboa, no mais completo abandono e esquecimento!

Depois dos feitos dos Pachecos, dos Castros e Medanhas, em julho de 1504, volta Albuquerque a Portugal para tornar a ir á India em 1506, na armada de Tristão da Cunha.

Em 18 de abril do mesmo anno (1506) sahia a barra de Lisboa a armada de Tristão da Cunha. Na *Cirne* ia Albuquerque para a conquista de Ormuz [17].

O senhor de Benim já havia revelado a D. João II os reinos do Preste João, o Negus da Abyssinia. Pedro da Covilhã e Gonçalo de Payva tinham corrido a *Hespanha, França, Italia celebrada,* ficando muitos por essas regiões da expedição exploradora:

> LÁ morreram, emfim, e lá ficaram,
> Que á desejada patria não voltaram.

Bartholomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas (1486-1487). No mesmo anno Antonio de Lisboa e Pero Monteyro hão deviam passar além de Jerusalem por não saberem o arabe; mas a Covilhã caberia a gloria de indicar em cartas do Cairo, o itinerario da India pela costa occidental de Africa. Só dez annos depois (1497) Vasco da Gama iria aportar a Calecut, onde Covilhã estivera.

D. Manuel, tres annos depois da morte de D. João II, enleadó pelas relações dos nossos viajantes e principalmente pelo que dizia Bartholomeu Dias, animado porventura de uma cobiça secreta, que o astronomo de Beja, Bèn Zacuth, habilmente instigava, escolhe Vasco da Gama para o descobrimento da India.

Em 25 de março de 1497 sahiam a barra de Lisboa, via Cabo Verde, as tres naus *S. Raphael, S. Gabriel* e *S. Miguel*. Na primeira ia o descobridor da India com o piloto Pero de Alemquer; Paulo da Gama e Nicolau Coelho nas outras duas.

Era grande o apparato com que elles iam affrontar o mar. O povo formigava em frente da egreja de Belem entre prantos e sentidos adeuses.

Paes velhos e tremulos beijavam com visivel angustia os filhos que partiam; os amorosos avós, alguns cegos, apalpavam afflictos os seus rapazes, beijando-os soffregamente, emquanto as afflictas mães lhes enchiam o bolso de presentinhos, chorando. Bellas moçoilas, esposas e amantes, sentadas na praia, abraçadas aos pés dos seus homens, quasi que eram levadas de rastos, abrindo grandes sulcos na areia, como de victimas arrastadas ao supplicio. A saudade e a esperança, o desalento e a tristeza, o desespero e o desengano, confundiam-se na terrivel harmonia da dôr, mar sem fundo e noite sem estrellas:

N'estas, e outras palavras, que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a edade:
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca área as lagrimas banhavam
Que em multidão com ellas se egualavam.

Camões, propheta do exodo portuguez, com a criação do velho de *aspeito venerando,* viu bem claro que para breve essas lagrimas regariam a lapide pesada da ingratidão patria!

Vasco da Gama dobra o Cabo em 22 de dezembro, quasi oito mezes depois de largar Lisboa, não sem reprimir severamente a insubordinação dos tripulantes. Em janeiro de 1498 os nossos andavam pelos rios e enseadas da Africa oriental—Inhambane, Quilimane. A nau *S. Miguel* inutilisara-se. Depois correram a costa até Melinde, onde tomaram piloto para Calecut. Em Sofala, Vasco teve noticias da India, e depois de ter bombardeado Moçambique, por causa da traição do Xeque, partiu para Quiloa e d'ahi para Mombaça, onde a flotilha se ia espedaçando contra uns cachopos. A 20 de maio de 1498 Vasco ancorava em Calecut. (*The three voy. of Vasco da Gama. Henry E. J. Stanley.*)

Depois da sumptuosa recepção na côrte do Zamorim e das agruras por que o fez passar o perfido Catual, Vasco, com as premicias da India deixa o perigoso porto de Calecut em 29 de agosto. No seu regresso aporta a Cananor, e a 20 de novembro de 1498 arriba á ilha de Angediva, onde 12 annos mais tarde Albuquerque se havia de preparar para a conquista de Goa.

O navio de Nicolau da Cunha chegou primeiro a Lisboa. Era em 18 de setembro de 1499. Quasi tudo vinha doente a bordo, e o proprio Gama tinha perdido o seu irmão. D. Manuel recebeu em Cintra as primeiras novas da verdadeira India. O mensageiro recebeu boas alviçaras, porque talvez repetisse ao *venturoso* monarcha as palavras com que o moiro castelhano recebera os nossos nas praias de Calecut: boa ventura! boa ventura! muitos rubis! muitas esmeraldas!

Começam já os *fumos* da India. Bem cedo vem raiando os dias tristes em que as mesquinhas rivalidades, as invejas e as irreductiveis ambições escurecem de quando em quando as paginas brilhantes da nossa historia. Albuquerque já o tinha pronunciado quando, antes de partir para a India, dissera a D. Manuel na sua linguagem virilmente plebéa que a *India era a mayz perigosa cousa*

do mundo pera homens vãaos e cheos de vento. A pimenta do Malabar e o ouro do Brasil traziam este povo aturdido, enchendo-lhe a alma de loucas e chimericas ambições. Para um paiz lancinado de continuas epidemias, queimado pelo enthusiasmo de um catholicismo feroz e lugubre, constantemente saqueado e devastado por aventureiros de toda a casta, sem governo nem riqueza productiva, a aventura era o seu unicó recurso e a sua unica razão de ser. A nossa alma apaixonada e expansiva teve para onde lançar-se com destemida energia e firmeza.

Depois do descobrimento da India, de 1498-1506, epoca em que Albuquerque deixava Portugal pela segunda vez, sete armadas tinham sahido do porto de Lisboa.

Á epoca de delirio religioso, de fogueiras da Inquisição, de procissões e cavalgadas, seguiu-se o turbilhão da riqueza desvairando os animos primeiro, amollecendo, embotando-nos o caracter, depois. Todavia, Lisboa em uma unica cousa se parecia com Carthago ou com Veneza — na immensa alluvião de estrangeiros. Dominava-nos mais a embriaguez de coisas grandes do que a fria exploração das riquezas orientaes n'este periodo de aventuras. O que nos perdeu foi a nossa posição geographica, exposta ás incursões de estrangeiros, que vinham explorar os mundos descobertos á custa de Portugal. Os melhores dos nossos filhos se expatriaram, deixando-se substituir por portuguezes de inferior quilate, por estrangeiros ou por uma geração viciada no sangue. O nivel moral e intellectual decahia com a immigração de raças inferiores, de negros principalmente, o que fazia dizer a Garcia de Rezende:

> Vemos no reino metter,
> Tantos captivos crescer
> E irem-se os naturaes,
> Que, se assim for, serão mais
> Elles que nós, a meu ver.

Ao lado de soldados e marinheiros tisnados pelo sol da Africa viam-se por essas ruas de Lisboa aventureiros de quasi toda a Europa — venezianos, flamengos, inglezes, francezes.

O que voltava da India, mesmo que não tivesse pelejado, julgava-se um heroe. A tez queimada, um lenço de seda ao pescoço e uns ares cheio de si, indicavam-o á turba, faminta de novidades. Acercavam-se d'elle os curiosos e os peraltas. Dando-se então ares de um Pacheco o pobre Gaspar, que agora voltava feito Dom Gaspar, contava as maravilhas da India.

Contava, indignado, como se estivesse presente, o morticinio dos portuguezes na feitoria de Calecut e a morte de Ayres Corrêa, e baixando os olhos por modestia e dando mil graças a Nossa Senhora do Amparo, relatava como os piratas o teriam morto em Baticalá, se a sorte o não preservasse. A sorte, porém, ser-lhe-ia cruel, tempos depois, porque no passo de Cambalão, mesmo á ilharga de Pacheco, do grande Pacheco — gritava — tinha tido a honra de ser ferido n'uma perna, que elle orgulhoso apontava aos ouvintes. Não fossem duvidar; ainda não ha muito que elle coxeava e trazia a perna ligada por sobre o joelho!

—Ainda tenho o signal, dizia, arregaçando as calças.

—Não precisa, não precisa; tu és um valente, todos nós te conhecémos, continúa, a uma voz exclamavam os ouvintes já enthusiasmados.

Depois, iriam de braço dado ao heroe para as boas pandegas do Bairro Alto. Os applausos conseguiam engrossar as fileiras dos admiradores, e D. Gaspar preparava-se, tentando chamar á memoria os feitos dos portuguezes.

—Ah! exclamava elle, não vos quero contar o incendio da frota do Zamorim por D. Vasco nem a abordagem em que D. Lourenço de Almeida fez proezas de valor. Quem se não lembra do Valente Cid de Sousa?!

Tres naus de Meca passavam junto do Monte Formoso: uma vinha cheia de bellas turcas. Manuel Telles de Vasconcellos deu-lhes caça, captivando uma d'ellas. N'este momento, dois mouros que se tinham lançado ao mar, de punhaes nos dentes, subiam pelas amarras como dois tigres esfaimados. Loucos de ciume, pensavam immolar as mulheres antes que os portuguezes as tentassem violar. Foi n'este momento que Cid de Sousa

se lançára egualmente ao mar indo em soccorro das pobres victimas, conseguindo salval-as do fero ciume mussulmano.

Emquanto se contavam estes e outros casos a uma esquina da *Casa da India*, outros grupos falavam, borburinhavam, commentando as ultimas noticias chegadas da Asia. Liam-se as cartas vindas na ultima nau, a noticia de um que se tinha esquecido da sua Penelope por alguma *perrinha malabar*, ou de algum soldado, ainda moço, que tinha succumbido em Goa ao *mordaxim* (colerina). Quasi sempre as cartas ao principio maguavam os circumstantes, porque o ausente lhes contava as agruras da viagem, as febres, o escorbuto e as miserias por que passara na costa do Malabar. Graças ao Senhor, porém, elle se tinha salvo do perigo de vida em que estivera por occasião do morticinio de Antonio de Sá e seus companheiros na feitoria de Coulão, e ainda esperava, se Deus quizesse, regressar a Portugal com alguns bons presentinhos á senhora sua comadre.

N'um grupo mais afastado, sentados sobre fardos de pimenta, conversavam com certa gravidade os homens de negocio, os *chatins* que muito se interessavam pela causa das armas portuguezas. Uns tinham sido feitores, outros voltavam das nossas primeiras campanhas. Aqui a discussão corria acalorada. Havia um que achava dever desculpar-se o procedimento de Vicente Sodré, porque tinha prestado um grande serviço em apresar varios navios no golfo de Cambaya; outro discutia sobre se o feito de Francisco Marrecos no porto de Marabia não era superior ao de Lizuarte Pacheco e Diogo Foio no rio de Cochim. Um não podia admittir que João Serrão fosse mais destemido que João Negrão, que em Mombaça fôra o primeiro a escalar o muro da cidade debaixo de uma chuva de frechas. Estas e outras polemicas não raras vezes acabavam por terminar em pugilatos e grossa descompostura. Nas ruas e praças de Lisboa tratava-se mais das coisas da India do que na mesma India. Ninguem pensava em outra coisa.

Nos circulos comesinhos, nos recessos domesticos, a vida attinge por vezes que é de fascinação e assombro.

Falava-se da India como de um poder occulto, com o mesmo acatamento e susto como se falaria na Inquisição ou na efficacia das bruxas, porque a India era o demonio tentador d'este povo. Contava-se muito a segredo, como que atemorisados pela sua riqueza, o que por ahi tinham visto e o que corria de bocca em bocca. A India exercia um poder sobrehumano sobre essa gente que do dominio do terror religioso passava ao da tyrania da riqueza; e o ouro aterra, dementa.

D. Lourenço de Almeida comprara á rainha de Coulão dois rubis *por corenta mil cruzados!* Na côrte do Zamorim o brilho da riqueza chegara a *impedir a vista* aos portuguezes. Cingia-lhe a cabeça uma corôa de scintillantes rubis; enormes brilhantes luziam-lhe dos seus grossos e unctuosos dedos; das orelhas pendiam-lhe perolas do tamanho de cerejas; os braços cingiam-os largas chapas de ouro marchetadas de finas saphyras; o collar de perolas afogava o pescoço e o cabo da adaga era todo de uma só esmeralda! O ouro era tanto que não só as mulheres usavam argolas aos pés, mas até os elephantes traziam ao pescoço collares de ricas pedrarias.

«Extranha sociedade esta — bem nota o sr. conde de Ficalho — em que as familias vivem de continuo sobresalto, olhando para os horizontes azulados do vasto oceano, donde póde vir a fortuna ou a desgraça.» —*(G. d'Orta e seu tempo.)*

Mas ainda Albuquerque não tinha aberto de par em par as portas do Oriente, de Ormuz e Malaca. Então a febre crescerá e os fogosos *dandys* de Lisboa, tresloucados pelo ouro, contaminados pela vertigem oriental, entregar-se-ão aos quentes e espreguiçados abraços das mulatas, com quem *fazem pagodes bailando de sol a sol.* Portugal em peso embarca para a India ao cheiro da canella de que tanto se arrecadava o judicioso Sá de Miranda:

D'estes mimos indianos
Hei grão medo a Portugal,
Que venham fazer-lhe os damnos
Que Capua fez a Annibal.

Depois dos mimos viriam as intrigas, as *cartas dos*

puetas da imdia, como lhes chamava Albuquerque, malsinando os que mais trabalhavam para conservar bem alto o nosso nome n'essas paragens. E, infelizmente, uma terrivel fatalidade teimava em perseguir os alevantados caracteres, protegendo-se os que faziam alardo de latrocinios, como D. Alvaro de Noronha, a ponto de Albuquerque dizer ao rei: «tamtò pode vos alteza ir por este caminho, que darês com tudo feito no chão».

Gil Vicente, o phototypista genial d'esse tempo, dá-nos no *marido* do seu *Auto da India,* o typo verdadeiro do nosso soldado. Era assim o portuguez de então: rude, mas franco; pervertido, mas convicto. A India para elle era uma mina, um patrimonio seu, porque a conquistara a troco da propria vida. Da fé na India é que elle vive, e pór isso conta á mulher os seus desvarios, como se lhe narrasse as peripecias mais innocentes:

Fomos na volta do mar
Quasi quasi a quartelar:
A nossa Garça voava
Que o mar s'espedeçava.
Fomos ao rio da Méca,
Pelejámos e roubámos,
E muito risco passámos
A vela e arvore sêcca.

Pelejámos e roubámos diz o marido, e isto compendia tudo. Gil Vicente é poderoso n'este traço da consciencia humana. O soldado, pervertido, mas não um sceptico, faz de boa fé o roubo, estipendio da guerra. A mulher, que não comprehende a philosophia do soldado, mal ouve *roubámos,* pergunta-lhe logo:

Porém vindes muito rico?

O marido então com visivel tristeza e sempre de boa fé, conta-lhe as proezas do capitão:

Se não fôra o capitão,
Eu trouxera o meu quinhão
Hum milhão vos certifico.
Callae-vos que vós vereis
Quão louçan haveis de sahir.

Que adoravel pirata e que differente do hodierno histrião pretencioso! O typo foi pouco a pouco amesquinhando-se, chegando a chateza villã de nossos dias.

Rezende pintava-os:

> ..... capinhas
> Muitos curtos pelotinhos,
> .....
> .....
> E muito más invenções
> Porque tudo são coisinhas.

Albuquerque, mais lusitano, não possuindo a fina ironia de Rezende, classificava-os de *danadores*, e queria-os mandar de presente n'uma gaiola a el-rei D. Manuel: «se eu não ouvessè medo de vossa altèza, hũa duzia d'estes danadores de todo bem vos mandaria metidos em hũa gaiola».

Em breve iria Albuquerque arcar face a face com esses danadores. Estamos em vesperas da sua partida; aprestava-se a armada de Tristão da Cunha, d'este que representou a nossa miseranda grandeza na côrte de Medicis, e que mandara dizer para a India a seu filho Nuno: «manda pimenta e deita-te a dormir».

D. Manuel estava em Evora, fugira á peste que dias antes da partida de Albuquerque daria pretexto á St. Barthélemy portugueza na primavera de 1506. Aos 18 de abril do mesmo anno Albuquerque na armada do Tristão da Cunhã em companhia dos capitães Manuel Telles, Affonso Lopes da Costa, Francisco de Tavora e Antonio do Campo, partia para a conquista de Ormuz.

O periodo que decorre da partida de Albuquerque á tomada de Goa é uma notavel epoca de heroismos, de abnegação e de esforçados feitos.

Da armada de Tristão da Cunha uma nau foi levada pelo temporal á India, duas deram em bancos de coral e outras chegaram a Moçambique.

D. Lourenço de Almeida tinha já descoberto as ilhas Maldivas, e agora os nossos corriam a costa oriental de Africa castigando os aggravos feitos ao rei de Melinde. Tristão e Albuquerque arrasam Ançoja e assaltam a cidade de Brava, onde quarenta portuguezes cahiam varados na peleja sustentada pelas ruas. Ao clarão do incendio e emquanto a soldadesca ebria saqueava a cidade, Albuquerque arma cavalleiro Tristão da Cunha, gravemente ferido no combate.

A ilha de Socotorá tinha tambem cahido em nosso poder, não com pequena lucta. Separam-se aqui os dois capitães: Tristão para a India, e Albuquerque para Ormuz. As naus de Tristão correram as costas do Malabar, apresando e incendiando navios em Panane, até que afinal travaram a memoravel lucta em que ficaram feridos D. Lourenço de Almeida e Nuno da Cunha, uma criança de treze annos! Foi depois d'essa memoravel campanha naval, dentro do rio, contra as forças do rei de Calecut, que Almeida armou cavalleiro o filho de Tristão da Cunha.

N'esse tempo, em abril de 1507, D. Lourenço que estava então dentro do rio de Chaul, recebeu a nova de que Melique Yaz, capitão de Diu, vinha com uma grossa armada. Victorioso ao principio, o filho do vice-rei descia o rio para atacar em pessoa o inimigo. A nau de Lourenço de Almeida presa n'uma estacada á foz do rio tornou-se facil presa do fero musulmano. Trava-se uma lucta infrene, sangrenta, desesperada, até que afinal uma bala de artilheria amputa as pernas do infeliz Almeida que, mandando-se amarrar ao mastro grande, d'alli dirige a peleja até dar o ultimo suspiro! Muitos portuguezes como João Vaz de Almada, André Silveira, Manuel Telles Barreto, foram mortos no recontro, cantado por Camões:

> Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
> O mar todo com fogo e ferro ferve,
> Lhe farão que com vida se não saia
> As armadas do Egypto e de Cambaya.

Já por esse tempo Affonso de Albuquerque fazia a sua entrada triumphal em Ormuz, depois de ter devastado Calayate, Curyate e Mascate.

Corria o anno de 1508. Tinham partido para a India a armada de Jorge de Aguiar e varias outras naus para reforçar a armada do golfo e da costa. Entretanto o vice-rei se preparava para vingar a morte do filho. Em 1 de fevereiro de 1509 chega D. Francisco á barra de Diu, apoz o desbarato de Dabul. Melique Yaz humilha-se depois de uma lucta gigantesca em que o incendio das naus inimigas vinham illuminar as terriveis abordagens:

Verás braços e pernas nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores;
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores;
Quant' alli sentirão olhos e ouvidos
E' fumo, ferro, flammas e alaridos.

Albuquerque tinha sido nomeado governador (1509); e as desavenças entre este e o seu antecessor, chegando Albuquerque a ser preso e retirar-se desgostoso para Cananor, dão-se depois da campanha naval no golfo de Cambaya. Almeida de regresso a Portugal terminou os seus dias ás mãos dos cafres na Aguada do Saldanha, junto ao Cabo de Boa Esperança.

No mesmo anno (1509) chegára á India a armada de D. Fernão Coutinho, o desastroso marechal da campanha de Calecut. A principio, tanto Albuquerque como Coutinho levaram de investida o inimigo até ás portas do palacio do Zamorim; mas na retirada os soldados, cuidando mais das portas do Sarâme do que das suas adagas e arcabuzes, cae-lhes o inimigo por cima, trucidando setecentos portuguezes, entre os quaes se contava D. Coutinho, que alli morreu, e ficando ferido o proprio governador.

O futuro conquistador de Goa ferido e alquebrado por um tal desastroso revez, que custou a vida de valentes cavalleiros como Vasco da Silveira, Leonel Coutinho e Manuel Pessanha, partiu para Cochim e começou a aprestar a armada que levaria ao estreito até Suez, para de uma vez acabar com a influencia dos turcos e rumes nos negocios da India.

Em fevereiro de 1510 deixa Albuquerque Cochim com uma armada de 23 velas, a fim de segurar melhor Ormuz e pôr diques á invasão dos turcos, que por esse tempo urdiam a perdição dos portuguezes. Goa era então o theatro d'esses planos ardilosos em que entravam todos os chefes musulmanos. Quer seja para desviar a attenção de Albuquerque de sobre Goa, cidade rica e commercial, quer para que as coisas ganhassem tempo, o certo é que o Sabayo, apenas soube da derrota do rei de Calecut e dos aprestos da armada do governador, lhe mandou offerecer o rio de Cintacorá e as terras adjacentes, que rendiam cem mil pardaos de ouro.

A 10 de fevereiro de 1510 parte Albuquerque de Cochim com o proposito de ir a Socotorá e ahi juntar-se a Duarte Lemos e depois irem ao mar Roxo ao encontro da armada do Soldão. No porto de Margeu lhe veiu ao encontro Timoja persuadil-o a que desistisse do seu intento e a aconselhal-o a que tomasse Goa, visto o Sabayo estar ausente da cidade e a população muito descontente com as tyrannias do capitão Melique Çufergugi. Aplanadas as divergencias de alguns capitães concertou-se partir para Goa: Melique Çufecòndal, antigo capitão do Sabayo ao serviço de Timoja, iria com 2:000 homens por terra e Albuquerque por mar. A chegada da gente de Timoja, o inimigo evacua a fortaleza de Cintacorá, que foi logo arrasada pelo nosso alliado, e a 28 de fevereiro surge a armada portugueza na barra de Goa [18].

A manhã raiou auspiciosa para as armas portuguezas. D. Antonio de Noronha, Jeronymo Teixeira, Garcia de Sousa, Jorge da Silveira e Diogo Fernandez de Beja em fustas, e Timoja com os seus, sobem o Mandovy. A fortaleza de Pangim (hoje palacio do governador) defendida por Yassuf Gurji rompe o fogo. D. Antonio de Noronha, habil e valente capitão, vendo que as balas inimigas os não poderiam molestar se se acercassem da fortaleza, manda remar para a praia. Os marinheiros desembarcam e escalam a fortaleza pela banda do rio. O inimigo assombrado de tal arrojo, deixa D. Antonio victorioso e retira sobre a cidade.

Do outro lado de Pangim, proximamente onde hoje

está a egreja da Penha de França, havia um baluarte para onde foi mandado Timoja, que o achou evacuado. Apesar de uma tão fraca resistencia, Albuquerque não quiz subir o rio sem mandar D. Antonio estudar a posição interior do inimigo. Desce então o Mandovy um paráo com dois mouros, principaes da cidade, que vinham em nome do povo capitular e entrar em negociações de paz. Albuquerque exige a entrega dos turcos e vai juntar-se a D. Antonio defronte da cidade com o grosso da armada. O inimigo oppõe difficuldades em infringir a lei da hospitalidade; Albuquerque recalcitra e ameaça os emissarios de tomar a cidade de Goa no dia seguinte. Garcia de Sousa e D. Jeronymo de Lima guardaram toda a noite a porta do mar; mas os mouros, capitaneados por Melique Çufegurgi, abandonam a cidade e fogem pelo Passo de Gandaulim.

Logo ao romper da alva de 1 ou 2 de março, os portuguezes, tendo á frente um frade de S. Domingos, com a cruz alçada e a bandeira desfraldada, entraram a cidade pela porta, que mezes depois se teria de forçar á custa de muito sangue portuguez.

Albuquerque via mais uma vez a patria victoriosa, respeitada; cae de joelhos nos umbraes da cidade em acção de graças ao Deus da victoria! De joelhos tambem lhe eram entregues as chaves da cidade.

Albuquerque inflexivel, feroz mesmo, com os inimigos do seu rei, teve em quem mostrar toda a grandeza de sua alma, até hoje obscuramente avaliada. Entre as quarenta naus varadas na Ribeira, semi-nuas, afflictas, gemiam de susto as pobres turcas, que não puderam acompanhar os seus n'essa noite de fuga. Seriam christãs, as mães de uma familia que Albuquerque plantaria no extremo Oriente! Mas os turcos, os que tinham jurado a perdição de Portugal, esses seriam expulsos das Ilhas e da fortaleza de Banda, seu valhacouto.

Estavam em Goa por esse tempo varios embaixadores estrangeiros, entre os quaes se contava Mir Bubáca, representante do grande Xeque Ismael, rei da Persia. Albuquerque vendo quanto era perigoso taes emissarios, despachou-os immediatamente com cartas para os seus

monarchas. Estava livre de espiões. Mas o inverno estava á porta, o Idalkão não tardaria e era necessario redobrar de actividade.

Fernão Perez, Simão d'Andrade e Francisco Pereira recebiam cartas de corso para apresar as naus carregadas de arroz, que de Ormuz se esperavam no porto de Baticalá. Os portuguezes de dia e de noite trabalhavam em reparar as obras de defeza, e ás horas de refeição reuniam-se todos em mesas communs, nas grandes e espaçosas salas do Sabayo, presididos pelos seus capitães. Á noite, por essas noites carregadas e ameaçadoras, quando a barra da Aguada começa a rugir e as trovoadas estalam a cada instante, ao rubro clarão de archotes, e de fogueiras de breu, vagueavam pelas ameias grupos de soldados, mulheres negras como a noite e os *naiques* de varas na mão, dirigindo as obras de fortificação. Das mãos dos párias, negros, immoveis, a trança erriçada ao alto da cabeça, os archotes reflectiam no Mandovy á luz vermelha as sombras mais phantasticas; em differentes sitios pelo littoral, na Ribeira calafetando os paráos, em pranchas reparando as cortinas, os capitães e soldados pareciam nuvens brancas passando sobre o céo tempestuoso. O proprio Albuquerque, grave, animando os seus e dirigindo os trabalhos era o Odin d'esse novo Walhalla oriental. Mas pouco tempo duraria esse enthusiasmo e afan. Escasseava o dinheiro, e os capitães já fatigados anhelavam pelos regalos de Cochim e pela pimenta do Malabar.

Em casa de Jorge da Cunha reuniam-se os descontentes: Estevão Baião e Francisco Figueiredo. Um dia estes e Jeronymo Teixeira, Luiz Coutinho e Francisco de Souza Mancias foram pedir ao governador licença para se irem embora a Cochim. Albuquerque, *polos desejos que tinha de acabar a fortaleza, arreceando a vinda do Hidalcão, dissimulou com elles.* Por casa estes dissabores, por terras de Salsete e Bardez o gentio alvoroçado com as novas da vinda do Hidalcão recusava-se a pagar as rendas. O desanimo era geral. Comalcão, com mil e quinhentos cavallos e oito mil peões marchava sobre Goa. Albuquerque despacha Jorge da Cunha, Menaique, capi-

tão de Timoja, Melique Çufecondal por terra, e Diogo Fernandes de Beja, com tres navios, por mar. Os moiros da cidade conspiravam. Mir-Alle entrega o *adail* e a sua gente ao inimigo e Mir-Cacem, *tanadar* e capitão de quatrocentos moiros *naitias*, combina com os sitiantes o modo de lhes franquear as portas.

Albuquerque não trepida. A proporção que as contrariedades cresciam revestia-se elle de maior coragem e prudencia. Com o mesmo sangue-frio com que manda guarnecer os Passos ordena a execução do traidor Xabandar, que foi morto e lançado ao rio pelos seus alabardeiros. Montado n'um fogoso cavallo arabe, de espada em punho, só, todos viam admirados como este homem singular, cercado de perigos e de traidores, com a retirada cortada, arcava contra a horda selvagem de turcos que vinham não para rehaver uma cidade, mas para arrancar das mãos dos portuguezes as suas mulheres e filhos.

No Passo de Banastarim colloca Albuquerque Garcia de Souza com cem portuguezes, alguns cavalleiros e pequena artilheria, com terminantes instrucções de vigiar e dar busca aos que fossem para a terra firme; d'ahi parte para Goa Velha, onde deixa Jorge da Cunha com sessenta cavallos; no Passo de Daugim ficava Mirale, cunhado de Timoja; em Gandaulim Francisco Pereira e Francisco de Souza Mancias; no Passo Secco Jorge Fogaça, e Jeronymo de Lima em Agassaim. Por mar uma esquadrilha commandada por D. Antonio de Noronha, o heroe de Pangim, rondava o rio para que o inimigo não surprehendesse um ponto de desembarque. Este plano de defesa faria honra a Napoleão.

O inimigo rompe pelo lado oriental da cidade e assenta o arraial defronte da fortaleza de Banastarim. D'este lado existiam ainda as torres do tempo dos reis de Narsinga dominando as terras do littoral de Pondá. Além dos Passos, Albuquerque collocára habilmente em Goa Velha Jorge da Cunha, não só como um ponto culminante nos suburbios da cidade na sua região sudoeste, mas tambem para servir de meio de communicação entre os postos de sobre o Mandovy e o Zuary.

Como vimos, os portuguezes tinham entrado em Goa em principios de março. Todo o mez de março e abril se tinham gasto em preparativos de defesa. Em 1 de maio as forças inimigas bloqueiam toda a região da Ilha que vai do Passo de Gandaulim ao de Agassaim. Na noite d'esse mesmo dia vieram pelo Passo de Agassaim um veneziano e um degredado portuguez, João Machado, para falar ao governador da parte do Hidalcão. D. Jeronymo de Lima, que defendia esse Passo, mandou dizer o que se passava, e Albuquerque, tendo enviado o lingua Baldrez, como refens, foi á porta da cidade conferenciar com os emissarios. O Hidalcão exigia a entrega de Timoja e a capitulação da cidade, e o governador mandava-lhe dizer que não podia restituir Goa porque pertencia a el-rei D. Manuel. Ainda por cima queria a rendição de Dabul e o aconselhava ironicamente, *como velho de sessessenta annos,* que se não arriscasse a vir tomar Goa, visto que nenhum soccorro lhe poderiam prestar os rumes já desbaratados em Diu por D. Francisco d'Almeida. Albuquerque não era sómente um genio guiado pelo illuminismo casual de inspirações insconscientes; punha por este modo ao serviço da sua causa os seus recursos propriamente estrategicos e o seu profundo conhecimento da alma humana. Não esperasse o Hidalcão o soccorro dos turcos, dizia-o elle, um *velho de sessenta annos!* . .

Mas como combater a conspiração dos moiros da cidade e o desanimo quasi geral dos seus capitães? Inflexivel, duro como o aço, a encarnação severa do dever, manda reforçar o Passo de Daugim, encarrega Duarte de Souza da policia da cidade e corre a animar os seus nos varios pontos do littoral. Resposta lusitana ao Hidalcão. Comtudo chegavam noticias desanimadoras.

De Banastarim mandava-lhe dizer Garcia de Souza que seria mais prudente retirarem-se para as naus; Diogo Fernandez de Beja voltava de Condal acossado pelos corsarios turcos. A um mandava Albuquerque uma grossa bombarda, ao outro, que se juntasse á flotilha de D. Antonio de Noronha!

A posição do inimigo era ameaçadora. Os pontos de ataque escolhidos pelo Hidalcão eram de molde a envol-

ver os nossos em um annel de fogo. A ilha estava ameaçada em cinco pontos: Daugim, Agassaim, Banastarim, Gandaulim e Passo Secco.

Foi a 17 de maio. Negras nuvens toldam o horizonte; estalam os raios e as trovoadas, e o vendaval assobia pelo palmeiral como nas enxarcias de uma nau. Pelo Passo de Daugim, sem que D. Antonio desse por isso, longas jangadas, a coberto da noite e da tempestade, despejam massas de turcos e mouros.

Logo pela manhã Noronha cae sobre elles e desbarata-os n'uma rija peleja travada corpo a corpo á margem do rio. Emquanto por este lado o sangue musulmano tingia as aguas do Mandovy, pelo Passo Secco dois mil moiros passam a vau, *todos enfameados*, e com as armas presas aos dentes. Menaique, capitão de Timoja, corre sobre elles, mas esperando em vão que Jorge da Cunha fosse de Goa Velha em seu auxilio, retira precipitadamente, fustigado pelo inimigo, até Banastarim, onde Garcia de Sousa perde o irmão. Do lado de Gandaulim os turcos punham em debandada Francisco de Sousa Mancias e Francisco Pereira Coutinho, que tiveram de fugir por uma escada.

Já por esse tempo os moiros que tinham invadido a Ilha do lado de Agassaim e Daugim, rechaçam de Goa Velha Jorge da Cunha, apesar do soccorro prestado por Diogo Fernandez, e vinham entrando a cidade pelo lado meridional. Os moiros, animados por tal successo, levantam-se em massa e accommettem Albuquerque, que corria á praça para domar os animos. Trava-se então uma lucta medonha pelas ruas da cidade. Pelas portas do mar, do lado septentrional, Mancias, Coutinho, Garcia de Sousa, Noronha, Cunha, Diogo Fernandez e Timoja entravam em turbilhão com os mouros, aos gritos de—allah! allah!—tocando, zagaindo, em tropel, rolando como as lavas de um vulcão.

Um horrivel incendio alumiava este quadro de furor o calido ciume com que os mouros corriam em resgate das bellas turcas forçadas pelos christãos! Do alto do palacio do Sabayo ruiam as travos douradas e as portadas lambidas pelas chammas; nos armazens, ao estampido de

barris de polvora, abriam-se as portas, por onde sahiam labaredas de breu e alcatrão derretido; as telhas voavam cahindo em brasa sobre os combatentes, e nas vastas cavallariças do Sabayo os cavallos, no estertor da morte, rinchavam lugubremente. O panico era terrivel.

Ainda assim os portuguezes se retiram para um pequeno reducto, ou antes um torreão, que occupava o logar onde hoje fica o palacio dos vice-reis. Todos instavam com Albuquerque para que retirasse ás naus, e quando Francisco de Sousa quasi o intimava a evacuar a fortaleza: Como, Francisco de Sousa — lhe diz Albuquerque — tanto desejas de entregar esta fortaleza aos turcos? Ora ide, e entregai-lh'a, e fazei o que quizerdes.

Foi n'este momento que se deu um caso horroroso.

Francisco de Sousa, em nome do governador, vai dizer a D. Antonio de Noronha que guardava a porta do rio, que deixasse passar os soldados. Noronha franqueia a sahida, e lança, segundo as ordens, fogo ás tercenas. Na Ribeira, cuspindo chammas para a fortaleza, ardiam as naus inimigas. Os nossos, meio asphyxiados, sem armas, em desesperada alegria, vinham já em tropel pela porta fóra, quando Albuquerque os conteve de espada em punho. Ao desespero dos portuguezes vinham juntar-se as blasphemias, as invectivas torpes dos presos, que rasgavam as mãos contra as grades da prisão, ululando de raiva e desespero.

Albuquerque a final teve de ceder, e depois de ter mandado decapitar pelo seu alcaide-mór, Gaspar de Paiva, os cento e cincoenta presos e o cabeça Melique Çufecondal, implicados na conspiração, evacua a fortaleza na noite de 20 de maio.

Tres dias durara a desastrosa defesa de Goa. A alegria dos moiros ao entrarem a fortaleza durou pouco. Sobre o chão cento e cincoenta corpos decepados contorciam-se em convulsões medonhas, tomavam posições phantasticas e até ameaçadoras. As cabeças empastadas de sangue rolavam, com olhares ameaçadores e cheios de pavor, como que procurando os seus corpos. Os mouros de joelhos, batendo nos seios e nas faces, pranteavam sobre as victimas, emquanto cavallos de pernas cortadas

se arrastavam tintos em sangue, soltando rinchos piedosos.

A armada portugueza desceu o rio e foi ancorar defronte da fortaleza de Pangim, onde os nossos estiveram quasi um mez expostos a todos os perigos, até que se resolveu tomal-a de assalto em 14 de junho de 1510.

O Hidalcão repetidas vezes envia mensageiros de paz, sempre acompanhados de desertores portuguezes, montados em ricos cavallos e ostentando todo o luxo oriental. Estes vinham á praia exprobar a miseria de seus irmãos e incital-os a que os imitassem. N'uma occasião, o miseravel que assim se apresentava, o cirurgião João Deiras, pagou bem caro, com grande espanto dos moiros, a ousadia, porque mesmo nas praias de Pangim, em frente das naus, cahia varado por outro portuguez, João Dilhanes.

Qualquer outro homem que não fosse Albuquerque, teria succumbido em meio do desespero da fome, da guerra, das insubordinações, da vergonha pelos que o abandonavam. Mas se elle possuia a fraqueza christã a ponto de attribuir todos os desastres á enormidade dos seus peccados, tinha comtudo em mais alto grau uma outra religião—a da patria: e se alguma vez nos parece imprudente, enleado por uma idéa que constituia a sua vida, sacrificando tudo e todos por um apparente orgulho pessoal, é porque acima de tudo elle prezava a honra da nação e encarnava de um modo digno todo o orgulho patrio da epoca.

O episodio de Ruy Dias, *que entrava de noite com os moiros*, nas aguas do Mandovy, não é apenas um acto de exagerada justiça, que até indigna Camões, não é um exemplo de moralidade christã, é uma lição de patriotismo, porque Albuquerque não podia admittir que um portuguez se lembrasse de forçar umas pobres escravas no momento em que a patria arrastava banhado em sangue o seu manto de purpura. Albuquerque nunca teve, como se julga, a dureza propria de um tyrano, mas era de uma inflexibilidade digna e santa.

Para mostrar como convinha que procedessem portuguezes, elle em pessoa dirige o ataque da fortaleza de

Pangim, que tanto estrago causava nos nossos. Manda Diogo Fernandez de Beja guardar a porta que dá para a terra, e elle com um corpo de marinheiros na praia dirige o assalto. Os sitiados, nunca esperando uma tal audacia dos portuguezes, dormiam a somno solto, meio estontoados do anfião e das orgias da ceia. Manuel Lacerda foi o primeiro que escalou a muralha, e quando os moiros tentaram pegar em armas *eram já os nossos pegados com elles.* Os turcos quando iam batendo a retirada tiveram lucta renhida ás portas da fortaleza, onde, entre 18 a 20 portuguezes, ficou morto o proprio Diogo Fernandes. A flôr da nossa fidalguia batia-se ahi n'essa noite memoravel de 14 de junho de 1510.

Depois de varias outras peripecias, como a da morte de D. Antonio de Noronha n'um reconhecimento que foi fazer pelo rio; do assalto a uma ilha (de Chorão provavelmente) para se proverem de mantimentos, Albuquerque depois de tres mezes das mais crueis provações, deixa o surgidoiro de Goa a 16 de agosto para em breve vir cumprir a promessa que tinha feito ao Hidalcão — de vir retomar Goa:

> Que gloriosas palmas tecer vejo,
> Com que victoria a fronte lhe coróa,
> Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
> Toma a ilha illustrissima de Goa!
> Depois obedecendo ao duro ensejo,
> A deixa, e occasião espera boa,
> Com que a torne a tomar, que esforço e arte
> Vencerão a fortuna e o proprio Marte.

As contrariedades que soffrera, a opposição tenaz de quasi todos os seus capitães, a difficuldade da empresa, tudo, emfim, concorria para abater o seu valoroso animo; mas Albuquerque acima de tudo, e até do rei de quem se confessava fiel vassallo, viu a patria ultrajada e queria desaffrontal-a. O desastre de Goa não julgava elle

apenas um desdoiro para o seu nome, como os seus emulos pensavam, porque facilmente o poderia rehabilitar em qualquer outro ponto, mas tinha para si dever honrar a bandeira das quinas onde ella fôra arreada. A reconquista de Goa era um passo politico de grande alcance. Era ahi que se tinham reunido os varios agentes para concertarem no plano da expulsão dos portuguezes, e fatalmente ahi os nossos soffriam uma memoravel derrota. Albuquerque, homem de vistas largas, viu o alcance que tal facto poderia ter no destino das coisas portuguezas na India.

Logo ao sahir da barra, Albuquerque avistou as naus de Diogo Mendes de Vasconcellos, que iam para Malaca, e teve por elle noticias de que uma armada sahira de Portugal com destino á India. Dirigem-se ambos para Onor, onde se soube pelo Timoja que o gentio de Goa tinha morto todos os *tanadares* moiros. O capitão da fortaleza Rodrigo Rabelo communicara egualmente os rumores da vinda dos rumes em soccorro do Hidalcão. Albuquerque não perde um instante. Todo o seu empenho foi concentrar forças para a retomada de Goa. Estando em Cananor chegam da costa da Arabia Duarte Lemos e Francisco Pantoja, aos quaes pede o governador que esperem pela armada de Gonçalo de Sequeira. Despacha o embaixador de Cambaya, que lhe dera a noticia do naufragio da nau *Santa Cruz* e do captiveiro de alguns portuguezes, com cartas para o aguazil-mor Gopiçaica. Duarte Lemos, porém, que tinha o commando das naus da Arabia, julga-se offendido e exproba o governador. Senhor — diz-lhe então Albuquerque — tiremos nós os cativos, que lá estam, e castigai-me muito bem os mouros de Goa, que me quebraram a cabeça; e deixemos por agora esses governos e mandos.

Esta abnegação infelizmente não foi comprehendida pelos capitães, que tinham recebido do ventroso D. Manuel ordens para carregar pimenta no Malabar. E Albuquerque, refractario a todas as exigencias mesquinhas, a todas as ambições bastardas que [illegible] ao redor de si, prosegue inalteravel no seu plano de desaffrontar a honra nacional ultrajada. Manda [illegible] para trazer-lhe novas dos rumes, e [illegible] corre a

costa para aprisionar as naus de Meca que iam para Calecut; assenta pazes com o regedor de Baticalá para fazer d'esta cidade o ponto de abastecimento ás tropas; escreve a Timoja enviando-lhe dois capitães, Lourenço da Silva e Fernão Vaz, que deviam commandar as tropas de terra e, assim preparado, aguarda a chegada da armada de Gonçalo de Sequeira. No meio de tudo isto Albuquerque teve que suffocar a revolta dos capitães da armada de Diogo Mendes, que queriam partir para Meca sem sua licença.

A 17 de setembro de 1510 chega a armada de Gonçalo de Sequeira, e Albuquerque tratou logo de reunir conselho para se deliberar sobre a tomada de Goa. Os capitães dividiam-se em dois grupos: Gonçalo de Sequeira, Duarte Lemos e os seus achavam temeraria a empresa; Diogo Mendes e os fidalgos abraçaram a opinião do governador.

Os inimigos de casa estavam quasi vencidos, mas o Zamorim tendo noticias dos apestos da armada, suscita questões em Cochim para distrahir a attenção dos portuguezes e dar tempo para que chegassem soccorros do Golpho. Albuquerque percebendo o estratagema não parte para Cochim sem deixar uma grossa parte da armada policiando a costa, a fim de impedir a entrada dos rumes em Goa; em Cananor ficava Duarte Lemos, que não se cansava em contrariar os seus planos.

Aplanada a questão de Cochim pela expulsão do intruso pretendente, primo do rei, que se tinha apoderado da ilha Vaipim por instigações do rei de Calecut, tratou logo o governador de expor clara e precisamente os seus desejos de tomar sobre Goa. Em Cochim, os capitães, principalmente Gonçalo Sequeira e Duarte Lemos, que não cessavam de o importunar para que os deixasse ir uns para Meca, outros para Malaca, reiteraram os seus pedidos. Albuquerque só e desajudado, vendo a patria reduzida á triste condição de um paiz de corsarios e de negociadores de pimenta, levanta-se bruscamente d'entre os seus capitães e diz-lhes com voz firme e resoluta: irei só se tanto fôr preciso; não levarei se não aquelles que me quizerem acompanhar para salvar a honra de Portugal.

E partiu de Cochim com 23 velas, 2:000 portuguezes e 200 malabares para a reconquista da *illustrissima ilha de Goa:*

Eis sobre ella torna e vae rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de gentios e de mouros;
Irão soldados inclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros
Na luz que sempre celebrada, e dina
Será da egypcia Santa Catharina.

O plano primitivo de Albuquerque era atacar Goa pelo lado sul com a gente de Timoja. Com este fim mandou Manuel da Cunha com seis navios á esperá de Timoja no Passo de Agassaim, para d'ahi marcharem sobre a cidade; mas como o perfido alliado não acabasse de chegar, contentou-se Manuel da Cunha em pôr fogo aos fortes de Banastarim e Agassaim, e foi unir-se á armada.

Emquanto Timoja auxiliado pelos nossos atacasse a Ilha pelo lado sul, Albuquerque iria bloquear-a pelo lado do rio Mandovy. Este plano tinha a vantagem de cortar a retirada ao inimigo, sobre ser de facil execução, visto as terras na margem do Zuary estarem desarmadas por o inimigo se ter concentrado na cidade. De mais, se chegassemos, como era de esperar, a occupar os planaltos, que dominam a região meridional da cidade, o inimigo dividido offereceria pequena resistencia á armada portugueza, flanqueando todo o littoral norte do ponto de ataque. Pela demora de Timojá o plano teve de ser singular, e só depois de consultar os capitães é que Albuquerque se resolveu a operar n'um só ponto, o que elle considerava perigoso. Vejamos agora como a cidade estava guarnecida.

As cortinas, reparadas pelos portuguezes, corriam parallelas ao rio de leste ao oeste uns cem metros. Tres reductos ou torreões cobrindo a linha de fogo dominavam

o rio e a região norte da cidade. Estes torreões eram uma especie de fortins com portas para o littoral e para o interior, e quasi constituiam n'esse tempo o recinto da capital. A não ser o do centro, tanto o que estava no forte de Mandovim ao extremo leste, como o do extremo occidental, quasi ao pé do actual arsenal, e por onde entraram os portuguezes, eram quasi todos separados da terra por esteiros de agua, que os circundavam. O baluarte central tambem tinha fosso; mas quer pela sua grandeza, quer porque o fosso só defendia uma porção, não estava tão desligado do valle, que propriamente constituia a cidade nos tempos dos portuguezes. Imagine-se agora dois outeiros correndo do nascente e do poente, e dominando a parte baixa d'esta região em forma de ferradura, e ter-se-á feito uma idéa do campo de batalha. D'aqui se vê que o plano de um duplo ataque teria feito render a cidade ao primeiro embate. Vejamos, porém, o ponto forte do inimigo, o littoral.

Os mouros, aproveitando-se das enseadas e de planos elevados á margem do rio, construiram grossas palissadas, com artilheria á flor da agua. As naus varadas na Ribeira ao extremo poente da linha, defendidas por estacadas, por barrancos artificiaes, formavam uma couraça assaz forte, cobrindo a segunda linha de fogo. Mais um pouco para baixo, exactamente onde o Mandovy faz uma curva para seguir a linha fortificada, tinham os mouros afundado tres naus malabares carregadas de pedras a fim de obstar á entrada. Na mesma linha, mas em direcção opposta, com egual fim, tinham construido uma grossa estacada junto do forte Mandovim, onde ficava a alfandega. D'este ponto e do que ficava junto da fortaleza, por onde entraram os portuguezes, corriam duas rampas ou caes, que davam accesso ao plano, onde hoje fica um palmar, cobrindo o nosso theatro de guerra.

Como se vê, os mouros não eram inimigos que se desprezassem. Presidia á defesa tacto, habilidade e segurança. Os capitães do Hidalcão tinham muito de proposito evacuado a fortaleza de Pangim para que os portuguezes atacando-a não fossem levados a conhecer, na retirada do inimigo, o caminho que levava á cidade. Habilmente

evitaram elles este lance retirando-se de antemão para a cidade; e pena foi que Albuquerque não tivesse conhecimentos topographicos dos suburbios da Velha Goa para poder realisar um duplo assalto á cidade, por mar e por S. Pedro. Se os portuguezes effectuassem um desembarque em Pangim, e tivessem marchado sobre a cidade pelo seu lado occidental, por S. Pedro, e occupassem uma das collinas, este plano teria completamente substituido ao que Albuquerque concebera no principio. As difficuldades a superar seriam muito inferiores ás que os nossos encontraram no campo onde os vamos observar. De ambas as partes as forças convergiram para o littoral, onde iremos assistir á mais memoravel das batalhas que se travou na India e em que Albuquerque se revela um genio militar de primeira ordem.

O primeiro cuidado do nosso capitão foi o de mandar reconhecer a attitude do inimigo, para o que os nossos passaram, em pequenos barcos, os canaes que a força da corrente cavara entre as naus malabares, obstruindo o rio. Em pequenos *esquifes* foram Duarte de Lemos, Gaspar de Paiva e Diogo Fernandez de Beja reconhecer os postos avançados do littoral, d'onde voltaram assombrados pela maneira como os turcos se tinham fortificado. Para melhor se certificar ordenou-se que Bastião de Miranda, Affonso Pessoa e Ruy de Brito Pantalim passassem a linha de fogo. Um rijo tiroteio os acompanhou no reconhecimento. A final um moiro aprisionado á noite por Diogo Fernandez de Beja, certificou a Albuquerque que a cidade estava bem guarnecida e que os seus habitantes estavam decididos a offerecer uma resistencia desesperada. Depois de alguns dias de delonga, á espera de Timoja, que os moiros aproveitaram em fortificar as estancias, resolveu-se atacal-as na manhã de 25 de novembro de 1510.

Logo pela manhã cedo d'esse dia, Albuquerque no *esquife* da nau capitanea, com 150 marinheiros escolhidos, que o seguiam n'um *parão*, dispunha as hostes combatentes. Iam romper o combate tres flotilhas: Manuel da Cunha, Manuel Lacerda, D. João de Lima, D. Jeronymo de Lima, Gaspar de Paiva, Gaspar Cão, Fernão Fevo e

Pero Dafonseca deviam atacar as estancias de ao pé da fortaleza; Diogo de Vasconcellos, Balthazar da Silva, Diniz Cerniche, Pero Coresma, Ruy de Britò Pantalim e Jorge Nunes de Leão combatiam as estancias mais para baixo, onde estavam varadas as naus, e Albuquerque em pessoa, depois de ter mandado cortar pelo mestre Diniz Fernandes as tranqueiras que defendiam o forte de Mandovim, junto á alfandega, iria, no momento do ultimo assalto, occupar uma especie de plataforma ao centro da linha da operação, a fim de que o inimigo batido pelos flancos não pudesse retirar para dentro da cidade.

O sol vinha já doirando as serranias de Pondá e Bicholim quando os nossos começaram a atacar as estancias. Sobre as proas dos *paráos*, nos pequenos redúctos de madeira á flor da agua, os moiros defendiam-se com destemido valor, invocando *Allah*. Por aquelle immenso tropel de estaçadas, de mus convertidas em torreões, de estrados, de pallissadas, de barrancos artificiaes, a artilheria vomitava um fogo desesperado, incessante. Todo aquelle madeiramento estremecia; rachavam-se frestas pelo choque, e os moiros, de cimitarra em punho, defendendo a escalada, baloiçavam-se, apparecendo e desapparecendo como se estivessem em botes. Os peloiros rugindo, resvalavam-se sobre o Mandovy, saltando, batendo, levantando jorros de agua como umas grandes baleias. Por todos os lados, pelas estacadas, pelas amarras da ancora, subiam os nossos marinheiros invocando S. Thiago e Santa Catharina. Pelo rio, tinto de sangue, fremente, entre vasos de alcatrão em chamma, turbantes vermelhos, remos, estandartes, vogavam rostos brancos de portuguezes que luctavam com a morte!

Redobra a furia dos portuguezes quando Albuquerque sobe a ladeira com um troço de valentes marinheiros. O inimigo apoz uma lucta renhida foi rechaçado das estancias para a porta da Ribeira, onde se trava outro combate feroz, desesperado. Manuel da Lacerda foi o primeiro a entrar, e com elle Manuel da Cunha, D. Jeronymo de Lima e D. João de Lima.

Duas vezes entraram os nossos a fortaleza, e duas ve-

zes repellidos, só puderam ganhar definitivamente o terreno quando Albuquerque voou a soccorrel-os. A porta era estreita, dando entrada a uma ladeira cujo ponto alto era occupado pelo inimigo. Um troço de sitiantes, capitaneado por Manuel da Lacerda, pôde conseguir forçar a porta, levado n'uma onda de moiros que tinham abandonado as estancias. Vendo um numero tão pequeno de portuguezes, correram sobre elles ferozes, de punhaes erguidos, rasgando a victima como uns lobos famintos. De dentro, pela ladeira abaixo rohiam os peloiros, as panellas de alcatrão e os pesados elephantes de tromba alta, esmagando, barafustando um turbilhão de combatentes, que a socos, ás punhaladas, ás dentadas, vinha rolando para o limiar da porta. Um punhado de jovens fidalgos de lança em riste, corre, esmaga, recebe de peito um esquadrão de cavallaria que n'este instante vinha trotando ladeira abaixo, como um vendaval. A lança de Manuel de Lacerda recurva, o cavalleiro cae, e n'um salto, montado n'um fogoso corcel, muda a sorte do dia. Quando Albuquerque viu o heroico cavalleiro descoberto, desarmado, com uma enorme setta trespassando-lhe o rosto, abraçou-o, agradecendo-lhe a offerta do seu cavallo: Senhor Manuel da Lacerda, confesso-vos que vos hei grande inveja, e assi vo-la houvera o grande Alexandre, se aqui estivera, porque estais assi mais galante.

A um lado passava-se uma scena intima, commovente. D. Jeronymo de Lima cahira mortalmente ferido com o craneo esmagado a uma muralha, quando o seu irmão D. João corre a soccorrel-o: que he isto irmão? como estais? Irmão — diz-lhe o valente moço — não he tempo para ficardes comigo; hi cumprir com vossa obrigação, que eu ficarei acabando meus dias, pois não tenho forças para mais.

A retomada de Goa terminava assim com a sagração de um heroe e a profissão de fé de um valoroso portuguez. Albuquerque via a final coroada a sua obra, systematicamente contrariada pelos seus emulos. Vingava-se agora dos seus inimigos, louvando-lhes os feitos e galardoando os seus serviços. De uma vez, encontrando Diogo Mendes, o mesmo que em Cananor se tinha revoltado contra

elle, o conquistador de Goa, lembrando se do seu valor na retomada da cidade, dizia-lhe com maliciosa ironia: arrenego da vida, em que vivo, senhor Diogo Mendes, que o meu officio vos fez mal.

Esse homem duro, indomavel, impassivel até, quando a voz do dever assim o exigisse, possuia toda a grandeza do cavalleiro e o desprezo generoso de um heroe. Quantas vezes elle se não maldizia a si proprio por ver que não comprehendiam a sua elevada e pura ambição! O caracter portuguez, duro e verdadeiro, sobretudo verdadeiro, aquella fé que é a nossa alma e a bondade generosa que caracterisa a nossa raça, sem duvida a mais poetica e sympathica, representava-o Albuquerque — typo da nossa tempera d'antes quebrar que torcer. Era um marinheiro, um inclemente soldado, mas tambem um fidalgo na accepção tradicional da palavra. Sabia vingar-se, porque sabia despresar, esquecendo-se dos aggravos, que instantemente lhe faziam os reles *chatins*.

A grande vida é sempre um conjuncto de extraordinarias heroicidades e inclemencias. Albuquerque não possuia o virtuoso, o sereno, o severo heroismo do philosopho nem a fortaleza inclemente, suicida, do mystico. Entre o sensualismo e o mysticismo, entre o heroe e o philosopho ha limites que os distanceiam enormemente. Onde termina o sensualismo religioso e a fé do heroe, começam o aniquilamento do mystico pelo amor e a consciencia exacta do philosopho pelo saber. Albuquerque tinha a fé e o amor dos grandes loucos — uma alma sacudida pela inspiração do genio e arrebatada pelos ventos da paixão. Increpar-lhe os erros ou desculpal-os seria desconhecer a natureza das grandes coisas e dos grandes homens. É por isso que nos não indigna vel-o manchar a sua gloriosa espada no sangue de seis mil infieis: servia uma idéa, animava-o a fé de seus antepassados. A cidade pagava agora bem caro a sua ousadia.

Os soldados tinham encontrado um crucifixo, e tanto bastou para que redobrassem de furor contra os moiros. O saque, o incendio das mesquitas, a medonha carnificina dos musulmanos durante uma semana vinha dar ao heroismo dos portuguezes um aspecto triste, aviltante.

Por todos os lados, invocando *Allah*, os moiros esbaforidos, arrastando mulheres e crianças, precipitavam-se ao rio, como transviadas corsas perseguidas por uma matilha de cães. Do outro lado os pagãos, movidos de egual odio religioso, os recebiam aos chuços, ás machadadas, ás pedradas. Pelo Mandovy, tinto de sangue, boiavam, brilhando ao sol, as sandalias bordadas a ouro, os turbantes e os escudos de coiro marchetados de bronze e prata. Bellas mulheres, com o coração trespassado de um punhal cioso, enroupadas de sedas multicores e ornadas de ricas joias, arquejavam voluptuosamente sobre as ondas, como uns doirados idolos lançados ao mar.

Albuquerque, conquistando Goa, tinha dado um golpe mortal no poder dos moiros, e o futuro não desmentiu a idéa de que a capital do Sabayo seria a *may de todalá India*. Mal tinhamos ahi feito assento e já os embaixadores do Zamorim, do rei de Cambaya, de Narsinga, de Malaca e da Persia affluiam submissos ante o novo Alexandre, pedindo-lhe perdão e implorando as suas graças.

Tres problemas, de cuja solução dependia o futuro da India, occupam a attenção de Albuquerque logo depois da reconquista de Goa.

O paiz achava-se encravado entre dominios de rajás e principes musulmanos, com uma grande população hindu, grata por se ver livre do jugo mourisco, mas desejosa de voltar aos seus antigos senhorios. Albuquerque, para desarmar as allianças dos moiros, trata de grangear a estima da população pagã soccorrendo os seus principes contra a rapacidade dos nababos e fazendo administrador das terras de Goa Melrao, que foi trazido de Cintacorá com grandes mostras de consideração. Os hindus desde este momento o consideraram seu anjo tutelar.

Como uma parte dos portuguezes só cobiçava despojos, essa horda de *chatins* que então tinham por principaes instigadores os Lourenço Moreno, Antonio Real, Gaspar Pereira e outros, inquietos, ambiciosos, cheios de mesquinho ciume e que não queriam de nenhuma forma ficar sob uma administração sabia e honrada, Albuquerque procurou contel-os, casando-os com a gente da terra. O melhor meio de fazer com que elles se estabelecessem

em Goa era esse que Albuquerque tomou, dando-lhes mulheres, e riquezas.

Aqy se tomarão — mandava elle dizer a D. Manuel — allguãs mouras, molheres alvas e de bom parecer e alguuns homens limpos e de bem quiseram casar com ellas e fiqar aquy nesta terraa, e me pediram fazenda, e eu os casei com elas e lhe dei o casamento ordenado de vossa alteza, e a cada hum seu cavalo e casas e terras e gado, aquylo que arrezoadamente me parecya bem: haverá hy qutrocentos e cymcoenta almas.

Estava assim fundada uma parte da colonia portugueza, visto que nos seculos XVII e XVIII tinham ido para a India muitas familias do reino, pertencentes á nobreza de Portugal, e que constituiriám a aristocracia de Goa, representada por dois terços da actual população branca [12].

Restava ainda fazer de Goa o emporio do Oriente. Albuquerque para desviar o commercio de Calecut, de Baticalá e de outros pontos, manda Manuel da Lacerda dar caça aos navios que de Mecca e Ormuz traficavam nos portos do Zamorim, e convida os mercadores a voltarem a Goa, principalmente os que negociavam em cavallos, affirmando-lhes toda a segurança.

Estabelecia-se a casa da moeda sob a direcção de Alvaro Godinho; Rodrigo Rebello commandaria a fortaleza e Duarte de Mello as forças de mar. O corpo administrativo era quasi todo provido nos *casados*. Estes compunham a guarda civica a cavallo, e podiam andar armados, além dos 400 homens da guarnição. As rendas attingiam a cifra de 12:000 cruzados pagos por Melrao.

Emquanto Albuquerque assim se occupava em lançar os fundamentos do imperio colonial, um dos capitães do Hidalcão desce pelo Gattes e vem sobre Condal (Candola em Pondá?) e Banda (Bandel de Bally?). Diogo Fernandez expulsa-o d'ahi; mas o inimigo tomando outra direcção ameaça Goa pela ilha de Divar, onde foram desbaratal-o Gaspar de Paiva e Vasco Fernandes, uma criança de 18 annos, que fez prodigios de valor. O inimigo ainda se acolhe a Diocaly (Doncolim em Salsete?), d'onde Albuquerque em pessoa o rechaça para o interior.

Chegava no entanto o mez de fevereiro de 1511. De

um lado o desastre de Diogo Lopes de Sequeira e o captiveiro de Ruy de Araujo e de varios portuguezes em Malaca, do outro as ordens de el-rei para ir a Ormuz, fazem com que Albuquerque hesite sobre se iria primeiro vingar os ultrajes feitos á nação ou obedecer ás ordens do monarcha: o mau tempo fel-o optar pelo primeiro caso.

Antes, porém, de partir para Malaca, Albuquerque viu-se na necessidade de dar um exemplo terrivel de justiça, que deixou attonita a cidade inteira. Uma bella manhã, com grande pasmo dos indigenas e varios embaixadores, a cidade acordava como em vesperas de uma campanha. Pelo rio abaixo as fustas, pelo littoral em direcção á barra, marchavam as tropas. Que seria? algum inimigo que entrava? Não; era um portuguez que desobedecia ás ordens do governador. Bem dizia, por isso, Albuquerque: que mais mercê merecia a El-Rey D. Manuel por lhe defender Goa dos Portuguezes que pela tomar duas vezes aos Turcos.

Diogo Mendes sahia a barra ápesar do governador lhe significar que seria imprudente arriscar uma tão pequena armada para a lucta com os malayos. Albuquerque tolerava tudo menos o desprestigio do nome portuguez. Dar a uma cidade conquistada e aos varios embaixadores de potencias mais ou menos inimigas um tão triste documento de insubordinação é o que elle não podia supportar, principalmente em uma epoca em que convinha affirmar mais e mais a união, a moralidade e a força do seu paiz. Albuquerque, por isso, não hesita: Diogo Mendes teria de voltar ou a artilheria romperia fogo. Os moiros aguardavam contentes um conflicto entre portuguezes, mas felizmente os rebeldes cederam ás imposições do governador, voltando a armada para o ancoradoiro. Albuquerque, porém, queria mais, queria que os embaixadores extrangeiros em vez de contarem aos seus principes as miserias portuguezas lhes mandassem dizer como se castigavam os que não sabiam honrar o nome de Portugal. No mesmo dia, em frente da cidade onde não havia muito os rebeldes se tinham distinguido na memoravel retomada de Goa, eram enforcados nas vergas das naus os infeli-

zes Martim Affonso, Manuel Pires e Diogo Fernandez, chefes da rebellião. Implacavel como sempre, mas justo!

Este exemplo, comtudo, de pouco ou nada serviu. Durante o inverno de 1511, emquanto Albuquerque conquistava Malaca, Goa cercada por tres capitães do Hidalcão, seria trahida por alguns portuguezes. Albuquerque conquistando Malaca, tinha por fim castigar os malayos e apoderar-se do commercio do archipelago, que então se fazia por intermedio de mercadores turcos estabelecidos em Calecut e Cochim com os arabes do Cairo e Ormuz. Fechar o estreito, apoderando-se de Aden, *a chave da India*, tomar Ormuz para se assenhorear do commercio da Asia central e explorar a riqueza dos mares da China, eis o plano que Albuquerque concebera e que conseguira levar a cabo a despeito de incessantes contrariedades. Mais tarde os inglezes lhe seguiriam o caminho.

Não acompanharemos o conquistador de Goa para tão longe; deixamos a Camillo Porcio a gloria de relatar em plena côrte de Leão X os feitos de Malaca; nós, restrictos ao nosso proposito, occupar-nos-emos do que se passava em Goa, então mais do que nunca em risco de se perder.

Por casa alguns *casados*, induzidos por suas mulheres e pelas promessas do Hidalcão, conspiravam para entregar Goa aos mouros, e lá por fóra, nos baixos de Sumatra, o imperio de D. Manuel sossobrava. A nau *Flor de la mar*, com os seus *castellos emparamentados de brocado e andores forrados de ouro*, ia a pique, levando uma riqueza fabulosa. O proprio governador teve de se salvar em *jaqueta parda*, mettido n'uma jangada com os presentes que o rei de Sião enviava ao rei de Portugal. Em Goa succedia outro tanto com o edificio levantado por Albuquerque, sossobrava.

No inverno d'esse anno (1511-1512), Melrão fôra derrotado por Polaticão, que passando o rio se apossou do forte de Banastarim. A nova da vinda dos *rumes*, o desastre de Rodrigo Rabelo e Manuel da Cunha, a ausencia de Albuquerque, a miseria, a fome, as conspirações ameaçavam de morte o nascente imperio da India. Para que a situação mais se aggravasse, os portuguezes, mal

percebendo as intenções do Roçalcão, permittiram-lhe que fosse expulsar o inimigo de Banastarim; mas uma vez senhor do forte e victorioso do seu emulo Polatecão ameaça marchar sobre a cidade. É então que, julgando-se perdidos, um tal D. Fernando, *filho bastardo do commendador de Sines que em Lisbôa usava de mau trato e companhia de ladrões* e outros que taes, como Fernão Lopes e Pedreannes, conspiram para entregar a cidade aos moiros. A conspiração fôra descoberta por Fernão Braz. Dando-se busca ás casas dos conjurados em muitas se acharam *assy cartas e assignados de Roçalcão, das mercês que lhe promettia dando-lhe a entrada na cidade.* Mais de vinte tinham sido capturados e os outros se refugiaram em Banastarim. Além d'estes infelizes traidores, a cidade abrigava muitos inimigos pessoaes de Albuquerque, que logo depois da morte de Rodrigo Rebello trataram de eleger para o seu logar Diogo Mendes de Vasconcellos, preso pelo governador, em vez de Francisco Pantoja.

As coisas estavam n'este pé quando em novembro chega Albuquerque, com grande jubilo de todos os verdadeiros portuguezes. A India trahida, esphacellada por mesquinhas ambições e intrigas, morta, resurge de novo. O governador não tinha morrido como propalavam os seus inimigos, estava ahi com o prestigio do seu nome e do seu valor para salvar o imperio que tanto lhe tinha custado fundar.

D'esta vez executa Albuquerque o seu primitivo plano de ataque. Entra pelo Zuary, e marcha por terra, por Goa Velha, sobre o forte de Banastarim. Por mar ia D. Garcia, a fim de interceptar o auxilio que pudesse vir da terra firme, e com ordens expressas de não deixar sahir da cidade pessoa alguma sem sua licença. Evitava assim a fuga dos conjurados que dia a dia iam engrossar as fileiras de Roçalcão. Por terra Albuquerque punha em execução dois planos qual d'elles mais prejudicial ao ini-

migo. Interceptava a cidade do forte defendendo-a de um assalto imprevisto e atacava Banastarim pelo lado mais fraco, visto as muralhas de terra serem mais baixas.

Oito dias durou o assedio por mar e terra; á furia dos portuguezes correspondia a bravura dos turcos. Albuquerque mandara arrancar umas estacadas que defendiam o forte do lado do mar e aproximar das muralhas os navios para se tentar a escalada. De noite á luz de feixes de feno, que os moiros atiravam das muralhas para lobrigar o inimigo, rugia a artilheria; zumbiam as balas, estalavam as panellas de alcatrão espalhando pelas aguas um fogo rubro e crepitante; das muralhas eram arremessados enormes traves, pedras, massas de ferro e breu derretido; pelo ar zuniam as settas crivando os mastros, que pareciam embandeirados. De repente ouve-se um estampido horrendo e o cahir de uma coisa pesada sobre a agua. Uma explosão causada por um pelóiro inimigo tinha lançado ao mar a ponte e o paiol da nau *S. Pedro* de Aires da Silva. Os marinheiros, a nado, fugiam para a terra quando Albuquerque, debaixo de um fogo vivo, no meio de um panico indescriptivel, meio curvado sobre o seu esquife, os obriga a voltar á ponta da espada para a companhia do valente Aires da Silva.

O inimigo estava forte, precisava-se de reforços, e Albuquerque não teve outro remedio senão ir pedir á cidade o auxilio de que carecia. Corria que o Roçalcão marchava sobre a capital. Todos foram de parecer que se lhe devia dar batalha nos campos entre Goa e Banastarim.

Pero Mascarenhas, com a gente de ordenança, marchava com o grosso do exercito, supportando os flancos; D. Garcia tomava a direita, e Albuquerque tomando por um valle alcança uma encosta, que dominava um ponto importante. Os turcos batidos pela cavallaria de Pero Mascarenhas recuam em desordem, declinando para o lado do Passo de Gandaulim, onde muitos se afogaram. Chegara o momento decisivo. Os que não tinham podido entrar no forte de Banastarim corriam desordenados para o rio, onde Aires da Silva os recebeu ás descargas. Em uma vasa ao pé muitos ficaram enterrados até ao pesco-

ço, servindo de alvo á fuzilaria, que lhes abria os craneos, quaes nymphéas despersas por aquelle paul. Ao lado dos moiros que subiam a muralha em *toucas* lançadas de dentro, escalavam os nossos sobre piques e dando-se de pé. Quasi todo o dia tinham os portuguezes combatido contra seis mil mouros sem outro resultado além da tomada de um baluarte por Affonso de Albuquerque.

Para o complemento d'este segundo periodo da guerra de Banastarim faltava o comico.

Francisco Pestana, cioso das mostras de sympathia que Albuquerque tinha dado a Péro Mascarenhas, por ter sido o primeiro que chegou á fortaleza, corre á muralha, e batendo-a com a mão exclama: «quero ver se dirão em Portugal as regateiras de Lisboa, que chegou aqui Francisco Pestana.»

Albuquerque reprehende-o, e elle diz-lhe: comigo vos tomais vós, e não com Duarte Lemos, porque vos mostrava os dentes? — Mostraria que os tinha muito grandes e mui compridos, contentou-se em responder o governador, virando-lhe ás costas.

O homem que não trepidaria um só instante em mandar assassinar Reys Hamed, soffria debaixo das muralhas de Banastarim um insulto ainda mais odioso do que lhe fizera Hamed, puxando pela sua béca de veludo. Mas é que Albuquerque, como todos os grandes espiritos, não lhe importa a sua individualidade — sómente altiva, terrivel, quando n'ella se offendia o prestigio do seu paiz. Voltou, por isso, tranquillo á cidade para levantar um novo exercito.

De novo marchou á testa de 3:500 combatentes. João Machado, um transfuga arrependido, lhe indicaria os pontos fracos do inimigo. D. Garcia, sobre umas estancias construidas do lado do rio, abriria por ahi a brecha, emquanto Pero Mascarenhas bombardeava a fortaleza por terra. Os moiros, em numero de 400, batidos por todos os lados, rompem pelas portas do mar e caem desesperados sobre as estancias, onde Ruy Gonçalves e João Fidalgo correm em soccorro de D. Garcia. A lucta foi medonha, desesperada, porque era só pelo rio que os moiros se podiam evadir ao apertado cerco com que os

nossos ameaçavam anniquilal-os. O proprio Albuquerque, sempre primeiro na refrega, ia sendo victima de uma bala de artilheria, que despedaçou um soldado junto de si.

Banastarim a final cançada, exhausta, capitula, e os moiros começam a evacuar. Uma scena dolorosa no entanto tinha logar dentro da fortaleza. Albuquerque manda vir á sua presença Fernão Lopes e os desertores portuguezes. Os miseros, quando viram o implacavel governador, rojaram-se aos seus pés banhados em lagrimas. Ao lado do valor persistente, do heroismo quasi sobrehumano de tantos portuguezes que se tinham sacrificado pela patria, ficavam esses miseros mandados mutilar por Albuquerque *por memoria e espanto da traição, que cometeram contra Deos; e seu Rey.* Triste epilogo de uma guerra de verdadeiros gigantes! [20]

Albuquerque acabava de firmar o imperio da India, fazendo de Goa mãe e cabeça de todo o Oriente. As suas tradições heroicas, as suas tradições honradas continuariam á reviver de quando em quando n'alguns dos seus successores. Mas nem os homens possuiam já a brilhante luz da patria, nem as coisas a magestade do grande e do bello. Tudo eram depois *coisinhas.*

Camões, o criador da alma nacional, queria que a luz se apagasse comsigo, e Albuquerque, apagada essa luz que doirou o arrebol da nossa historia, cahia fatigado, inerme, ao peso de uma ingratidão feroz da patria sem entranhas.

«Se isto assi ha de ser—dizia elle ao rei que mandava abandonar Goa—deixe Vossa Alteza a India aos Mouros, e não na queira suster com gastos, e despesas tão desordenadas no mar, em náos de cortiça a quatro bombas... saiba Vossa Alteza que ainda tem homem que a governe, e não me tome cada anno conta do que faço como a Almoxarife, por informação de quatro homens mal acostumados... e por fim de tudo isto digo, que se Vossa Alteza agora, ou em qualquer tempo que for, deixar Goa aos Turcos, que Nosso Senhor quer que as cousas da India se acabem. E de mim crea Vossa Alteza, que em quanto a governar, ainda que me dê muito tra-

balho, não vos hei de mandar lugares pintados, senão Reynos tomados.»

Mas a quem fazieis esta profissão de fé, ó limpido Albuquerque?! Onde estava a tua patria, ó honrado velho?

Bom de morrer — exclama aquella resignada alma á beira do tumulo, e a patria, que era elle, gravou-lhe na campa este epitaphio: — «Quanto ás cousas da India não digo nada, porque fallará por si e por mim.»

Bom de morrer, foi a corôa com que o destino lhe cingiu a gloriosa fronte! A Justiça, corada, emmudeceu, e a Historia atravez dos seculos só encontrou a deusa desalento á cabeceira do seu tumulo, carpindo.

Albuquerque findava os seus dias na barra de Goa, monumento da sua gloria e tumulo da sua desventura. Ao menos não lhe faltou a homenagem dos povos seus conquistados. Os que mais razão tinham de o esquecer, n'um impulso de admiração, de dôr, de assombro por aquelle gigante que tombava, lhe gravaram na pedra tumular, com lagrimas, esta legenda: — Não morreu!

Quem sabe se aquelle heroe iria em novos mundos ferir maiores campanhas, conquistar aos deuses novas terras e reinos para o rei de Portugal! Elle que tanto amara o seu rei e a sua gente de certo que os não abandonaria agora, que do alto empyreo melhor poderia dirigir os seus destinos! N'esta fé, por longos annos o indio lhe iria bater á pedra sepulchral, pedindo remedio aos seus males, justiça para os seus queixumes.

Mais alguns traços da vida intima de Albuquerque, e teremos assim posto em relevo o contraste de duas almas, de dois typos d'esta nação, que tem filhos como Pachecos, Castros, Nunos, e um singular desprezo pelas suas glorias e pelos seus homens.

Uma das feições caracteristicas de Albuquerque era a sua fé intima, adoravel, a consciencia segura do que valia. Ferido nos seus mais intimos sentimentos, ferido pela injustiça dos homens, Albuquerque lembrava-lhes os seus serviços, indicava-lhes as suas virtudes, não por vaidade ou para se vingar dos ultrages recebidos, mas para que á força de injustiças e aggravos não se convencesse de si para si que merecia a ingratidão dos homens.

As consciencias fortes, as almas candidas e contentes de si, como a de Albuquerque, não procuram applausos nem recompensas, mas sentem, como ninguem, o terem de morrer sem ser comprehendidos por aquelles por quem muitas vezes se sacrificam generosamente. Confessando os seus serviços, abrindo a sua grande alma, obedecia aos impulsos de uma natureza maternal, que não tem segredos. O amor e a verdade, a belleza e a virtude, são sempre nuas, maternalmente indiscretas, como a luz que enche o mundo. Só a verdadeira belleza e a verdadeira virtude possuem a vaidade bella, como as flores o perfume.

«Senhor — escrevia Albuquerque — em Malaca hum palmo de merecimento tenho, em Cochym outro palmo, em Cananor outro palmo. Deixo a India com as principaes cabeças tomadas em vosso poder sem nela ficar outra pendença senam cerrar-se e muito bem a porta do estreito. Póys, senhor, como credes vós que me eu avia de q.r (querer) meter neste engano e vaydade?»

O honrado velho chorava sobre as palavras sinceras de amizade e respeito de alguns dos seus amigos, que o protegiam na côrte. Chorava aquelle leão com a ternura de uma alma feminina, lanceada pela ingratidão do rei, por quem deixara o seu amado Portugal e os seus mais queridos affectos!

«Se isto não fôra (as cartas de Duarte Galvão) dias ha que leixara ha barca e as Redes: e por isso, senhor, leuo grande gosto em ver vossas cartas; folguo muito de as ver e aas vezes *lamço mea duzia de lagrimas com ellas.*»

Abençoado amigo, que assim fazia chorar um heroe!

Uma vez tendo-lhe D. Manuel lançado em rosto o seu pouco zêlo em cumprir as ordens regias, Albuquerque, com a rudêza de soldado e a severidade de um justo, explica-lhe os motivos de seus actos e exprobra ao rei os seus erros:

«Vossa Alteza me culpa, me culpa em alguuãs cousas de qúa da India feitas comtra voso rrejimento, e creo que será por má emformaçam que vos de mim deram alguuãs pessoas que com emveja e dor de meus feitos e meus serviços vos servem agora quá como meus compytidores da-

namdo as cousas de vosso serviço.. e crede mo, senhor, porque esta he a mayor praga que agora quaa ha na India, porque a vida que faço, meus trabalhos e minha limpeza... que nam ha official, nem capitam, nem homem na India que me nam deseje morto mill vezes e destroyodo. Digo vos, senhor, isto, porque se bem oulhardes vossos rrejimentos e determinações, cadano vem hum contrario a outro, e cadano fazês huã mudança e avees novo comselho, e a India nam he ho castello da mina pera cadano bulirdes com elá... e tamto pode vos alteza ir por este caminho, que dâres com todo feito no chão.»

Mas o que fazia D. Manuel? Não lhe importava, enchia de honras e distincções Lourenço Moreno, reconhecidamente venal e inimigo de Albuquerque: «Que direy, senhor, comtra Lourenço Moreno, que tamto credito e autoridade trouxe de vos alteza, tamta comfiança e tamta isemçam em vossa feitoria, fazenda e trato?»

Eis ahi na simplicidade rude de um soldado a historia da nossa administração colonial. A India no entender de Albuquerque não devia ser uma mina de exploração: por isso a vida do conquistador de Goa foi uma lucta constante, improficua, para salvar a honra e os interesses do seu paiz. Nem a sua obediencia de vassallo, segundo se confessava, nem o respeito que tributava ao rei o movia a obedecer no que não julgasse digno do paiz que elle representava no vasto Oriente. Seria orgulho, seria que elle se julgasse senhor absoluto do imperio que conquistara, como o infante D. Henrique? Nada nos auctorisa esta comparação, que seria uma cruel injustiça feita ao homem que mais alevantou o nome e o prestigio de Portugal.

Se na origem da conquista vemos D. Henrique, um mystico expatriado, e um Portugal com a dolorosa missão de sacrificar os seus filhos á causa da Egreja, com Albuquerque ou com Camões, com a historia colonial, emfim, veremos de um lado a patria, e do outro um bando que explora este feudo dos nossos reis.

Com a morte de Albuquerque a patria tinha perdido o seu mais glorioso filho, a historia um conquistador como Alexandre, e a India o seu mais justo e humano vice-rei [24].

D. João de Castro seria o *ultimo heroe portuguez no Oriente*, o que melhor representou na India a patria romana de Camões. A sua austeridade christã alliada a uma nobre dureza lusitana fal-o-iam o typo mais completo dos conquistadores romanos. Faria e Sousa dá nas palavras da rainha de Portugal o retrato do conquistador de Diu: D. João conquistou como um christão e triumphou como um pagão.

Albuquerque, torturado pelos *damnadores de todo o bem*, esmagado pela inveja e ingratidão de D. Manuel, morria com a consciencia de ter aberto um grande futuro á sua patria e de ter deixado a India *sem outra pendença*. Castro, o primeiro e o ultimo governador da India *que recebia honras do seu rei por um acto meritorio*, morreu com a intuição clara de que levava comsigo, pobre e desenganado, os ultimos gloriosos restos do imperio que herdara. Duas figuras symbolicas, Castro e Xavier, um, velho typo da dura honradez lusitana, outro, o mais vivo exemplo da solidariedade dos dois povos, destacam-se, abraçados, confundidos, á beira do tumulo, onde tombou o imperio, que fez este povo e esta nação.

O prestigio do nome portuguez, legado por Albuquerque, e a tradição virtuosa do conquistador de Diu, caberia a Xavier reviver e conservar de um modo que ainda seculos depois, ainda hoje, o tumulo de um homem n'um tumulo de um imperio, recordasse aos vindoiros a grandeza e o prestigio da nossa querida patria. Tudo quanto houve de bom, de generoso, de grande e digno na historia portugueza do Oriente, esquecido na metropole, ficou synthetisado na pessoa de um illustre filho da Hispanha, que tendo servido Portugal durante a sua grandeza é quem hoje, na sua dolorosa decadencia, recebe o tributo de respeito e gratidão de dois milhões de subditos que ahi temos. Se não fossem outros motivos, este facto singular e symbolico da solidariedade de dois povos, naturalmente nos teria levado a falar de D. Francisco Jasso

Azpilqueta e Xavier, cuja vida no Oriente tem muitos pontos de contacto com a do fundador do nosso imperio asiatico. Ambos elles, ainda que por meios diversos e diversas aspirações, trabalharam pelo engrandecimento de Portugal; ambos se incumbiram de uma missão civilisadora; ambos se viram contrariados nos seus planos; ambos fundaram imperios. Ninguem se lembra já na India do valor e heroismo portuguez; a sympathia e a saudade religiosa gravaram indelevel na memoria poetica d'esses povos o nome de S. Francisco Xavier. Camões teria melhor applicado ao sympatico filho de Navarra estas palavras:

Choram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda terra que pizaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste.

O nosso estudo sobre o apostolo das Indias leva-nos naturalmente a falar da Companhia de Jesus e do seu extraordinario fundador. Um dos lados da vida de Xavier, o seu espirito subtil e previdente, deve-se em parte á educação da Ordem de que era membro. No fundo, porém, a sua alma energica, generosa, cheia de amor e poesia partilhava das qualidades da sua raça. A influencia da epoca e do seu mestre concorreu muito para a formação do seu espirito organisador e prudente.

Se a Peninsula não tivesse dado um Colombo, um Gama, um Calderon, bastaria Loyola para demonstrar que a influencia da nossa raça é demasiado importante para ser tida por nulla. De um modo pelo menos somos grandes: como susceptiveis de podermos morrer por um ideal. Se o catholicismo da Peninsula a amesquinhou ante as nações do norte, provocando injustamente o seu desprezo, ninguem duvidará que quem soube enthusiasmar-se por uma chimera dê egualmente o melhor do seu sangue por um outro ideal justo e humano. A capacidade

para tudo que é bom e digno, as entranhas de amor e fé, de coragem e abnegação, é que ninguem nos poderá contestar. O proprio catholicismo na sua forma peninsular, criador, fascinante, ruidoso, prova de quanto é susceptivel uma raça, que tem a fascinação instinctiva por tudo quanto é bello e sublime. O nosso culto forte por tudo quanto está acima do trivial é garantia segura de um futuro digno de nós.

Se a Grecia, sentinella vigilante da Europa e fonte da nossa civilisação, nos defendeu em tempos do barbarismo, a Peninsula não só poz diques á invasão dos arabes, mas foi buscar aos novos mundos muitos dos elementos da civilisação moderna. Como a Grecia serviu de vehiculo ás idéas do Oriente, uma das mais brilhantes civilisações teve tambem na Peninsula a sua séde. O christianismo, que é a mais bella concepção do espirito humano, não se teria constituido de certo a alma e a vida das sociedades européas se a decadencia de Roma não favorecesse a sua propagação, e a immoralidade e o captiveiro do mundo antigo não tivesse reclamado um Deus Redemptor. Com a Reforma e com a Roma de Leão X dava-se o mesmo. Difficilmente se podia prever os resultados das doutrinas de Luthero no modo de ser das sociedades européas. A Peninsula, e sobretudo a Loyola cabe o ter conservado o ideal poetico do christianismo, que não só se coaduna com o cavalheirismo da nossa raça, mas com os habitos de pensar e sentir da maioria dos povos europeus. Loyola, bem ou mal, concebeu e executou o plano de conservar ligados os destinos da Europa ao genio do christianismo. Como? É o que imos ver. [22]

Um dia, um moço cheio de vida, aventuroso, querido das damas, caiu ferido em Pamplona, ficando coxo de uma perna. Gemeu algum tempo entre cruciantes dôres no leito de um hospital. A cura tinha-o deixado mais triste, porque Loyola vira que teria de ser o objecto de riso dos seus companheiros. Os amigos que o iam visitar achavam-no de dia para dia mais acabrunhado e pensativo. Mal disfarçando as angustias que lhe iam na alma, Loyola acompanhava os seus amigos até á porta do jardim, vendo-os correr galhardamente ao encontro das suas

damas, emquanto elle n'um ultimo adeus, como se se despedisse dos bellos tempos d'outr'ora, voltava cabisbaixo, coxeando, para os seus tristes aposentos. O funesto accidente tinha batido para longe todas as illusões de um passado feliz e orgulhoso, quebrando-lhe na alma toda a esperança de um futuro brilhante. As lagrimas então corriam-lhe insensiveis pelas faces enrugadas de tedio e amargura, attrahindo-o á solidão, roubando-o aos seus alegres pensamentos d'outr'ora.

Um dia em que o futuro jesuita se torcia no leito, dilacerado por intimos aborrecimentos, a sua alma arrastada em tortuosas espiraes, pegou machinalmente n'um livro, abriu-o, cobriu com elle o rosto, e dormiu narcotisado por uma infinidade de tristezas. A *Vida de Jesus* de Ludolpho de Saxonia aguçava-lhe mais e mais o agudo punhal do desalento, enchendo-lhe o coração de acres desejos. A idéa de um deus humilhado não satisfazia á sua alma ardente e ambiciosa, embriagou-o, confundiram-se n'uma dolente sympathia. A melancolia e a saudade quebravam-lhe no peito uns eccos suspirantes de coisas vagas e sombrias. A *Vida de Jesus* seguiu-se a *Vida dos Santos*. Folheou algumas paginas confuso, somnolento, e deitou para o lado o livro, escondendo debaixo do travesseiro a cabeça torturada de idéas. Não pôde dormir. Lançou outra vez mão do livro, leu-o entre indeciso e fascinado, e momentos depois a apagada figura de Jesus, um triste, apparecia-lhe no fundo das coisas como o quer que é de digno e commovente. Por elle muitos tinham dado a vida! muitos se tinham feito heroes!... Volveram-lhe de jacto as suas antigas aspirações, entre sombras, ainda não bem definidas; desfilaram-lhe na phantasia um tropel de coisas soberbas: os reis pisando a terra, os intrepidos cavalleiros, as formosas damas dobradas sobre as ancas dos cavallos — toda a fascinação da gloria e da belleza. Mas, mal sentiu a perna, o desastre de Pamplona e as suas consequencias cahiram-lhe por cima como o desabar de um mundo. Estava perdido. Amor, gloria, belleza, roubara-lhe desapiedadamente o seu triste destino. N'esta impressão esmagadora passou alguns dias sorumbatico, amesquinhado. O vacuo da sua

alma e o quer que é de impalpavel e vago nas suas idéas levaram-o a esse estado em que o espirito se abandona ao capricho da fatalidade e se compraz nas acres doçuras de uma dor imaginaria. O desejo de soffrer, de anniquilar-se, acordava n'elle a cada instante. Sahiria de Hispanha, iria a Jerusalem, ao fim do mundo, longe dos que o conheciam, só, pobre, chorar, enterrar-se na solidão e no abandono, morrer. O mundo, ai, já me não quer; os homens desprezam-me... irei... nem sei para onde... onde o destino me levar. Mas ser nada, anniquilar-me... morrer sem ao menos reparar um passado inglorio, inutil... Não, não! Deus me chama para alguma coisa grande; sinto reviver-me na alma todas as minhas aspirações de gloria; irei conquistar o sepulchro, levarei commigo os meus queridos e valentes hispanhoes! Quem sabe se o destino me fadara a isto... bemdita a mão que me feriu!

Com effeito, a *Vida dos Sanctos* desvendara-lhe um futuro brilhante. Elles tambem tinham sido uns heroes, tinham amado a mais bella e gloriosa das virgens, Maria, a Rainha dos anjos. Loyola com a alma cheia de illusões e o coração palpitando de brios e de amor, pendurou a espada aos pés da Virgem, firmando o seu juramento de honra. Tinha a final descoberto um mundo adequado á indole generosa e poetica do peninsular. Começa o primeiro momento romantico da vida religiosa de Loyola. Em Barcelona o seu zelo pela salvação das almas custou-lhe o ficar brutalmente espancado, talvez por alguns dos seus antigos companheiros de aventura. Tanto em Alcalá como em Salamanca fôra denunciado como um seductor, um herege, e a final preso *por causa da imprudente devoção de algumas altas damas.* Um moiro, que em sua presença jogara umas chalaças com respeito á castidade da Virgem, esteve Loyola para espancal-o, se alguns amigos não interviessem no conflicto. Mas tudo isto não tinha razão de ser, bem o ia conhecendo o heroe de Pamplona. Um novo espirito agita as sociedades européas, e no Norte, Luthero decepava a fortes machadadas o carcomido tronco do passado. A decadencia da Roma christã, as descobertas, o enorme peculio de conhecimentos herdado

dos monges e entregue á investigação dos sabios e á diffusão da imprensa, impunham ao pensamento e ao sentir dos povos um novo caminho. As universidades ferviam em disputas, e as grandes questões religiosas eram ventiladas por toda a Europa com desassombro nunca visto. Tudo ameaçava desabar: crenças e idéas. Foi então que Loyola, em Manresa, concebeu os celebres *Exercicios*, e partiu para Paris, centro intellectual da Europa catholica. O destino da Companhia apparecia-lhe claro:

> Bernardus valles, montes Benedictus amabat,
> Oppida Franciscus, *magnas Ignatius urbes.*

A época em que a Companhia nasceu explica a concepção demasiado philosophica dos *Exercicios Espirituaes* e a subita transformação por que ella passou do seu primeiro momento poetico em Paris. Se não fosse Loyola não teria havido uma sociedade religiosa adequada á indole racionalista do seculo, nem o catholicismo teria supportado inabalavel, como não supportou em parte, o choque das idéas. A Hispanha amparou por seculos a Europa de um futuro incerto e porventura anarchico. Não seria facil calcular os resultados da Reforma no organismo das sociedades meridionaes da Europa, e mui principalmente na Peninsula, onde as tradições poeticas e fatalistas são tão arreigadas. Loyola, por um instincto accentuadamente nacional, oppoz-se a que uma nóva ordem de idéas viesse transformar o genio da raça, e preparou o mundo catholico para uma orientação mais lenta, e talvez tivesse em mente conjurar um estado de coisas que julgava funesto dos interesses do seu paiz.

A Europa meridional flagellada pelos barbaros, sujeitava-se á vassalagem papal como um dos melhores penhores de paz e soccgo. O feudalismo civil e religioso, encastellado n'esses soturnos centros de egoismo medieval, espreitava indifferente o mundo, fóra dos seus altivos torreões e das estreitas frinchas das cellas. Só no extremo oriente as activas republicas italianas mandavam uma tenue aragem saturada de aromas orientaes, que dispertavam na fatigada e resignada sociedade européa so-

nhos de brilhantismo e novidade. A raça teutonica ainda nova no jugo da Egreja, sentia a necessidade de expandir-se, de viver vida alegre e forte, que levavam os Alaricos. Com Guttemberg e Luthero não podia resignar-se á aspiração sombria de Carlos V. O sensualismo religioso dos povos latinos só dava d'essas nevroses poeticas, que importavam verdadeiros cataclysmos na vida das nações. Tudo se ia renovando: ao fatalismo christão seguia-se a vontade racional; á phantasia religiosa, a imaginação criadora; á sensibilidade effeminada, o vivo sentimento da arte e do mundo real. A Peninsula abeirando o mar foi a primeira que entreviu um novo ponto de acção, e com a descoberta de novos mundos, criando novos interesses, conseguiu arrancar a Europa da morbida lethargia em que se anniquilava. Com os interesses materiaes surgiam os interesses moraes. As descobertas criavam necessidades, e estas os instrumentos de novos progressos. Tudo se modificou, desde as idéas religiosas até ao ultimo instrumento de utilidade material. A propria Biblia, codigo moral e civil das nações, fonte de todas as idéas em sciencia e arte, foi discutida, e a sua authenticidade posta em duvida. A revolução aluia a sociedade pela base. Não mais a escravidão do pensamento, não mais a abdicação da vontade! O individuo surgia radiante com a consciencia da sua força e do seu livre futuro, como um Promotheu. O christianismo sentiu-se ferido a fundo, e o proprio Papa não teria tido a coragem de convocar o concilio Tridentino se não fossem os theologos de Loyola. Na propria Roma o alto clero, frivolo e dissoluto, pugnava pela extincção das ordens religiosas. Loyola achava a Roma dos Papas — estéril em bons fructos e fertil em maus fructos. O que a poderia salvar, a não ser uma ordem religiosa modelada nas exigencias da epoca? O espirito publico não estava impondo ao christianismo uma fórma racional, uns habitos mais adequados á indole e á solidariedade humana?

Acompanhemos a Companhia de Jesus desde o seu inicio para avaliarmos a sua evolução e a sua fórma definida de um organismo novo no seio do christianismo.

Loyola chegava a Paris em 1528. Os seus primeiros

adeptos de Barcelona e Alcalá tinham-no abandonado. Até em Paris os seus primeiros companheiros de Saint Jacques de l'Hôpital, como Juan de Castro e Peralta, não se sentiam com coragem de levar vida romantica. O outro ponto da sua propaganda foi o collegio de Santa Barbara, onde Ignacio se encontrou com os seus intimos amigos Pedro Favre e Xavier, uma criança de 22 annos. O nucleo da companhia contava tambem no seu seio um portuguez, Simão Rodrigues de Azevedo, o primeiro chronista da Ordem. Os que fizeram o seu primeiro voto em Montemartre eram quasi todos hispanhoes, como Salmeron, Layenez, Bobadilla e Xavier.

A missão de Loyola ia falhando se um facto na sua vida não viesse demonstrar a altivez e energia do seu caracter hispanhol. . . .

D. Ignacio occupava muito os seus discipulos com praticas religiosas. Peña, professor do collegio, em vão tentou dissuadil-o, e foi queixar-se ao reitor, André Gouvea. O corpo cathedratico resolve expulsar Loyola com ignominia. Se tal succedesse, todos os seus companheiros o teriam abandonado. Mas Loyola, em quem a humildade e a renuncia christã não tinham conseguido apagar a noção da dignidade individual, base do caracter peninsular, pediu uma entrevista ao reitor e exprobrou-o em tom firme e peremptorio. D'ahi a poucos minutos, em vez de Loyola expulso, entrava elle a sala pelas mãos de André Gouvea, mal disfarçando a altivez e a indignação com que poucos momentos antes tinha repellido a affronta que se lhe pretendia fazer. Ao contrario da expectativa geral, o reitor fundamente sensibilisado, não só deixou de castigar o seu discipulo, mas deu-lhe em publico, em presença do mesmo tribunal que o ia julgar, as mais completas e honrosas satisfações. Loyola triumphara, e os seus amigos, quasi anniquillados como elle, abraçavam-se agora cheios de enthusiasmo. O instinctivo desdem, que os seus companheiros sentiam pela vida humilde do seu mestre, transformou-se em admiração e respeito pela attitude digna que elle assumira em occasião tão critica. Desde esse momento a companhia consolidava-se de um modo formal.

Os companheiros de Loyola iam agora partir para Veneza, d'onde seguiriam viagem para Jerusalem. A idéa de salvar Sião nunca foi abandonada pelo romantico guerrilheiro de Pamplona; foi o seu constante ideal até aos ultimos dias da sua vida. Mas as circumstancias teriam muito que modificar o espirito e o objectivo da Companhia.

Em novembro de 1536 iam os nossos peregrinos caminho de Veneza. Xavier, o mais zeloso dos noviços, o mais gentil e vivaz do grupo, querendo castigar a vaidade que se permittira nos seus bons tempos de estudante pela sua conhecida agilidade nos jogos gymnasticos, cingira o corpo de grossas cordas. Mal tinham chegado a Meaux, Francisco cahiu mortalmente doente. Os seus companheiros, para quem Xavier era a alegria e cujo espirito vivaz e generoso vencia todas as difficuldades e se offerecia a todos os sacrificios, notaram com surpresa o gradual desfallecimento em que elle, dia a dia, se ia arrastando durante a viagem. A' roda do seu leito, sem esperanças, sem algum outro auxilio, agruparam-se os companheiros em fervorosas preces pelo restabelecimento de Xavier, victima de uma penitencia exagerada. Aquella purissima e generosa alma não contente de partilhar das agruras de uma viagem ardua, queria por uma dura expiação attrahir os favores divinos a uma empreza em que elle se julgava o menos digno e o mais responsavel. Felizmente restabeleceu-se, restituindo aos seus amigos a felicidade e alegria que a sua morte lhes poderia ter roubado. Seguiram. Diziam-se estudantes de Paris em peregrinação ao tumulo de S. Nicolau em Lorraine. Como andava a guerra accesa entre Carlos V e Francisco I, os peregrinos hispanhoes, para evitarem hostilidades da parte das povoações francezas por onde tinham de passar, evitavam ter relações com o povo. Le Jay, Favre e Brunet serviram-lhes muito para serem tidos como francezes. Apenas transpuzeram a fronteira da França, os humildes estudantes, que até então tinham evitado quaesquer mostras de apostolado, em meio de paizes hereges, viram-se na necessidade de affirmar a sua fé, de um modo que posteriormente caracterisou o culto catho-

lico dos jesuitas. O espirito previdente e polemista da Companhia, o seu tacto especial de jogar com a influencia dos potentados, dos ricos e influentes, *ad majorem Dei gloriam,* teve por origem a concorrencia de circumstancias que a acompanhou no seu primeiro momento de existencia. Em Constança e Basilea e em vários outros pontos por onde tiveram de passar, os protestantes provocam-nos a discussões publicas. As privações por que tiveram de passar entre gente hostil, não só os obrigou a economisar o dinheiro que esmolavam aos catholicos, mas levou-os até a empenhar o breviario. As lições de imprevidencia inspiradas por uma angelica alma de poeta n'um paiz onde raras vezes se conhece o *struggle for life,* tinham agora um formal desmentido na dura realidade das coisas. Chegaram a final a Veneza, onde Ignacio os esperava. A guerra entre Solymão e a Republica Veneziana viria tambem aqui transtornar os seus planos de peregrinação ao Santo Sepulchro. Até em Roma, onde Ignacio esperava que as coisas lhe corressem melhor, muito teve a Companhia de vencer antes que pudesse obter do papa Paulo III as auctorisações precisas para o seu ministerio. O espirito da epoca, e as idéas correntes em Roma, eram contrarias a novas instituições religiosas, e Loyola para provar a adhesão firme da Companhia ao chefe visivel da Egreja e para neutralisar as influencias perniciosas dos cardiaes Carafa e Guidiccini, formulou nos estatutos o 4.º voto de obediencia especial aos bispos de Roma. Assim, lenta e progressivamente um grupo de peregrinos enthusiastas trocaram as sandalias pelo gorro, Jerusalem pela Roma dos Papas: *magnas Ignatius urbes.*

A este feitio da sua estructura religiosa e communal devem os jesuitas a sua força e estabilidade. Loyola preparou-os de um modo efficaz pelos *Exercicios Espirituaes,* obra que nada tem de christã, d'aquelle espirito amoroso e inconsistente que caracterisa o livro de Thomaz Kempis. A poesia, o aroma quasi nupcial, as doenças da imaginação e vontade que caracterisam os poemas religiosos dos mysticos, não inquinam esse livro, que é unico no genero de conquistar almas. Não se viu criação mais genuina de uma raça nem mais adequada á época reli-

giosa em que appareceu. Os *Exercicios,* como producto de uma raça, difficilmente puderam conservar a uniformidade do typo criado por Loyola, entre elementos alheios ao seu genio de peninsular. D'ahi a *Monita Secreta,* e a consequente deturpação do typo primitivo; d'ahi a aggregação disciplinar dos seus membros; d'ahi a autocracia dos do 4.º grau; d'ahi a ausencia de um ideal puro e elevado.

Analysemos, para melhor comprehensão, o livro de Loyola, que é o exemplar mais proeminente de um dos caracteristicos mais bellos da raça—a hombridade. O amor á verdade que dá a fé; a noção do valor individual que engendra o mutuo respeito, sem servilismo; a generosidade e o amor, a audacia e a franqueza, constituem o fundo peninsular, privilegio, talvez, de um povo que possue, como nenhum outro, a fascinação instinctiva pelo bom e pelo bello.

Vimos que a imaginação européa dominada pelo terror religioso, se despertara para uma nova vida com as descobertas do Oriente. A Peninsula se deve, depois da Grecia, a revelação da força e do genio criador do espirito humano. Os nossos navegantes investindo contra os mares *nunca d'antes navegados,* desvendando com as suas mãos audazes os sombrios e terrificos mysterios que nos vedavam os mundos novos, resuscitaram a lenda do Prometheu, demonstrando que a missão do homem na terra tem de renovar-se a cada instante por meio de novos elementos condicionaes da vida. A Peninsula, tão mal interpretada no seu culto civil e religioso, pelo throno e pelo altar, nunca abdicou da altivez inherente ao seu caracter. A obediencia servil nunca maculou o seu genio, que até nas toiradas revela uma das fórmas da superioridade humana. A um tal povo de imaginação ardente e vontade immaculada, a derrota do catholicismo podia trazer graves consequencias, insubordinando-o e arrancando da sua alma o ideal, que constituia a sua força e o seu brilhantismo. Loyola previu isto, e resolveu-se a reviver n'uma phase do christianismo a fórma por que elle sempre foi concebido pela sua raça, conquistando a vontade para uma causa nobre e generosa. Como? Eis o que importa saber.

Os *Exercicios* de Ignacio de Loyola, partindo de idéas geralmente acceitas, como a eternidade, o peccado, etc., impõem-se ao nosso espirito pelo seu caracter verdadeiro. Para dar uma intensidade duradoira á meditação d'esses themas, Loyola localisa o inferno, classifica e descreve os instrumentos de punição, reveste-o da realidade do tempo e do logar. A morte é sempre de um pae ou irmão, de um ente querido, com todas as circumstancias dolorosas, que tendem a confirmar a verdade pela recordação saudosa, pungente, de factos quotidianos. D'esta fórma o iniciado tem diante de si não uma verdade theorica, mas accidentes mil vezes por elle presenceados, coisas fundamente sentidas. Para que a impressão não fosse passageira ideou ao fim de cada meditação um *bouquet espiritual:* eu hei de morrer! A imaginação e a memoria dão-se as mãos, deixando o pobre neophyto sob o pesadelo de coisas sombrias, sobre que nunca pensara e que em vão agora procura esquecer. Cria-se um habito novo e o iniciado quasi que se sente arrastado por uma ladeira de corollarios, que a cada passo o fulminam e lhe desvendam coisas novas. E eu que nunca tinha pensado n'estas verdades diuturnas! Que louco! Nasce o *homem interior,* e o esmagamento o prepara como um instrumento docil nas mãos do superior. A desconfiança em si proprio, o pejo por uma tão grosseira insensatez, o receio e a tristeza, deixam-no n'esse estado da alma em que nós precisamos de um amigo, de um coração quente de amor. Procura-se então o confessor, um pae. As lagrimas tolhem as palavras, e o penitente em vez de confessar-se, beija os pés do representante de Christo, rende-se á descrição, em soluços. Pede, exige penitencia; não duvidaria até confessar publicamente os seus peccados e declarar alto e bom som, para que o mundo se convencesse da misericordia divina, que desde essa hora o seu unico fito era amar e servir a Deus. Mas, não basta só isto. É necessario que detestemos cordialmente o mal, que racionalmente o aborreçamos. Para isto, vem a *segunda semana* das meditações, com as detidas analyses e confrontos do offensor e do offendido. A enormidade do peccado resalta aos olhos, formidavel, odiosa. Se não fosse

a semana da Paixão qualquer neophyto teria succumbido n'esta altura, como muitas vezes succede. É necessario vencel-o pelo amor, depois de o ter esmagado pelo terror. Depois de Deus infinitamente poderoso, só Jesus, meigo e paciente pastor das almas, nos póde salvar. As suas dôres, as suas lagrimas, são as nossas. Como se é injusto offendendo o rei do amor! Tudo se salva amando-o, identificando-nos com o unigenito de Deus, que tudo póde em nosso favor. Este sentir é capital na quasi inconsciente evolução do penitente. Começa a phase mystica ou amorosa, a que aliás os *Exercicios* não se prestam pelo caracter do seu autor, um *caballero*. Quer-se soldados activos, uma *companïia*, prompta á lucta, ao sacrificio, e não uns ociosos delirantes. Ainda n'isto Loyola revestiu o seu livro do caracter da sua raça. O seu Christo não é um lazarento que inspira uma compaixão insultante, é um heroe, uma alma generosa que se sacrifica. Na vida d'elle e dos pusillanimes ha um contraste: o amor e a ingratidão, a largueza de animo de uma parte e a mesquinhez da outra. Que drama ha ahi que possa inspirar melhor a sua raça cavalheirosa?! O iniciado, levado a este ponto, enche-se de confiança, sentindo pulsar-lhe o coração de sentimentos nobres, de impetos de indignação, de resoluções audazes. Irá pôr desassombrado a sua espada ao serviço do novo rei, interpor entre elle e a ingratidão villã o seu valente peito. A *ultima semana*, a semana da gloria, enebria-o. A confiança vem confirmal-o, e elle entra a meditar na gloria eterna n'um rapto de poesia, em uma torrente de lagrimas. Que! tudo isto a um miseravel ingrato?! A belleza, a gloria, a eterna companhia dos fortes e dos bons como recompensa de me levantar d'este aviltamento, que me degradava aos meus olhos?! E que fiz eu até hoje? a quem servi?... Que é Satan senão um embusteiro, um miseravel?... Ahi está elle sobre um rochedo, feio, odiento, cercado de traidores e ingratos, uma familia baixa e degenerada. D'outro lado Jesus, o generoso amigo, com a bocca cheia de tristeza, o peito nobre, e o olhar cheio de amor, abraçando o mundo inteiro. Cercam-no uma legião de heroes, tão nobres, tão altivos como elle, cantando o hymno de victoria. Esco-

lhe! Quem hesitará? O neophyto cae como que embriagado nos braços de Jesus, qual soldado que apoz a victoria saudasse o seu general. Eia, Senhor, partamos, conquistemos o universo!

O livro, como se vê, é um producto da raça. Loyola pôz n'elle toda a alma peninsular, dando-lhe a fórma singular de um duello entre um fidalgo e um *chatim*. Á organisação de uma alma nobre e generosa, a sua propria alma, seguiu-se a calculada astucia e o instincto demasiado prudente. O jesuita ficou apenas construido da propria miseria, renegando da vontade e entregando-se cegamente nas mãos do seu chefe. Loyola bem queria que a ordem fosse exclusivamente hispanhola, como hispanhoes foram os primeiros e melhores jesuitas. Uma sociedade que só devia criar adeptos pela sympathia, domina apenas pela força e pela intriga. O que devia ser amado, attrae o tedio e o odio de todas as almas generosas e boas. Ainda assim, n'aquelle formidavel organismo, cujo poder e força se deve á transformação por que passou, ficou do seu fundador o espirito militante e aquelle orgulho quasi afidalgado com que o jesuita acrescenta ao seu nome o titulo da sua nobreza — Societatis Jesu. A sua fé no futuro, o seu desprezo pelos thronos e mesmo pelas tiaras, dimanam do caracter imprimido pelo seu fundador. O verdadeiro jesuita julga-se um puritano, e a sua egreja e os seus collegios são para elle os unicos estabelecimentos do christianismo. Por isso dominam todas as demais Ordens e imperam na Curia. A sociedade fundamentalmente adversa ao espirito christão só admitte gente sabia e sadia; não quer mysticos, quer sãos; não medita na Biblia, lê no universo; não vai aos sertões como Xavier, como De Nobili, funda verdadeiros castellos no centro das grandes cidades; não converte, explora. Aquelle formidavel collosso, uma especie de brahmanismo no seio da Egreja, só pode cahir pela corrupção, aliás dominará o futuro. O christianismo, quem sabe se ainda terá n'elle o seu peor inimigo! [23]

A esta poderosa Ordem pertencia o nosso Xavier. Mas n'elle o hispanhol estava acima do christão e do jesuita. Quasi sempre escrevia de joelhos ao seu querido padre Ignacio; o seu respeito e a sua obediencia pelo chefe não importavam a abdicação da sua dignidade; tinha-o por amigo, por egual. Pedia instrucções, mas tambem lhe pedia longas e amorosas cartas; beijava-lhe as mãos, mas tambem lhe enviava saudosos abraços, lá do extremo Oriente. Loyola sabendo o discipulo que possuia nunca lhe pediu contas da sua missão, nem se quer lhe mandava instrucções. É elle quem conhece na verdade perfeitamente o meu coração—escrevia Xavier ao capitão de Azpilqueta.

Xavier, poeta por indole, fidalgo por nascimento e por educação, nunca perdeu, quer entre o rude gentio, quer pelos mattos da India, onde andava roto e descalço, a distincção e gentileza que o caracterisava. O orgulho nobre e a generosidade expontanea formavam o fundo do seu caracter, a um tempo altivo e docil. Os instinctos de fidalgo leval-o-iam no principio a afastar-se de Loyola; mas a gratidão, que só existe onde ha generosidade e abnegação, fal-o-ia um dos seus mais fervorosos e dedicados amigos. O seu mysticismo partilhava das virtudes da raça, e a humildade christã não destruia n'elle o respeito devido a si. A gratidão convertia-o em heroe, tornava-se-lhe um estimulo para novos sacrificios e desinteressadas dedicações. Na India daria a sua vida em paga dos favores que D. João dispensara á Companhia. Não aceitaria os obsequios de Pero Mascarenhas, o embaixador portuguez que o acompanhou de Roma a Portugal, *se não estivesse convencido que na Indià hei de pagal-os a custo da minha vida*—mandava dizer a Loyola. Todos os sentimentos, que em parte são o privilegio da aristocracia, hombridade e generosidade, amor e fidelidade, distinctivos d'essa raça de loucos sublimes, possuia-os Xavier n'um grau elevado. Nenhum desequilibrio prejudicava a inteireza da sua contextura moral, boa, sem ser sombria. A pureza da sua alma, nunca manchada, traduzia-a a infantil alegria que lhe inundava o rosto. Os seus vivissimos olhos, desenrugados, humidos, como os discre-

tos labios da virgem, rosados de pudor; o seu rosto aberto, serenamente arguido; a cabeça quasi coroada de mimos e ternura, revelavam que n'elle se agitava uma alma capaz de amar até ao sacrificio e de perdoar até a injustiça. O amor, essa larga e dulcissima sympathia por tudo que é digno e nobre, constituia a sua força e o unico motivo das suas acções, que eram como o aroma das coisas santas e bellas da vida. Aquella alma de luz e intimos segredos, aquelle coração de mulher, avaliou-o Loyola, não duvidando fazer-se seu discipulo para o conquistar. Fez-se digno d'elle, amando-o para ser amado.

Ao principio a natural reacção da carne leval-o-ia ao excesso de mortificações; as luctas intimas e desconsoladoras, que um dia lhe torturavam a alma em sonhos impuros, causaram a rotura de um vaso d'aquelle purissimo coração. Xavier intimamente anniquilado ante a magestade divina, infinitamente fraco em face do Poderoso, sentia que o mundo lhe era pequeno, o impossivel uma ficção. Reproduzir-se, criar, absorver, eis a sua suprema necessidade. Em sonhos carregara aos hombros um pesado indio — uma visão do seu futuro. Era pouco, queria soffrer mais. O prazer na dôr crescia a par do seu amor; sentia-se feliz soffrendo: mais, meu Deus, mais! Esta sêde ardente de soffrer levou-o á India. O Oriente, Travancore com as suas languidas e saudosas praias de pescaria; o Camorim com os seus longos recifes, onde o mar braveja e suspira; Ceylão, com os seus femininos aromas; as Molucas e os seus vulcões; aquella terra onde a maternidade palpita, e aquelle céo palpitante e corado, como os labios de uma virgem, acabaram por vazar-lhe na alma toda a intensidade e toda a loucura do amor ideal. Xavier suspirava como o vento, beijava como o sol; a sua vida era como o eterno amor que tudo fecunda, que tudo santifica. Já não era só o Christo, individual, um symbolo, que enchia a sua alma. De mãos cruzadas sobre o peito, a cabeça lavada de luz, a bocca cheia de aromas, o peito arquejante e os olhos meio cerrados, humidos, esquecidos; ahi, sobre os cachopos do Camorim, conchegando ao seio filhos sem paes, colhendo os dispersos paravas, como a aguia os seus filhinhos; nos hospitaes, sugando

cancros, consolando os tristes; entre bons e entre maus, amando sempre, Xavier abria o peito, forte como a vida e immenso como o amor, e gritava n'uma embriaguez feliz: Oh Sanctissima Trinitas!

Deus desce-lhe ao peito, absorve-o, confundem-se na grandeza e na plenitude:

Ea, Senor, reprime tu grandeza,
No toda sobre mim quieras construila!

O amor matava-o, batendo-lhe no peito como uma alavanca. Não queria viver em ancias de amor; sentia a necessidade de identificar-se com o ente amado: — aparta el alma, apaga el fuego! A vida era pequena para o amor e para a sua grande alma:

Basta, ó Jesus, que en mar de amor me anego,
O si gustas que muera, aparta el alma,
O si quieras que viva, apaga el fuego!

Com uma tal intuição da vida, não ha para elle obstaculos que impeçam de levar nas azas do enthusiasmo o doce nome do seu Jesus. Vôa, não corre; não converte, electrisa; absorve como uma immensa tromba. As turbas arrebatadas seguem-no como a sua propria sombra. Os paravas, os malayos, os tamuls, os chingalezes, os moiros e os negros, cada um entende na sua lingua o que Xavier dizia muitas vezes em signaes! A imaginação vencida, fascinada, vê por toda a parte o milagre, e até as crianças iriam joviaes, batendo as palmas, deitar fogo aos pagodes e cuspir nos idolos feitos de lama, cantando hymnos chistãos.

Duas mil leguas percorridas entre a fome e o abandono, dez annos de luctas, de desenganos, de incalculaveis soffrimentos, dois milhões de almas conquistadas, mil egrejas erguidas, um imperio dez vezes maior que a sua patria... nada era bastante para pagar as larguezas divinas. Aquella generosa alma nem mesmo admittia que Deus o excedesse, que Deus o sobrepujasse na largueza de animo: Satis, Domine, satis! Basta, meu Deus, basta — reprime tu grandeza!

Mas Xavier não só amava como um christão, queria como um santo. Os céos, o inferno, que importavam? O ser grande, o ser divino, é uma necessidade, um predicado da nobreza humana:

No me mueve, mi Diós, para quererte
El cielo que me tienes promettido.

O amor, só o amor, confunde Deus e o homem, divinisa a vida e triumpha da morte:

Muevesme al tu amor en tal manera,
Que aunque no hubiera cielo, yo té amara.
....
No me tienes que dar porque te quiera:
Que aunque quanto espero, no esperara,
Lo mismo, que te quiero, te quisiera.

Agora que se achava na India, n'um campo vasto de actividade, não se contentava Xavier em ser generoso; queria ser até dadivoso para com Deus. Para ahi convida elle todos os pusillanimes, todos os sablos egoistas: *heu quam ingens animorum numerus vestro vitio exclusos cœlo deturbatur ad inferos!*

A sua ternura e a sua delicadeza confundiam tudo e todos n'um quente abraço de loucas esperanças. O peccador e o infiel eram para elle as apagadas figuras de Deus. O seu destino não o atormentava tanto como a dignidade humana n'elles ultrajada, e pedia a Deus que reivindicasse a honra do seu semelhante: *Deus, memento abs te animas infidelium procreatas easque ad imaginem et similitudinem tuam conditas, ecce, Domine, in opprobrium... recordare misericordiæ tuæ.*

O mysticismo de Xavier, como se vê, tinha o caracter do genio da sua raça. Não é uma lenta anniquilação, um suicidio covarde. Com a intuição do proprio valor e do de seus semelhantes, sobe até Deus rehabilitando-os pelo seu amor e pelos seus sacrificios. O mysticismo christão geralmente egoista, em Xavier é uma força criativa, redemptora.

O amor, essa necessidade reproductora da natureza,

quando absorvido n'um ideal mais largo e elevado, dá essa condição de espirito que se podia chamar sensualismo espiritual. A encarnação do filho de Deus, symbolo do bem, criou-a um dos predicados da natureza humana. O instincto sexual procura sempre a forma, a côr, a belleza humana, emfim. A encarnação do ideal via-a Xavier em Jesus com a intensidade e com o amor que uma tradição secular e uma compassiva saudade proporcionam. E que ha ahi que excite mais este amor como a Eucharistia vista á luz da fé? Quanto mais generoso se é, tanto mais nos arrebata esse formidavel drama de amor. Xavier, por isso, abria devagarinho o coreto que dava para o templo, com a femenina ternura de um apaixonado. Jesus está ahi tão fraco, tão exposto aos ultrages, tão condescendente!... E o *embevecido* chorava como uma mulher ferida de amor. Horas e horas, a cabeça pendida, de olhos cerrados, perdia-se n'esse doce descanso de casta embriaguez. A illusão do amor encontrava ahi a realidade, ahi, n'um pequeno e humilde tabernaculo, onde o Omnipotente se faz a carne da nossa carne e o sangue da nossa vida! Ninguem o arrancava d'alli. Meu filho — dizia Xavier uma vez a quem o procurava — é obvio que Deus quer todo este dia para si; deixemos o negocio para outra vez.

Francisco está cheio de amor divino, e parece que não sente outra coisa — diz um jesuita seu companheiro. Este amor que alcançava o ser mais inferior, tinha a simplicidade e a candidez de S. Francisco de Assis. Um dia, n'uma das ruas da cidade de Goa, estavam a ferrar um cavallo. Xavier passava, e sentindo o quer que é, virou e viu que a causa do reboliço era a insistencia e a furia com que o animal se vingava dos que o pretendiam maltratar, escoiceando-os desesperadamente. Francisco approxima-se, anima o cavallo e, com grande surpresa de todos, diz-lhe amigavelmente: cavallo irmão, como é que sendo tu tão bonito, não consentes que te calcem? O cavallo deixou-se ferrar, rinchando de alegria!

Quando nas vastas e longinquas missões, muitas vezes só ou cercado de inimigos, o seu unico allivio era ler as cartas dos seus amigos da Europa. Ora esforcem-se para

que as vossas cartas da Europa nos forneçam na India leitura para uma semana — mandava dizer para Roma. Conversava em sonhos com os seus amigos, e queria que Matheus, seu protegido, rezasse tão alto, de modo que a sua voz *possa chegar-nos aqui em Munahpaud*. O paraiso para Xavier era um congresso de amigos, onde se estava em familia, amando como na terra: na outra vida nós estaremos *facie ad faciem*, eternamente abraçados!

Com uma alma d'esta ordem não admira que elle convertesse o maior impenitente. A sua vida na India foi um delicioso poema de dez annos de amor. Fazia-se tudo por amor de todos, na phrase do Apostolo. O Oriente, um eterno hymno a Deus, inspirou-lhe aquelle systema de conversão que fazia recordar as origens poeticas do christianismo. De Ceylão a Ormuz, nas egrejas, nas pobres choupanas do pária, ao ar livre nas praias, com a musica dos ventos e aos suspiros do mar, cantavam as crianças a doutrina christã, levando á frente uma bandeira portugueza encimada de uma cruz de heras. A vida pesada do Oriente, sem ideal, sem instinctos generosos, accordava ao halito vivificador d'este poeta incomparavel. O *Santo Padre* surgia a cada passo radiante e sereno como a resurreição de um mytho; confundia-se com tudo e com todos como a propria essencia das coisas. Xavier não foi apenas um missionario, um santo, constituiu-se o pensamento e a esperança de um povo, como ainda hoje é a consolação d'esses desherdados, que um dia foram seus filhos.

Mas se Xavier herdara uma alma perfumada de aromas divinos, a educação da Companhia tinha modificado os seus instinctos de sonhador. Com a fundação de collegios, com uma boa administração dos bens, com o estudo do paiz que pretendia conquistar, proseguia como um homem pratico e prudente. Com a perspicacia do seu talento culto, viu claro quanto seria difficil converter os brahmanes, que elle odiava cordialmente. Em uma controversia com o celebre bonzo Fucarandano, Xavier não pôde disfarçar a magua que lhe ia na alma pela inefficacia da doutrina christã entre povos, que comprehendiam o *Bagavad Ghita* e aspiravam o *nirvana*. Vê — disse elle a

Duarte da Gama n'um accesso de desespero — o que esta gente diz não vem d'elles, mas do demonio, que os instrue n'isto: comtudo tenho confiança em Deus, elle responderá por mim. Xavier presentiu com toda a clareza de um philosopho, que o christianismo só podia viver entre os pobres e aviltados dravidas, entre os párias da Pescaria, emquanto a sua dedicação e o seu amor congregasse paternalmente aquelles miseros desherdados. O futuro religioso da India previu-o elle, um sabio: Parece que o seu destino (da India) ou antes a sua doença congenital leval-a-á a nunca exercer devidamente a religião ou ao cumprimento de uma perfeita virtude.

A 6 de maio de 1542 chegaram á Goa o governador Martim Affonso de Sousa e o nosso Xavier. Desde esse dia até ao presente o apostolado do sympathico jesuita conservou-se indelevel na mente e no coração d'esses povos por uma delicada e amorosa saudade, que os faz recordar d'esses felizes tempos do *agape* christão. Mas se Xavier tem jus á gratidão dos indios, não tem menos á dos portuguezes, pois não devemos esquecer que a elle se deve o commercio do Japão e as primeiras relações com a ciosa Cathay. As valiosas allianças do rei de Cochim, de Tranvacore, de Candia, de Macassar e de tantos outros, deu-nos elle, um outro Albuquerque, em quem os povos e os reis respeitavam a grandeza da nossa patria. De volta de Malaca receberam-no na Costa da Pescaria, entre arcos e festas; e quando nosso embaixador á côrte do rei de Civan, o bonzo de *Chimahicogim* (Portugal) foi recebido ao troar da artilheria das naus portuguezas estacionadas no porto de Firando. Iriamos muito longe se nos detivessemos em relatar todos os episodios da sua vida, que por dez annos se identificou com a historia das nossas glorias e dos nossos desastres no vasto Oriente. Recordemo-nos apenas que o riquissimo commercio das Molucas, commercio que posteriormente fez a riqueza da Hollanda, salvou-o Xavier

quando fez com que os portuguezes repellissem á mão armada a expedição dos achens commandados pelo rei de Pedir.

Uma noite (18 de outubro de 1547) os achens entraram em Malaca e puzeram fogo aos navios portuguezes estacionados no porto. Pela manhã do dia seguinte, no meio de um alvoroço indescriptivel, dirigiam-se ao palacio do capitão Simão de Mello alguns homens horrivelmente mutilados pelos barbaros, e que eram portadores de uma carta affrontosa escripta com o proprio sangue dos infelizes. Malaca aterrada, tendo apenas oito navios deteriorados e 180 combatentes, resolvia-se a soffrer resignada o insulto do rei de Pedir. Xavier regressava da egreja da Senhora do Monte, pesaroso e scismador, quando deparou com esse horrivel espectaculo, que a todos inspirava dó e espanto. Procurou indagar, e disseram-lhe que Simão de Mello não queria dar batalha. O desanimo era geral e ninguem se atrevia a castigar a insultante provocação dos reis de Pedir e de Bintang. Xavier, apparentemente calmo, rompeu pela turba até chegar onde se achavam os pobres pescadores, mauiatados e contorcendo-se de dôr. Vel-os e erguer aos céos os seus bellos olhos cheios de lagrimas foi obra de um instante. Entrega o breviario a um rapaz que o acompanhava e desapparece. Para onde irá o padre Francisco tão apressado? — perguntavam os habitantes de Malaca, que n'esse tempo invadiam as ruas, commentando assustados o acontecimento do dia. Quando chegou á presença de Simão de Mello, o capitão e os seus officiaes estavam da janella de uma torrinha a observar o porto, d'onde um negro fumo vinha cobrir a cidade de um véo de crepe. Xavier conheceu logo o estado de consternação em que todos elles se achavam, e dirigindo-se ao capitão da fortaleza lhe perguntou com um ar satisfeito: Então, quando partimos? Todos receberam a pergunta com um sorriso amargo. Tudo está prompto á primeira voz e, se fôr preciso, irei eu commandar, sr. Simão de Mello — tornou o padre sancto. Já n'esse tempo o povo apinhado á porta do palacio esperava com anciedade Xavier. Meus filhos — disse-lhes — nós saberemos castigar esses atrevi-

dos; mãos á obra e coragem. O povo seguiu-o arrastado. Em poucos dias partia barra fóra a flotilha capitaneada por D. Francisco de Eça. Um punhado de homens ia agora, á voz de Xavier, affrontar n'um perigoso mar uma frota poderosa e os marinheiros mais audazes do Oriente.

Logo á sahida do porto a nau capitanea soffre um rombo e a flotilha entra a barra, como um bando de aves feridas. A superstição popular viu no accidente o dedo de Deus. Á porta do palacio varios grupos commentam, censurando a imprudencia de Simão de Mello. Xavier mal podia atravessar as ruas, cercado de mulheres e crianças que lacrimosas insistiam com elle para que desistisse dos seus intentos. Esperai — diz-lhes Xavier — esta noite teremos o soccorro de dois navios. A população toda correu á praia. Nada. Faz-se tarde; o sol ia descendo. Da praia correm aos altos da cidade; sobem mastros, tectos, com os olhos anciosos no alto mar. A noite ia cahindo, acendem-se archotes. De repente ouve-se um grito: uma vela! Uma salva de palmas recebe Xavier, que n'esse momento corria á praia para verificar a boa nova. Os navios de Diogo Soares de Mello e os que estavam em Malaca sob o commando de D. Francisco de Eça iriam galhardamente affrontar o poderoso inimigo. Quem duvida da victoria? É o *padre sancto* que manda, é elle o chefe do *Armamento de Jesus*. Voltarão victoriosos!

Passam, porém, semanas, e ninguem sabe o que fôra feito da expedição. Tinham talvez sido postos a ferro e fogo os portuguezes, espedaçados os seus navios por entre os cachopos de Pulo Penang. Xavier era apontado como o causador de todas estas desgraças; perseguiam-no quasi quando elle triste e pensativo passava pela multidão murmurante e lacrimosa. Em Malaca todos estavam certos da derrota. Chega a final um domingo (4 de dezembro) em que todos assistiam á predica do padre Francisco na egreja da Senhora do Monte. O pregador chegara ao ponto em que descrevia a anciedade do mundo pagão pelo Messias. Jesus era a esperança do mundo — continuava o orador em ràptos de enthusiasmo descre-

vendo a vinda do suspirado Deus-Homem. De subito pára, mergulha um olhar ancioso na multidão, que o escuta triste e cabis-baixa, e, erguendo a voz, com os braços estendidos para o altar, exclama: Ó Jesus! Deus do meu coração! salvai os vossos filhos, eu vos imploro!

N'este momento todos se viraram para o pregador, estupefactos, como que acompanhando o lancinante grito. Xavier, dobrado sobre o pulpito, estendendo os braços como para abraçar aquelles infelizes, diz-lhes entre prantos, radiante de jubilo: Alegrai-vos, ó Malaquenses, triumphamos! Os vossos esposos e filhos voltam victoriosos! Demos graças a Deus! E cahiu de joelhos, abraçado ao seu grande crucifixo, emquanto o povo o cercava, osculando-lhe as vestes. Os portuguezes não tinham sido vencidos, voltavam poucos dias depois com 25 navios aprisionados. Desembarcaram, e a multidão levou n'uma onda de jubilo, da praia ao templo, quasi a braços, o seu querido padre Francisco. Ahi, emquanto as mães, as esposas e os filhos beijavam os victoriosos, chorando de alegria, os nossos marinheiros cantavam o *Te-Deum*, cobrindo Xavier com as bandeiras desfraldadas.

. . . . . .

. . . . . .

É assim que Xavier representou no Oriente Deus e a patria, amando como um louco e conquistando os nossos inimigos. Durante o seu apostolado na Asia vinculou elle o seu nome a quasi todos os successos da nossa historia colonial, consubstanciando na sua individualidade humilde o prestigio e a honra dos portuguezes, que n'elle tiveram o mais ousado e sympathico *pioneer* da sua civilisação.

Dez annos de incessantes fadigas e trabalhos tinham arruinado o seu delicado organismo. Depois de annos de incalculaveis privações, roido de desgostos e aggravos, de esperanças muitas vezes frustradas, queimado pelo sol e envelhecido pelos alimentos, ainda iria aquelle sympathico peninsular bater ás portas da China, como se a força e a vida humana não tivessem limites. Não contente com o que tinha feito, ainda se julgava em debito para com Deus, e, roto e descalço, extendendo os braços para as

terras desconhecidas, dizia generosamente, já no declinar da sua vida: mais, meu Deus, mais! Mas aquelle mimoso organismo tendo feito tanto, não podia mais. O seu corpo pedia os braços maternaes da terra; a sêde do Bem, a eternidade; o seu coração feito de amor e compaixão, a urna sagrada da historia. Xavier cahiu desfolhado no primor da vida, como as petalas de uma rosa vergadas ao peso do orvalho. A sua vida, os impulsos generosos da sua alma, ficarão na memoria da humanidade servindo-lhe de estimulos, como o seu nome ficará sendo para a Peninsula a sua gloria e o seu orgulho.

N'uma sexta-feira (2 de dezembro de 1552), contando apenas 46 annos, em uma fria e chuvosa tarde de inverno, na deserta ilha de San-Chão, morria Xavier nos braços de Jorge Alvares e Francisco Aguiar, dois portuguezes que assim lhe pagaram o ultimo tributo de amor e gratidão.

D. Francisco Jasso Azipelqueta e Xavier era de estatura meã. O seu rosto era extremamente oval, terminando n'uma barba bipartida; o nariz fino e expressivo; os olhos pretos, vivazes, humidos, banhados de uma alegria infantil; a testa ampla, branca e desenrugada, sobre a qual cahiam em anneis os seus cabellos negro-azeviches. Andava apressado, com o rosto sempre erguido. Estava geralmente jovial, e fascinava com as suas maneiras francas e abertas. A um todo de não sei que de mulher e criança, alliava uma gravidade que incutia respeito. Nasceu no castello Xavier, em Navarra, a poucas leguas distante de Pamplona, a 7 de abril de 1506.

A BABEL

IV

> Da terra vos say dizer que he mãy dos vilões e madrasta de homens honrados. Porque os que se cá lanção a buscar dinheiro, sempre se sustentão sobre agoa como bexigas (mas o que sua opinião a las armas Mouriscote) como maré corpos mortos á praya, sabey que antes que amadureção se secão.
>
> (Camões.—Obr. compl. cart. 1.)

> A collina oriental.. olha para dois vales, dos quaes um, seguindo o rio para a parte septentrional, está cheio de casas e tem a parochia de S. Luzia.
>
> (Fernão. Alv. do Oriente Lusit. Transf.)

A antiga cidade de Goa, a metropole dos vice-reis, como a admiraram Linschotten e Pyrard, descreveu-a a linguagem popular: ver Goa é ver Lisboa.

Momentos havia que a nova Capua, sacudindo o seu habitual lethargo, apavoraya a Asia toda no seu accordar de leão. Ahi surgia, como por encanto, a Roma do Oriente, com os seus Fabricios e Scipiões, onde o vicio tinha por condão converter os heroes em *chatins*. Goa era a Constantinopla de hoje no seu viver morno e descuidado, e tambem a dura Sparta, donde a guerra e o exterminio, qual lava vulcanica, crestava o vasto e uberrimo solo do poetico Oriente.

O portuguez, já de si epicurista, facilmente se transforma em *nababo branco;* mas o meio não influira a ponto

de degeneral-o de todo, ou pelo menos não conseguiu fazer-lhe perder aquella especie de poesia no goso e na materialisação dos habitos. A generosidade, o espirito de aventura, a valentia e a lealdade lusitanas não conseguiu apagar de vez nem a distancia que o separava da mãe-patria, nem o goso de uma riqueza mal adquirida. A cidade de Goa foi n'esses tempos o ponto para onde convergiu o melhor de nossos guerreiros, de mistura, é verdade, com alguns que iam fazer fortuna; mas a India não foi exclusivamente o Brasil, era o theatro de glorias portuguezas. Suppor-se que a sociedade portugueza tinha perdido os instinctos de raça de um modo como a pintam os viajantes extrangeiros, é para nós um gravissimo erro. O elemento vivificador era a guerra, e ella sempre existiu na India para accordar nos portuguezes os sentimentos cavalheirosos da raça. [24]

No extremo oriental da crista que divide a bacia formada pelos rios Mandovy e Zuary fica a Velha Goa.

«Passando pela cidade de Goa pelo rio acima na mesma Ilha de Goa está o passo de Daugym, chamado por outro nome da Madre de Deos, pela razão de estar n'elle o Convento da mesma invocação dos Franciscanos reformados, fundado pelo Arcebispo D. Gaspar no anno de 1569. No dito passo está uma Couraça com quatro peças, e a Igreja de S. Joseph de Daugym. Depois do dito passo começa o pano dos muros com Baluartes e Couraças, e a artilheria até o passo seco de S. Bras, aonde está a Igreja do dito Santo que he Freguezia, aonde se fez nova fortificação no anno de 1697 governando este Estado o Excellentissimo Conde de Villa-Verde.

«Deste passo de S. Bras se vay continuando o dito pano de muros pelo mesmo modo até a Fortaleza de Santiago, chamada de Banastarym em que alem de outras peças está huma mourisca bem grande, que tira pelouro de disforme grandeza; nella fica a Igreja de Santiago que he Parochia; desta Fortaleza se vay continuando

o muro até o Mangueiral, aonde fica huma grande Couraça com tercena para assistir huma companhia no tempo do inverno; e d'esta Couraça vay continuando o dito muro até o passo de S. João Bautista de Carambolym, em que está a Igreja do dito Santo; d'este passo começa o dito muro a atravessar pelo outeiro até a casa da Polvora, mas o rio que começa da barra, vay cercando toda a Ilha de sorte que vae encorporar-se com o seu principio; antes do qual fica em Agaçaim o passo de S. Lourenço, com a Igreja do dito Santo, que he a Freguezia, e com um Forte.

«No tempo do Governador Antonio Paez de Sande forão amuradas varias ruas d'esta cidade fazendo em partes necessarias, portas, com que ficava fechada e cercada a cidade de Goa, ao menos pela mayor parte; mas pouco duraram os ditos muros, e ficou como dantes aberta por todas as vias.» *(Prompt. das Diffinic. Indic., P. Leonardo Paes, pag. 131.)*

A cidade tinha tres regiões: as Ribeiras, occupando o littoral; a area central cercada de *Cavas* e os suburbios ou bairros separados da região central pelas ruas dos Ferradores, do Açougue e dos Chapelleiros. Além das *Cavas,* que em feitio de uma ferradura circumdam essa região, duas collinas marcavam os limites naturaes da cidade: a primeira pelo occidente encimada pelo priorado do Rosario, a outra ao nascente onde se acha a egreja de Nossa Senhora do Monte. *(Prim. Rot. da Costa da Ind. D. João de Castro, pag. 10.)* Do *Terreiro* dos vicereis contiguo ao palacio, isto é, de norte a sul, a *Rua Direita,* que entesta com as tres egrejas e casas de Misericordia, divide em duas faxas o bairro central. Ao fundo d'esta rua, no frontespicio da egreja de Nossa Senhora da Serra brilhava ao sol a estatua de Albuquerque *esculpida em pedra dourada.*

As Ribeiras, onde a vida commercial é mais animada e o panorama mais variegado, começavam logo entre Panelim e Ribandar, com a *Ribeira Pequena,* onde se aquartelava a marinha de guerra. Quem fosse rio acima avistava logo antes do hospital real a *Ribeira Grande* e em seguida a *Ribeira das Galés* e o *Caes de S. Catha-*

rina para onde dava uma porta do palacio do vice-rei, por onde elle sae *sem que ninguem o veja*. Mais para cima ficava o *Caes da Fortaleza* ou o Terreiro com a Alfandega, o *Bangaçal* e o *Peso*, que uma pequena enseada aonde affluiam as *champanas* separava do *Bazar Grande, praça mui grande e arredondada, onde se faz o maior de todos os mercados de Goa no que toca a comestiveis.*

A região que ficava entre as collinas e as *Cavas* póde chamar-se o Paraiso dos Frades. «Goa é propriamente a cidade das egrejas, e a riqueza das provincias parece ter sido despendida na erecção d'ellas.» *(Buchanan.)* De sobre os altos com que se empolava a area da cidade, coroados de frondosos arvoredos, emergiam os conventos —outros tantos palacios feudaes. Do lado oriental era Santa Luzia, Nossa Senhora do Monte, hospital de S. Lazaro, egreja de S. Thomé, collegio e egreja de S. Paulo, convento dos Carmelitas e de S. Domingos; do lado occidental o collegio do Populo, o Bom Jesus, convento de S. Agostinho, de S. João de Deus, S. Roque, Santa Monica e o Priorado do Rosario. No littoral a vida e a força; na area central a riqueza e o luxo; semeando os altos, n'um fundo verde-escuro, as torres brancas, como velhos orgulhosos. Hoje, todas essas fachadas, todas essas torres, meio derruidas, meio sustidas no ar, espetadas de enormes traves, apoiadas a uma palmeira ou phantasticamente suspensas por uma rede de raizes esbranquiçadas, parecem naus desmanteladas, fósseis extranhos.

A região sul da Velha Goa era o sitio mais densamente povoado pelas classes indigenas. Todas as castas e todos os mesteres tinham ahi as suas zonas separadas umas das outras: cada uma das classes d'esta gente (baneanes, canarins, etc.) tem suas ruas apartadas, e n'ellas suas tendas ou boticas para cada sorte de negocio. *(Pyrard.)*

D'entre os indigenas os brahmanes occupavam a orla maritima do rio, algum tanto segregados da maioria da população, onde elles tinham as suas boticas. Uma boa parte d'elles entregava-se ao mester de curandeiros (herbolarios) vendendo mèsinhas e outras bagatelas: ha em

Goa muitos brahmanes que moram junto ao rio vendendo hervas e medicamentos nas suas boticas... são sordidos e pouco engenhosos, mas de resto muito expertos nas suas contas, finos e astutos.—*(Voy. Biervillas, pag. 73.)*

Na zona meridional o *Pelourinho Velho* era o ponto central d'esse bairro immundo, uma Alfama indiana, e para onde vinham desemboccar sete ruas. Se d'ahi caminhassemos para o sul, tomando pela estrada que vai dar a Nossa Senhora da Luz, ou pela rua dos Carregados, iriamos perder-nos na mais accidentada região da cidade. Extensos arrozaes, verdes como alfombras; alagoas cercadas de pittorescas vivendas; magnificas hortas, onde os frades e os fidalgos se divertiam amiudadas vezes, cobriam essa região quasi exclusivamente habitada pelos religiosos de S. Thomé, da Trindade, da Cruz dos Milagres e do priorado da Luz. Um pouco mais para o nascente, passando a egreja de S. Thomé ou Santiago, defrontando a grande alagoa, ficava o hospital e o Campo de S. Lazaro, onde em dias de S. João os fidalgos jogavam as cannas.

Não só em costumes, mas até topographicamente, a capital da India rivalisava com Lisboa. Nos altos morros campeavam as molles pesadas e geometricamente alinhadas dos conventos, architectura symbolo do genio sombrio e grosseiro do frade. Em varios pontos da cidade ficavam os *bazares*, pequenos planaltos cercados de muros, como o Pelourinho Novo, o Açougue e o Bazar Grande. Era n'um d'elles o *Terreiro dos Gallos*, onde, para divertimento dos fidalgos, as pobres aves se despedaçavam armadas de esporas de aço.

A cidade não tinha altos tão proeminentes como os de Lisboa. Innumeras escadinhas de pedras de Baçaim punham em communicação os accidentados pontos da cidade. Algumas não eram calçadas. No inverno as poças de agua e os rigueiros que corriam pelas ruas chegavam a obstar o transito.

Como a cidade era relativamente pequena (tres milhas quadradas), quasi circumscripta á area central, de qualquer das collinas a paizagem era encantadora. Em baixo borbulhava a multidão. Os *sombreiros* de varias côres, os

multicôres turbantes, chapéos de varios feitios, ondeavam em tropel chispando ao sol como uma placa de oiro. As casas, na maior parte caiadas de branco, com largas varandas de caprichosa ornamentação; as innumeras *boticas*, sobre cujos balcões se erguiam os sarapintados cata-soes de pannos de Guzerate, as lindas hortas em frente das casas e as naus varadas ao littoral, como um palmar, davam á cidade um aspecto phantastico.

«A cidade, pois, que fica á mão direita do rio, na sua parte interior, é assaz grande, fabricada parte na região baixa e parte sobre as collinas, d'onde se vê toda a Ilha, o mar, e a terra firme á roda n'um deleitavel panorama.» — (*Viaggi Di Pietro Della Valle, tom. 4.°, pag. 144.*)

Nos sete arrabaldes, nas bellas hortas de Moulá, a meia legua da cidade, casa de saude dos jesuitas; nas de Madre de Deus e dos Capuchos em Daugim, onde os vicereis costumavam recrear-se, e na da Senhora de Guadulupe ao extremo meridional, a vida despe-se do revolto sensualismo da cidade. Reclinados sobre a relva, uns de loba, cinto de galão e gorro vermelho, outros em mangas de camisa, mascando o *betel*, jogavam ao dado em grupos os ociosos fidalgos. De roda, pondo cerco aos jogadores, os *garopeiros* faziam sortes, e as dengosas bailadeiras *enfuladas* e garridas cantavam os *launis* ao som do *mordango*. As mulatas vendiam *canudos* de brancas folhas de bananeira, mimosamente ornados de fios de seda, e os escravos serviam em taças de Delhi o vinho de passas. De um grupo estala uma ruidosa gargalhada; cessam os batuques, tudo corre, rola pelo chão em gritaria infernal. Aquella turba avida e miseravel, espreitando por sobre os hombros dos jogadores os *larins* que rolavam sobre o tapete estendido no chão, corria faminta atraz do dinheiro, rolando em doidos zig-zags. D. Francisco tinha ganho uma aposta; agarra uma mão cheia de *larins* e arremessa para longe aos famelicos espectadores. Fazia-se menos calor, e os jogadores riam-se até não poder com a balburdia infernal dos caçadores de moeda. Nunca vi — diz Pyrard, que tambem fazia parte d'esses espectadores — jogadores mais liberaes e bizarros do que aquelles, porque os que ga-

nham dão voluntariamente dinheiro aos que estão fóra do jogo.

De uma vez o governador Martim Affonso de Sousa cavaqueava com um grupo d'esses estouvados no Terreiro da Fortaleza. Chega D. Duarte de Menezes com passo grave e muito cheio de si.

—Olá!—diz-lhe o governador—d'onde vem o senhor D. Duarte? E sublinhou.

D. Duarte, que não era d'esses fidalgos que fazem—segundo o dizer de Camões,—com a sua fidalguia com que lhe cavemos fidalguias de seus avós, onde não ha trigo tão poeirado que não tenha alguma hervilhaca, sacudindo a capa, e meio enfiado responde-lhe meneando a cabeça:

—De lá venho, de tres ou quatro condes!

De outra vez um tal Bernaldim de Sousa, muito espartano no vestir, ia morrendo de gago com o espirituoso governador. Vendo-o um dia vir de loba e barrete, Martim Affonso diz para os seus:

—Aqui vem o senhor Bernaldim, que é o chefe dos Sousas!

—Esse osso ha...haveis vós de roer—retruca-lhe Bernaldim mais gago do que nunca.

D. Francisco de Menezes e Ruy Lourenço de Tavora andavam em rixa velha por umas questões de Baçaim; mas o governador D. Estevão de Gama conseguira reconcilial-os. Succede, porém, que depois de terem conversado amigavelmente no Terreiro dos Vice-reis, o cavallo em que ia montado Ruy Lourenço atira dois pinotes quando os reconciliados rivaes se apartavam. Tanto bastou para D. Francisco se julgar offendido na sua honra de cavalleiro, e bater-se por detraz da egreja da Senhora do Monte com o seu antigo rival.

Estas scenas multiplicavam-se, e D. Quixote reinava tão bem ou melhor na India do que na sua propria patria. O portuguez, aliás menos fanfarrão que o hispanhol, ao lado dos seus conquistados, modelou-se n'um typo que não raras vezes chegava a ser irrisorio.

«A gravidade dos habitantes de Goa—escreve Biervillas—é maior que a dos grandes senhores da Europa,

e mais ridicula que a dos hispanhoes: elles andam pelas ruas fumando ou mascando continuamente o *betel*. Vestem-se de tafetás, setim, damasco, ou qualquer outro panno preto, sapatos de marroquim sem meias, deixando ver as pernas. São altivos, orgulhosos, grandes fanfarrões na maior parte, julgando-se os mais bravos guerreiros do mundo, e fazem mil tregeitos ao andar, o que denota o seu orgulho e vaidade.» *(Obr. cit., pag. 98 e 99.)*

Este typo ainda hôje se encontra, porém mais ridiculo e semsaborão. Sem caracter e sem côr, olhar vivo e inquieto, covarde e fanfarrão, cheio de intrigas e de pequenas miserias, verboso e ao mesmo tempo tolo, o mestiço denuncia-se ao primeiro olhar. Outro é o typo da aristocracia portugueza da India, mais hispanhol que portuguez. Ha-os francos, duros, leaes, como um transmontano, e estouvados, mas bons, como aquelle D. Antonio José de Noronha, bispo de Halicarnasso. Foi tudo — apostolo e general, e morreu de uma indigestão á mesa do governador D. José Pedro da Camara!

D'estes *soi-disant* fidalgos, mestiços ou não, nos fala com muita graça o viajante que citámos:

«A maior parte das naus que todos os annos chegam de Portugal veem carregadas de aldeões e mesteiraes; comtudo, uns mezes de residencia aqui é o sufficiente para elles se darem ares de fidalgos: e é-lhes isso muito facil o fazer ajuntando tres letras ao seu nome, de modo que Gaspar, por exemplo, que era carregador em Lisboa, torna-se gentil homem em Goa, fazendo-se chamar *Dom* Gaspar.»

Camões descreve-nos João Toscano:

Su comer las carnes crudas,
Su beber la viva sangre

Manuel Serrão tinha ainda mais graça; era brigão e torto como o poeta: *sicut et nós* manqueja de um olho.

Os improvisados *Dons* Gaspares é que inspiravam ao nosso poeta os finos sarcasmos e a Bocage as sujas invectivas:

Oh tu que me atarracas
Escudeiro de solia
Com bocaes de fidalguia
Trazidos quasi com vacas
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes que cheiram já...

E no soneto CXCIV Elmano descrevia assim a Babel:

Cá n'esta Babylonia, d'onde mana
Materia a quanto mal o mundo cria,
Cá onde o puro Amor não tem valia
Que a mãe que manda mais, tudo profana;

Cá onde o mal se afina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tyrania;
Cá onde a errada e cega Monarchia
Cuida que um nome vão a Deus engana;

Cá n'este labyrintho onde a Nobreza
O Valor e o Saber pedindo vão
A's portas da Cubiça e da Vileza;

Cá n'este escuro cáos de confusão,
Cumprindo o curso estou da natureza.
Vê se me esquecerei de ti, Sião!

Bocage vingava-se; e Camões, que não era *fidalgo*, dava banquetes, cujo *menu* eram versos. Os *Dons* Gaspares chamavam-os, por desdem, *reinoes*.

As invectivas de Bocage cresciam, fazendo suppor a um illustre escriptor contemporaneo que elle vazava toda a bilis contra os brahmanes: [25]

Lusos heroes.....
Surgi, vinde exercer as mão mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes Mestiços.

Mas quem são estes mestiços? Elle os descreve *sem mais enfeite que o langotim (tanga) diametro do...* A' colonia portugueza de Goa nunca vestiu o *langotim*.

Ora como a vida e os habitos se reproduzem atravez dos tempos, nós ainda acharemos na India os restos d'essa sociedade que nos tempos antigos habitâva o bairro meridional da Velha Goa e ainda hoje habita identica

região na actual capital — Pangim. A rivalidade tradicional entre Pangim e Ribandar, commummente chamado *bairro nobre*, bem mostra que na India ha portuguezes e os que se dizem portuguezes.

A *Ribeira Grande*, como dissemos, ficava no extremo oeste do littoral, entre a *Ribeira Pequena* e o hospital real.

É manhã. De todos os pontos da cidade os sinos repicam ao acordar do dia, e nas naus de Ormuz coalhadas junto da Ribeira, os moiros invocam *Allah*, com o rosto voltado para o Oriente. Pelas duas portas interiores da praça veem já entrando os mesteiraes. Ninguem entra ou sae sem ser escrupulosamente examinado pelos guarda-portões. No adro da egreja das Cinco Chagas, o vedor, um segundo vice-rei, abancado a uma mesa, superintende aos serviços do fisco. Nos estaleiros, na casa da moeda, na fundição de artilheria ia grande faina todos os dias. Os elephantes firmes e pesados como uma machina, descarregam lentamente os navios, servindo de guindastes.

Da outra banda as *almadias*, pintadas de vermelho e amarello, com os mastros topetados de heras, remam para o caes de Santa Catharina ou o *bazar* de peixe. N'este mesmo sitio, logo depois do hospital, atracavam as naus que de Portugal iam á India. Os *boiás* a dois e a quatro com grossos *bambus* aos hombros, fazem fretes, resmungando uns dizeres proprios d'aquella gente. Os soldados, de grandes cachimbos na bocca, quasi suspensos na amurada, recebem dos marinheiros cartas dos seus amigos; os frades, em grupos, de olhos arregalados, escutam a leitura das instrucções de seus Provinciaes, e os velhos fidalgos abraçados aos novos, passeiam pelo tombadilho, contando as proezas da India.

Na *Ribeira das Galés*, que fica para o oriente do caes de Santa Catharina, o vedor da fazenda, debaixo de um

grande *sombreiro* de damasco vermelho, despacha as fazendas que devem seguir na nau de viagem. O vice-rei está ahi sobre um terraço do palacio que dá para a Ribeira cercado de seus officiaes, sentado como um idolo, de sobre quem o *boiá* sacode as moscas com uma grande ventarola de pennas de pavão. Do hospital segue para o caes uma turba de maltrapilhos. Uns vão aos saltinhos em muletas, o rosto negro, as calças rotas e os pés inchados, quasi calvos e tiritando com febre. De braço a braço com mulatopas desbragadas, embarcam quasi nus, largando a ultima camisa nas mãos das fiéis amantarronas, de quem se despedem em sentidos adeuses: havemos de voltar! E voltando-se para a imagem de Santa Catharina, olhando de frente sobre a porta da cidade, os da matulotagem, de gorro na mão, gritavam: valha-nos Nossa Senhora! Ahi estava a prova provada para que nos servia a seductora India!...

No *Terreiro da Fortaleza,* junto ao Bazar Grande, descarregam as naus as riquezas de Malaca, de Ormuz e do Malabar. Ao olhar avido do vice-rei, que do terraço tambem superintende esta praça, levam os *boiás* fardos de cannela, pimenta e outras especiarias, espirrando a cada passo. No *Bangaçal,* junto ao *Peso,* uma grossa trave vertical suspende os braços de uma enorme balança, em cujos pratos o elephante cuidadosamente colloca enormes fardos.

Entrando para a cidade pela porta principal ia-se ter ao *Terreiro* ou largo do palacio. Ahi ficavam o Senado, o Tronco e os Armazens reaes. Quasi em seguimento, a *Rua Direita* ou do *Leilão,* ao centro da qual se erguia magestoso e sombrio o palacio da Inquisição—antigo serralho do Hidalcão.

O povo, por um instincto de terror, chamou a este palacio *Orllem Góa* (Casa Grande). Os aterrados indios vendo aquellas largas escadarias de pedra preta, que pareciam degraus de um cadafalso; as grossas e negras grades das suas prisões; tendo vivos na memoria os casos tetricos que se contavam dos seus carceres subterraneos, onde Dellon padeceu, Buchanan tentou entrar, e Jacolliot sonhou ver em 1868, não se atreviam a chamar aquillo pelo seu nome.

Grande foi, com effeito, aquella Casa, mas em torpezas mil.

Fundada em 1560 a pedido dos jesuitas, extincta por carta regia de 10 de fevereiro de 1774, restabelecida em 1779 por D. Maria I, foi abolida de todo aos 16 de junho de 1812 pelo principe regente D. João.

Desde os primeiros inquisidores Aleixo Dias Falcão e Francisco Marques até ao ultimo Antonio Gomes Pereira da Silva, isto é, n'um periodo de 86 annos (1650-1736), o Santo Officio celebrou *71 autos de fé*, sendo da primeira vez (1 de abril de 1650) condemnados á fogueira 4 victimas. De 1653 a 1679, o numero de condemnados a varias penas sobe a 4:167.—*(Narr. da Inq. de Goa. Dellon.)*

Logo pela manhã o sino da cathedral dobrava a finados chamando os fieis á cerimonia. Rompe a procissão a Ordem de S. Domingos. Os condemnados, de samarra e sambenito, seguem um a um, tendo ao lado um padrinho. Dellon levava *o general dos navios portuguezes*. O funebre cortejo toma pela Rua Nova, ladeia o Arco dos Vice-reis, seguindo pelo Hospital, rua adjacente á Ribeira, Capella de Santa Catharina até á egreja de S. Francisco, onde tem logar a cerimonia.

O altar-mór forrado de crepe tem a cada lado dois thronos, para o inquisidor e para o vice-rei. O provincial dos Agostinianos, subindo ao pulpito, explica aos fieis os salutares effeitos da Inquisição. A Inquisição é como a Arca de Noé; mas ainda melhor, porque d'aqui só sahem mansos como cordeiros os lobos vorazes e leões carniceiros. Todos mechiam a cabeça em signal de assentimento e benziam-se tres vezes em louvor do Pae do céo, que tão caridoso era em substituir-lhes o Purgatorio por uma innocente fogueira. Os hindus, que costumam queimar os seus mortos, viam nas fogueiras accesas á beira do rio um plagiato, e não percebiam bem porque os christãos tratavam tão mal os seus correligionarios. Questão de costumes, diziam elles, e fugiam da egreja christã por instincto de conservação propria.

«Toda a ruina d'este estado—escrevia o vice-rei D. João Saldanha e Gama—consiste visivelmente na falta

de commercio, e esta falta provém de dois motivos: o horror que todos os mercadores, que são gentios e móiros, tem ao procedimento do Santo Officio... Seria facil —diz o governador Francisco da Cunha Menezes—comprovar a v. ex.ª pelos livros da secretaria d'este estado que a piedade dos senhores reis de Portugal a respeito d'este tribunal produziu effeitos bem funestos, não só ao estado, mas á mesma religião. He incrivel a soberba com que um inquisidor atacava o governo obrigando-o a que seguisse as suas máximas; a imprudencia e creio que a avareza com que os seus commissarios se portavam no Norte (Baçaim, Chaul) fazendo fugir das nossas possessões gentios e christãos, arruinando inteiramente o commercio e alliciando o animo d'aquelles povos do nome portuguez.»

Quasi sobranceiro á Inquisição, magnifico palacio, como lhe chamava Pombal, em um alto dominando o rio, ficava o palacio dos vice-reis. Dois grandes pateos davam-lhe entrada. Logo á esquerda uma larga escadaria conduzia á sala, de cujas paredes pendiam enormes quadros, representando as naus que de Portugal tinham partido para as Indias. É coisa espantosa ver tantos navios perdidos — diz um viajante. Seguia uma outra, adornada com os retratos de todos os vice-reis da India. Cem archeiros de longas barbas e vestidos de azul guardavam os Paços vice-reaes.

Na *Rua Direita* ou do *Leilão* redobra-se a vida, e os *sombreiros* abertos parecem um docel cobrindo milhares de cabeças.

«Esta Rua Direita—escreve Pyrard—he das mais bellas e grandes, cheia de tendas de joalheiros, ourives, lapidarios, tapeceiros, mercadores de sedas e outros artifices de coisas ricas. Emquanto dura este mercado ha tal concurso de gente na rua, que mal se pode passar. Não temem a chuva no inverno, nem o calor no verão, por respeito d'aquelles grandes *sombreiros* ou chapeos, que cada um traz, e que tem pelo menos seis a sete pés de diametro, de sorte que quando aquella multidão está reunida, todos aquelles *sombreiros* se tocam entre si, parecendo um só toldo inteiriço.»

Nas varandas, sobre fofos coxins de Ormuz, as mulheres ricamente cujoiadas dir-se-iam idolos doirados. Uma escrava ajuncta-lhe com carinho os pés; de um lado um abana-a, emquanto a outra, com um grande *sombreiro* n'uma mão, vai-lhe vazando no lenço finos aromas da Persia. Os *xarofos* gordos e luzidios teem sobre ricos tapetes pilhas de moedas em oiro e prata. Sobre o peito nú luzem-lhe os *pagodes*, os *venezianos* e os *S. Thomés* suspensos de um grosso cordão de oiro. Passa o fidalgo n'um soberbo cavallo arabe. Os arreios são de Bengala ou da Persia *bordados de seda adornados de oiro e prata e perolas finas; os estribos são de prata doirada, as redeas cravejadas de pedras preciosas e ornadas de campainhas de prata.* O negro de *mandil* com um bastão de prata rompe-lhe o caminho; detraz segue o *faraz* sacudindo as moscas e o *boiá* ao lado com o *sombreiro* de damasco franjado de oiro. Dobra a esquina o *palanquim* da fidalga conduzido por quatro escravos. Mysteriosamente envolta em sedas, com o rosto coberto e cercada de innumeros pagens e escravos que a cortejam, mal deixa ver a mãosinha em cujos dedos, desde o polegar até ao minimo, brilham preciosos aneis de envolta com um rozario de perolas, que torneando-lhe o pulso termina por uma cruz de brilhantes.

Em Goa até a religião se revestiu das pompas do paganismo. Além dos opiparos banquetes dos jesuitas, dos seus *autos*, das cavalhadas e das luminarias, com que pretendiam captar as boas graças dos vice-reis, nada mais ridiculo do que essas festas apparatosas, que não só absorviam muito dinheiro mas até chegavam a bestializar os espiritos mais sãos. Quem se não lembra da festa de S. Martinho em commemoração da tomada de Diu; da procissão á chegada da cabeça de Santa Geracina, de cuja confraria se fez membro o vice-rei D. Affonso de Noronha; do baptismo da filha do rei de Meale, a quem o governador *foi cortejando a pé a hũ lado do palanquin;* dos pomposos baptismos de D. João de Menezes, filho de Mahomed-Khan, de D. Phillipe, neto de um rei de Maldiva e de João Modeliar. Tão boçaes eram os capitães e os fidalgos, que até D. Philippe de Castro, quando

se inaugurou a egreja dedicada ás Onze Mil Virgens, conduziu á frente dos seus soldados a primeira pedra do alicerce. Quem se não lembra do Natal em que nas egrejas se representavam os mysterios christãos *com grande copia de personagens e animaes que fallam como cá os bonifrates, e ha grandes rochedos e por baixo d'elles homens que fazem mecher estas figuras.* E o que são esses *engachados* ou penitentes que se arrastam em longas procissões rasgando as carnes, se não uns loucos? Os celebres baptismos geraes dos jesuitas, no dizer do autor do *Oriente Conquistado,* eram uma comedia, uma burla indecente *para seus particulares interesses.*

«No dia da Conversão de S. Paulo — escreve Pyrard — faz-se grande festa e solemnidade. O vice-rei acompanhado de toda a nobreza, chegando ao numero de duzentos a trezentos fidalgos a cavallo, bem montados e paramentados, vae á dita egreja, e depois da festa janta com os Padres Jesuitas. Todos os estudantes ricamente adornados de toda a sorte de vestidos de seda vem esperal-o formados em ordem de batalha, uns a cavallo, outros a pé, e todos armados, e assim marcham na dianteira do vice-rei, fazendo todo o resto do dia alli muitos jogos e folguedos.»

O ridiculo e a intolerancia eis com que a religião pretendia civilisar esses povos. A par d'isto os escandalos, as extorsões, as rebelliões de cruz e varapau. No Malabar Fr. Antonio Hercules e seu irmão eram *publicos ladrões e capitães de esquadras mahometanas.* Os padres Francisco e Pero de Almeida devastavam as ilhas de Chorão e Divar em nome do Christo. De cruzes erguidas João de Mesquita e Pero de Almeida em Pondá, Pero Berno em Assolnam e Conculim, capitaneavam turbas avinhadas, que iam lançar fogo aos pagodes e devastar povoações inteiras. E tudo isto patrocinado por Antonio Moniz Barreto, por D. Francisco de Mascarenhas, por D. Antonio de Noronha, successor de Constantino de Bragança, de quem muito edificado conta um chronista: edificou-se tanto o Noronha do bom exemplo dos nossos missionarios que fez na viagem os exercicios de S. Ignacio!

Os pregões perseguistas de Francisco Barreto occasionaram uma greve geral dos gentios, que fecharam as lojas, e dos *corombis*, que não queriam trabalhar; mas o bom do vice-rei assegurava que *El-Rey seu senhor se daria por bem servido, se a dispendio de toda a sua fazenda se salvasse hũa alma quanto mais tantas!* O nosso piedoso rei D. João III em vez de soldados mandava nove meninos, *os mais provectos na virtude e primeiras letras, destros em solfas*. D. Sebastião não queria saber da pimenta, pedia particularmente um rol de *quantos baptismos solemnes se fizeram*.

É assim que os illudidos e os embusteiros levaram a nossa India ao abysmo, onde apenas hoje se póde lobrigar os desmantelados restos da nossa civilisação fradesca. No Oriente como em Portugal, o jesuitismo conseguiu desarmar as intenções mais puras, o patriotismo são de uns e a provada honradez de outros; amesquinhar espiritos elevados, enfurecer corações generosos e denegrir o nosso prestigio, o nosso nome, jogado em interesses sordidos no templo augusto da religião, donde uma vez o manso Christo expulsara os vendilhões. E qual o beneficio que devemos ás ordens religiosas na India? Educaram o povo, conquistaram pela fé o seu amor a Portugal —dizem. Nós diremos que não.

Porventura infiltrou-se no animo d'esses povos o culto fetichista do padre, de timido amor pela Egreja, irrompendo de tempos a tempos no patriotismo religioso pela questão do Padroado. Não se fez cidadãos, não se fez portuguezes, fez-se quando muito filhos da Egreja, que hoje se revoltam contra o papa por causa da ultima concordata, e ámanhã se hão de levantar contra a nação se o padre o quizer. A suzerania do brahmanismo ficou substituida pela da Egreja, e a India Portugueza, como diz um pensador, só se move, só se agita em torno da concordata, o que muito lisongeia os nossos patriotas. [26]

A educação dada pelos nossos missionarios consistia em fazer das crianças meninos do côro, bons bonifrates para as festas do Natal. Todas as freguezias de Salsete —escreve o autor do *Oriente Conquistado* —tem duas escolas, onde os meninos a despendio commum das aldeias

apprendem a ler, escrever, contar, dançar, cantar e tocar instrumentos.

Nas escolas os indios dançavam e tocavam rabeca; depois, cresciam em espirito e devoção, e vinham cá fóra assistir ás escandalosas rixas dos seus mestres de dança.

Uma vez foram os Agostinianos que encheram de sobresalto a cidade inteira. Governava D. Phillipe de Mascarenhas. Um dia rebellam-se contra o Provincial Fr. João de Mesquita e elegem Fr. Antonio de Jesus. O governo consegue que fosse nomeado de Portugal Fr. Aleixo de Noronha para pôr termo aos constantes conflictos entre os dois grupos. Mal tinha, porém, chegado o novo Provincial, quando uma bella manhã Fr. Vicente Caldeira, Luiz da Graça, Manuel Pereira, Agostinho da Conceição e Paulino da Madre de Deus, todos da facção de Fr. Antonio de Jesus, de loba arregassada até á cintura, barrete atirado á nuca, todos lambusões e membrudos, *armados de varapaus e machadinhas*, arrombam a cella, onde ainda resonava o desditoso Fr. Aleixo de Noronha. Por mais que este os exhortasse a desistirem do seu nefando intento, nada o pôde salvar, nem a sua autoridade, nem as lagrimas piedosas com que interpunha o seu crucifixo entre si e os revoltosos. Os exaltados frades empurraram tudo, Provincial e o Christo, para as enxovias do Tronco, onde pouco tempo depois seria assassinado um outro Provincial, Fr. Alexandre de Noronha. As violencias seguiam-se umas apoz outras sem nada conseguir pôr termo a este estado de coisas. A final, na ultima eleição ficou eleito Provincial Fr. Antonio de Christo, mas tendo-se um dia ausentado, os seus adversarios quebram as portas do Tronco, libertam os seus partidarios e emparedam-se barricando as portas e janellas do convento. Fr. Antonio de Christo voltou corrido, *ficando sem effeito as repetidas ordens de sua magestade para que fossem castigados e com elles alguns seculares naturaes da terra, implicados n'aquella morte e motins.*

Aqui está como se levantava a honra e o prestigio da nação! — Na India, Senhor, são os frades insolentes... affirmo a V. M. que o maior trabalho que aqui tem os Viso Reis he com os frades; e sendo-me necessaria toda

a attenção para as materias politicas do governo, os frades me perturbam de sorte, que para elles só todo o tempo não basta. *(C. de 5 de nov. 1694. L. de Monc.)*

Á orgia fradesca vinham juntar-se as bernardas da *chatinagem* e os cancans de desbragadas mulatonas. O Bairro Meridional da cidade, como dissemos, era a Alfama de Goa. Quem ainda hoje desembarca em Pangim e vai até ao Campal, acha no palmar de Miguel José um specimen do viver debochado d'outr'ora. Entre palmeiras, dispersas por entre as ruinas de casebres arruinados, sentadas á porta dos seus covis, hediondas mulatas, de peitos e pernas nuas catam-se umas ás outras, cantarolando amorosos *mandós*. Os soldados do Ultramar lá teem o seu paraiso e o estimulante arroz e caril a troco do rancho. Lá vivem, lá vegetam, hydropicos, entisicados e amarellos de febre, cheirando a oleo, crivados de sarna. Os que vão de novo, lá ficam tambem enleados pelos bons patricios, e quando teem de voltar para o reino ou largam lá a ultima camisa, ou deixam-se enterrar n'aquelle charco de podridões.

A villa de Margão e ás Fontainhas, em Pangim, ainda hoje reflectem os tempos de Paula de Andrade. A' tarde emquanto as tias e as beatas vão ao oratorio resmungar o terço, as filhas da terra, sentadas ao balcão, furtam olhares timidos e mornos. D. Juan toca rebeca, enfiando a vista pelo *baji* trasparente e niveo sobre uns seios de ambar. Fazem meias á janella ou torcem *canudos* sentadas em esteiras, emquanto as tias lhes compõem a cabeça de odoriferos jasmins e *omlás*. Se o padre-tio apparece, tudo corre para dentro. Cochicham entre as portas deixando ver os pequeninos dentes de fino esmalte. Se Camões as visse hoje talvez se esquecesse das mulheres de Lisboa, *que chium como um pucarinho novo com agua*, cantando outra vez uma nova Luiza Barbora:

Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.

Rosto singular.
Olhos socegados
Pretos e cansados,
Mas não de matar.

O amante de Nathercia *de amor escravo,* com *a vida pelo mundo em pedaços repartida,* nunca conseguiu que a sua *luz* se apagasse longe *da sua terra e da sua gente.* Por isso as Barboras lhe lançavam *agua na fervura* e as *portuguezas* da India *cahem de maduras.* Outro tanto não succedia a Bocage. Pedia vingança contra os *pavdaes castiços,*

Mas oh! Poupai-lhes as filhas delicadas,
Que ellas culpas não tem, tem mil feitiços.

No Bairro Meridional as casas eram terreas. Sobre as portas, em nichos guarnecidos de flores e samefas, uma fila de figelinhas allumiava o oraculo da casa. Os nossos marinheiros, com os peitos e os braços pintados de grandes naus e imagens da Virgem, cantavam ladainhas, arrumados a grossos varapaus. Dentro das casas viam-se, atravez das cortinas vermelhas, as *perrinhas malabares* vistosas e garridas, preparando a merenda. Acabada a ladainha iam todos, os soldados *em camisa e calções, com suas armas,* caminho da fonte de Banguenim. De volta, cada um com a sua moça, vinham aos tombos, com archotes de *olas* na mão, cantando desafinados:

Amig Janon ouví
Um coiz que eu tá fallá
Se querê ouví vem cá
Minha pert, minha pert.

Eu tá fallá cert, cert,
Bams nós fazer merend
De tôd col que tem de vend
No bazar, no bazar.

Mandá chamá nóss amig
Fanchic e mais Therez,
Juntamente comadre Andrez,
Com razap, com razão.

Ámanhã é S. João,
Grande di em nós terr,
Tôd fést se encerr
Na barrig, na barrig.

A *rosquilha* e a bella apa de camarão aguardavam famegantes os convivas. A cidade dormia, e só d'este lado se ouviam os rumores surdos do batuque. Emquanto estes merendavam á luz do luar, bandos de negros saltavam áquella hora os quintaes, roubando gallinhas, e leitões. Só algum frade noctivago, perdido nas encruzilhadas da Sião, esbarra com o meirinho que ia pôr cerco á *Baratilha* e com o fidalgo de capa e espada que sobe o quarto da Julieta nos hombros de um escravo.

Ao *Pelourinho Velho* iam chegando os enamorados. As *perrinhas malabares*, n'uma mão um lenço de chita e na outra uma ventarola de *valerum*, passeavam dengosas, com a cabeça ornada de *champaca*, saracoteando os quadris. Séguem-nas amantarrões contractando amores, offerecendo-lhes fiadas de coraes. As moças adornam-se muito para agradar mais — diz Pyrard — e vendem melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se alli lhes fazem proposições amorosas, de nenhuma sorte se mostram esquivas, antes acceitam logo a troco de alguma coisa que se lhes dê.

Á beira das estradas os barbeiros sentados de cócoras raspam o toutiço a seus freguezes, limpando-lhes ao mesmo tempo os ouvidos e o nariz. As escravas vinham vender aos *cafres* as joias roubadas em casa de suas amas, e os pretos, armados de grossos bambús, armavam conflictos com os marinheiros que andavam á pista de alguma Barbora. De subito, os lojistas apagam os candieiros, e fogem com a trouxa ás costas, emquanto os meirinhos, de lanterna e açoite na mão, invadem a feira da ladra do Pelourinho Velho. De novo voltam e de novo eram corridos até altas horas da noite, quando se sumiam pelas viellas da Alfama indiana.

No recinto d'esta Babel de linguas e costumes, que é que existe? *Seis templos alvejando entre um palmar enorme* e o tumulo de Xavier ante o qual se prostra uma geração empobrecida. Sumiu-se a Babylonia e ficou a Roma com um pomposo patriarcha e o arruinado vice-rei ao lado do inglez.

«A sorte (os erros, diremos nós) — escreve o sr. O. Martins — acabou de todo com o nosso dominio oriental. Goa restava, como a Roma dos papas na Edade Media, padrão do imperio dissolvido. Os papas perderam Roma; o italiano assentou ahi a sua capital, e, como um papa n'um Vaticano arruinado, assim ficarão os nossos visoreis de hoje com o inglez ao lado.»

Mas não é só isto. O desprezo e o odio seriam as consequencias de nunca termos sabido governar e educar os povos nossos conquistados. É esta a historia que, como um sudario, iremos desenrolando desde o ultimo quartel do seculo XVIII, com a Conjuração dos Pintos, até aos tempos contemporaneos, com a extincção da colonia portugueza e a consequente enfeudação de 1878, pelo triste tratado Morier-Corvo.

A CONJURAÇÃO DE 1787

V

> Convivendo todos, era natural que tratassem das coisas da patria; e em suas conversações e debates consta que nasceu o primeiro pensamento de fazer em Goa um levantamento ou sublevação, que expelisse os portuguezes do governo do Estado, e, podendo ser, o conferisse aos naturaes, especialmente aos da casta bramane, a que elles pertenciam.
>
> (A Conj. de 1787, pag. 13.—C. Rivara.) [21]

Alguns clerigos da diocese de Goa vieram a Portugal em principios do ultimo quartel do seculo passado. Queriam ser bispos, e para isso formaram-se em Roma.

As coisas, porém, sahiram-lhes ao avesso, e, não conseguindo ser nomeados bispos, fizeram-se patriotas. Urdiram uma conspiração: libertemos a patria já que não nos querem fazer bispos! Nada mais natural.

Ao passo que em Lisboa os indigenas ahi residentes procuravam uma promoção ecclesiastica, os seus compatriotas na India, officiaes militares, queriam um posto de accesso. A liberdade da patria resumia-se n'isto: um galão e uma mitra. Abaixo os portuguezes! viva a patria!

Em novembro de 1771 chegava a Lisboa o padre Caetano Victorino de Faria. Ninguem sabia o que o le-

vara a emprehender uma viagem tão longa; mas como tivesse tido vida romantica, suppoz-se que ia ver as luzas gentes.

Roido de desgostos domesticos, Victorino de Faria, deixara a vida conjugal para se ordenar sacerdote. Rosa de Sousa entregava-se ao serviço de Deus no convento de Santa Monica em Goa, e o poetico brahmane, para se livrar de tentações, pegou em si e veiu para o reino.

Successivamente chegaram tambem os reverendos Caetano Francisco de Couto e José Antonio Gonçalves, um governador do bispado de Cochim, e o outro professor de philosophia. A breve trecho a colmeia dos patriotas invadia Portugal.

Faria, patriarcha d'essa *troupe,* sempre mysterioso e dando-se importancia, soube por treitas e manhas grangear familiaridade de alguns fidalgos portuguezes. Aproveitando sabiamente a disposição dos espiritos n'essa época Pombalina o bom do padre desancava bordoada a valer nos jesuitas. Em casa do Nuncio, arcebispo de Tiro, e na dos condes de S. Vicente, Victorino de Faria fazia o melhor por desacreditar os regulares, ardendo em zelo pela conservação dos *nossos gloriosos padrões.* Um assombro de actividade e de zelo, este Faria.

Quem passasse pela casa do secretario de estado Martinho de Mello e Castro ou pela sachristia da Boa Morte era certo ver agachado a um canto, em attitude supplicante o celebre Victorino de Faria. Chovia e tiritava-se de frio; mas nada o privava de estar ahi mal rompesse o dia. Dava um passo dramatico para a frente, curvava-se sereno e grave, e entregava ao ministro o rolo de papel que trazia debaixo do braço. Martinho de Mello sahia lendo, e o patriota seguia-o, de mãos atraz, olhando-o avidamente por sobre os oculos. Mas não eram só o Nuncio e o ministro as suas victimas. Em encontrando um amigo, um funccionario ou mordomo, Victorino de Faria puchava logo pelo calhamaço das *Glosas,* e lia-lhe com manifesta commoção. Rouco e suado pela patria, commentava com largos gestos as suas prudentes reflexões, e não largava a pobre victima sem a ver convertida. Se o conseguisse, o enthusiasmo explosia, e era

certo o interlactor apanhar um ruidoso abraço: isto é que é ser patriota! Mas o pádre tinha ainda muito que dizer: adeus até ámanhã, até á noite... até logo... E mal o vissem fugiam d'elle como se fossem mordidos por uma vibora. Chegava a assustar.

Em casa d'elle reuniam-se os reverendos Couto e Gonçalves e mais alguns patriotas, Joaquim Antonio Vicente, José Antonio Pinto, na maior parte estudantes. Na chancellaria do patriarcha as cousas corriam mais claras. Tratava-se de criar novos bispados, universidades... emfim, alevantar e enobrecer a patria: «creio firmemente que se erigirão nessa cidade (Goa) e nas provincias tres universidades, assim das linguas Latina, Grega, Franceza e Hebraica, como as sciencias Philosophia, Theologia, thé o Canonico, para se doutorarem nellas.» —*(Carta ao padre Pascoal Pinto, apud. obr. cit.)*

O reverendo Gonçalves doutorava-se em Roma para ganhar prestigio e melhormente ser eleito bispo. Em Goa não sabiam como conter o enthusiasmo pelas virtudes do excelso patriarcha. Em Portugal, segundo o entender dos patriotas, todos se curvavam ante o mysterioso brahmane. Nas cartas que dirigia aos seus amigos da India relatava minuciosamente como os fidalgos, os trumfos e os ministros o attendiam respeitosamente: «offerecendo-se-me occasião de fallar aos senhores Condes de S. Vicente, aon de achei todo agrado, e huma prompta vontade para pertender do seu grande prestimo, *o que me parecesse.*» A propria côrte submissa e reverente escutava o oraculo do Ganges: «tinha occasião de pertender nesta côrte todas as utilidades para os meus patricios, *pois está o ministro de constante accordo de os favorecer em todas as pretenções.*»—*(Carta a Antonio João Pinto, apud. obr. cit.)*

Estas cartas a mil leguas de distancia produziam um effeito formidavel. Liam-se e commentavam-se em grupos; os mais zelosos as copiavam religiosamente para a collecção dos annaes da patria. Os pobres patricios não cabiam na pelle, e não se poupavam aos sacrificios de mandar ao patriarcha dinheiro e requerimentos.

D'esta sorte ajudado, o patriota não repudiava a honra de commerciante piedoso, traficando em lenços e campai

nhas de Loreto, Pará mais excitar a imaginação do indio, calculadamente não dizia para a India o que elle pretendia senão em parabolas, como Christo. De resto, o astuto brahmane, que teve varias vezes a *honra de comer* em casa dos condes de S. Vicente, lamentava a sua pobreza com ares de uma victima: «a pobreza, com que venho, me não permitte a maior demonstração que huma coroa de cordão azul com huma cruz sestavada, pobre offerta de hum pobre sacerdote, mas com grande affecto e confiança filial, e leva sua indulgencia plenaria para hora da morte junto com sua veronica.»—*(Idem.)*

Ao que parece, a abbadessa de Santa Clara tinha um fraco por Victorino de Faria. Não queria ella estar sujeita á jurisdicção do ordinario e foi valer-se para isso da marqueza de Angeja, uma fidalga da intimidade do beato patriarcha. Victorino de Faria escreveu logo a D. Fr. Manuel do Cenaculo, bispo de Beja, uma carta untuosa, pedindo que attendesse ás supplicas da dita abbadessa, por quem elle não duvidava morrer se fosse preciso: resolvi acompanhar a afflicta abadeça thé o Calvario, não tendo duvida de morrer com ella e por ella.

Não parava só n'isto a sollicitude beata do infatigavel propugnador das liberdades patrias. Como o governo o encarregasse a elle e ao padre Couto de fazer uma especie de relatorio á informação do bispo de Cochim, D. Fr. Manuel de Santa Catharina, escreveram elles umas celebres *Glosas*, em que não puderam resistir á tentação de se mostrarem patriotas taes quaes eram. N'um dos paragraphos, por exemplo, o bispo achava que para Cranganor fosse enviado um prelado portuguez, e a *Glosa*, patrioticamente elaborada, commentava: «quanto porem á de Cranganor erra em dizer que vá um arcebispo *reinol*, por ser aquella gente a mais rude na Asia (não é), pois para a gente rude e aspera nunca foi bom um *estranho*, que nem sabe, nem pode revestir-se dos costumes de semelhantes povos; *mas sim um dos mesmos que seja instruido na Europa.*»—*(Obr. cit.)*

Mas apesar de conselhos tão prudentes, sem embargo do valimento que apregoavam em cartas para a India, ninguem os attendeu, e em vez d'elles foi mandado para

Cranganor o padre *Catanar* José Catriate. O patriotismo então não pôde conter-se. Resolveram voltar a Goa e salvar a patria.

A sublevação de 1787 ou a *Conjuração dos Pintos* fôra planeada em Lisboa; veremos o seu desenvolvimento e destecho na India.

Em abril de 1785 os padres Couto e Gonçalves voltaram a Goa, frustrados nas suas pretenções. O secretario de estado de então, Martinho de Mello e Castro, em carta de 21 de julho de 1788, depois de tef abortado a conjuração, dizia ao governador da India, d'esses clerigos e dos indigenas que se achavam n'esse tempo em Lisboa, o seguinte:

«Quanto ao primeiro ponto da sedição aqui se tem um sufficiente conhecimento dos que se dizem principaes auctores della; são dois clerigos, que vieram a este reino com pretenção de serem empregados na India, hum d'elles bastante fallador... algumas vezes me fallaram em cousas da India, querendo-se-me inculcar por homens de muito prestimo; mas ouvindo-os com indifferença pela pouca attenção que mereciam os seus discursos... tambem he certo que em quanto aqui se detiveram, contrahiram amizade com os seus naturaes filhos da India; hum chamado Jozé Antonio Pinto, outro chamado Joaquim Antonio Vicente, outro Narciso Vicente.. constame.. se queixavam amargamente do desprezo com que os filhos de Portugal os tratavam nesse Estado, e que se em lugar dos Portuguezes, que deste Reino se mandavam á India, se entregasse aos seus naturaes o governo, e administração geral, dando-se-lhes os lugares e empregos ecclesiasticos, militares e civis.»—*(Obr. cit.)*

A *Conjuração,* como se vê, tinha por fim restabelecer a antiga hegemonia brahmanica, tyranica, com um caracter novo, funccionalista e não theocratico. De modo que se os patriotas fossem feitos bispos e generaes, não davam pela liberdade da patria dois caracoes.

A sublevação, pela qualidade dos seus agentes, devia revestir-se de um caracter religioso, brahmanico. Voltavam as antigas pretenções do brahmanismo. Não serem bispos, não serem generaes os brahmanes era o cumulo de expoliação, de rebaixamento. As tradições seculares do seu dominio exclusivo, das regalias de uma classe privilegiada, reviviam agora apoz dois seculos de dominação portugueza, que no entanto se tinha suavisado depois de Pombal.

Uma circumstancia externa animava os conjurados n'esse sentido. Na côrte de Poonah (Punem) muitos indigenas, parentes dos conjurados, occupavam altos cargos no exercito do poderoso marhata. Convenceram-se, por isso, que valiam alguma coisa, que podiam ser grandes e respeitados se o gôverno portuguez o quizesse, á semelhança do que succedia aos seus conterraneos Joaquim Antonio Vaz, José Antonio Pinto, Marcos Antonio Gonçalves e varios outros, que se distinguiam nos reinos do Peshwar. Estimulados com este exemplo, Manuel Caetano Pinto e seus camaradas no exercito de Goa, importunavam o governo para que se lhes désse accesso de posto. De outro lado nenhuma occasião se offerecia tão azada para um plano qualquer de sublevação.

O ultimo quartel do seculo passado trazia o governo de Goa em constantes receios de uma invasão do nababo de Mysore, Tipú Sultão. O paiz via-se a braços com varios inimigos do estado. A guerra com o Bounsuló ainda quente e apenas interrompida por uma suspensão d'armas; o rei de Sunda machinando na côrte de Punem, e as ameaças de Tipú, que de victoria em victoria se aproximava da nossa fronteira, ameaçavam de morte o ephemero dominio de Portugal n'esses territorios.

Mas quaes seriam os planos dos conjurados? Expulsar os portuguezes á mão armada? envenenal-os como alguns dos réos confessaram? esperariam o auxilio de alguma potencia extrangeira da India? É natural que lançassem mão de todos os meios.

Pelo caracter dos conjurados, pelos meios que escolheram para realizar o seu intento, a um tempo supersticioso e fatidico, dirigidos como eram por clerigos tartufos

ambiciosos e immoraes, ninguem duvidaria suppor que elles planeassem o morticinio dos portuguezes por algum meio vil e covarde. Muitos optariam, porventura, por que fosse envenenado o pão, alimento principal dos portuguezes e de que os indigenas n'esse tempo não faziam uso. A tradição sobre este ponto é constante, e o nosso poeta Bocage, que então se achava em Goa (foi á India em 1786) parece exprimir o que n'esse tempo corria de bocca em bocca:

Eis que perfida mão cabal ruina
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara, e nos destina.

Aqui vago em perpetuo labyrintho
Sempre em risco de ver maligno braço
No proprio sangue meu banhado e tinto
Mas caso dos perigos eu não faço,
E por que temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço?

Para uma revolução á mão armada não possuiam de certo os conjurados a necessaria coragem; mas ainda assim tentaram alliciar as legiões de Pondá e Bardez, mormente compostas de indigenas. A coincidencia de varios factos, como bem nota o douto Cunha Rivara, denuncia occultas machinações com o Tipú Sultão. Este valente capitão dominava quasi toda a peninsula da India, tendo batido em sanguinolentas batalhas os mais famosos generaes inglezes—Mathew, Cornwallis, Abercromby. Correndo de victoria em victoria, apossara-se do Canará, de quasi todo o littoral da costa do Malabar até Piro, no extremo sul de Goa. É tambem certo que desde Dupleix e entre os francezes de Pondichery vogava a idéa da conquista de Goa. Tipú Sultão, conhecedor d'esses projectos, não duvidaria lançar mão d'esse paiz a fim de estreitar mais a alliança com os francezes, cujo auxilio elle buscava para expulsar os inglezes, inimigo commum de uns e outros. Na côrte de Versailles, a pretexto de um tratado de commercio, os agentes de Tipú tratavam porventura o modo d'essa acção combinada para a ex-

pulsão dos inglezes; e sabe-se que Napoleão annunciara ao nababo a sua visita á India. A idéa da entrega de Goa ao Tipú sente-se em cada um dos actos dos conjurados. Em Lisboa, por esse tempo, vivia um tal Eloy José Corrêa Peixoto (europeu), que servira na India o pae do Tipú, Aidar-Ali-Khan, e em cuja companhia vivia um dos conjurados, Joaquim Antonio Vicente, que insistentemente escrevia para a India ao padre Gonçalves a conveniencia de elle Vicente entrar ao serviço do nababo de Mysore. De feito, Joaquim Vicente e mais alguns indigenas, que n'essa epoca se achavam em Lisboa, sahiram precipitadamente para a França, onde, como vimos, os emissarios de Tipú combinavam planos secretos com o governo francez. Um dos conjurados, o padre Gonçalves, no seu regresso para a India, desembarcou em Ceylão e correu a costa do Malabar revestido de falsas insignias episcopaes para de melhor modo se impôr na côrte de varios potentados d'essas regiões, cujo auxilio elle porventura impetrava. Emfim, a carta de Narana Sinay Dumó, emissario do governo de Goa na côrte de Punem, vem lançar grande luz sobre os factos cuja coincidencia vimos indicando. Em 15 de outubro de 1787 eis o que elle communicava ao governador de Goa, Francisco da Cunha e Menezes: Nana Fodnis (primeiro ministro da côrte de Punem) me disse que elle tinha por noticia certa que Tipú tinha mandado mais quinze mil homens, alguma cavallaria e artilhéria, e já passado para cá o rio *Tuncabadra,* e que era contra os dominios de Goa. *(Apud. obr. cit.)*

O governo da metropole sobresaltado pelas communicações do governo de Goa e egualmente receoso, mandava para a India reforços militares pelo navio *Campelos.* Felizmente a intervenção ou invasão de Goa pelo nababo não teve logar, porque depois de varios combates e de se terem apoderado de Cochim e Tranvacore, os inglezes declaram-lhe guerra em 1790, guerra que durou até a queda de Seringapatam, onde foi morto o implacavel inimigo da Inglaterra. Emquanto, porém, elle corria victorioso o sul da India e batia ás portas de Goa, tomando a fortaleza de Quitur, os conjurados esperavam seu de-

cidido apoio: «e assim finalmente podemos dar por assentado que era Tipú o eixo, sobre que giravam os planos dos conjurados.» *(Obr. cit., pag. 109.)*

O dia aprasado para a revolta era o de 10 de agosto de 1787.

As coisas corriam ás mil maravilhas entre os patriotas. Logo que chegaram a Goa os padres Gonçalves e Couto começaram por angariar adeptos. Para vencer a reluctancia de muitos, que achavam nada agradavel uma lucta a serio, promettia-se o auxilio de Tipú e as indulgencias plenarias do Santissimo Padre. A exhuberante imaginação indiana não se cançava de inventar expedientes. Se até o proprio Christo os protegia! O papa, esse, quando o reverendo Gonçalves estivera em Roma lhe tinha dado amplos poderes para libertar a sua patria e entregal-a ao seu senhor S. Thomé, o apostolo. Os ingenuos, os pobres indios, piamente acreditavam no padre Gonçalves, doutor formado em Roma; e nas parochias das ilhas de Goa e Bardez conspirava-se entre um versiculo do breviario e uma pitada de rapé. Agora veriam como o *braço omnipotente do Nosso Senhor* descarregaria o golpe fatal nos portuguezes, que teimavam em mandar bispos *reinoes* para a India!

Só assim poderiam vencer, não a má vontade dos indigenas, mas o terror de uma lucta em perspectiva. Estavam esses meios no caracter da raça e na indole d'esses homens sem pudor nem idéas. O que se pretendia era fanatisar a populaça para que o brahmanismo, fazendo-a seu degrau, galgasse por cima de tudo, conquistando a riqueza e o mando. Era só n'isto que consistia a liberdade da patria.

Em maio de 1786 tinham chegado a Goa os cabeças da conjuração; em agosto do anno seguinte a sedição se tinha alastrado por quasi todas as Ilhas e Bardez. Nas legiões de Pondá e Bardez os agentes dos conjurados, officiaes indigenas, faziam grande propaganda. Os rumores da vinda de Tipú enchiam de coragem e audacia os patriotas. Cinco dias, porém, antes da epoca aprazada o capitão-general Francisco da Cunha e Menezes recebia denuncias sobre o que se passava no estado da India. A

5 de agosto d'esse mesmo anno Antonio Eugenio Toscano, Nicolau Luiz da Costa, tenente da legião de Bardez, e o padre Caetano José Lobo, vigario de Tivim, este por via do arcebispo e aquelles pelo seu commandante Manuel Godinho de Mira, denunciaram ao governador de Goa o plano dos conjurados. Logo no dia immediato (6) se effectuaram innumeras prisões em quasi todos os pontos do paiz. Á energia da auctoridade correspondia o terror, o panico. Não foi preciso mais. O proprio padre Couto, um dos chefes, apenas preso, denunciou tudo e todos. De dia a dia as prisões se atulhavam de criminosos na maior parte clerigos. Dos 47 capturados, 15 eram parochos de varias egrejas, não incluindo o astuto José Antonio Gonçalves, que soube evadir-se a tempo pela maneira que atraz indicámos.

Abortára a conjuração.

Pouco mais de um anno ficaram presos os implicados na sublevação, até o dia 13 de dezembro de 1788, dia que recordava a justiça severa de Albuquerque *terribil*.

Os condemnados, a quem se tinham decepado as mãos, foram arrastados ás caudas dos cavallos até o logar do supplicio. Para inspirar terror e servir de escarmento aos habitantes do paiz, o governo ordenara que os condemnados ás galés assistissem ao supplicio. A cada passo em que as victimas salpicavam de sangue as ruas da cidade, o meirinho, com voz cava e sinistra, lia a sentença de tão horrendo attentado.

No sitio mais concorrido da antiga cidade, no campo do Mandovim em Velha Goa, proximo da Alfandega, a forca estrangulava esses desmantelados farrapos de carne, que quasi sem vida chegavam ás mãos do algoz.

Foi um dia triste, de horrivel vindicta. Por quasi todas as aldeias de Goa pendiam de altos postes os membros esquartejados dos sediciosos para vivo exemplo de como são justiçados os traidores da patria. E as pobres mães, as infelizes esposas, contorciam-se de dôr ao verem aquelles restos sagrados sem que um osculo de amor ou um sentido adeus tivesse podido suavizar a profunda agonia dos seus peitos. O terror e a agonia assoberbavam as familias dos conjurados, reduzidas á miseria pela

confiscação dos seus bens. Aos gritos afflictivos de tantos que soffriam juntavam-se os gemidos dos condemnados, que arrastados pelas ruas, cambaleando, exangues, cahiam a cada passo aos duros golpes do azorrague. Tremenda fôra a justiça, como fôra tremendo o attentado. Mas os germens lá ficaram.

Na monção de 1788 foram remettidos nas naus de viagem *S. Luiz* e *Santa Maria Magdalena* 14 clerigos implicados na conjuração. A Torre de S. Julião de Lisboa acolheu respeitosa os ungidos do Senhor. Um tinha morrido durante a viagem. O padre Caetano Francisco de Couto, o chefe e o principal denunciador dos seus cumplices, o excellso collaborador das peregrinas *Glosas-Libellos* do apocalyptico Victorino de Faria, quando viu em vez da mitra e baculo a escura casamata e o implacavel guarda da Torre, não pôde resistir á dôr, enlouqueceu.

Perpassavam-lhe pela mente as seductoras esperanças de outr'ora: as universidades e os graves doutores que d'ahi sahiriam para dominar a terra. A cobardia de ter trahido os seus cumplices enchia-lhe o exaltado cerebro de pavorosas imagens. Aquellas forcas, aquelle supplicio, os ais de tantos desgraçados e a maldição de centenares de familias, todo esse mar revolto, emfim, de sangue, de gemidos, de escrupulos religiosos, de visões horrendas e de sonhos pavorosos, prostravam o *heroe* n'essa noite de alma vaga, longa, fria, como o riso de Satan. Mordido pelo remorso, n'esses instantes dolorosos em que o homem se sente esmagado por si mesmo, coberto de vituperios e de maldições por cada ave que canta, por cada brilho de estrella, com a cabeça pendida e as mãos entre as pernas, abatido, só, morto para si mesmo, o padre não comia; olhava para tudo e para todos com o mesmo tedio com que olhava para si. Mas quando a vibora da ambição e do odio tornava a mordel-o; quando sentia que n'um momento impensado, que agora não duvidaria resgatar por tudo, tinha perdido a posição e a riqueza, então o desespero rompendo-lhe do peito espumava pelos labios em impetos de raiva. Francisco de Couto levantava-se estonteado, cambaleante, mal podendo suster os

passos tremulos e incertos. Com os braços cruzados sobre o peito, com a cabeça inclinada e os olhos esgueirados dava passos largos e as pernas tesas fincavam no lagedo, como um espectro. Balbuciava, correndo nervosamente a mão pelos cabellos. De repente, fitando um olhar largo e faiscante n'um ponto qualquer, estendia os braços tremulos e avidos. Co o se alguem o espreitasse virava de subito, pallido e os dentes cerrados, correndo para o leito em gargalhadas dissonantes e asperas. Em um nada, ullulando de raiva e prazer, tinha espatifado entre os dentes os *brancos* lençoes, que o atormentavam!

Quando elle e os seus companheiros foram indultados e sahiram da Torre, ninguem mais soube do pobre louco. Perdeu-se na voragem do remorso!

Annos depois (12) em 1802 e 1807, nos governos de Veiga Cabral e conde de Sarzedas, alguns d'esses clerigos foram indultados pelo beato governo de D. Maria I, e voltaram *victoriosos* para Goa, segundo os *patriotas*. Mas o que é de facto é que elles foram soltos em consideração ao seu estado sacerdotal e por se considerar expiado o crime com doze e mais annos (1783, 1802 e 1807) de exilio e de rigorosa prisão na Torre de S. Julião de Lisboa.—*(Obr. cit., pag. 110 a 117.)*

O que é todavia para admirar é que os decretos de indulto não dão o crime por expiado e muito menos por não provado. Restituia-se aos réos os bens confiscados e a liberdade por pedidos do arcebispo e dos proprios cumplices! Isto explica-se se attentarmos no periodo reaccionario da nossa historia, que seguiu ás reformas Pombalinas. Os *patriotas* acharam, porém, que o governo se arrependera, que, embora tarde, tinha reconhecido o seu erro, e aproveitando-se d'este facto inventaram a lenda de que a *Conjuração* existira quando muito na mente obsecada de alguns intrigantes! [28]

Só este facto bastaria para manifestar-nos a poderosa

intelligencia do brahmane, que desvirtuando a historia, ainda por cima argue o governo portuguez de ter justiçado uns réos por suppostos crimes de sedição!

Triste paiz esse em que meia duzia de clerigos ambiciosos e demagogos burlescos atiram para o monturo da historia, e expõem á execração de todo o portuguez meio milhão de individuos, victimas d'esses truões, que fazem do nome immaculado da patria seguro escudo a todas as vilanias!

Animados pela indulgencia d'esta nação veremos como os *patriotas* revivem em 1821 e 1835 as idéas subversivas de 1787.

O CONSTITUCIONALISMO EM GOA

(1821-1822)

VI

> Nova epoca agora nasce, e o clarão do fogo electrico, que ha muitos mezes vivifica nossos concidadãos da Europa e America, já resplandece no Concão.
>
> (Procl. da 1.ª Junta Prov.) [29]

A epoca da implantação do constitucionalismo em Goa é uma das suas phases historicas mais interessantes. A feição d'essa epoca tem dominado até hoje na historia politica d'esse paiz: d'ahi data o antagonismo das classes; d'ahi a concepção do direito e das regalias populares. O movimento revolucionario de 1787, movimento exclusivamente brahmanico, inda que suffocado, tinha lançado fundas raizes e entreaberto ao paiz a aurora da redempção. O conde do Rio Pardo, pela sua administração honrada e justiceira, pela protecção que dispensava á propriedade e ao individuo contra o direito senhorial, acabou por conquistar as sympathias dos seus governados. A imaginação popular transformou-o em um mytho, e ainda hoje é considerado como flagello dos fidalgos. É que a epoca de aspirações pela liberdade e pela justiça

correspondia a uma concepção poetica d'essa ordem. Rio Pardo e 1821 marcam o momento expressivo na evolução d'esse povo que, desde o ultimo quartel do seculo XVIII se preparava para uma conquista a que tinha incontestavel direito. Com a manifestação politica veiu tambem a revelação do genio d'essas sociedades. A epoca em si constitue uma prova cabal do estudo que fizemos das classes e do povo de Goa.

Os ideaes reivindicadores encarnam-se em dois vultos d'essa epoca, de quem já conhecemos os perfis: Constancio Roque da Costa e Bernardo Peres da Silva. Em Bardez as irrupções são mais frequentes, mais abertas. O caracter altivo dos Bardezanos, a indole da propria raça, os antecedentes historicos, tudo, emfim, concorria para que as idéas de 1821 actuassem n'elles com maior energia. O movimento, porém, em vez de ser sincero, exclusivamente popular, assume um caracter religioso, como é natural no Oriente. Constancio Roque e Peres são interpretes do exclusivismo partidario, brahmanico. Em 1835 foram os mesmos, como tambem tinham sido os seus precursores de 1787, e como mais tarde (1871), seria Bernardo da Costa, o *sacerdos magnus* da mesmissima religião — a casta.

Outro elemento que entra em acção n'esta epoca é a colonia portugueza. Ao principio, como toda a aristocracia, permanece conservadora. Por um instincto de conservação propria, presentiu o desenlace da scena politica, receou a desforra, e não tardou tudo isto. Ao fundo da constituição agitavam-se idéas perturbadoras. Choviam os pasquins diffamatorios; as agitações populares multiplicavam-se em Bardez; os representantes do povo, e nomeadamente Roque da Costa, não se contentavam com a Carta; as ambições insoffridas explosiam contaminando o povo, que religiosamente acreditava nos pomposos dispauterios dos seus caudilhos.

A colonia portugueza teve necessariamente de reagir, e contra a cruzada da *Bandeira Negra* oppõe a *Bandeira Branca*. O exercito de que dispunha exige, de murrões accesos, o ostracismo dos perturbadores da ordem; salva da anarchia o paiz, assume uma dictadura inexoravel,

compenetrada da sua alta missão nacional, mas commette um erro politico gravissimo, funesto para o seu futuro. Entre o exercito e os Grachos da India cavou-se um fundo abysmo. Bastou a opposição, aliás muito natural, á candidatura de Roque da Costa e Bernardo Peres para que se travasse o duello de meio seculo entre a colonia e o *Ultramar*, duello que abateria ambos os partidos — um aniquilado em 1871 pelo sr. Jayme Moniz, outro, prestes a se sumir nos ferreos braços da Inglaterra. A aspiração dos brahmanes, generosa talvez ao principio, tomou essa feição mais religiosa que politica, creando um grupo de covardes e impudentes calumniadores.

O elemento europeu n'essa epoca desempenha o papel que continúa a ser a norma do seu viver na India. Tres especies de funccionarios vão á India: os arruinados em fortuna que vão equilibrar o orçamento domestico e voltam com commendas e bijouterias; os servidores leaes e probos, que morrem despresados do mundo official, e os declamadores ingenuos, como Luiz Prates, Macedo e Couto, S. Januario, e tantas outras victimas do liberalismo indigena e do sinedrio de Margão. Não é raro ver-se os filhos de Portugal ao lado dos brahmanes guerreando a colonia; mas cedo se arrependem, porque quando estão para terminar o tempo e já não dispõem da influencia, que a posição lhes dá, o *Ultramar* despede-os com um *coup-de-balai*.

Dispostos os elementos por esta forma acompanhemos os homens de 1821, que bem se prestam ás nossas reflexões.

A implantação do constitucionalismo em Goa apresenta tres phases distinctas representadas pelos tres elementos em acção: o elemento europeu, na maior parte funccionarios judiciaes, ao principio constitucional puritano, degenera-se pouco a pouco ruido de ambições mesquinhas e despeitos mal disfarçados; o elemento indigena, sem coragem civica nem idéa politica definida, oscilla entre a

chateza imbecil e o mahadianismo de 1787; a colonia portugueza, por um instincto de conservação propria, entre os europeus que apoiavam inscientemente o movimento ultra-liberal e os indigenas, que semeavam a discordia entre aquelles e seus descendentes *para melhor realizarem os seus planos*, de principio conservadora, reagindo contra a tendencia demagogica de uns e aplanando o caminho da ordem, envolvida em meio d'esse turbilhão tortuoso, assume a final o caracter local de mesquinhas represalias, de solidariedade de classe. De tudo isto só ficou o odio, com o que nada lucraram quer os descendentes, quer os indigenas; da epoca historica só nos veio o regimen das secretarias, a prudente administração de *salvaguardar o prestigio da auctoridade*.

Governava a India o conde do Rio Pardo. No verão de 1821 o vice-rei andava em villegiatura gosando das bellas aguas de Salmonã. Por terras de Salsete e Ilhas urdia-se o plano da revolta que o havia de depor em 16 de setembro d'esse anno.

O conde, presentindo uma nova phase politica nos destinos da nação, ia para a India (1816), munido de uma copia da Constituição de Hespanha, que elle tivera a imprudencia de confiar ao seu ajudante general Manuel Corrêa da Silva e Gama. Vagos rumores corriam então na India dos successos politicos do Porto. O jornal — *O Portuguez* — era devorado com anciedade pelo enthusiasta tenente-coronel de artilheria Ferreira Marinho, a quem era confiado pelo seu amigo desembargador Manuel Duarte Leitão. Os acontecimentos politicos ahi narrados attrahiam de dia para dia o crescente interesse de Marinho. Quasi allucinado pela generosa cruzada da cidade que lhe foi berço, não poude por mais tempo suffocar as suas aspirações revolucionarias. Communica-as logo ao desembargador Leitão e põe em pratica os seus planos audazes. Em Raia, nas Ilhas, em Rachol, de quartel a quartel, correriam cartas, formavam-se accordos. No corpo de artilheria Joaquim Mendes era o seu agente; Bernardo Peres alliciaria o animo do ajudante general; Bento Zeferino de Macedo dispunha o 2.º regimento. Marinho multiplicava-se. No hospital machinava; em casa do Peres re-

unia os pusillanimes; urdia de quartel em quartel, de casa em casa. Entretanto o vice-rei recebia denuncias, e Marinho foi transferido para Pondá. Mas era já tarde.

A conspiração tinha um caracter quasi religioso. Machinava-se á luz do dia, abertamente, como se tratasse de cumprir um dever sagrado. Davam-se jantares, verdadeiros *agapes*, onde se reuniam os mais influentes. Liam-se os jornaes, commentando-os freneticamente. Todos de pé, trocando signaes maçonicos, cruzando os copos, saudavam á liberdade em quasi todas as linguas. Uma febre os devora.

Em casa do tenente-coronel da legião de Pondá, Antonio Pedro de Mello, reunem-se um dia todos os desembargadores e mais caudilhos da revolução: Ferreira Marinho, Duarte Leitão, João Maria de Abreu, major Luiz Pimentel, João Carlos Leal e a officialidade da legião de Pondá.

O dia estava quente. Pelas salas de Antonio Pedro, a dois e dois, em grupos, passeiam os convivas. Havia entre elles espias e incredulos. Marinho leva estes de parte para os animar, contra aquelles previne os seus amigos. Abancados a uma mesa alguns militares traçam sobre ella o plano de ataque da capital com a ponta dos seus charutos. Os desembargadores em fila passeiam graves, examinando os grupos. Marinho voltejando por entre os convivas, soffrego, por vezes irritado, consegue convencer o desembargador Abreu *com maneiras mais doces e subtis* e acha que Leal entretinha *os mais celestes amores pela liberdade e constituição*. Os mais timidos continham-se reservados e muitos achavam imprudente aquella reunião. Os espias eram apontados a dedo. Mas tal era o enthusiasmo que á mesa ninguem se lembra do anniversario natalicio de D. Marianna, filha de Antonio Pedro, e *logo principiaram as saudes e a invocar em francez, em latim e inglez, e tambem em grego, os heroes da liberdade, os juizes livres, a constituição e as côrtes*. A proporção que iam bebendo, crescia a indiscrição; partem os copos ebrios de enthusiasmo e de... vinho: o enthusiasmo foi tal que se quebraram os copos algumas vezes; que todos ficaram desorientados, e eu ebrio por não ter

uso de espirito desde criança. *(Narração apud. obr. cit., por Marinho.)*

A revolta concebida por um militar, realisada por militares, não deixou de inspirar serias desconfianças aos graves desembargadores. Receiando que fossem excluidos do poder não tardaram a ter um papel triste nos acontecimentos, que se succedem.

O conde do Rio Pardo achava-se ainda em Salmonã, quando o capitão Julião José Vieira da Silva lhe communicou o plano dos revoltosos. O vice-rei volta á capital e emprega todos os meios repressivos para suffocar a revolta. A pretexto de proteger os habitantes contra as depravações dos noctivagos negros, que assaltavam os quintaes, grossas patrulhas policiavam a cidade. N'uma noite os soldados puzeram cerco á casa de Marinho, mas elle achava-se n'essa occasião em *simples jaqueta* na passagem de Bandorá conferenciando com o tenente do 2.º regimento Bento Zeferino de Macedo. O golpe falhou, mas o desanimo era quasi geral. O governo tinha na mão todos os fios da trama. Marinho, porém, inabalavel e seguro da victoria, despacha seus emissarios, Bernardo Peres e Thomaz Peres, com cartas e instrucções ao capitão Silva Pimenta.

Estavam as coisas n'este pé em principios de setembro de 1821, quando um facto veiu redobrar a coragem do chefe da conspiração. Estando ainda em Pondá doente recebe Marinho cartas dos seus amigos Peres com uma copia de outra que Rogerio de Faria, de Bombaim, lhes enviara communicando a *agradavel nova* de ter sido approvado por um decreto de el-rei a Constituição portugueza.

Com esta noticia Ferreira Marinho vae a S. Pedro á casa de Bernardo Peres e lá sabe, com grande surpresa, que tudo estava aprasado para o dia 16. Com effeito, quando este chegava pela madrugada de 15 para 16 de setembro ao largo do palacio de Pangim, já ahi se achavam os marechaes Godinho e Corrêa. Marinho, alheio aos accordos em que se tinha entrado na capital poude apenas tomar uma parte secundaria nos acontecimentos d'essa manhã. Os revoltosos tinham entrado em Pangim

pela ponte de Ribandar e de Santa Ignez. A guarda avançada rompeu dos lados de Santa Ignez, tendo á frente 40 caçadores e o tenente Thomaz Peres. Pela ponte de Ribandar chegavam os voluntarios reaes de Pondá commandados por Dionizio de Mello Sampaio. Cerca de 800 homens, aos vivas, ao troar da artilheria no forte de Gaspar Dias, acclamam no largo do palacio a Constituição. Um troço de soldados entram de archotes na mão em companhia dos marechaes Godinho e Corrêa e dos desembargadores Duarte Leitão, Abreu Castello Branco e do phisico-mór Lima Leitão. Não encontrando ninguem nas salas entram para o gabinete onde Rio Pardo os esperava sentado com a sua farda de general. Allumiado de frente Rio Pardo ergueu-se como a resurreição d'aquelles quadros embaciados de antigos viso-reis. Tenta fallar ao marechal Godinho, mas não lh'o consentem. O desembargador Duarte Leitão intima-lhe a vontade dos revoltosos e de como a Constituição tinha sido proclamada no reino.

N'este caso--diz-lhe friamente Rio Pardo—eu nada tenho que dizer—e sentou-se. Pouco tempo depois era conduzido para o convento do Cabo debaixo de uma forte escolta. Ao passar em frente dos seus soldados chega-se á patrulha Thomaz Peres, e batendo por baixo da *machila* diz aos soldados: levem com segurança este bicho! Vae bem seguro—responde-lhe o vice-rei entre sereno e galhofeiro. Rio Pardo contava 69 annos e ia preso para onde em tempos fôra conduzido o conde de Obidos.

Outra vez os vivas e as salvas annunciaram que se tinha definitivamente implantado em Goa o novo regimen.

Constituiu-se a *Junta Provisional do Governo do Estado da India* composta dos marechaes Godinho e Corrêa e dos desembargadores Loureiro, Magalhães e Duarte Leitão. Segundo a confissão de Ferreira Marinho deviam fazer parte d'ella elle proprio, os desembargadores Leal e Abreu, o phisico-mór Lima Leitão e o arcebispo de Cranganor, D. Frei Paulo d'Aquino. O conde do Rio Pardo em companhia dos seus adeptos Diogo Vellez, Ribeiro de Moraes e Fernando Vianna, a 2 de outubro de 21, partia para Bombaim no brigue de guerra *Pegaso*,

commandado pelo capitão de fragata José Antonio Diniz d'Ayalla (avô paterno do auctor). Esperava-o já ahi o capitão de artilheria Julião da Silva Vieira, expulso do territorio portuguez por não ter querido jurar fidelidade ao novo governo. Em Goa ficavam os descontentes Marinho, Lima Leitão e o mysterioso arcebispo primaz D. Frei Manuel de S. Galdino.

Aqui começa a scisão e diversos grupos se agitam movidos de ambições partidarias. Marinho ficava com o commando da *Guarda Nacional* ou porque inspirasse confiança ao governo, ou porque assim se conseguia tel-o ao lado da Junta. Lima Leitão iria ao Cabo propor ao conde do Rio Pardo uma contra-revolução, mas foi despedido, dizem, com ignominia. Tendo-lhe falhado este plano, fez-se uma especie de decurião do governo, redigindo proclamações e memoriaes, em que a par de conselhos transparecem os despeitos: clamam todos os cidadãos e eu, que o sou como elles, egualmente clamo. Ferreira Marinho, ao contrario, parece-nos um aventureiro. Inimigo aberto da 1.ª Junta, chefe da segunda revolta de 3 de dezembro de 1821, que depoz o governo provisorio, nunca fez parte das Juntas. O seu logar estava marcado. Dessem-lhe uma espada, um capacete, e contassem com elle para marchas, salvas e vivas. Botar abaixo era o seu lemma. Desconfiava-se do arcebispo Galdino; pois bem, Marinho lhe escreveria perguntando se s. rev.ma era adverso á nova ordem de coisas. Queria isto por escripto. Porque? Nem elle o sabia.

Entretanto o *nato protector* do povo de Bardez, o arcebispo Galdino, dirigia officios sobre officios á Junta, perguntando se os vizinhos inglezes levariam a bem esta ordem de coisas: e como tomarão isto os nossos vizinhos inglezes! O paternal Galdino contorcia-se de dôr, chorava sobre as desgraças do povo de Bardez, e não podia supportar que lhes tomassem *as suas vaccas e porcos, avaliando estes generos, não o vendedor, mas quem compra.* Soubesse a Junta que elle na qualidade de pae espiritual, estava *obrigado a socegar o desgosto do povo* e s. ex.as — mandava-lhes dizer — *bem sabem que este povo está mais conhecedor da sua força.*

Os animos irritavam-se; choviam pasquins obscenos e incendiarios incitando *os militares, clerigos e povo de Goa* á contra-revolução.

A Junta tinha commettido o grave erro de reduzir as despezas da provincia cercecando alguns corpos e promulgando medidas repressivas contra os suspeitos. Tanto bastou para que a Legião de Bardez, estacionada em Colvale, se revoltasse na noite de 23 de outubro, pouco mais de um mez depois de se ter installado a 1.ª Junta. Os soldados, sob o commando do tenente-coronel Joaquim José Pinto de Gouveia, caem sobre as praças de guerra da Aguada e Reis Magos e apoderam-se d'estes importantes pontos de operação. Pela manhã de 24 a capital estava em estado de sitio. Nas praias de Vérem, defrontando Pangim, os revoltosos se preparavam para o bombardeamento. D'este lado do Mandovy ao longo do littoral, defronte de Reis Magos, no caes de Maquinez, ao pé do Campal, junto á alfandega, oito boccas de fogo esperavam os invasores. Os revoltosos, então, retomam as fortalezas, *carregam a artilheria da couraça e baluarte sobranceiro* com a facil coragem de varrer o inimigo a descoberto. Todos esperavam uma guerra medonha, a capital destruida, o governo derribado; mas a Legião de Bardez tinha antecipado de mais, e por isso só conseguiu da parte do governo promessas de não reduzir as forças, o que não foi cumprido dias depois, visto que pelo officio de 27 do mesmo mez se reduzia consideravelmente as forças do estado. As tropas voltaram a quarteis no mesmo dia, terminando assim o primeiro episodio militar d'esta epoca. Marinho e Leitão foram presos nas praças de guerra de Alorna e Tiracol. Em Gaspar Dias, Rachol, Casa da Polvora, etc., ficaram tambem retidos alguns militares implicados nos ultimos acontecimentos.

Estas e outras medidas repressivas, o paternal interesse de Galdino, as intrigas e as objurgatorias de Lima Leitão, levariam os animos aos desatinos que se seguiram. Marinho só esperava o momento, e o douto physico-mór não se cançava em protestar contra a sua exclusão: porque motivos foram excluidos da junta provisional, e

não o foram outros, o ex.mo arcebispo de Crahganor e o supplicante, da qual deviam fazer parte? —*(Off. apud. obr. cit.)* .

Estavam as coisas n'este pé, quando chega á India, a 25 de novembro de 1821, o governador D. Manuel da Camara, nomeado antes da Constituição. A 3 de dezembro cahia o governo.

Da 1.ª Junta o que ficou foram apenas resentimentos no exercito por causa das promoções irregulares e das differenças na tarifa, o mesmo que déra causa á revolta de Volvoy em 1869; os descontentes Lima Leitão e Marinho e o jacobinismo de 1787, reproduzido em Bardez nos tumultos de maio (1822) *com um silencio de tolerancia do arcebispo primaz.—(Obr. cit., pag. 102.)*

O caracter politico d'esta primeira epoca revolucionaria em Goa não é apenas Cartista representado por Ferreira Marinho, tem o quer que é de proteccionista á classe européa, como se deprehende das medidas da 1.ª Junta em cercear o exercito e augmentar o soldo aos europeus. Nos successos posteriores, principalmente depois das primeiras eleições para deputado e da nomeação de Joaquim Mourão Garcez Palha (avô dos actuaes barão de Combarjua e visconde de Bucellas) para membro da 2.ª Junta, cessam o Cartismo e o jacobinismo mais ou menos pomposo: tudo toma uma feição castista, de guerra contra a colonia portugueza promovida por Constancio Roque da Costa e Bernardo Peres, e a coberto dos ingenuos, que acreditavam nas aspirações liberaes do povo de Goa, como o equivoco Galdino e o infeliz Luiz Prates.

Pouco mais de um mez depois da chegada de D. Manuel da Camara foi dissolvida a 1.ª Junta por uma resistencia armada.

Em a noite de 2 de dezembro (1821) os corpos estacionados em Panelim e Margão e o regimento de artilheria aquartelado em Gaspar-Dias, marchavam sobre a capital. Ferreira Marinho evadia-se do forte de Naroá para se pôr á frente da artilheria. Fortes patrulhas cercavam as casas do marechal Corrêa e Godinho e do desembargador Manuel Duarte Leitão.

As tropas aproveitaram a occasião da festa do Apos-

tolo das Indias (3 de dezembro), em que se reuniam os corpos das provincias, para deporem a 1.ª Junta. O batalhão de Colvalle só chegava na tarde d'esse dia. Na manhã de 3 uma deputação de 6 officiaes presidida pelo brigadeiro Antonio José de Mello, interprete da vontade do exercito e da comarca de Salsete, offerecia a D. Manuel da Camara a presidencia da 2.ª Junta, que devia ser eleita segundo *a mente da Constituição portugueza que todos haviam jurado.*

A primeira revolução fôra o producto da ambição de uns e d'esse espirito de *coisa nova,* que enleia muita gente. O movimento de enthusiasmo passou com a chegada de D. Manuel, governador anti-constitucional, que naturalmente se impunha como presidente da Junta e cuja posição isolada podia determinar um movimento contrario ás aspirações dos portuguezes. A sua entrada no governo, por isso, além de sensato como passo politico, mereceu a unanime approvação do exercito, do senado de Goa e das camaras de Salsete e Bardez. A 2.ª Junta sob a presidencia de D. Manuel da Camara ficou assim composta: D. Frei Paulo d'Aquino, arcebispo de Cranganor; brigadeiro Antonio José de Mello Souto-Maior Telles, desembargador João Carlos Leal e o physico-mór Lima Leitão.

«Por fim elegestes por vossos deputados em pleno congresso e em plena liberdade — dizia a proclamação de 14 de dezembro — os actuaes membros do vosso governo... Observae a mais stricta disciplina civil e militar. Tranquillizae-vos: o governo que estabelecestes véla tudo quanto vos pertence, trabalhará sempre em dar-vos a maior somma de felicidades que estiver ao seu alcance, e nunca vos dirá factiveis as coisas que fazer não possa. Praz a Deus que as fadigas d'elle façam vislumbrar em si algumas faiscas de heroica e virtuosa administração dos Castros, dos Albuquerques, e dos Pachecos que n'estas partes da India levaram ao galarim a gloria do nome portuguez e o fizeram respeitavel até aos mais remotos seculos. Contae em summa, que o vosso governo confia que lhes farão justiça vós, a patria e o mundo.»

O physico-mór Lima Leitão era a alma da 2.ª Junta.

Talvez a sua attitude algum tanto equivoca na primeira phase d'esta epoca tivesse por causa a boa fé com que cria na vontade sincera de poder regenerar a India e de pôr ao serviço da causa liberal o seu raro talento e tacto politico. Pelo proceder subsequente do antigo amigo de Marinho, revela-se-nos elle um devotado cultor da honra nacional e acerrimo defensor das liberdades civicas. Tanto elle como o arcebispo de Crangonor, D. Paulo de Aquino, eram os unicos que comprehendiam a gravidade da crise e souberam discortinar por detraz do liberalismo as aspirações do brahmanismo e as mesquinhas ambições dos despeitados.

Com effeito, em volta do governo começaram logo a rumorejar as pequenas vaidades offendidas e as iras de tribunos, porventura assalariados. Os desembargadores Rocha, Magalhães, Loureiro, Duarte Leitão e o crapuloso Galdino davam azo e preparavam o terreno para as convulsões, que agitariam essa sociedade já de si impropria para o systema liberal.

A Junta inspirando-se nos sentimentos da epoca mandava pôr em liberdade os presos politicos e encaminhava as coisas de modo a evitar perturbações; mas Rocha por se lhe ter mandado suspender a devassa que promovia em Bardez, achava indecente tratar-se-lhe na terceira pessoa: «e finalmente tenho a reparar que a formula da ordem supra escripta nos termos -- ordena a Junta provisional do governo que o desembargador F.— é indecente, que não se compadece com a graduação do cargo, em que me acho constituido, que não permitte que seja tratado directamente em terceira pessoa na epoca presente, debaixo d'um governo livre, em que não sou escravo.» *(Off. 5 de dez. de 1821.)* Doido, jacobino ou ambicioso? O arcebispo Galdino, o pae d'esse povo, pretextava que não podia assistir á eleição dos membros da Junta, medida que tinha por fim applacar os animos por uma votação tão auctorisada, porque achava abaixo da sua dignidade o assistir a semelhantes assembléas: «não acho decente ao meu caracter achar-me sem nimia necessidade em ajuntamentos fóra do templo.» *(Off. apud. obr. cit.)* O desembargador Magalhães exigia que a Junta lhe désse

inteira satisfação por o arcebispo ter recitado *contra os membros do extincto governo uma arenga sobre diffamatoria sediciosa.* Duarte Leitão, suspenso e preso por ordem do governo, demittia-se, porque *repugna á sua consciencia praticar actos nullos e administrar justiça sem ter jurisdicção.*

Estava-se em pleno reino da chicana. Quem aproveita com isto são os Grachos de Goa, de quem muitos se fizeram servidores submissos. Em Raia (Salsete) nos bellos banhos do Ozoró reinavam a Pedantocracia e os Grachos. Ao fresco e a banhos o Cartismo andava sem piugas, de cabaia, versejando:

Innocentes passatempos
Mantem nossa sociedade.
Se ha amor é só platonico.
Honesta, franca amizade.

Os desembargadores não olhavam para outra coisa nos *sombrios retiros,* onde apenas existia o *amor platonico.* Por desfastio publicavam-se o *Indio Constitucional,* o *Dialogo entre um Mysanthropo e um Philanthropo,* etc. —saudosas inspirações donde o Cartismo estava de molho e o coração sem temor, nem cuidados:

N'estes sombrios retiros
Onde estamos habitando,
Sãn temores e sem discordias
As horas se vão passando.

E, ajuntavam sem offensa, os banhistas:

Aqui não ha aduladores
Com despejo bestial,
Que gostem que os *tiranise*
Um *capitão general (D. Manuel).*

De tanta frescura brotava em fórma amiga de dialogo *O Constitucional Real* e *O Constitucional Nominal.* A natural aversão dos desembargadores pelo elemento militar era habilmente aproveitada pelos patriotas. O *Real* a banhos e sem piugas, pingava lagrimas sobre o *mori-*

bundo paiz: O paiz moribundo agradeça a estes brutos, catões, leitões e porcos os dias da sua existencia. Vindouros benemeritos da patria, já vos é patente a causa da ruina de Goa; *fazei tres majores a cada companhia*, e ella, será tão feliz como Lisboa! O *Real* ainda não de todo refrescado, diz as ultimas aos membros da 1.ª Junta: um cego *mira* melhor que o *torto*—*loureiro* é mais inflexivel que *carvalho;*—um *pinto* tem papa-unhas e bico de galo;—um *leitão* não se faz porco;—*silva* engrossa no tronco e faz-se arvore;—de uma cabeça de *rocha* se espera juizo;—um mudo que salta uma velha é *castello* inconquistavel;—sete annos não bastão para conhecer quem é *leal.*

A *Pedantocracia*, já se vê, nem se quer poupava os que concorreram para o regimen liberal em Goa. O que pretendia? Os interluctores do *Dialogo* confessavam-se religiosamente impenitentes: tambem eu não me mudo! —qual fui no principio tal sou no fim! Amen. Amen!— diziam os banhistas levantando a cabeça do charco de Ozoró, como as celebres bestas do Apocalypse.

Entretanto dois factos vieram aggravar a situação do governo: a escolha de Joaquim Mourão Garcez Palha para membro da Junta e a eleição para deputados.

Na assembléa de 10 de dezembro Constancio Roque da Costa, representante da comarca de Salsete apresentou uma memoria e um requerimento *sobre a necessidade de se estabelecer em Goa uma assembléa provincial* e sobre a urgencia de serem enviados a Lisboa os membros da 1.ª Junta *para responderem não só sobre o praticado no seu governo de 76 dias, mas pelos publicos abusos do poder judiciario.*

A Junta que já presentia as funestas consequencias de taes concessões achou-as superiores ás suas attribuições. Começava agora a influencia dos Grachos a predominar em varios pontos do paiz. O dualismo accentua-se e o cartismo cresce a par do Cartismo: A Camara de Bardez, inspirando-se nas idéas de egualdade oppunha-se á nomeação do desembargador Abreu para juiz das Communidades e ouvidor d'essa comarca e de nenhuma forma queria que elle presidisse á assembléa eleitoral. A camara

de Salsete, movida por Constancio Roque da Costa, seu representante, exigia do governo plena satisfação por D. Frei Paulo d'Aquino ter tido a semceremonia de demittir-se depois da apresentação do requerimento de Constancio Roque.

Ia entretanto chegando a época de eleições para deputados. Os marganenses queriam por força que os brahmanes tivessem nas Côrtes portuguezas o seu Roque, alias *condemnado por accordam da relação em suspensão de advogar*. Este, presentindo a má vontade do governo contra deputados indigenas, interpunha requerimentos cheios de pavor e tristeza pelos proximos *tumultos populares*. A Junta por seu lado, com o visivel fim de afrouxar os enthusiasmos liberaes, officiava ás juntas eleitoraes (4 de janeiro de 1822) indicando-lhes os requesitos que deviam possuir os deputados. Além de outros dotes o governo exigia que o deputado fosse experto *na arte de guerra!*

«Além do amor da patria—recommenda a circular de 4 de janeiro de 1822—do rei e da religião, commum aos *portuguezes*, exige (o cargo de deputado) a maior somma possivel de conhecimentos em todos os ramos do saber humano, especialmente em direito publico, em legislação, em finanças, na arte da guerra, em summa, em todas as sciencias e artes que conduzem á reorganisação em grande de uma nação polida, tendo a tratar de todos estes gravissimos assumptos diante de uma illuminada, e curiosa publicidade: o mais assiduo uso do grande mundo, sem o qual se não adquire o desembaraço para preencher os fins propostos.»

Se se acrescentasse a *côr* do deputado, a ironia não seria mais pungente. Os Gracchos de papelão, Constancio Roque e Bernardo Peres, eleitos deputados, resignavam o mandato justamente *por não se considerarem com as precisas qualidades para o exercer! (pag. 85)*. Seriam sinceros, politicos? Julgariam que por este modo inflammassem os animos de seus partidarios? Talvez; mas eram Gracchos, como se vê, até ao ponto de se exautorarem.

Na eleição a que se tinha procedido nos Paços do Senado de Goa, além dos dois indigenas, fôra tambem eleito

o doutor Lima Leitão, plano acertadissimo da politica brahmanica. Captava-se a boa vontade do governo e neutralisavam-se as aspirações da colonia portugueza. A Junta, porém, fiel aos seus propositos de desarmar todos os ardis, officia ao presidente da assembléa eleitoral, padre Paulo Antonio Dias da Conceição, declarando *que julgava responsavel a dita Junta eleitoral por todos os males, inconvenientes e despezas que possão resultar contra os direitos e interesses d'esta provincia, se as côrtes declararem illegal esta eleição.—(Offi. de 17 de janeiro de 1822.)*

Mais descontentes ainda estavam os membros da colonia portugueza. Requerem, por isso, á Junta que se lhes conceda um representante seu, e adduzem sobre as eleições as mesmissimas illegalidades por que os deputados indigenas recusaram o mandato. Conhecia a colonia que um tal triumpho iria dar alento aos caudilhos do liberalismo castista, que aliás possuiam a coragem civica de se negarem á confiança que o povo n'elles depunha.

«Bem persuadidos — dizia a colonia no seu requerimento de 24 de dezembro de 1821 — d'estas illegalidades alguns nativos mais sensatos que estavam presentes, protestaram contra este barulho. Ora sabe-se que *muitos nativos dominados hoje de uma arrogancia notavel* tem apresentado a v. ex.ª (D. Manuel) requerimentos sobre legislação os mais importunos e subversivos da ordem social. Sabem-se as idéas extravagantes que elles teem semeado entre si, sabem-se os pasquins sediciosos contra os supplicantes e contra a ordem, em uma palavra, *elles querem governar e sem dúvida tendem para a independencia.* Bem entendido, que, em abono da verdade, os supplicantes aqui fazem com gosto justiça á moderação, tranquillidade e senso de alguns que merecem ser honrados e distinguidos.»

A estes e outros requerimentos o governo respondia negativamente; mas a final concedeu-lhes que mandassem para Lisboa, como seu procurador, o bispo de Cochim.

Pela retirada de um dos membros da Junta, o doutor Lima Leitão, foi eleito a 7 de março de 1822 em seu

logar o capitão de mar e guerra Joaquim Mourão Garcez Palha. A entrada para o governo de um membro da colonia portgueza representava um triumpho para o partido que francamente reagia contra os conspiradores de 1787 e contra o ultra-cartismo de agora. A tempestade ameaçava. O governo liberalmente conservador, mas resolutamente adverso aos idealismos dos Gracchos, resvalara pouco a pouco para uma situação quasi insustentavel. Ameaçado por um lado de graves manifestações populares, querendo ao mesmo tempo conservar um regimen equitativo e liberal, via-se a braços com as exigencias radicaes do partido portuguez. O exercito chega a desconfiar dos intuitos pratioticos do governo e impõe-lhe á mão armada uma dictadura, que trouxe o paiz em verdadeiro estado de sitio. O exercito ultrapassou os seus limites, mas salvou o paiz de um segundo attentado como o de 1787.

As coisas agora estavam no seu periodo agudo, agora que a colonia entrava desassombradamente a desempenhar o seu papel tradicional. A par da rabulice indigena cresciam o vigor e a tenacidade com que o exercito se arrogava o direito de salvaguardar os interesses nacionaes. Catilinas mal disfarçados intrigavam a colonia com os europeus e avantajavam-se, no papel, ao patriotismo e desinteresse do partido portuguez. O requerimento da colonia produzira grande celeuma na comarca do Bardez. Os Gracchos protestavam a fidelidade do povo á nação, ao passo que cohonestavam os disturbios populares.

«Em taes circumstancias que fariam os cidadãos de outro qualquer governo, opprimidos por tal forma? Não se esperava na pluralidade dos membros mudança de idéas; cada dia se notava serem elles mais inconstitucionaes; *uma turma de aristocratas intrigantes e aduladores os cercavam;* o systema constitucional cada dia era mais ridiculisado e os naturaes do Goa mais despresados e vilipendiados! Em qualquer outro paiz não se teria recorrido ás armas?»—(*Manif. da Camara de Bardez, 15 de abr. de 1822.*)

Apesar dos protestos de fidelidade que encobriam uma ameaça, na noite de 9 para 10 de março, rebentava em

Bardez uma sedição capitaneada pelos padres Pedro Antonio Ribeiro, José Mariano Cardoso, o advogado Eusebio de Goes e o tenente-coronel José d'Assa.

Os descontentes da 1.ª Junta, o ingenuo Luiz Prates, que redigia os manifestos da camara de Bardez, o descontentamento que lavrava no seio dos indigenas pela opposição á candidatura dos seus caudilhos, e a quasi directa, se não directa complacencia do arcebispo Galdino, concorreram fortemente para os motins em Bardez.

A Junta, sabedora da propaganda que alguns clerigos faziam n'essa comarca e desconfiando do proceder equivoco do prelado, intimou-o pelo seu officio de 15 de abril de 1822, que fizesse *cessar os excessos d'aquelles perturbadores.*

Bastava, com effeito, onde a autoridade religiosa é tudo, uma palavra do prelado para aquietar os animos, quasi fanatisados pelo apoio religioso do chefe da egreja de Goa; mas Galdino, em vez de acalmar os anarchistas, incrimina o governo e fal-o responsavel perante Deus e o mundo:

«O temo[illegible]ue v. ex.ª se mostra nimiamente possuido affectando que está collocado entre dois partidos (e estava de facto) dos brancos e naturaes, a desgraçada politica, segundo ouço, de excitar ou deixar excitar uns contra outros; as proposições que o snr. presidente dizem ter deixado escapar contra os naturaes; e mais que tudo as ameaças feitas, de que os inglezes estão promptos a entrar ao primeiro chamamento, é no meu conceito quem tem causado toda a confusão; é quem tem feito que os naturaes olhem a v. ex.ª como seu inimigo... Postos os animos nesta disposição não é de admirar se algum ambicioso graduado induzir aos naturaes, a uma insurreição, mas a culpa principal deve recair no governo, que introduziu nos animos estas disposições.»

O arcebispo não desmentiu as apprehensões do governo, e não queria por mais tempo conservar a mascara Fiel á sua missão de *protector nato* d'esse povo, ao passo que achava justa a insurreição, emphaticamente dizia ao governo que não passava de balela—*que os naturaes pre-*

tendiam matar todos os brancos, calumnia tão miseravel —accrescentava paternalmente— *que é só pouco menos despresivel que o seu inventor.*

O governo, assombrado de tanta audacia, respondeu-lhe energicamente no theor seguinte:

«Esta Junta foi informada que varios clerigos se occupavam em perturbar a tranquillidade publica e em exhortar os povos de Bardez a uma total dissolução politica, ou que quatro ou cinco individuos que só na desordem e anarchia podiam projectar ser influentes pretenderam perturbar o governo e a ordem estabelecida e que aliciaram alguns outros para o mesmo fim, mas sem o testemunho de v. ex.ª ainda agora teria ignorado a *calumnia da pretendida morte dos brancos projectada pelos naturaes*... Agora, porém, marchando pelo caminho direito, sem declinar nem á direita nem á esquerda, sem visos nem sombras de hypocrisia, não insidiosa e incompetentemente, mas com todo o direito e franqueza, v. ex.ª faz o governo responsavel, á face do mundo em geral e da nação em particular, das funestas consequencias que teme (é muito bem fundado o temor)! se não procurar destruir a calumnia de que *os naturaes pretendem matar os brancos.*» —*(Offi. de 22 de abril de 1822.)*

A estocada certeira fez cahir a mascara, e Galdino teve depois de fugir ás consequencias dos seus actos homisiando-se no territorio britanico.

Emquanto isto se passava na região official, em Bardez os patriotas reuniam conclaves nas sacristias ruraes. As horas do sol posto, em roda do classico *fenim*, os padres tramavam burguezmente, comendo o estimulante arroz-caril e chupando os dedos a cada idéa luminosa. Os vigarios de Santa Ignez, de Assonorá, de Revorá e de Siolim, classica terra da boa surrapa, propunham-se salvar a patria e a liberdade. Para se inspirarem melhor contra a *turba dos aristocratas*, faziam-se provavelmente discursos, religiosamente commentados pelo somnolento bedel; mas a grande Musa guerreira era o *calão* do *fenim* servido aos circumstantes em democraticas taças de casca de côco. O Robespierre era um tal *Moçambicar* (homem que volta rico de Moçambique), de Siolim, homem de

ceias fartas e libações generosas. Chegado o dia, da egreja de Parrá, ao toque dos sinos, e da casa do *Moçambicar*, depois de uma *esplendida ceia*, sairam os patriotas a salvar a agonisante e adorada Carta. Encaminhavam-se para Coluale, a fim de surprehender e desarmar o 3.º batalhão, que estava ahi estacionado. Alguns d'esta guarnição estavam combinados para franquearem as portas aos amotinados. Os patriotas bivacaram pelos arredores dos fortes de Coluale e do Meió á espera do combinado signal. Por entre os cajueiros avistavam-se os grupos de cabaia e varapau, sentados de cócoras, bebendo do inseparavel *calão* de *fenim* as inspirações temerarias das grandes luctas. Os reverendos, tambem de cabaia e chinelas debaixo do sovaco, attitude agil para uma retirada airosa, andavam de grupo em grupo acompanhados de grandes archotes. N'um outeiro, ao caminho de Maina, um grupo mais prudente trocava signaes de archotes com os seus camaradas, já impacientes pelo promettido signal. A noite corria, o *fenim* esgotava-se, a reverendissima rhetorica dos novos Coutos e Gonçalves exhauria-se, e o signal, nada! Impacientes, assustados, os patriotas delegaram o padre Agostinho, vigario de Santa Ignez, para um assalto. A guarda avançada correu, cahiu como uma avalanche sobre a sentinella e perguntou-lhe bondosamente se a guarda era forte! A resposta foi um piquete que sahiu do quartel commandado pelo alferes Ignacio Rodrigues no encalço dos patriotas. Um troço capitaneado pelo tenente-coronel José d'Assa rende-se sem resistencia. De outro lado, os aguerridos de cabaia, tendo á frente o padre Ribeiro e o vigario de Siolim receberam os inimigos, com audacia, pelas costas. Raiava a aurora, e com ella a liberdade do *fenim*, da cabaia e das chinelas debaixo do sovaco. Uma hecatombe!

Dias depois alguns patriotas foram moer a paciencia em varias praças de guerra. A capital da India estava em estado de sitio. O exercito, cançado de tantas correrias, com continuos serviços de rondas volantes e patrulhas, e algum tanto desanimado pelo proceder pouco vigoroso da Junta, prorompia em continuadas queixas. Queria paz e de uma vez cortadas as quixotescas, parti-

das dos patriotas. N'isto chega a Goa Julião José da Silva Vieira, proscripto pela 1.ª Junta. Uma representação assignada por 43 officiaes pede a sua immediata expulsão. O governo reage, e responde aos manifestantes que faria *irremissivelmente processar, na forma das leis, os individuos que estiverem assignados em representações.* A louvavel energia da Junta só conseguiu augmentar as desconfianças no exercito e leval-o a uma ordem pratica de coisas. Tal era já o descontentamento que D. Manuel da Camara em pessoa teve de reprimir a insubordinação de 14 de maio no quartel dos granadeiros (europeus) n.º 1, que pretendiam sahir *para ir conduzir os autores das referidas perturbações.*

O governo estava em crise dolorosa. Collocado entre o povo insubordinado *por quatro ou cinco individuos, que só na desordem e anarchia podiam projectar ser influentes,* e o exercito, que exigia á mão armada um proceder energico, capitulou, aceitando a dictadura militar, que abre nova phase de convulsões politicas em Goa, de maio a outubro de 1822.

O exercito da India, e n'este tempo composto de alguns corpos europeus, no desenlace da phase constitucional de Goa, assume por dever e pela natureza das circumstancias o papel que a portuguezes cumpria desempenhar. A despeito dos seus erros e até das suas violencias, ninguem o duvidará, o partido portuguez salvaguardou os interesses do paiz e a honra nacional. Os meios estavam no caracter da época, apode-os embora de excessos quem desconhece a natureza das crises politicas. Quaesquer que fossem as intenções do governo, que mais parecia provocar a dictadura do exercito para não acarretar com a responsabilidade de actos decisivos, o que é certo é que manifestou dignamente a sua reprovação por alguns ambiciosos não trepidarem em animar inconscientemente as

phantasias dos demagogos embolados e dos *condottieri* de sotaina. É o que elle claramente significava na seguinte proclamação de 7 de outubro de 1822:

«Portuguezes: os calumniadores que não se envergonham de espalhar estas desprésiveis patranhas são os mesmos homens que leram sem emoção tantos pasquins incendiarios e o anonymo e sedicioso papel=O Indio Constitucional=; são os mesmos homens que guardaram e guardam alto silencio sobre as doutrinas e idéas subversivas e attentatorias dos direitos sagrados do soberano congresso das côrtes e d'el-rei, propostas sem véo e sem allegoria n'aquelle escandaloso papel; são os mesmos homens emfim que não acreditam a fabula que intentam persuadir, mas que teem interesse em a propagar e que para excitar e promover a desordem contam sobre a simplicidade de uns, a ignorancia de outros e particularmente sobre a immoralidade de seus agentes e cooperadores. Habitantes da India Luzitana, abri os olhos, porque basta ter olhos para ver e conhecer que a provincia de Goa não póde subsistir e muito menos ser livre se não como parte integrante e dependente do corpo da monarchia portugueza... Lembrae-vos que os bons e verdadeiros portuguezes não sabem renegar a patria onde elles ou seus descendentes nasceram, e que a morte mesma não tem poder para lhes fazer renunciar ao titulo glorioso, ao inestimavel direito de cidadãos de uma nação livre e generosa.»

Tal é a synthese da epoca que atravessamos. No periodo que decorren de maio a outubro de 1822 a primeira phase é a dictadura, dictadura inflexivel, mas altamente necessaria, inquestionavelmente patriotica. A renhida lucta que se seguiu entre os exilados e o exercito, o desencadear de manifestos e protestos, de doestos e invectivas, põe a nú o que de um lado havia de inconscientemente injurioso para a patria e de outro o que se evidenciou de generoso e alevantado pela causa dos interesses vitaes da nação. O exercito não hesitou, cumpriu o seu alto dever, a missão tradicional para que fôra creado na séde do nosso imperio colonial. Pede, exige e consegue o ostracismo dos desembargadores Magalhães. Abreu e Ro-

cha, do conselheiro Loureiro, dos marechaes Godinho e Corrêa, do tenente-coronel Corrêa de Mello e do infeliz Galdino; mas não declina a responsabilidade dos seus actos. Pelo contrario. Ufana-se de ter prestado um serviço ao paiz e de ter desempenhado a sua honrosa missão de salvaguardar os interesses e a honra de Portugal. Assim o affirma no seu manifesto de 26 de junho de 1822:

«Pois se nenhum d'estes e outros males, receados por v. ex.ª (D. Manuel) teve logar, desterre v. ex.ª do seu espirito o temor de responsabilidades por um acto todo nosso, e que gloriamo-nos de o haver tão felizmente executado, sem a mais leve suspeita de outros interesses, que não fossem os de promover o socêgo e a paz geral d'esta provincia, persuadidos de que só este extraordinario arbitrio, era unicamente efficaz e conciliador dos louvaveis fins a que aspiravamos.»

Mas em que tinha excedido o exercito aos desejos dos Gracchos da India? Não exigia Constancio Roque da Costa na sessão do 10 de dezembro de 1821 o ostracismo dos membros da 1.ª Junta? Não devia recear a colonia portugueza o patriotismo de 1787, agora que a coberto do liberalismo tudo se permittia?

As consequencias do golpe de 16 de maio vieram plenamente confirmar as esperanças do partido portuguez. Todos se calaram, Gracchos e liberaes:

«Emfim, ex.mo snr., se não fosse o sucesso do dia 16 de maio, este ex.mo governo estaria, já ha muitos dias, derribado do logar aonde com todas as formalidades legal e legitimamente se acha collocado; v. ex.ª o sabe tambem o melhor que o mesmo exercito, e o confessaria, se a decencia lhe permittisse o declarar-se; uma prova d'isso é a suspensão de pasquins incendiarios, de pesquiza e opposição ás sabias determinações de v. ex.ª e dos requerimentos insolentes, que os nativos dirigiram a v. ex.ª contra todo este governo em geral, e em particular contra o ex.mo presidente d'elle, pretendendo que o lançassem fóra do palacio, querendo-o privar do uso da farda com que sua magestade o tinha honrado, do estandarte e do borgantim. E v. ex.ª ignorará quem eram os

fornecedores de tão extravagantes idéas? Não certamente, tudo isto cessou desde o dia 16 de maio.»—(*Requer. do exerc. cit. a pag. 203.*)

Não o negava de certo D. Manuel, mas a tolerancia da epoca, e as graves responsabilidades do seu logar inhibiam-n'o de se tornar solidario com o que talvez elle do coração desejasse.

Como vimos, a 14 de maio tinha elle conseguido suffocar a insubordinação da 1.ª companhia dos granadeiros. Mas na noite de 15 os soldados invadem as casas dos seus officiaes e os obrigam a porem-se á testa da revolta de 16. Pelas 6 horas da manhã d'esse mesmo dia os officiaes dos batalhões n.os 1 e 4 e do destacamento do n.º 6 invadiam as salas do palacio tendo á frente o coronel D. José Maria de Castro e Almeida (pae do conde de Nova Goa) e exigiram a immediata expulsão dos sediciosos.

D. Manuel quiz ver se ainda domava os animos, e voltou no dia 17 ao quartel dos granadeiros:

«Soldados! Não é este o caminho pelo qual os bons portuguezes sempre costumam dirigir-se; o primeiro dever de um bom soldado é a cega obediencia aos seus legitimos superiores, isto é o que vós deveis praticar, se quizerdes merecer a gloria da estimação do rei e da patria, a quem sempre somos e seremos responsaveis de todas as nossas acções.»

Mas para nada serviu este ultimo esforço. Á prudencia do general respondia o exercito com outra manifestação, reiterando na tarde de 17 de maio as peremptorias requisições do dia antecedente. O governo cede e lavra a portaria de expulsão.

Os *sombrios retiros* dos desembargadores Magalhães e Rocha, estes *puetas da India,* como os chamaria Albuquerque, iam gemer de saudade pelos seus platonicos amores de Raia. A 18 de maio, de varios pontos de Goa, de Raia, Ribandar, S. Pedro e Margão, escoltados por fortes patrulhas, chegavam á capital para serem retidos no brigue *S. João Baptista* os desembargadores Magalhães, Rocha e Abreu, o conselheiro Loureiro, marechal Correia e o tenente-coronel Luiz Manuel Correia de Mello. O *patamarim—Barcotte*—levava-os caminho

do exilio para Bombaim. Correia de Mello partia para o Piro, ao sul de Goa.

A Junta sentia-se com graves responsabilidades perante o governo da metropole, e quatro dos seus membros demittiam-se no mesmo dia em que se tinha lavrado a portaria de expulsão. D. Manuel, egualmente receoso, agora só e quasi abandonado na direcção dos negocios publicos, justificava-se perante o governo da metropole, confessando-se coacto nas medidas a que vimos de nos referir.

«Que podia fazer em tal caso, senhor—dizia no seu relatorio de 22 de junho—um governo destituido de toda a força fisica o moral? Deveria abandonar ao furor de uma soldadesca em desordem a segurança das pessoas, cuja expulsão elles dizião necessaria ao socego publico? Podia esperar-se que a tropa se limitasse a pôr fóra de Goa os individuos indicados sem commetter outros ainda maiores excessos? Vossa magestade o decidirá. Entretanto o governo cedeu á força, e só teve em vista evitar os males incalculaveis que serião resultado do abandono da tropa a si mesma.»

Esta fraqueza da parte de D. Manuel torna-se desculpavel se attendermos ás circumstancias politicas de Portugal n'essa epoca. Levado ao governo pela influencia do exercito, era natural que soffresse todas as consequencias de ter sido levado ao poder pela força das bayonetas. Solidario n'um momento com o exercito, solidario lhe cumpria ser até ao ultimo momento. Mas não o julgou assim, lançando ao exercito as responsabilidades que lhe cabiam tambem a elle, como um instrumento da revolução. O partido portuguez, porém, nobremente o eximiu das responsabilidades dos actos que elle tanto se honrava ter praticado como um seu exclusivo dever e no interesse do paiz.

O que se segue é um duello de morte entre os exilados e o exercito. Aos manifestos, ás invectivas, a cada reclamação dos exilados, o exercito respondia com uma nova lei draconiana, que o governo acceitava sem restricções. A effervescencia tinha chegado ao seu auge. A nada se rendia o partido portuguez. Firme, inabalavel no seu

posto, chega até a ser feroz com os seus proprios camaradas. Luiz Prates conseguira angariar 29 assignaturas de officiaes n'uma representação contra o exercito. A resposta foi serem expulsos das fileiras e deportados pelo governo para Canácona.

A velha alma portugueza cheia de brios e hombridade, audaz e dura, apparecia em plena resurreição n'estes orgulhosos fidalgos. As palavras e os actos tilintavam como os rútilos guantes de antigos cavalleiros e a colonia inteira de capa e espada estrugia em impetos de indomavel furia. A nossa decadencia, a ausencia da mãe-patria e o contacto com essas sociedades enervadas, em nada modificara o genio altivo de seus avós. Impunham-se de um modo que nos causa assombro, elles que cincoenta annos depois (1871) deporiam resignados a espada em obediencia ao mesmo rei, por quem então se sentiam fortes e audazes:

«A espada, a probidade, a honra e o valor constituem a unica sciencia do exercito de Goa. O exercito pois acha-se ultrajado pelos taes protestantes; é por elles accusado de sedicioso, atacante a constituição, ao rei, ás leis existentes e ao governo: de facil de alliciar-se, e emfim até de cobarde, que se deixa incutir de terror panico. O exercito ultimamente declara a v.ª ex.ª que não quer mais ver nem concorrer n'esta provincia com os individuos, que tal protesto assignaram.»—*(Rep. dos offi. do exercito, 30 de agosto de 1822).*

Mas quem era este exercito, em cujo seio 29 officiaes se declaravam contra? Era a aristocracia de Goa, a fiel herdeira das nossas cavalheirosas tradições. Um tal elemento não estava por sua natureza a attrahir as malquerenças do partido brahmanico da India? Podia um governo desnacionalisado como o do partido regenerador conservar na India os restos d'essa antiga bizarria portugueza? Para a entregar á Inglaterra de certo que não. O exercito combateu, como vimos, o partido anti-nacional, e combateu egualmente os que ignorando a historia do paiz se faziam seus instrumentos. Para estes e aquelles o exercito ficou personificando a desordem, a revolta, a oppressão:

Esta tropa soberana,
Com o seu orgão posto á frente,
Pratica roubos e mortes,
Extermina toda a gente.

Contra uma tal gente invocava-se as iras do céo. Cumpria reduzil-a a pó, terra, cinza e nada:

Compassivo Céo, que vês
Esta terra desgraçada,
Reduz aquelles farfantes
A pó, terra, cinza e nada.

O exercito respondia, parodiando:

Esse bando de tiranos,
Com seu corifeo á frente,
Pregando moral perversa
Empeçia toda a gente.

Compassivo Céo, que vês
Esta terra infectada,
Reduz aquelles protervos
A pó, terra, cinza e nada.

Luiz Prates, com grande gaudio dos patriotas, não poupava um só instante os atrevidos fidalgos de Goa. A *Grande parada do exercito ou cohorte de erros orthographicos,* ao *Tullio,* respondia a *Carapuçada,* cobrindo-o de invectivas; é preciso ver o doutor para bem entendel-o; examinar o seu gesto, e o ar da sua figura.

Os emigrados eram incansaveis. Como talvez não pudessem tão livremente conspirar contra o governo em Bombaim, poucos mezes residiram n'essa cidade e em agosto d'esse mesmo anno desceram á provincia de Malwane, limitrophe de Goa pelo lado norte, e para onde se foram unir a elles os partidarios do padre Antonio Ribeiro, o Mahadi de Baïdez. Animados pelo apoio dos indigenas, os emigrados e os seus adeptos de Goa, tendo á frente o ingenuo Luiz Prates, invadiam a provincia de muita prosa Bocacciana. A falta de imprensa as *Anicetadas* corriam de mão a mão manuscriptas e constituiam o enleio dos *liberaes.* D. Manuel, receando novos disturbios, mandava soltar os presos que estavam na Aguada, implica-

dos nos motins de Bardez, para ver se assim acalmava a furia liberal. O exercito teria assumido nova dictadura, talvez tivesse marchado para Malwane, arrastado os emigrados ao cadafalso, se a morte de Luiz Prates não viesse pôr termo a este desgraçado estado de coisas.

No mesmo dia em que se lavrava a portaria de expulsão dos 29 officiaes signatarios da representação contra o exercito, o infeliz Luiz Prates cahia, a poucos passos do palacio, trespassado pelas bayonetas dos granadeiros. Foi o epilogo d'essa lucta incruenta, a victima de uns desvairados que o lançaram na perdição sem nada quererem arriscar pela patria, que tanto pretendiam amar. Emquanto os patriotas folgavam, Prates nadava em sangue, coroado por um martyrio inglorio, que privou o exercito d'este seu valente camarada e a patria de um tão prestante cidadão. Sobre a sua campa as lagrimas dos patriotas são uma blasphemia; as apologias uma vergonhosa confissão da sua tradicional mesquinhez e covardia.

Eis como D. Manuel conta este triste successo no seu relatorio de 22 de janeiro de 1823:

«Ainda bem se não tinha completado a reunião dos ditos deputados, quando a Junta provisional teve parte de que o dito official maior, Luiz Prates de Almeida e Albuquerque, tendo ido ao quartel da companhia dos granadeiros do batalhão n.º 1 injuriára de palavras as mais affrontosas aos poucos soldados que alli achou, e geralmente a todos os officiaes da companhia, do batalhão e do exercito de Goa. A Junta provisional o mandou logo chamar e extranhando-lhe aquella imprudencia lhe ordenou que se retirasse para sua casa. Apresentou-se ao governo quasi n'este momento o tenente-coronel commandante d'aquelle batalhão Miguel Carlos Lobato Gameiro de Faria, e estando apenas começando a sua oração e a mesma parte, e representando que os granadeiros já reunidos em maior numero tendo saido armados do seu quartel tinhão ido á sua porta queixar-se d'aquelle insulto e pedir satisfação d'elle; eis que o governo foi informado de que o dito Prates saindo do palacio do governo e encaminhando-se a passar pela retaguarda da dita companhia que estava formada diante do seu quartel situado a

muito pouca distancia d'aquelle palacio se envolvera com os ditos granadeiros, e na porfia de passar por detraz ou por diante d'elles puxára pelo seu terçado, e elles o crivaram em continente de baionetadas, de que poucos momentos depois expirou.»

Dos deportados uns partiram para o Rio, outros para Lisboa, e o marechal Correia, depois de andar homisiado em Vingorlá e Rarim, voltou a Goa pouco tempo antes da morte de D. Manuel.

Aos 18 de novembro de 1822, com a noticia da queda da Constituição em Portugal, ficou governando só D. Manuel da Camara. Por Carta Regia de 22 de agosto de 1824 foi D. Manuel nomeado vice-rei e capitão general. Governou até o dia 16 de novembro de 1825, em que morreu em Goa no convento do Cabo. A elle se deve a instituição do Monte-Pio Militar da provincia, como estabelecimento particular. Precursor do ultimo vice-rei, D. Manuel de Portugal e Castro, legou a este a sua honrada tradição, que tão bem soube conservar até o dia em que Bernardo Peres da Silva, o Prefeito que lhe succedeu em 1835, lhe conspurcou a memoria, infamando-o indignamente. A fugitiva imagem dos altivos viso-reis acabou com D. Manuel, o ultimo reorganisador da nossa abandonada India.

Do espirito da epoca, como testemunho das idéas e das aspirações que agitavam os patriotas, temos a celebre creação—*Prophecia de Maduá Rau*. A alma d'essa sociedade transparece ahi viva e sincera á luz vibrante da historia. Eil-a:

«Na era *chitrobanú*, 1744, no anno de *Namú Savodazir*, mez de *Margaxir*, e dia *Pratibodá* (13 de dezembro de 1822), eu Maduá, filho de Ramá, filho de Vassú, filho de Porisramá, filho de Vishnú, da tribu Sacerdotal dos

Ryotixis (bramanes astrologos), oriundo de Praganá de Cudale... faço esta minha sincera e ingenua exposição á face de *Dumneá Hundda* (espaço que contém mundos) sobre o negocio em que foi consultado por gente de Goa a respeito dos males, que affligem aquella terra. Se eu mentir, se a verdade fugir dos meus labios, o Nume de côr azul, que marcha cingido de serpentes, que tem ao colo um circulo de cabeças e cabellos da côr de fogo me sepulte para sempre no Onderah (infernal abysmo.)»

Maduá Rau conta depois o seu prodigioso nascimento e como fôra agourado propheta. É arrojado ao cume de Vaguerim (monte dos Gates) por um meteóro e ahi vê um monstro montado em um crocodilo e com um azorrague na mão. Cae por terra assombrado, e depois de alguns minutos o grande Varoni, deus dos mares e dominador do Occidente, pergunta-lhe o que pretende. Maduá Rau supplica para que se lhe diga *qual será o fim dos males que affligem Goa.* Varoni então exclama:

«Ai dos malvados, que ha um anno com vara de ferro governam Goa! Virá o tempo, elle não tarda, em que todos esses desgraçados deitem torrentes de lagrimas sem haver quem d'elles se condôa; que soltem clamores e gemidos, sem que alguem manifeste o minimo signal de commoção nem de piedade!... Todos os mais approvadores ou fautores das maldades de Goa, *todos os aristocratas* que abominam a liberdade da sua Patria, e que clamão contra as novas ordens e leis dos *Franguis* (europeus) do occidente, serão declarados indignos de homens; *levarão baixa*.. de todos os seus cargos e officios e irão para as ilhas de Querimba ser até a morte escravos dos escravos negros. Tal é o fado que os espera, disse o Deus, e fez silencio.»

O que ha ahi mais apropriado para concitar os indigenas contra a colonia portugueza? A epoca constitucional faltava sómente esse caracter imaginoso e sybillino das lendas orientaes. Elle não faltou como prova do que valiam os Gracchos e o seu Cartismo. De tudo isto, do constitucionalismo dos ingenuos e do jacobinismo dos tonsurados, ficou apenas esse odio divinisado, que domina e que propriamente constitue a historia politica de

Goa. A India não adiantou sequer um passo com as franquias que fomos conceder impensadamente n'uma epoca em que a nossa decadencia, a falta de prestigio e de patriotismo concorreram para que ao odio e á ingratidão se unisse o despreso em que se tem esta pobre, mas orgulhosa nação.

Todas as energias convergiram em roda do vingativo Varoni, symbolo da alma que agita uns homens sem coragem nem idéas. Depois dos Farias e Coutos de 1787, dos Ribeiros e Roques de 1821; dos Peres de 1835, Bernardo da Costa, um Maduá Rau baptisado, daria, em 1871, cumprimento á prophecia pela bocca do sr. Jayme Moniz, um infeliz ministro do partido que exterminou a India.

A época que vae seguir-se — o Perismó — é o commentario d'este capitulo.

O prefeito Bernardo Peres da Silva vae legar-nos o seu testamento politico, marcando na historia de Goa a quadra mais elucidativa d'esse duello que começou com a conquista e acabou historicamente com a extincção do exercito da India, com que rematamos este despretencioso trabalho.

O PERISMO

(1835)

VII

> Baqueou-se o despotismo, triumpha o liberalismo. O Immortal Héroe, que salvou o Reino das garras do Dragão assolador da guerra civil, não só penhora a nossa gratidão com organisação legal, capaz de regenerar a Patria moribunda, mas nos dá no nosso Deputado ás Côrtes eleito o Prefeito, que enche de jubilo todos os corações amigos da ordem, ley, e do bem ser nosso e da nossa posteridade. Exultay Cidadãos!
>
> (Procl. de C. Roque da Costa, 16 de janeiro de 1835.)

Já vimos como o constitucionalismo de 1821 ficava muito áquem das aspirações dos patriotas de 1787. Reprimidas n'esse tempo, volveram no governo de Rio Pardo, para, em 1835 se revestirem de uma feição mais accentuada sob o acerado do liberalismo da Carta. Nenhuma occasião se offerecia melhor, principalmente de 1828 a 1834, para que os caudilhos da demagogia indiana, aproveitando essa epoca generosa, em que os espiritos mal distanciavam a liberdade da anarchia, conseguissem levar a cabo os seus planos anti-nacionaes. Não tinha aqui mesmo em Portugal o Cartismo corrido um rapido periodo de transformação? Não tinhamos copiado a França e não vinha o paiz rolando por uma ingreme ladeira desde que D. João VI nos confiou paternalmente o Be-

resford? Que admirar, pois, se a Republica se implantasse em vez da Carta?

O meio era adequado, os homens excellentes, para que um outro *patriarcha* Faria deixasse a geração Cartista boqui-aberta, elle, o propheta do Ganges, o sonhador, o pária lendario convertido agora, com espanto de todos, em liberal ás direitas. Que havia agora a recear se em vez de Glosas se fizessem protestos? Os padres Faria e Couto apenas glosavam, Bernardo Peres daria lições de liberalismo ao povo portuguez. Não iria ás sacristias, aos palacios de fidalgos ingenuos, corria para o campo de batalha, feria as grandes pugnas liberaes e emigrava para a Inglaterra, para o Brazil, como um heroe!

Bernardo Peres da Silva nasceu em Goa (Neurá) de paes brahmanes, aos 15 de outubro de 1775, vesperas da Conjuração dos Pintos, a quem o ligavam laços de parentesco. Era ossudo e nervoso, cabello raro, quasi calvo. As faces cavadas, o nariz cahia-lhe em azas sobre o beiço superior franzido, deixando ver os dentes. Parecia doente, e era-o da alma. O rosto anguloso, o olhar secco e avido, os hombros um pouco erguidos, indicavam o quer que é de rebelde e ambicioso. Nem bondade, nem intelligencia—um anjo cahido.

«Era dotado de um genio violento, que o levava a não contemporisar com os erros de homens publicos... Os escriptos que deixou... revelam o ardor de um homem que tinha o fanatismo da liberdade e a colera da convicção e em cujo coração não soavam mais que estas tres palavras: Deus, patria e liberdade.» —(*Ultramar* n.os 469 e 470.)

Interpretando o phototypista, diremos nós: nem Deus, nem patria, nem liberdade—apenas o odio.

Tanto Bernardo Peres como o seu filho Thomaz tomaram parte activa na deposição do conde do Rio Pardo, mas ainda assim receosos por a epoca não ser azada. Tendo sido eleito deputado em 1822, voltou á India como intendente de agricultura depois de ter sido revogada a constituição de 1823, e tornou a ser eleito em 1827 quando emigrou para Plymouth, após os acontecimentos de 1828. Durante o tempo que esteve em Portugal até

1834, anno em que foi nomeado Prefeito, fez politica patriotica com melhor exito do que os seus antecessores. D. Pedro, cuja causa abraçara, não retribuiria os seus serviços? não era licito esperar que as suas queixas calassem no animo de um tão generoso principe?

Em Plymouth publica o *Protesto*, jurando em seu nome e dos seus constituintes eterna adhesão ao governo de D. Maria II; do Rio, para edificar os patriotas, dedica á mocidade indiana o folheto—*Dialogo entre um doutor em philosophia e um portuguez na India sobre a constituição politica de Portugal*—saudosos restos do *Mysanthropo e Philanthropo* de 1821.

A final chegara o tempo do seu heroismo. Com D. Pedro voltou elle tambem a Portugal, como a aguia ao seu ninho:

«Voltei depois de cinco annos de emigração para Portugal, quando o Immortal Duque de Bragança de Saudosa Memoria libertou segunda vez os Portuguezes, e expuz-lhe com toda franqueza e intrepidez os crueis males da minha Patria, suas causas, e os remedios que julgava proprios.»—*(Aos repres. da naç. port. B. Peres, 3 de jan. de 1839.)*

Aninhado nos antros do exilio á espera que soasse a hora de redempção, espreitava ancioso, qual outro Viriato, o momento azado de libertar o seu povo. Soára a hora, e elle corria aos pés do imperador a implorar-lhe que se compadecesse *dos povos da India:* «Com tão fausta noticia eu vim voando do escondrijo em que me achava... aos pés de vossa magestade imperial... a supplicar-lhe se digne compadecer-vos *(sic)* dos povos da India.»—*(Repres. de 8 de abril de 1834.)*

Voou, e não houve repartição publica onde não pousasse ensanguentada a zelosa aguia, chorando pela sorte dos seus filhos. Uma enorme papelada de requerimentos, como o bater afflictivo das azas de uma aguia ferida, atulhava as secretarias. Não podia um indio governar a sua terra, pois ahi elle desmentia claramente, citando Frederico o Grande, Tracy-Distut, J.ᵒ B.ᵗ Say, Nood. Maria Thereza, Bolivar e... o Christo. *(Vide, idem.)* Que queriam mais? Ahi estava elle, o patriota. O saber ninguem lhe podia já contestar; faltava-lhe apenas aquella

audacia, aquelle ar guerreiro, que a 2.ª Junta tanto exigia para o cargo de deputado. Das secretarias passava para o regio alcaçar, coroado de louros, aprumado, para expôr á Rainha *com toda a franqueza e intrepidez os crueis males* da sua patria.

O filho tambem viera pára o reino matricular-se soldado da liberdade. Thomaz Peres emigrava para a Inglaterra, para a Terceira. Toma parte no cerco do Porto, combate na Serra do Pilar, acompanha a expedição do Algarve, marcha sobre Cacilhas, e colhe as palmas da victoria no Valle da Piedade. *(M. V. Abreu. Noção de alguns filhos distinctos da India.)* Que prova superior exigiam da sua fidelidade á nação? Foi, por isso, nomeado governador de Quelimane, Tete e Sena. Mais tarde (1836) chegará outro patriota, Caetano Peres, emissario do deposto Prefeito. As aguias ensanguentadas voavam, porque *é muito doce o «pro patria mori»!*

Tanta abnegação, tão grande liberalismo, tão acrysolado amor patrio, seria injustiça morrer no olvido. Nomearam então Bernardo Peres Prefeito da India (Decreto de 7 de maio de 1834). A nomeação não foi uma dadiva, mas uma recompensa:

«Sua Magestade Imperial Dignou-Se *então* Nomear-me Prefeito dos Estados da India, sem que eu, nem directa, nem indirectamente, tivesse sollicitado aquelle emprego, por achar em mim, como Disse na Carta Regia da minha nomeação, precisos conhecimentos daquella Provincia, e haver merecido a confiança dos Povos della, que duas vezes me tinhão eleito seu Deputado. E comquanto muito me honrasse a confiança que Sua Magestade Imperial de mim fazia, talvez por pensar na Sua Sabedoria e experiencia adquerida no Governo de um Imperio, o que um Escriptor celebre J. B. Say guiado tambem por constante experiencia, disse: —*Les colonies dépendantes ont toujours été aussi habitées, que mal gouvernées. On n'y va qu'avec l'esprit de revenir en Europe, avec une fortune mal acquise*— e por isso convinha que fossem as Colonias administradas por aquelles que podem promover o interesse das localidades e de seus habitantes. Com tudo hesitei...» —(*Idem, pag. 3.*)

Não se sente aqui o quer que é de solemne, uma especie de exhortação á Parvonia de braço dado ao *Immortal Duque?* Mas não duvidassem, a nomeação estava no espirito do *Immortal,* e ahi estava elle proprio para reconhecer e attestar a *Alta Sabedoria* do Regente e a sua assidua leitura de J. B. Say. Comtudo hesitou; não aceitaria mesmo o logar por reluctancia, se os amigos lhe não dissessem *una voce* que era necessario fazer sacrificios pela patria. Aliás não os teria feito, embora a querida patria morresse: aconselhado, porém, por meus amigos politicos, versados na arte de governar, a quem consultei, que me disséram *una voce* que era necessario fazer sacrificios, e *expor-me a perigos* se queria o bem da Patria. (*Idem, pag. 3. e 4.*) Pobre patria, se não fossem os amigos!

Bernardo Peres continúa explicando-nos os seus enormes sacrificios:

«Voltei depois de cinco annos de emigração para Portugal, quando o Immortal Duque de Bragança de Saudosa Memoria libertou segunda vez os Portuguezes, e expuz-Lhe com toda a franqueza e intrepidez os crueis males da minha Patria, suas causas, e os remedios que julgava proprios; tendo dirigido ao mesmo tempo uma Memoria mais circumstanciada ao Ministro da Corôa da Repartição do Ultramar, pedindo se nomeasse uma Commissão para dar sobre aquella memoria o seu parecer com minha audição, para Sua Magestade Imperial Decidir o que fosse conveniente. Sua Magestade Dignou-se *então* Nomear-me Prefeito.»—(*Idem, pag. 3.*)

Vê, patria, se não te amo! Vêde, cidadãos, como eu me sacrifiquei por vós!...

---

* Bernardo Peres da Silva, *o mais velho campeão da liberdade,* como á si se chamava, partiu para a India na charrúa *Princeza Real.* Como aquelle lenho singrando as aguas deixava um esteiro de espuma, assim sua alma embriagada de intimas alegrias abriu-se aos ventos da paixão. Oh, como me vingarei dos que nos ludibriavam!

como agora me posso vingar á farta! que gloria para mim e para os meus compatriotas o eu ser o supremo arbitro dos brancos na India! E não hesitava em dizel-o, elle, o messias: quando tinha diante de si seis portuguezes — dizia — era o mesmo que seis inimigos. (*Manif. do Gov. Provi., 21 de julho de 1835.*)

A noticia da nomeação do Prefeito fôra recebida na India pelos fins de dezembro de 1834. D. Manuel de Portugal e os europeus em geral não comprehendiam bem o liberalismo de D. Pedro em confiar ao homem de 1821 o governo da India. A colonia portugueza que mais se tinha opposto á candidatura de Bernardo Peres em 1822 e 1827, mais do que ninguem conhecedora das idéas que predominavam na sociedade indigena, ter-se-ia de bom grado associado ás manifestações hostis do partido europeu, se a não tivesse impedido o seu dever de subditos fieis.

A colonia, mais do que ninguem, nada tinha a esperar senão uma crua vingança do homem que ia agora governal-a. Não estariam presentes á suprema auctoridade de hoje as palavras com que ella se oppozera á candidatura de Bernardo Peres?

«Sabe Deus — representava ás côrtes em 1827 a colonia portugueza — o que sollicitará o Deputado Canarim que para ahi vae, no caso que tenha entrada nas Côrtes, pois estes Indigenas beijão os ferros por gosto, com tanto que possam tambem por sua vez praticar violencias entre o misero Povo miudo... Haja Vossa Altesa de lançar sobre os Portuguezes da Asia as suas providentes vistas, a fim de extirpar os principios subversivos, e desorganisadores de que se achão hoje os indigenas mais que nunca possuidos, e as causas que promettem hum fim desastroso.»

Apesar das apprehensões de todo o ponto justificaveis, a colonia portugueza não entrou na liga anti-Perista; não só se collocou ao lado de um inimigo, mas acompanhou-o até ao exilio, certos de que cumpriam um respeitoso dever de obediencia para com o governo da metropole. Bastaria a attitude passiva da colonia para que Bernardo Peres não chegasse a assumir as redeas do

governo; mas ella vae além, protesta a favor da auctoridade constituida:

«Havendo chegado á noticia d'esta Camara que na capital d'este Estado... se está tramando para se não receber o mesmo sr. Bernardo Peres da Silva...: ella jámais annuirá a uma tão desastrosa como subversiva insurreição, antes desde já pela forma mais viva e a mais solemne, contra ella e seus desvairados fautores protesta perante v. ex.ª, perante toda a capital, e perante toda a Nação, e o Mundo inteiro, anhelando que a seu exemplo nenhum Cidadão se deixe macular do negro ferrete de execranda rebeldia.»—(*Senado de Goa, 10 de janeiro de 1835*)

Bernardo Peres soube aproveitar-se d'esta generosidade, que chega a ser um heroismo, de um modo que revela a ardilosa intelligencia do brahmane. Podia agora relembrar á colonia os aggravos que d'ella tinha recebido em 1822 e 1827, como hoje fazem os seus caudilhos, mas attribuiu-os á influencia dos europeus e de D. Manuel:

«Observa-se além d'isso, que foram os Europeus os authores, e collaboradores d'essas Representações... foram os Europeus e especialmente D. Manuel os que chamavam os Naturaes Gallos de Diogenes e Macacos sem ra...»—(*B. Peres. Ref. analy., pag. 19.*)

Agora só lhe convinha a Carta, enthronisar a liberdade, proclamar o nivelamento social. Quando, porém, foi deposto e viu que os europeus não queriam o seu liberalismo, larga a mascara e elle proprio recruta uma expedição invasora para firmar sobre o sangue dos seus irmãos o ephemero throno das suas illusões perdidas:

«Mandei recrutar gente, a maior parte d'aquella que tinha servido na Tropa Ingleza, e fiz exercital-a nos arrabaldes da Cidade de Bombaim... e depois de disposto tudo quanto era necessario, a fiz embarcar, pondo-me á testa d'elles...»—(*Aos repres. da nac. port. pag. 8.*)

Mas não o acompanhou então a colonia, e n'isto talvez consistá a causa porque os patriotas falsamente attribuem ao exercito a deposição do *querido dos povos*.

A charrua *Princeza Real* aproava já á terra da promissão com o *Washington de Goa.*

Revivem tempos mais esplendorosos do que os do D. João de Castro, quando de volta de Diu a cidade rompia os seus muros para o receber; ficam na penumbra as festas da côrte do Zamorim quando foi da recepção de Vasco da Gama; eclipsam-se ás ovações com que Albuquerque foi recebido na antiga cidade da sua volta de Malaca... Tudo isto são historias, uma sombra apenas do que se vê em 1835. Só agora um vice-rei, só agora festas, só agora pela *vez primeira tremúla a bandeira nacional:*

«Desembarquei no dia seguinte (11) e fui recebido pelos Povos e principaes habitantes com demonstrações de alegria até ali nunca vistas. Os Povos viram pela primeira vez tremular nos seus muros a Bandeira Nacional.»—(*B.ª Peres. Aos represent., pag. 2 e 4.*)

Antes mesmo de pôr o pé em terra dirigiu ao seu povo uma proclamação, ambigua como a sua alma, confusa como as suas idéas:

«Cidadãos! — *Lapidem quem reprobavérunt edificantes, hic factus est caput anguli. A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris.*

«Cidadãos!—Se a minha conducta privada e publica, de que vós sois testemunha, se o amor da gloria que sempre ambicionei, como paixão a mais nobre de corações bem formados, podem ser garantes da minha futura conducta, descançai em mim, eu vos prometto fazer todos os esforços para dignamente cumprir a Missam que me he confiada, e eu jurei guardar.

«Cidadãos! —Quantos Reinos e Estados destruidos pela divisão de seus habitantes! As duas poderosas familias de Annibal e Hanon pela sua divisão, cauzaram a ruina de Carthago; uma facção submetteo Roma á Cesar, Athenas a Pisistrato; a facção introdusiu os Turcos em Constantinopla e Hungria, a facção foi origem dos males que Portugal soffreo.

«Cidadãos! —Vós tereis, e sempre, a sustentar uma terrivel lucta, de cujo successo dependerá a vossa felicidade ou desgraça: Vós tereis a luctar com as mesmas

authoridades pela mesma Constituição estabelecidas, que attenta a constituição phisica e moral do homem, tendem sem cessar a exhorbitar e romper as barreiras, que Lhes tem sido pela Ley marcadas. O menor descuido, a menor falta de vigilancia ou a minima condescendencia da vossa parte chamará outra, e vós sem o presentirdes talvez, sereis, senão de direito, ao menos de facto, privados da vossa liberdade, e outros direitos.

«Cidadãos!—Haverá entre nós quem resista aos encantos que a união e amizade nos offerece, para se assemelhar a estas bestas ferozes que desejam, para viverem em ocio, cevar-se do sangue e suor de seus semelhantes, para a seu turno ser delles devorados? Nenhum dos meus compatriotas he capaz de semelhante mancha. Uni-vos pois e dizei comigo: Viva a Carta Constitucional! Viva a Nação Portugueza! Viva a Rainha Nossa Augusta Soberana! Viva o Senhor D. Pedro Duque Regente Nosso Libertador! Vivam os Portuguezes da India! Viva, viva, viva!»—*(O Pref. dos Estados da India aos habitantes dos mesmos Estados seus concidadãos. Bordo da charrua Princeza Real, 10 de janeiro de 1835.)*

Ahi tendes, leitor, *o mais velho campeão da liberdade*, ahi tendes o Messias, *exultae cidadãos!*

A 14 de janeiro de 1835, Bernardo Peres da Silva tomava posse do governo. Ninguem ainda sabia bem dos seus planos governativos, posto que a sua attitude tanto no reino como em Goa e a sua proclamação apocalyptica infundissem graves receios. Não dissera elle no seu memorial de 8 de abril de 1834 ao proprio dador da Carta que—os habitantes da India estavam persuadidos de que a Carta só não podia fazer a sua felicidade, nem a sua execução facil na India? Não era elle que em Portugal se oppunha tenaz e grosseiramente a que fossem mandados missionarios portuguezes para a India? *(Offi. de 23 de abril de 1834 a José da Silva Carvalho.)*

Se ajuntarmos a tudo isto o amor proprio offendido do

D. Manuel de Portugal e dos europeus, acharemos, se não justa, pelo menos natural a reacção contra o homem, cujos antecedentes politicos davam logar a que o tivessem como zeloso herdeiro das doutrinas de 1787. E nós veremos como Bernardo Peres, no seu curto periodo de messianismo, procurou accentuar de uma maneira evidente os seus planos, se não separatistas, com certeza exclusivistas. Quem poderá crer no seu amor á liberdade, no sincero desejo de bem servir o seu paiz, depois da accintosa exclusão a que votou os seus concidadãos das Novas Conquistas? Bernardo Peres entendia que só os brahmanes deviam occupar os cargos publicos e não os habitantes pagãos das Novas Conquistas, legitimos representantes de uma raça nobre, aguerrida e generosa. *(B. Peres. Edital de 28 de jan. de 1835.)*

E, comtudo, d'esses *moralmente inhabilitados*, chegaram a occupar honrosas posições pelo seu trabalho: Quem não conhece na India o medico erudito Bhau Dagi; os distinctos mathematicos Dinanath Atmarama Dolvi e Cashcanat Trimbacu Tilang, filhos das Novas Conquistas, e que tanto honraram em Bombaim o nome do seu paiz?

Mas ninguem tão democrata como Peres. Desceu as escadas do palacio polluido pelo despotismo de tantos portuguezes; a sombra d'aquelles vice-reis armados e carrancudos affligiam-no, e Peres da Silva foi habitar ás suas casas em Panelim. Só vinha a despacho. Ao lado da *machila* os patriotas e os curiosos escutavam-lhe os oraculos, cortejando-o.

Um dia o Senado da Camara de Goa consultou-o sobre o modo de acclamar D. Maria. Qual rainhas, nem thronos, em tempos de Constituição; todos eguaes, democratas, filhos da liberdade; nada de thronos, de pompas, tudo velharias — viva, viva, viva!

«Este Acto (o da acclamação) deve ser feito nos Paços desse Senado do mesmo modo como o foi o Acto da minha posse... sem mister de Thronos e outras cerimonias, que o uso moderno tem abolido, como indicativo do systema abrogado pela Carta Constitucional.» — *(Off. de 29 de jan. de 1835. B. Peres.)*

Chega, porém, o periodo de pôr ao alcance de todos

os seus planos: começa a governar ou antes a preparar o terreno.

O estado de administração publica não era nada lisonjeiro, como sempre. A sociedade enervada, litigante por ociosa e corroida de pequeninas intrigas, vivia da chicana forense. A pouco trecho os mantenedores e depositarios da lei fizeram dos tribunaes uma mesa de azar onde os desembargadores se locupletavam á custa do vicio que os cercava, que os arrastava á venalidade e á corrupção. O estado politico não era menos tumultuoso. O Miguelismo ainda subsistia, tendo por baluarte Damão e por chefe Julião José da Silva Vieira. A Carta promulgada em 1827, revogada em 1829, fôra definitivamente restabelecida em 10 de janeiro de 1834. Antes d'isso, mesmo em Pangim, Francisco Xavier Lobato de Faria intentou um pronunciamento (18 de março de 1832) da parte do 1.º regimento estacionado em Gaspar Dias. Politica e economicamente nada era estavel. A sociedade achava-se n'um periodo de elaboração, todo incerto, duvidoso, emquanto as coisas em Portugal não tomassem um caracter fixo. N'isto, a nomeação do Prefeito causou um natural abalo. Foi o ponto de partida de novas convulsões n'um momento historico já de si quasi anarchico:

«E quando esperavamos que fosse galardoada tanta fidelidade, qual foi o espanto de todos os Portuguezes na Asia, e mesmo de todas as castas dos Nativos ao verem que o importante cargo de Prefeito era confiado a Bernardo Peres da Silva; o homem mais incapaz de o exercer, não só porque sendo um pobertão, e por isso sem garantia alguma; que segurasse a Fazenda Publica da sua administração, já era de muito tempo odiado pelo seu genio orgulhoso, intrigante e perturbador, caracter immoral, falto inteiramente de conhecimentos e dos negocios do proprio paiz; mas tambem, porque, sendo o inimigo mais irreconciliavel do Nome portuguez, as uteis reformas, que lhe eram confiadas, só servirião em suas mãos d'instrumento para vinganças particulares, tornando o systema da Carta, d'este manancial das maiores prosperidades, huma fonte perenne de lagrimas e miseria,

como de facto aconteceo com a perseguição dos seus fieis adoradores e a exaltação dos que mais se havião distinguido pela sua adhesão ao Usurpador, e odio aos europeus e seus descendentes.» —*(Manif. Gov. Prov., pag. 11.)*

Bernardo Peres, porém, não protegia os adeptos do Usurpador; mas convinha ao Governo Provisional que assim dissesse para d'algum modo attenuar o acto illegal da deposição do Prefeito. Nó mais o seu governo teve um caracter accentuadamente anti-nacional, embora se acercasse de conselheiros como o marechal Correia e D. José Maria de Castro. Elles não conseguiram impedir que Peres montasse a machina, porque a alma do Perismo era Constancio Roque da Costa, seu secretario. Para isso dissolveu a Relação e creou o Tribunal de 2.ª Instancia. Choviam as portarias em que officialmente se rehabilitavam os heroes de 1787 e 1821 attendendo ao seu *amor da patria. (Port. de 17 de janeiro de 1835.)* As sub-prefeituras de Damão e Diu eram confiadas egualmente aos patriotas. Para Damão ia o seu filho Caetano Antonio Peres da Silva, *apesar de me ser penoso* — dizia o pae — e pelo seu *amor da patria. (Port. de 20 de janeiro de 1835.)* Em Diu governava Antonio João Pinto, da celebre familia dos conjurados. Tudo pelo santo amor da patria! Para preparar o terreno eleitoral fez nova circumscripção do Estado de Goa: tres circulos, em cada circulo um juiz de direito da sua facção. *(Edital de 28 de janeiro de 1835.)* Que mais queriam do seu amor por Portugal e do seu zelo pela Carta? Para que nada faltasse, fez-se um Mata-Frades, de côr. Mandou suspender os vencimentos *dos missionarios existentes fóra dos districtos d'estes Estados (Port. de 22 de janeiro de 1835.)*

Com effeito, nunca na India a liberdade raiara tão auspiciosa e em parte alguma se viu chefe tão democrata. Sentado na sua casa de Panelim, familiarmente, Peres recebia os empregados do estado, que iam jurar ante o dictador, como fez o presidente da Junta da Justiça (*27 de janeiro de 1835*), que só a elle obedeceriam, só a elle lhe entregariam o posto quando assim lhe aprouvesse. Abolidas todas as antigualhas, todas as formalidades offi-

ciaes o mais commodo e liberal era o simples — o nomeio. (*Port. de 17 de jun. de 1835.*) Para que pudesse demittir os funccionarios que lhe não conviessem, os termos lançados no competente Registo não eram assignados pelo Prefeito. (*Manif. doc. 23.*) Que ninguem duvidasse da palavra do Messias. Tudo corria bem, em familia, como n'uma Republica! Louco ou perverso? Hé o nosso Franklin dé Goa, Fenix do seculo, epóca da liberdade do Estado de Goa! — exclamavam os patriotas.—(*Carta do P.e Lino Xavier Ribeiro, apud. Manif. doc. 50.*)

Entretanto, as coisas cá por fóra não corriam tão bem como em Panelim. D. Manuel tinha entregue o governo ao seu successor aos 14 de janeiro dé 1835, e esperava, alquebrado e desgostoso, a nau de viagem, a fim de regressar para Portugal. Todas as attenções naturalmente volviain para o sympathico vice-rei, que symbolisava no seu caracter altivo e animo generoso o typo do antigo fidalgo. A republica de Peres era um pouco liberal de mais para o paladar portuguez. Resolveu-se, por isso, depôl-o serena e pacificamente.

Em 1 de fevereiro de 1835, pelas 8 horas da noite, uma turba de soldados e marinheiros corre á residencia do ex-vice-rei, acclama-o, insta para que reassuma as redeas do governo. Um acto espontaneo, como se vê, de alguns portuguezes que não queriam supportar o jugo de Peres, quando ahi tão proximo ficava um seu antigo chefe, um europeu. Mas Bernardo Peres e os seus admiradores acham que tudo foi tramado por D. Manuel, um vingativo e odiento:

«Bastou isto (nomeação da commissão da administração da fazenda) para attrahir o odio e a vingança d'aquelle a quem a consciencia remordia, uns porque deviam sommas consideraveis e não queriam pagal-as, outros porque tinham roubado avultadas sommas. Reuniram-se então os dolapidadores, e os que temiam ser compellidos a pagar

o que indevidamente tinham aproveitado, e outros que por sua pessima moral sabiam que não poderiam fazer vantagens; aggregaram-se a estes os ex-Desembargadores Louzada e Miranda; o Fisico-Mór Manuel José Ribeiro &c. conhecidos todos por sua escandalosa conducta... collocou-se á sua testa D. Manuel de Portugal, a quem as reformas eram uma censura tacita de suas escandalosas delapidações.» —(*B. Peres. Represent. ás côrtes.*)

D. Manuel, segundo a historia patriotica, reunira em sua casa uma turba de *marinheiros e taberneiros*, a quem elle, ebrio tambem, fizera uma proclamação incendiaria, e a qual por signal fôra chegar *ensopada em vinho* ás mãos de Peres da Silva.

Ao passo que em Pangim se tratava de depôr o Prefeito, este, confiado no apoio da colonia portugueza, dormia o somno de Cincinato em Panelim. Alta noite, porém, acordou ao ruido das patrulhas que lhe invadiram a casa, sob o commando dos tenentes-coroneis João Cabral de Estifique e José Pereira de Azevedo. O filho, Thomaz, recebeu-os urbanamente na sala emquanto um troço de soldados procuravam o Messias. A final *hum cabo de Esquadra o vio estendido sobre o telhado* e prendeu o mais velho campeão da liberdade!

No caes da Alfandega de Pangim os marinheiros esperavam impacientes o escaler que conduzia o Prefeito para bordo da charrua. Descia já lentamente o Mandovy o *famoso Peres*, e mal o avistaram um grito suffocado ecoou do caes, como de lobos famintos. Até ás 3 horas da manhã d'esse dia não se ouviam senão pelas ruas de Pangim: morra o Peres, viva D. Manuel, abaixo a canalha! Foi preciso dar ao Prefeito uma guarda de defeza contra a exaltada marujada; mas a final quedaram-se os animos quando D. Manuel chamou os portuguezes á ordem:

«Portuguezes: — Depois de vos haver governado no seio de tranquillidade e de paz por mais de 7 abundantes annos... qual he o quadro que aos olhos se apresenta? Confusão e horror!!!... Eu vou livrar o Paiz das desgraças com que o vejo opprimido...

«Soldados: — Se tem havido quem os repute huma

Classe desnecessaria, até prejudicial, á razão mostrará o contrario: Vós não sois differentes dos Militares, que nos sempre heroicos tempos dos Gamas, dos Almeidas e dos Castros, souberam levar o renome Portuguez até os confins da terra. Viva a nação portugueza!»—*(Procl. 1 de fev. de 1835.)*

Estava dado o golpe, mas a situação era melindrosa. D. Manuel perseguido por mandados de captura, doente, reduzido á miseria, resignou o governo nas mãos do 1.º conselheiro da Prefeitura e homiziou-se em Vingorlá, para onde partiu a 3 de fevereiro *n'um almadia de pesca,* corrido como um facinora.

Em Goa ficava o marechal Correia e os patriotas que fizeram uma contra-revolução... de requerimentos:

«O povo—escreve Barreto Miranda—que nessas momentosas crises invoca o seu ultimo recurso na sua força, invocou-o na resignação (!) Quando lhe constou que o marechal geria os negocios do estado, correu diligente com um chuveiro de representações em que pedia a reintegração do Prefeito.»

O chuveiro de requerimentos cedeu depois o logar a uma crise revolucionaria. Bernardo Peres em Bombaim e nas praças do Norte, Damão e Diu, e Constancio Costa em Goa agitavam a opinião publica a favor do Perismo. A colonia portugueza representada pelo 1.º regimento de infanteria e batalhão de artilheria reclama terminantemente (6 de fevereiro) a reconducção de Peres da Silva:

«Os officiaes assignados declaram que com maior espanto elles veem que este Paiz se acha em desordem... convencidos que a sua honra e dever os impelle a cumprir com as mais sagradas obrigações: protestam que elles são obedientes ás Leys e fieis ás Ordens de S. M. Imperial... e que estam promptos e resolutos a se prestarem para restituir a paz... protegendo a fiel e devida execução das Leys.»

Os patriotas por esta fórma animados preparavam a reacção Perista de 10 de fevereiro. Receando-se que as guarnições das provincias se pronunciassem a favor de D. Manuel, Constancio Roque manda tomar os Passos

das Ilhas para que *nenhuma força inimiga da patria* viesse á capital. Assim preparados, os povos dirigiram ao Prefeito uma representação pedindo que elle voltasse, qual outro Immortal Duque: «me representaram (os povos) que apromptasse eu uma força e que imitando ao Immortal Duque, me puzesse á testa d'ella e me apresentasse em Goa.» *(Repr. ás Côrtes. B. Peres, pag. 4.)*

E porque não? Não estava o paiz occupado por um *inimigo externo*, não estava o povo nas *garras de abutres esfaimados e tigres sedentos?*:

«Qual seria, Senhores, o dever de quem administra um Estado, quando visse que era elle assolado, e seus habitantes roubados e assassinados por um inimigo externo... Convencido pois de que o Estado a meu cuidado confiado... se destruiria estando nas garras de abutres esfaimados e tigres sedentos... fiz exercitar nos arrebaldes da Cidade de Bombaim (a tropa) e fiz embarcar pondo-me á testa d'ella, sem custar um só real ao Estado... mas os ventos tendo sido contrarios, a expedição se mallogrou e eu fui obrigado a arribar ao Porto de Bombaim.»—*(Idem, pag. 5 e 6.)*

Com a nova da vinda do Peres exaltam-se os ánimos; todos viam o triumpho, e nas aldeias de Vérem, Britona e Piedade ouviam-se, em orgias patrioticas, os gritos do —*morram os Brancos! (Manif., pag. 6.)*

Tudo estava perdido; ninguem se sentia com coragem de conjurar a crise; quando Fortunato de Mello, governador militar, se resolveu a dar um derradeiro golpe n'este vergonhoso estado de coisas.

Homem de rija tempera, militar ás direitas, valente, energico e prudente ao mesmo tempo; poz ao serviço do paiz todos os recursos do seu talento e da sua bravura indomavel. D. Manuel, um bom e um fraco, perseguido, covardemente infamado, só cuidava de regressar para o reino. Agora só se achavam frente a frente Peres e Fortunato.

Os inglezes de Bombaim, a quem convinha este estado de coisas para levar a cabo os seus ambiciosos planos de annexação da provincia de Goa, franqueavam os seus jornaes, onde se infamava o honrado vice-rei de um

modo escandaloso. D. Manuel, antes de deixar a India, rebateu as accusações torpes que se lhe faziam:

«Com referencia aos acontecimentos a que v.ª allude —escrevia de Vingorlá, a 26 de fevereiro de 1835, D. Manuel ao redactor de um d'esses periodicos — repito, eu não cooperei de modo algum, e da verdade d'isto todo o homem de bem se ha de convencer pela simples leitura dos artigos do seu jornal, pois assevera-se que á minha mesa, sempre aberta para todos, a revolução fôra planeada como se eu fosse um objecto, que pudesse ser tratado em publico!» —(*As if I were an object, which could be treated of in a public manner.*)

Diffamar o ultimo dos vice-reis era naturalmente o meio de captar o apoio dos inglezes, sempre promptos a ver o mau lado de todas as questões portuguezas. Mas o que faziam os patriotas dentro das fronteiras, só requerimentos? Limitar-se-iam apenas ao classico *fenim* e á livre expansão de alegrias pelo regresso do *famoso Peres*? As cartas-ordens de Peres para os seus amigos de Goa revelam planos sinistros como os de 1787:

«Rogo que vá quanto antes e faça o que lhe recommendei, *tudo com grande segredo*. Não ficará fóra da minha lembrança os seus trabalhos e sem consideração o *seu patriotismo.*» —(*B. Peres a Mariano Furtado. Manif., doc. 51.*)

N'estas circumstancias, com que contaria Fortunato de Mello para a sua temeraria empresa? De que lhe valeria o descontentamento dos europeus e da mesma colonia, que se ia manifestando contra esta ordem de coisas, quando tanto em Bombaim como em toda a provincia se planeava a ruina dos portuguezes? Vejamos no entanto como elle poz em pratica os seus planos audazes.

Fortunato sabia que nada havia a esperar das forças estacionadas em Pangim. Para sondar os regimentos das provincias participa aos seus commandantes a resolução das tropas da capital, que em magna assembléa tinham exigido a reintegração de Peres da Silva. Os corpos provincianos apoiam a resolução. Sempre Perista, o audaz dictador faz correr o boato de que os uzurpadores vinham marchando sobre Goa. A contra-revolução de 10 de fe-

vereiro ia soffrer um cheque; Peres não entraria em Goa e, em vez d'elle, D. Manuel voltaria a governar. Fazia-se preciso guarnecer a capital, concentrar tropas, oppôr uma resistencia tenaz. Para isto ordenou que o 2.º regimento de infanteria e o 2.º de caçadores viessem a Pangim. Era necessario tomar o arsenal para que o regimento de artilheria (Perista) ficasse sem petrechos; cortar a communicação entre a capital e Ribandar para que as tropas do Sar-Dessay de Sanquelim desembarcassem, sem resistencia, na parte oriental da Ilha; e assim se fez na tarde de 2 de março de 1835. Que pretendia o dictador? Só elle o sabia.

Tomado o arsenal pela tripulação dos navios surtos no Mandovy, restava a Fortunato de Mello definir a situação. Marcha para Velha Goa, anima os seus soldados, consegue porventura convencel-os de que se ia travar uma grande lucta contra os partidarios de D. Manuel e ordena a Luiz de Campos (tio do autor) que evacue a capital. Porque? Elle ia defender Peres, trazel-o em charola e os artilheiros, opporiam talvez! Ordeno—mandava dizer o temerario dictador ao commandante de artilheria—que o corpo do seu commando, deixando ficar todas as peças e obuzes a 300 passos pela ponte dentro de Ribandar, se retire ao quartel de Gaspar Dias. E Fortunato á testa de dois mil homens entra em Pangim para coroar Bernardo Peres rei de Goa!

Era dia de *pret*. Pelas casernas os artilheiros de cócoras empilhavam as grossas *tangas* (moeda) de Goa que os soldados iam, um a um, levantando e mettendo na patrona. Pelo Mandovy desciam lentamente a *Princeza Real* e a *Infanta Regente* e iam postar-se em frente do baluarte Perista. Ninguem attinava com todas estas evoluções. Eis senão quando as corvetas, abrindo os seus flancos, rompem em rijo bombardeamento. Do alto do convento do Cabo, onde se achavam muitas familias pertencentes á colonia, viam-se á luz crepuscular da tarde os estilhaços cruzando os ares. Ao turbilhão do incendio, das barricas de polvora e dos obuzes rompendo o paiol em medonho fracasso, a areia da praia de Gaspar-Dias envolvia-os n'um *simoun* medonho. A noite, poucas horas

depois do combate, do quartel de Gaspar Dias só restava um montão de ruinas, fumegante, suspirando de quando em quando uns rubros clarões, que só iam reflectir phantasticamente sobre os baluartes fronteiros de Reis Magos.

A 5 de março, o governador militar Fortunato de Mello communicava laconicamente ao marechal Correia os successos do dia:

«Esta pequena guerra está acabada, resta outra de pequena consideração, que dentro em poucos dias se achará terminada. Em Pangim tudo está em socego. Nas Provincias ha pequenas cousas, e entre ellas o embaraço de algumas communicações, ordenado por Constancio Roque da Costa. Tenho d'isto documentos authenticos, porém brevemente ficarão desembaraçadas. Estou resolvido e decidido inteiramente a mandar fuzilar não só os Militares, que tenham dado ou derem causa a derramar-se sangue, porém mesmo paizanos, seja qual for a sua jerarchia, huma vez que chamem os Povos á insurreição e que se lhes provem isto. Pelo que toca a mim, eu em qualquer tempo responderei.»

Com a mesma franqueza e lealdade de animo com que o exercito reprimira o constitucionalismo em 1821, Fortunato batia o Perismo até ao ultimo quartel.

Constituiu-se o Governo Provisional em nome da Rainha: Rocha Vasconcellos, presidente; dr. Manuel José Ribeiro e Fr. Constantino de Santa Ritta, membros.

Nas provincias ha pequenas coisas, dizia Fortunato; e com effeito a recondução de Peres era o objectivo dos bons patriotas. A expedição invasora devia desembarcar em Tiracol, extremo norte de Goa, e levantar a sempre irrequieta comarca de Bardez. Os planos, porém, ficaram frustrados, porque Tiracol cahia nas mãos de Fortunato após o memoravel assalto de 27 de maio, em que a furia dos combatentes não teve limites. Os Peristas, capitaneados por José Maria da Cunha, batidos, refugiaram-se nos cavôcos, onde os soldados de Fortunato os iam entaipar e queimal-os. Foi o ultimo golpe, e com elle o messianismo murchou de vez.

Passados tres annos (1838) foi Peres da Silva eleito deputado. No decurso do tempo que esteve em Lisboa, 1839-1844, occupou-se da sua justificação e publicou dois folhetos: um em resposta a Fortunato de Mello, *aquelle individuo que de homem não tem o coração,* e o outro tambem em resposta ao desembargador Manuel Felicissimo de Araujo e Azevedo. Em 1844, crivado de desgostos, roido de ambições, as convulsões do odio atacaram-lhe o centro do systema sanguineo de um aneurisma fulminante, de que veiu a morrer o *sempre chorado* dos póvos de Goa.

No cemiterio dos Prazeres, sepultura n.º 464, mão filial lhe gravou este epitaphio:

ÁS VENERANDAS CINZAS DE UM VERDADEIRO PATRIOTA
O CONSELHEIRO BERNARDO PERES DA SILVA
NATURAL DE NEURÁ NOS ESTADOS DA INDIA

.....

CONSAGRA ESTE JAZIGO
SEU FILHO THOMAZ JOSÉ PERES.

E mais abaixo.

Memoria eterna do famoso Peres!
Hão de dois mundos osculat-te em luto,
Ha de a virtude rociar-te sempre
D'avidos choros!

Como critica d'esta época escutemos o maior dos admiradores do *Washington de Goa:*

«D'entre os homens que concorreram para esta iniqua convulsão uns já pagaram a culpa n'essa justiça remuneratoria que Deus collocou ante os nossos proprios olhos, tão certa no direito como eloquente no facto; outros, pagal-a-hão bem depressa no que lhes resta na terra, victimas que se preparam a pagar o que outros lhes legaram por herança.»—*(B. Miranda. Quad. hist. pag. 82.)*

E, na verdade, saciou-se a vingança quando em 1871 se extinguiu o exercito Perista de 1835 a contento dos patriotas.

A EXTINCÇÃO DO EXERCITO DE GOA

VIII

> Andavamos inteiramente esquecidos da India! Uma clara manhã ella apparece violentamente no meio de nós, envolta n'um telegramma do sr. visconde de S. Januario... Ella tinha saido, havia muito, das pompas solemnes do artigo de fundo. Ella quasi não apparecia nos orçamentos. Obscura, velha, arruinada, esteril, dobrada sobre si mesma, comia, nas brumas distantes, o seu arroz!... Começou então o movimento... Metteu-se na mão do sr. infante D. Augusto uma espada—condicional. A propria *Estephania* commoveu-se, venceu os nervos, o chic, a preguiça, e partiu, cheia de mobilia e de brio, salvar—o mappa das possessões.
>
> (FARPAS.)

Corria o anno de 1868, Governava pacificamente a India o conselheiro Ferreira Pestana; mas em Africa corria muito sangue portuguez, malbaratado sempre, malbaratado por toda a parte.

Em 1853 o Inhando, pae do Bonga, com 400 pretos ameaçava a Zambezia. Dois potentados vizinhos declaram-lhe guerra, mas o Bonga victorioso ataca Tete, d'onde foi felizmente repellido. Em 1854 uma expedição de 200 praças mandadas de Lisboa soffre um grande revez; em 1855 amnistiava-se o Bonga, que ainda assim continua fazendo correrias contra Tete e os commerciantes de Zambezia. Em 1867 teve logar a horrivel carnificina da guarnição de Tete, cujo desastre foi vingar o major Portugal com 800 homens da provincia de Moçambique. Em

5 de agosto do seguinte anno o inimigo pedia a paz, mas no dia 6 surprehende desprevenida a nossa gente e inflige a memoravel derrota, que daria logar á expedição combinada da India e Lisboa de 1869.

Foi em conformidade ás exigencias do governo da provincia de Moçambique, após desastres soffridos pelas nossas armas n'um periodo de 16 annos, que o governador da India, por portaria de 7 de novembro de 1868 mandava organisar o *Batalhão Expedicionario da Zambezia*. Offerecia-se posto de accesso immediato, passagem para a volta decorrido o tempo de tres annos, e as vantagens da carta de lei de 19 de janeiro de 1827 ás familias dos que morressem no campo de batalha.

Pouco mais de dois mezes depois de se ter convidado o exercito da India a tomar parte na expedição, partia para Moçambique (11 de janeiro de 1869), a primeira força expedicionaria, e d'ahi a dias a restante.

A alacridade, o denodo, e a boa vontade com que o exercito da India se prestou a ir reparar a honra nacional ultrajada, continuando assim, apesar das injustiças e vexames com que o opprimiam, o seu nunca desmentido valor e provado zelo pela gloria e prestigio do nome portuguez, chegam a fazer admirar o proprio orgão do partido anti-nacional que, porventura, estimulava os brios com o fim de auxiliar uma empresa de todo o ponto ruinosa para o futuro do exercito e para a colonia portugueza: «a espontaneidade com que os militares da India se offereceram a fazer parte da expedição... faz muita honra ao nosso exercito.» (*Ultramar*, n.º 514.)

Tudo isto, porém, seriam os ultimos lampejos dos nossos tempos heroicos.

N'essa tarde de 11 de janeiro de 1869 Pangim offerecia-nos o quer que é de lugubre e grandioso. Pelas ruas da capital corriam os cornetas sinistramente apressados, tocando a reunir. Sentia-se n'aquellas notas fortes e imperativas o estalar das fibras de tantos corações. A voz da patria chamava os seus filhos. Correndo pelas ruas, seguidas de crianças tranzidas de susto, as mães, as esposas, abraçavam-se, banhadas em lagrimas. Um vago presentimento de proxima desgraça enchia aquelles ros-

tos de pavor e agonia. A cada pásso os cornetas paravam, e, com voz forte e cavernosa, gritavam: marcha o batalhão para a Zambezia! Ninguem sabia o dia, todos o tinham occultado ás suas familias; d'ahi a immensa agonia sulcando em cada rosto e o desespero rompendo todos os corações.

Da praça das *Sete Janellas* desemboca para o Aterro a força que devia partir. O sol descia lentamente entre a Agoada e o Cabo, cobrindo a rectaguarda da columna, que marchava para o nascente, de uma luz palpitante e gloriosa. O terral soprava ao inverso, envolvendo os soldados n'uma nuvem do fumo das batalhas.

Desde o caes das *Columnas* até ao de *Maquinez* uma turba immensa cobre o littoral. Era vazante. Por entre o lodo, mergulhadas até á cintura, ás gentias erguiam os seus filhos sobre as cabeças, gritando pelos deuses. De bordo da galera *Viajante* os soldados davam freneticos vivas. Era exquisito o quadro d'aquelle triste adeus. Das janellas dos predios situados ao longo do littoral mãos alvas e finas acenavam com os lenços até o barco ter descido o rio. De toda a parte se cruzavam os lamentos, os adeuses e os vivas, que abruptamente enchiam o valle de fremitos, bellicosos, echoando pelas serras, intensamente. Os mahratas invocam *zoi-deu*, os christãos S. Francisco Xavier, e a banda regimental cobria com os hymnos marciaes os entrecortados adeuses de tantos corações partidos de dôr. Descia já o barco lentamente. De bordo iam morrendo as vozes, e só se via ao longe surgir um lenço, ondeando como a aza ferida de uma ave. O assombro apossava-se de todos; as notas musicaes esvahiam-se pouco a pouco, como uns echos surdos e longinquos; a agua agitada marulhava na praia uns gemidos abafados. Ao delirio da dôr seguiu o grave e cadenciado rumorejar da multidão, que acompanhava o barco descendo pelo littoral. Depois, no horisonte, pouco a pouco, ia desapparecendo um ponto escuro no qual da terra todos os olhos se fitavam, com o coração suspenso e a bocca cheia de exclamações saudosas.

A colonia portugueza sentia reviver os seus tempos heroicos. O successor de D. João de Castro encontrava

a mesma India, o mesmo fervor das antigas matronas de Goa.

O *Jornal de Noticias*, orgão do partido portuguez e redigido entre outros pelo fallecido visconde de Bucellas (Candido José Mourão), reproduzia a alma da colonia n'esse seu periodo glorioso e funesto. A expedição não podia ser vencida, porque o espirito de antigos heroes viria animar os seus dignos herdeiros: «os espiritos dos velhos heroes da India descerá em jubilos da Eterna patria a saudar os modernos heroes! Não podem ser vencidos.» (*Jornal de Noticias* n.º 16.) Os bravos iriam altaneiros mostrar n'essas remotas paragens os *heroicos brilhos:*

Deixando os patrios lares
Vossos paes, esposas, filhos,
Ide transpondo esses mares
A mostrar heroicos brilhos.

(Aos Bravos.—F. X. Corrêa da Silva.)

A patria pedia soccorro, que importava morrer? que importava que a lucta fosse contra as feras, contra a fome? *São soldados portuguezes que á morte não teem horror:*

Chama a patria por soccorro,
morre um pae, morre um irmão,
e ao soldado pula em raiva,
pula em raiva o coração...
Tem desejos de vingança,
tem esperança
de um dia a nação salvar...
«Quero Portugal liberto,
oh! tão certo!
hei de morrer a matar!»

(O Soldado.—C. Ayres.)

Dois seculos de decadencia não tinham conseguido afrouxar n'esses portuguezes de além-mar o espirito bellicoso e aventareiro de nossos avós.

A scena a que estivemos assistindo á beira do Mandovy repetir-se-ia n'essa mesma noite em Agoada em casa de um velho e brioso militar, Placido da Costa Campos. A offi-

cialidade do batalhão não queria deixar terra de Goa sem acceder ao convite do sympathico e honrado governador da Agoada. Foi o ultimo adeus.

Alta noite quando os officiaes se despediam no caes da Agoada entre as calorosas acclamações do velho militar, mal se sentiam os remos quebrando as aguas, tão revoltas como aquelles sentidos adeuses á bocca do Mandovy. Pela madrugada do dia 12 a *Viajante* levantando ancoras conduzia para Moçambique a flor do exercito da India e o ultimo orgulho da colonia portugueza.

Eis aqui em poucas palavras a triste historia d'essa expedição dada n'uma carta, que o sr. Andrade Corvo reproduz na sua importante obra—*Estudos sobre as provincias ultramarinas:*

«Como o maior interesse se dirige de todos os pontos para os ultimos acontecimentos de Massangano, vou satisfazer a sua curiosidade narrando-lhe sem enfeite tudo que vi e presenciei sem comtudo me esquivar a algum commentario que a minha razão me suggira.

Sahiu a expedição de Lisboa munida de tudo o que seria necessario para occorrrer a todas as necessidades da vida durante alguns mezes, e a expedição já desfalcada e emagrecida retirou de Massangano para não morrer de fome! *A especulação e o roubo medravam* á vista até dos myopes, resultando d'aqui o inevitavel definhamento da força, que parecia de *proposito* (os griphos não são nossos) destinada ao sacrificio. A falta de todos os recursos começou a sentir-se muito cedo: muitos soldados morreram á mingua de soccorros; muitos outros se desmoralisaram com o abandono a que foram votados: não obstante, todos seguiram o seu destino, reanimando-se, como por encanto, quando avistaram a aringa do Bonga.

Logo á chegada, dia 22 de novembro, a guarda avançada foi atacada pelos negros: auxiliada porém pela guarda da rectaguarda, fez recolher os bongas dentro da aringa, tomando a serra. Pouco depois o commandante geral mandou abandonar a serra e estabelecer o acampamento no Typue, a distancia bastante grande para não podermos ser incommodados da fusilaria do inimigo. A artilheria collocou algumas peças na frente do acampa-

mento, e duas na ilha fronteira ao Typue e começou o fogo.

Mais de uma vez se observou fogo e confusão dentro da aringa; nunca porém se procurou occasião de atacal-a: ao contrario as escaramuças e ataques foram sempre feitas pelos negros, que, saindo em pequeno numero da aringa, vinham produzir o alarme no nosso acampamento dando apenas meia duzia de tiros, a que os nossos correspondiam com centos ou milhares talvez.

Passados tres dias n'este excruciante martyrio, congregou o commandante geral os commandantes dos corpos... e *lá combinaram*, segundo me disseram, *que devia* retirar *a força para Tete*, visto não haver nada para alimentar os soldados, que, apesar de todas as fadigas, queriam atacar a aringa.

Deram-se novas ordens, e dispuzeram-se forças para o ataque. Quando a serra estava já occupada por uma companhia de caçadores da Zambezia, emquanto outra companhia do batalhão expedicionario se aproximava mais e mais da aringa, pelo lado do areal do Typue ouve-se o toque de retirada, a que alguns gentios obedeceram, quebrando as armas contra os rochedos. Foi espancado o corneteiro que fez o toque, e prometteu-se que seria fusilado no dia seguinte; no outro dia, porém, attribuiu-se a ordem do toque de retirada ao tenente do batalhão expedicionario Costa, a quem foi tirada a espada para lhe ser restituida pouco depois. De modo que ignoro ainda quem ordenou a retirada n'uma occasião em que a aringa parecia tão mal defendida. Tudo isto foi visto por mim da ilha fronteira ao Typue, d'onde se observava perfeitamente todo o movimento do combate então travado, e por consequencia me responsabilisо por tudo o que ahi vai escripto. Depois d'esta retirada calou tudo na mais profunda desanimação. Tratou-se então só da maneira de retirar, e, congregando-se de novo os officiaes, convidou o commandante geral alguns d'elles a marchar com parte da força para Tete, para defender aquella villa e tomar conta d'ella: ninguem se offereceu: todos ficaram mudos ante a proposta. Sem a solemnidade da congregação o commandante geral mandou chamar o capitão Queiroz, e

lá fez que acceitasse a tal commissão de marchar para Tete com 130 praças estropeadas e famintas. Effectuou-se esta retirada para Tete na noite de 25 de novembro ao despertar da lua, retirando ao mesmo tempo o resto da força para baixo... e lá ficaram todos para gloria do *compadre* Bonga.»

Uma guerra de *compadres* essa da Zambezia!

O batalhão expedicionario que tinha partido cheio de esperanças, quasi certo da victoria, não contara com esse desastre vergonhoso dos seus chefes, nem nunca imaginara que uma ignobil perfidia lhe roubasse a gloria, companheira fiel das armas portuguezas. As damas de Goa, tendo á frente a condessa de Sarzedas (D. Luiza Pereira Garcez e Lorena) quando, animadas do espirito das Vilhenas, offereciam ao batalhão o estandarte com a legenda—*Ide, Vencei, Voltai*—nem por um momento suppuzeram que esse pendão se curvaria humilhado ante um inimigo sem forças e derrotado!

Decididamente a sorte perseguia a colonia portugueza da India. Poucos mezes depois de ter partido a expedição chegavam a Goa cartas desoladoras. Em Africa morria-se á fome ou pela peste. Bem poucas familias havia que não vestissem de luto. Chegara, emfim, o dia supremo de desenganos, de dôr, de rapida decadencia para os que ainda ha bem pouco se sentiam felizes e fortes. Estava lavrado o epitaphio.

Ainda a colonia gottejava sangue pelas tristes novas que chegavam de Africa, e já corriam sinistros rumores sobre o futuro do exercito.

A ultima promoção tinha tido logar em setembro de 1865, e essa mesma em numero limitadissimo. Ninguem esperava uma tal ordem de coisas; ninguem se julgava com direito de perder as esperanças no seu futuro, depois dos mais estrepitosos elogios dispensados ao exercito pelo governador Ferreira Pestana (allocução de 10 de janeiro de 1869). Mas uma vez que assim o horizonte se

toldava bruscamente, ao contrario do que se devia esperar em vista dos serviços prestados ao paiz, não era de admirar que o espirito de indisciplina lavrasse fundo n'essa instituição tão generosa e patriotica. O exercito desmoralisava-se; o espirito de revolta ia ganhando terreno, e *Volvoy* foi a primeira affirmação d'esse estado de coisas.

Em principios de janeiro de 1870 fôra publicada no *Boletim Official* da provincia a nova reorganisação das forças ultramarinas de 2 de dezembro de 1869. Começava a confirmação dos rumores, e de um modo sinistro. A Africa tinha já dizimado grande numero de officiaes e soldados; mas ninguem esperava que as medidas de 1869 viessem dar o derradeiro golpe nas justas aspirações dos que tinham trabalhado e generosamente offerecido a vida em cumprimento do seu dever.

Pela nova reorganisação se determinava (artigo 2.º) que os officiaes de Macau e Timor fossem exclusivamente europeus; diminuia-se o quadro em 62 officiaes, cujos logares seriam preenchidos (artigo 25.º) por militares do exercito do reino com vencimentos em réis fortes; extinguia-se o Arsenal, o 1.º batalhão de Margão e duas companhias de cada corpo; reduzia-se o *pret* ás praças do exercito da India e deixava-se ao arbitrio do governo o mandal-as servir fóra do paiz sem vantagem alguma.

Mas isto, dizia-se, eram apenas ensaios para um golpe mais profundo. A expedição da Zambezia parecia ter sido um expediente ou um meio de fracturar o exercito, cujos filhos, propalava-se, não voltariam de Africa acabado o tempo.

Que causas, que motivos acceleravam uma tal catastrophe? Ninguem o sabia. Só o orgão dos brahmanes, o *Ultramar*, dava em supplemento ao n.º 517 a seguinte noticia com fóros semi-officiaes:

«Uma carta de Lisboa (provavelmente do sr. B. da Costa) nos diz, que ignora que nas regiões officiaes houvesse o pensamento, ou que se tratasse da extincção da escola mathematica de Goa, como aqui se divulgou, mas que ouvira dizer tambem vagamente, que o ministro da marinha achava *excessivo e luxuoso o exercito da India*,

sem todavia poder affirmar que se tratasse da sua reducção.»

Esta carta mansa e *consoladora* poz em sobresalto todos os espiritos. Toda a colonia conhecia os planos do sr. B. da Costa, com respeito ao exercito; todos presentiam a desgraça, o desfecho de tantos annos de persistente diffamação e intriga. A prophecia de *Madua Rau* ia agora ter o seu fiel cumprimento. A colonia estava sentenciada, devia morrer para gloria e prazer dos seus encarniçados inimigas.

Como evitar o cataclysmo? Pedia-se, instava-se, reclamava-se, mas debalde. Era necessario sacrificar o exercito ainda quando elle defendia a honra nacional nos sertões de Africa. Dadas todas estas circumstancias, certos como estavam os militares da India de que seriam victimas dos conluios do partido anti-nacional, seria injusto classificar a revolta de Volvoy como um acto nobre e de alevantado patriotismo?

Aos 19 de fevereiro de 1870 começava a reacção. Em dias successivos os corpos da guarnição das provincias marchavam *com espirito inoffensivo e sem praticar a mais leve violencia pelo caminho* para o campo de Volvoy. Aos 25 achavam-se todos reunidos. Receava-se um ataque sobre a capital, que se guarneceu de typaes e mandaram-se emissarios — barão de Combarjua; Ozorio de Albuquerque, Joaquim Corrêa — saber o que pretendiam os revoltosos (26 de fevereiro). No campo de Volvoy foram elles recebidos aos vivas, ao hymno da Carta. Não parecia uma revolta, mas sim um protesto nobre, imperturbavel, digno. Pestana *pro forma* concede-lhes amnistia, e reconhecendo a justiça da causa, acquiesce a todas as reclamações. Os soldados terião de *pret* 20 xerafins (45000), não irião servir fóra do paiz senão em determinadas circumstancias e promettia-se que se ia propor ao governo da metropole o vencimento em réis fortes. *(Ordem do exercito de 1 de março de 1870).* No dia seguinte, 2 de março, regressavam os corpos aos seus quarteis. O passeio militar durara oito dias. A revolta dera um cheque no prestigio da auctoridade, e o governo da metropole ao passo que exonerava Ferreira Pestana, honrava-o offe-

recendo-lhe o titulo de visconde de Pangim — mimosa recordação de Volvoy.

A 7 de maio de 1870 S. Januario toma posse do governo, cheio de planos, de enthusiasmos com que pretendia rasgar novos horizontes: «e agora dêmo-nos as mãos e caminhemos para o futuro, no intuito de ser uteis ao Estado da India servindo e honrando a patria que nos ha de julgar.» (*Proclamação de 7 de maio de 1870*). Pestana partia com *profunda magoa*, apesar do titulo: «de Goa me ausento com profunda magoa, tendo visto praticar o contrario do que ensinam a obediencia, a subordinação, a disciplina militar!» (*Proclamação de 7 de maio de 1870*).

Assim acabou Volvoy, entre a magoa de um e a esperança do outro.

A revolta de Volvoy estava terminada, mas as causas de descontentamento do exercito não se tinham eliminado de todo. A attitude do governo da metropole, as idéas predominantes do gabinete a respeito da India, traziam o exercito em constante sobresalto, a ponto de o levar á revolta de Marcella, no governo de S. Januario.

Hoje, que são passados 15 annos, podemos serena e desapaixonadamente apreciar os acontecimentos que tiveram logar em Goa em 1871.

Veremos quanto é perniciosa nos governadores do ultramar a ignorancia da historia do paiz, cujos destinos lhes são entregues. Na metropole, Jayme Moniz, nomeado ministro pelo decreto de 13 de setembro de 1871, seria egualmente victima da nossa miserrima educação administrativa. Porque se julga n'esta nossa boa terra que basta ter apalpado as *sebentas* da escola do Direito para se poder governar um paiz desorganisado desde os seus fundamentos. O que se pretende é fazer qualquer cousa, sem outro alcance que não seja o de lisonjear a nossa vaidade. Vivemos politicamente do terrivel vicio de nos enganarmos e nos pavonearmos perante a Europa como

quem tem a consciencia do pouco que vale e do pouco que merece. Em vez de uma aspiração elevada nos avigorar as idéas e dirigir nossos passos; em vez de uma vigorosa tradição nacional, como escola do presente e seguro esteio do futuro, governam-nos os principios de facção, conservando-nos n'esta atonia miseravel de um povo varado pela dôr e pelo desengano.

S. Januario, cujo governo na India foi incontestavelmente um dos mais auspiciosos, equitativos e rasgados, fôra á India estudar mais de perto as condições em que o paiz se achava e ver se poderia tornar exequiveis os decretos de 1869. Ao contrario, testemunhara elle mais de uma vez a necessidade de manter a instituição militar da provincia [20], e n'essa conformidade submetteu ao governo da metropole (13 de dezembro de 1870) um plano de organisação, que tendia a modificar o decreto de 2 de dezembro de 1869. Em nenhum dos seus desejos foi succedido, a não ser na limitada promoção de tenentes para cima. Os aspirantes a officiaes viram, com grande espanto, que se lhes cortava desalmadamente a carreira. O exercito estava cortado pela base, sentenciado a morrer pelo cerceamento das aspirações mais justas e dos direitos mais incontestaveis.

N'estas circumstancias, não é para admirar que o exercito da India se indignasse contra uma aviltante perseguição, a despeito dos seus serviços e das promessas de Ferreira Pestana: A boa vontade de S. Januario e a sua decidida protecção á classe militar, ainda que o tornassem digno das sympathias do exercito, não era comtudo um penhor de segurança e salvaguarda de seus direitos.

A revolta de Volvoy tinha dado bom resultado, e era tambem á revolta que se appellava agora.

O administrador fiscal de Sanquelim denuncia ao governo proxima perturbação da ordem. A 20 de setembro os commandantes dos corpos eram convocados no palacio de Pangim; duas brigadas do 1.º e 4.º batalhões e 8 sargentos foram retidos, como medida de prevenção, nas praças de guerra da Agoada e Mormugão. Foi o mesmo que atear o facho.

Em 21 de setembro de 1871 o 3.º batalhão de Bicho-

lim solta o grito de revolta, prende o commandante e marcha para a Velha Goa. Seguem os corpos de Pondá e Margão (23 e 24) e tôdos vão reunir-se em Marcella. Que pretendiam? Réis fortes, promoções, pensão ás familias dos expedicionarios, a liberdade dos sargentos — dizia-se. Tudo isto era natural; a propria ordem de coisas tinha levado o exercito a esse systema de represalias, todavia disconsoante com a disciplina militar. Mas não se reclamava agora, como em Volvoy, porque a revolta não tinha chefe conhecido, nem os corpos revoltados das provincias esperavam apoio dos corpos da capital.

S. Januario tinha por si as sympathias do regimento de artilheria, que sempre contou no seu seio a maioria da aristocracia de Goa, e d'algum modo esperava poder s. ex.ª desviar do exercito a ameaçadora espada de Damocles. Demais, fôra n'esse regimento que recahiram as nomeações de varios conductores para as obras publicas de Goa, tendo-se em consideração o proficiente curso d'essa arma e serem os que mais ficariam lesados com as medidas, que se premeditavam. Esta predilecção relativamente justa pelos artilheiros não deixou de despertar ciumes nos corpos provincianos. D'ahi o motivo porque Marcella foi um desordenado pronunciamento de caserna, e d'ahi tambem o receio de uma lucta fratricida, porque os corpos da guarnição da capital não achavam esse, o meio conveniente de fazer valer os seus direitos. A revolta tinha todo o caracter de classe, amesquinhou-se por isso. O governo viria augmentar o ridiculo, phantasiando coisas extravagantes.

Estava declarado o estado de sitio. Pangim parecia accordar nas vesperas de uma campanha, poeticamente phantasiada pelos *bellicosos* aspirantes de artilheria. Como havia apparato marcial, até as damas se alvorotavam, e as crianças (até eu!) armados de bambus, fingindo armas, tocavam a reunir, com bocaes de barro! E o peor é que S. Januario tomava tudo isto a serio, julgando-se em Aljubarrota: Thomaz Ribeiro, com a sua veia luzitana de bom espadachim, redigia proclamações.

Fecharam-se as aulas e as repartições, e nomeou-se Tavares de Almeida *general* da guarnição de Pangim. No

outeiro que domina os pontos fracos da capital, Mesnier, um distincto engenheiro, á luz de lanternas furta-côres, preparava bombas deleterias para asphyxiar os gigantes. Os trens de artilheria rodopiavam de um ponto para outro generosamente impulsionados pelo rapazio escolar em férias. Duas boccas de fogo obstavam á entrada pela ponte de Ribandar; guarneciam-se os *portaes* do lado meridional da cidade; dois barcos no Mandovy eram artilhados; e nas immediações do palacio, dentro de quatro barricadas e outros tantos fossos, que os garotos saltavam, uma peçasinha girava em todas as direcções á procura do ponto de ataque. Para maior brilho e espanto innumeras rondas volantes espreitavam os cidadãos, regaladamente abraçados a Morpheu, pelo buraco das fechaduras, emquanto S. Januario a cavallo, fardado de generalissimo, com todo o estado maior, rondava a altas horas da noite a cidade, cujas ruas estavam agora mais claras com os lampeões-avisos, tremelicando dos *bambus*, sobre as barricadas. Tudo estava em completo silencio; as ruas ermas, os vigias firmes... De repente, ouve-se um *babaré* (vozeios entrecortados, batendo-se a bocca com a mão, muito em uso entre os indigenas: bá-bá-bá!) o estado maior assustado galopou; apagaram-se os lampeões, correram os murrões, girou a peçasinha!... e um pobre diabo era arrancado do fôsso, para onde Bacchо desalmadamente o empurrara, apesar dos lampeões.

Alguns mais prudentes empacotavam para dentro do palacio munições de guerra e paios de lombo... por causa do cerco. Em noites de insomnia, lembrando-se dos patrios lares, entre phrases amorosas e sentidas, escreviam para Lisboa:

«Estamos em plena revolta, e somos aqui 28 europeus. Assim mesmo organisámos a defesa, já temos barricadas, e preparamo-nos para vender cara a vida.»

Já temos barricadas! — diziam solemnemente, como se tivessem ante os olhos os cadafalsos erguidos. Que medonha carnificina! A revolta o que queria era estrangular todos os europeus, sobretudo o palacio, cercado de tropas defensivas. Esta idéa que entrara a residencia do governador pelas portas por onde passavam as cartas de

B. da Costa, transpunha as barricadas para o *Boletim Official* em tons marciaes:

«Para onde caminha a rebellião? tentará por ventura escrever em volta das quinas gloriosas da sua bandeira algum nome proprio por divisa? escreva um principio e levante-a! não amesquinhe o pendão que foi saudado com respeito, e ainda hoje o é com amor, em todos esses mares e em muitas d'essas fortalezas.» —*(Procl. de 25 de set. de 187!.)*

Agora chegava a vez de inspirar-se o vate. S. Januario, como general, não queria saber da prosa e só tratava do material de guerra. Pedia-se á metropole reforços de mar e terra, e Jayme ainda *joven* e pouco lido nas philosophias allemãs, dava largas ao seu enthusiasmo de bom portuguez:

«Trata-se talvez de salvar a integridade do nosso territorio. Estamos na rigorosissima obrigação de acudir por ella, e não ha tempo que perder.» —*(Offic. do min. da marinha ao da guerra, 26 de set. de 1871.)*

A louca e vaidosa idéá de independencia aventada por S. Januario na mirabolante proclamação a que nos referimos, encheu de maior audacia os *patriotas* de Goa. Choviam das povoações manifestos de adhesão, como que em commentario ás idéas do governo, jogando-se contra o exercito a mais crua punhalada. Em Pangim corria de mão em mão outra proclamação (26 de setembro), cujo intuito e origem são obvios:

«Nem só ás *damas de Goa* ha de caber a gloria de correr á voz de D. João de Castro; *todos os habitantes do paiz* hão de mostrar-se dignos de occupar na historia uma pagina ao lado d'aquella.» —*(Bol. Offi., 27 de set. de 1871.)*

As quinas do rei fidelissimo — conclamava o manifesto de Chorão — sempre foram gloriosas, e não ha de ser no estado de Goa que ha de rastejar abatendo a sua nobreza. —*(Bol. Offi., 28 de set.)*

A camara de Bardez promettia ajudar ao governo e *aos poucos bravos — com os nossos braços, com os nossos corações, emfim com as nossas forças, e salvemos o paiz da anarchia que lhe está imminente.* S. Januario, trans-

formaram-no os *patriotas* em coisa sua: *nosso governador:*

«Lembrai-vos que descendeis dos paes que pela causa publica se sacrificaram no altar da patria! Avante, amigos! Avante!! Corramos todos em auxilio do nosso governador.» —*(Manif. de S. Pedro.)*

Comprehende-se por que S. Januario, aliás nada sympathico aos *Ultramarinos,* se tornava agora *nosso governador.* Inconscientemente se tinha feito o instrumento das aspirações do partido anti-nacional, que aproveitava a occasião para a sua antiga e nunca cançada propaganda.

Um exercito que se revolta e que pretende a independencia de Goa, que bella idéa!

S. Januario, d'outro lado, por esta fórma adulado, sentiu se heroe, salvador da patria! Já não podia retroceder, estava enleado na rede dos patriotas de Goa, e não havia remedio senão acceitar as consequencias da sua leviandade.

Como manifestação da vaidade lisongeada, o *Boletim Official* da provincia agradecia commovido o patriotismo dos manifestos, e commentava em tom solemne:

«Nas luctas fratricidas não é nobre o que persiste, é grande o que se arrepende. Danton, o proprio Danton, o revolucionario feroz de 93, quando um deputado dirigindo-se á Montanha ousadamente lhe disse: —«Ha um só meio de salvar a França e a liberdade, é fugires d'aqui, tu e esses desvairados que te cercam» —deixou correr as lagrimas pelas faces aridas e sanguineas o tribuno indomito! e disse apertando a mão ao seu accusador: —«Tu tens razão, e eu fujo.» —*(Bol. Offi., 28 de set. de 1871.)*

N'este caso Danton é o exercito de Goa, e o povo o tal deputado, que tanto commoveu o indomito tribuno!

No entanto, tres dias depois, já não havia Dantons em Goa, tudo estava em paz podre. O proprio *Boletim Official* de 1 de outubro annunciava este milagre: —Terminou a revolta. De novo a paz, a alegria, a confiança hão de voltar ao seio do paiz.

E S. Januario indultava os revoltosos (3 de outubro)

que tentaram *escrever em volta das quinas gloriosas algum nome proprio por divisa!*

Convencia-se a final de que cahira n'um logro, e telegraphou ao ministro aquietando-o: «Socego. E' melhor suspender a viagem da *Estephania.*»

A reflexão chegava tarde. Os primeiros telegrammas de S. Januario tinham já produzido o desejado effeito. Fontes e Jayme, intimamente lisonjeados com a missão que a si se impuzeram de salvar a integridade do nosso territorio, não prestavam ouvidos aos telegrammas calmantes do governador da India. Uma vez que se tinha dado á roda do ridiculo, não havia remedio senão seguir. Que diria agora o publico se os illustres ministros, depois das tetricas revelações sobre a independencia de Goa, passassem enxutos pelo Terreiro do Paço? A comedia estava em scena, todos batiam as palmas e riam-se do espectaculo.

Vingavam-se então do principal actor, que não soubera sustentar o seu papel até ao fim. Exoneravam S. Januario (10 de novembro).

Já não se requisitavam forças para a India, tudo se achava em paz podre; mas o ministro da marinha não concebia como de um momento para outro se tinha salvo a *integridade do territorio.*[31]

Equipava-se, por isso, a *Estephania*, a *Infante D. João*, para salvar o *mappa das nossas possessões.* O zeloso ministro não admittia socegos n'um paiz sublevado contra a mãe-patria, e queria que se mantivesse a todo o custo a ordem: «Empregue os meios convenientes para manter a ordem. As forças que forem necessarias seguirão viagem brevemente.» *(Telegramma de 2 de out.)*

Levantou-se um credito extraordinario de 200:000$000 réis para o pagamento das despesas *que se houverem de fazer com as forças militares, que teem de ser enviadas* ao estado da India. Até o proprio Condestavel d'estes reinos offerecia commovido a sua espada *para n'aquellas longinquas paragens sustentar e defender a honra e os interesses do paiz.* D. Luiz, ufano pelo denodo e patriotismo do seu serenissimo irmão, ia elle proprio inspeccionar a *Estephania*, descendo do regio solio, como D.

Manuel. O monarcha achou tudo na melhor ordem — mobilia, comestiveis, tudo *chic*. Despediu-se de todos affectuosamente, e, beijando a face a D. Augusto fez este discurso cheio de commoção e enthusiasmo:

«Ha dez annos, em Angola, commandava o sr. Andrade as forças de terra, e eu as do mar, na campanha do Congo; agora mudaram-se as scenas: manda o sr. Andrade as forças de mar, e meu irmão as de terra.»

Nada mais commovente, mas tambem nada mais triste do que um rei feito joguete nas mãos dos seus ministros.

A *Estephania* ia já caminho da India. D. Augusto iria mais tarde (12 de novembro). Em Goa as opiniões encontravam-se. Que viria fazer D. Augusto? Perdoar, castigar? Extinguir-se-ia o exercito? Tudo duvidoso.

O orgão da colonia portugueza, a *Imprensa*, não acreditava que Sua Alteza descesse do alcaçar regio *para aceitar o triste encargo de castigar*. «Sua Alteza que se dignou descer os degraus do regio alcaçar para vir honrar com a sua presença esta parte integrante da monarchia, e que tão de portugueza se presa, não foi de certo para aceitar o triste encargo de castigar» — (*Imprensa* n.º 49.)

Talvez o seu encargo fosse ainda mais triste; talvez fosse despedir-se da India, já sentenciada a não ser portugueza! Queria, porventura, pela ultima vez, n'um adeus sentido, n'um adeus de principe, lançar o seu derradeiro olhar sobre o que constituira a cobiça, a fonte de riqueza dos seus antepassados. Mas o que viu foi ainda mais triste: a India não o encheu de presentes, deu-lhe apenas o tributo da deshonra e da miseria.

O sr. Thomaz Ribeiro, poeticamente impressionado, achou melhor attribuir a visita ao amor da arte, condão especial da familia reinante. D. Augusto ia de curioso apreciar os *formosos quadros* d'aquella natureza deslumbrante.—(*Bol. Offi. de 1 de out. de 1871.*)

Na India as opiniões não eram tão finamente ironicas; vestia-se de galas como as antigas victimas do sacrificio.

Já na capital se não pensava mais nos acontecimentos

de setembro. Corriam circulares para os festejos, traçavam-se arcos, levantavam-se pavilhões, redigiam-se discursos para receber o real hospede.

Não seria natural que em vista de tão grandes mostras de sympathia e de regosijo o Infante se inclinasse á piedade? Não queria isto muita gente; não o admittia o amor patrio de Sua Alteza.

Insinuavam-se novos planos sediciosos. Planeava-se nova revolta, lá por detraz do cemiterio de Pangim, ás deshoras, diziam os *patriotas*. Os quatro batalhões marchariam sobre a capital, prenderiam S. Januario em pleno baile de gala (31 de outubro), fortificariam Aguada e Mormugão, e a *Estephania* e D. Augusto teriam de voltar codilhados.

O orgão do partido anti-nacional solicito pela sorte dos soldados escrevia artigos cheios de uncção — ao exercito — perguntando caridosamente: que força tendes para oppor a tudo isto? E acrescentava com vizivel piedade: Reflecti, irmãos! — (*Ultramar, 27 de out. de 1871.*)

Novo sobresalto em S. Januario, e novo choque no ministro: Intentam revoltar-se outra vez. Estou preparado. Que noticias ha da *Estephania?* — (*Telegramma de 25 de out.*)

Cinco dias depois (29 de outubro) desanuviam-se outra vez os horizontes. Havia socego, e S. Januario aquietava o sr. Jayme Moniz: «Tudo socegado em virtude das minhas precauções. Visto que a *Estephania* deve chegar em 5 dias, não é precisa a vinda da *D. João*, nem a dos batalhões. Tomo a responsabilidade da ordem.» — (*Telegramma de 29 de out.*)

Ao primeiro telegramma de 25 de outubro, Jayme pulou de contente. Não havia que ver, a India sublevava-se. Ordenou a compra immediata do *India*, frotou o *Neera*, e escorrançou *tutti quanti* para salvar o immorredouro padrão das nossas glorias. O ministro da guerra (Fontes) encantado com a actividade prodigiosa do seu *joven* collega da marinha appella para os brios do exercito portuguez, chama-o ás armas:

«Considerando que ao brioso e valente exercito portuguez, natural defensor da liberdade, da ordem, da inde-

pendencia do paiz, compete a honrosa missão de sustentar a gloria das nossas armas e a integridade do territorio nacional», etc. etc.

Desde as pugnas da liberdade não se viam em Portugal taes aprestos mavorcios. Uma vez assim a comedia posta em scena, podia D. Augusto voltar da India como se tivesse ido dar um passeio? Seria com effeito desairoso. O despeito sacrificara S. Januario, o ridiculo sacrificaria agora o Infante, fazendo-o triste executor dos decretos de 11 de novembro de 1871. O partido regenerador para mostrar quanto é solidaria a familia reinante com a sua politica desvairada e anti-patriotica, fez de D. Augusto o instrumento da deshonra e do desprestigio do nome portuguez na India.

A que não levam as vaidades estultas e as mesquinhas paixões!

Vejamos no entanto o que se passava na India *sublevada*:

A *Estephania, cheia de mobilia e brio militar,* chegou á India a 9 de novembro de 1871. A 12, no palacio de Pangim, os nossos officiaes de marinha em vez de uma campanha, assistiam ao baile de gala, transferido de 31 de outubro. Em Ribandar, no palacio do primeiro barão de Combarjua, chefe da colonia portugueza, entre vivas, musicas e foguetes, assistia S. Januario e todas as autoridades á inauguração do caes, que teve logar a 3 de dezembro do mesmo anno. Já em Pangim á iniciativa dos srs. Thomaz Ribeiro e visconde de Bucellas (pae) tinha tido logar a sumptuosa e brilhante consagração do *Instituto Vasco da Gama,* cujo retrato admiravelmente feito pelo mesmo visconde, parecia assistir aos ultimos momentos dos portuguezes na India. Talvez para breve ninguem se lembrasse do audaz navegador, saudado n'esse dia (22 de novembro) em fremitos de enthusiasmo pelo poeta da decadencia—Christovam Ayres:

Quem és tu? A luza estrella,
te illumina a vasta fronte!
Presa ás franjas do horizonte
fulge a esperança em teu olhar

Quem és tu, que vens sulcando
as ondas do mar anciado?
E' Vasco = diz o passado.
E' Vasco = responde o mar.

E' sem limites o oceano!
E' negro o céo na procella!
«Minha nobre caravella,
nasce além o sol, não vês?
Nova luz áquelles povos;
nova luz para o oriente!...»
E o mar escuta fervente
que a voz é de um portuguez.

E sempre a mesma esperança!
e sempre o mesmo desejo!
Era tão placido o Tejo,
e é tão fero o Admastor!...
«Avante, meu barco, avante:
falta uma cruz n'essas plagas...»
E Vasco por entre vagas,
nos traz a luz e o amor.

A colonia portugueza, pela bocca do seu poeta, sagrava, como o ultimo protesto á beira da sepultura, o homerico vulto do seculo XV. Era a ultima manifestação do seu genio e o seu ultimo protesto de amor e fidelidade á patria de seus avós. Embora agora morresse, embora um membro da familia real fosse, ao contrario de Vasco, levar-lhe as trevas e o horror.

Acabara a comedia, ia começar a tragedia. Da época revolta dos *Dantons,* que ficava? Bailes, *lunches*, affectuosas despedidas... *Entre Palmeiras.* Era necessario dar uma apparencia séria a esta serie de campanhas... no prato. Bordou-se então um disticó — Lealdade — e S. Januario foi affectuoso collocal-o (16 de novembro) na haste das bandeiras ficis dos corpos da capital. Ahi estava a prova das *luctas fratricidas,* o symbolo da *integridade patria* salva por um feliz acaso!

Agora que chegasse o hospede real, beijal-o-iam, co-

bril-o-iam de bençãos, levando-o em triumpho até Bombaim para que os inglezes admirassem a dedicação dos nossos principes, e tremessem de pavor se algum dia tentassem lançar vistas cobiçosas na gloriosa herança de Albuquerque. Nem por sonhos julgassem elles agora que se havia de repetir o tratado de 1661, agora que Antonio de Mello e Castro podia falar pela bocca de D. Augusto.

Por isso ouviram elles contrictos e resignados esta declaração formal do nosso grande amor pelas glorias passadas:

«É timbre em principes portuguezes serem os primeiros a acudir aos perigos da patria. Cabe agora ao estado da India a honra de ser pela primeira vez (*sic*) visitado por um principe portuguez: o generoso offerecimento de Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Infante D. Augusto para vir servir n'este estado, logo que o governador geral pediu reforço á metropole... manifestam a solicitude da familia real portugueza *pela conservação d'este padrão da nossa gloria na Asia.*»—*(Procl. M. e Couto, 12 de dez. de 1871.)*

Quem o duvidaria, os inglezes? Isso nunca! Os tempos de Methwen não voltariam, agora que o patriotismo corria a valer: *Sê bem vindo, senhor!*

E o poeta descrevia as festas:

> Jámais dos palmeiraes se colheu tanta palma
> para vos festejar com verdes arcarias,
> jámais hosannas mil soaram tanto d'alma,
> e brilhou tanta gala, encantos, pedrarias.
>
> (Manuel Campos.)

O inglez, que ao principio estava magoado por que sua alteza timbrava em conservar aquelle padrão da nossa gloria na Asia, respirou ao terminar a proclamação do general Macedo e Couto:

«A força militar na India, além de despender perto de dois terços da receita do estado, sem que hajam inimigos externos a combater, tem grande parte d'ella commettido n'estes ultimos tempos taes actos de indisciplina que torna indispensavel a sua reorganisação (?!). Perse-

guirei severamente todo aquelle que attentar ou machinar contra as ordens da metropole.»[32]

O circumspecto alliado cahia agora das nuvens. O mais eram idylios á portugueza, banalidades convencionaes, que o fleugmatico *amigo* não comprehendia. Agora sim, que as coisas corriam a seu gosto, e esfregava as mãos de jubilo, commentando:

«Goa seria talvez mais feliz debaixo da dominação ingleza, e de todo o modo seria conveniente ao nosso governo obter a incorporação de Goa e Damão nos seus dominios.»—*(Bombay Gazette de 13 de nov. de 1871, vidè tambem de 9 de julho.)*

A colonia portugueza, esperançada nos *dons da realeza,* invocava os sentimentos generosos do principe, cuja missão cruel é anti-patriotica seria absurdo suppor. Todavia, ella, a quem el-rei D. Manuel conferira todos os privilegios e primazias possiveis, vinha agora implorar de D. Augusto o direito de ao menos viver, conservando a honrada e prestigiosa missão de seus antepassados:

> E pois vindes de longe, e a côrte e os seus encantos
> trocastes pelo sol da India portugueza,
> sede propicia estrella aos infelizes tantos,
> que esperam certo os dons da vossa realeza.
>
> (Manuel Campos.)

Que esperassem... o tratado ango-luso!

Para o periodo inglez não convinha de certo que subsistisse na India uma aristocracia militar extremamente altiva e ciosa de suas honradas tradições. Decretou-se, por isso, a extincção do exercito (11 de novembro de 1871) exautorando-o officialmente por *insubordinado,* por *luxuoso,* por *inutil!*

Como para suavisar esta vergonha, mais tarde (22 de março de 1872) D. Luiz concederia amnistia *restricta,* pelo intermedio do seu augusto irmão, a quem as orgulhosas fidalgas de Goa iriam humildes imploral-a.—*(Carta das damas de Goa, 13 de março de 1872.)*

Anniquilou-se o exercito, isto é, o unico elemento que representava o direito do conquistá, o lustre e o prestigio do nome portuguez na India; mas quem não via

n'isto o dedo da Providencia? «O exercito—escrevia o *Ultramar* de 9 de fevereiro de 1872—que tantas vezes se rebellou contra a lei e contra as ordens dimanadas do soberano e trouxe em sobresalto os povos pacificos d'este estado, depuzera em 1 de *fevereiro* de 1835 o prefeito Bernardo Peres da Silva, governador estremecido pelos povos da India. (Isto é falso, como vimos no capitulo *Perismo*.) E é justamente em 1 de fevereiro de 1872 que se completou a extincção d'esse exercito! Haverá em tudo isto o dedo da Providencia!»

Não havia duvida. A Providencia tem-se sempre encarregado de castigar o bom e o justo; e Jayme, a sua humana encarnação, não podia deixar de ser o seu instrumento. Os povos, que conhecem taes caprichos da singular Providencia, abençoavam a *mão reformadora* do providencial ministro e exultavam de contentes:

«A *Imprensa* quer proclamar que o povo está consternado e desgostoso com as ultimas reformas; e elle dá provas do seu jubilo pela visita do augusto personagem que foi portador d'ellas, e pela do varão forte (Macedo e Couto), que com firmeza inabalavel deu-lhes immediata execução. Os povos abençoam unanimemente a mão reformadora do sr. Jayme Moniz.»—*(Ultramar, 1 de março e 1 de junho de 1872.)*

Posto isto, extincto o já ephemero dominio de Portugal na India a contento dos *patriotas*, que obstaria a que os povos agora livres, segundo a propria confissão dos *leaders*, abandonassem a bandeira nacional pela da Inglaterra? O governo da metropole illudido pelo partido anti-nacional tinha anniquilado o unico elemento portuguez na India, arreado a nossa bandeira, exposto ao desprezo e á vergonha o nome d'esta nação. Assim o reconheciam os *patriotas*, e por isso imploravam á Inglaterra que os fosse governar e dominar: «Se os povos da India não quizerem o dominio portuguez, e preferirem o dos inglezes, *com que direito Portugal pode vir obstar a que nós procuremos o que nos parece melhor?* E mesmo que quizesse obstar a isto teria forças para luctar com os nossos vizinhos?»—*(Ultramar, 7 de junho de 1872.)* [38]

Ahi está como o proprio partido anti-nacional da India

lança em rosto ao partido regenerador os desmandos, os erros e porventura os crimes da sua vergonhosa politica. As medidas de 1871 privavam Portugal do seu incontestavel direito de conquista, de dominio n'uma parte integrante da monarchia! Se antes ainda lhe restavam forças materiaes para luctar contra as ambições dos nossos vizinhos inglezes de Bombaim, agora faltava-lhe a força moral, e seria ridiculo pugnar pela sua honra e interesses. Não *teria forças,* material e moralmente, *para luctar com os nossos vizinhos!* Que triste verdade dita a Portugal!

Era necessario, porém, infamar a colonia portugueza, cobril-a de opprobrio, para que a sua extincção tivesse desculpas plausiveis no futuro tribunal da historia. É o que fizeram o partido do *Ultramar* e o sr. Jayme Moniz.

Uma classe que *nem pelo numero, nem pela sua importancia, nem pela sua illustração* valia alguma coisa, devia morrer não só de fome, mas de lama lançada ao seu rosto:

«Classe que — dizia o illustre ministro — póde ter ascendentes illustres e cuja genealogia eu não quero discutir agora; mas classe que, nem pelo seu numero, nem pela sua importancia, nem pela sua illustração, nem por motivo algum, que jámais o póde haver para tanto, tinha direito de calcar aos pés a população de toda a India, obrigando-a a sustentar um exercito pouco util.» — (*Sess. da cam. dos dep. de 10 de abril de 1872. J. Moniz.*)

E Fontes, o *amigo particular* de Bernardo da Costa, interpretando as idéas e as aspirações do seu partido, erguendo a voz da cadeira presidencial, acclamava a valente pororação do illustre ministro: *Apoiado!*

Os *patriotas* na India por tal fórma secundados, exultavam, esfregavam as mãos de jubilo por essa exautoração infamante de uma classe inteira. Os portuguezes da India não eram sómente oppressores, eram *salteadores de luvas, salteadores civilisados:*

«Sabe-se que tem havido reuniões promovidas por alguns *civilisados* (o grifho não é nosso), onde se accordam organisar novas quadrilhas... para assaltarem e roubarem as povoações por toda a parte. Tudo isto é significativo,

e deixa ver que não só temos em campo os salteadores de *singa* (instrumento), mas tambem os salteadores de luvas, salteadores *civilisados*.» — (*Ultramar, 26 de abril de 1872.*) [34]

O prazer na desgraça alheia crescia, agora que a colonia, sem forças nem prestigio, repudiada pela mãe-patria, só tinha para a defender o nobre barão de Combarjua, que, palmo a palmo, intemerato, se arrojava na *Imprensa* contra Jayme e seus amigos:

«Teremos tambem o desgosto de ver um ministro da corôa connivente com um diffamador convicto, um inimigo encarniçado dos brancos, vergonha do jornalismo e da humanidade?» — (*Imprensa, 22 de maio de 1872.*)

Os factos assim o affirmavam.

Em Goa os brahmanes ullulavam de prazer, tripudiavam inebriados de odio satisfeito, largando gargalhadas infernaes á face de uma classe vergada sob o peso da miseria e da deshonra. Não lamentasse agora a colonia a sua justa sorte, abandonasse o seu orgulho, renegasse das suas tradições cavalleirosas e fosse, maldito lazarento, envergar a blusa do operario e arrotear os uberrimos campos da India. Não eram em Portugal os europeus *criados de servir* dos indigenas ahi residentes? pois fossem agora os seus descendentes servil-os a elles, os senhores naturaes do paiz, que dispensariam aos miseros um sorriso orgulhoso de triumpho, de intimo prazer:

«Em Portugal um europeu é creado de servir do um *canarim* (indigena de Goa), é carpinteiro, é pedreiro, é jornaleiro ou *bigarim*... por que, pois, o encruzamento da raça ha de obstar para que a descendencia deixe de prestar todos estes serviços que prestaram os seus ascendentes? Tendes ahi tantos campos incultos, tantas terras em ocio, que o governo vos offerece com mais vantagens que a qualquer particular. Cultivae-os, empregae ahi a vossa intelligencia, e em pouco havereis o fructo dos vossos labores.» — (*Ultramar, 26 de abril de 1872.*)

A colonia portugueza, depositaria das tradições fidalgas dos seus antepassados, orgulhosa dos seus titulos de honra e nobreza, nem ao menos merecia dos seus inimigos aquella indulgencia que se dispensa aos vencidos.

Maior parte das familias tinham perdido os seus chefes na guerra do Bonga; muitos paes succumbiram de dor por verem inopinadamente cortado o futuro dos seus filhos, e n'este mar de desalento, a luz triste de tanto amor sem esperanças vinha dar ao quadro a côr de um céo desbotado e frio. Mas as lagrimas e a dor de um lado, não obstavam a que houvesse de outro as alegrias e os enthusiasmos por uma causa vencida.

O leitor lembrar-se-á, por certo, da celebre prophecia de *Maduá Rau*, onde esse jubilo feroz vinha descripto de uma maneira que não nos surprehendem os factos de cincoenta annos depois.

Os velhos e em parte justificaveis rancores do brahmanismo ficaram plenamente satisfeitos com os decretos de 11 de novembro de 1871. Não extranhamos, por isso, que o exercito de uma causa tão apaixonada enchesse de jubilos os seus caudilhos, que, em gratidão, cobriam de bençãos o sr. Jayme Moniz, arbitro providencial do antagonismo historico entre a oligarchia brahmanica e a aristocracia militar de Goa.

Finda aqui a historia portugueza de Goa. O terreno estava agora aplanado para o periodo inglez, para o vergonhoso tratado anglo-luso, firmado pelo mesmo partido, que em 1871 extinguia e infamava a colonia portugueza da India.

O nosso fiel alliado sublinhava este drama unico na historia da colonisação européa:

«Goa seria talvez mais feliz debaixo da dominação ingleza, e de todo o modo seria conveniente ao nosso governo obter a incorporação de Goa e Damão nos seus dominios.»

CONCLUSÕES

D'essa epopêa da India, do gigantesco edificio que Albuquerque fundou e que Xavier veiu depois ornar com a cupula dourada do christianismo, o que nos resta hoje? Tudo tombou!

N'um momento de loucura cortámos os mares *nunca d'antes navegados*, affirmámos a nossa fé e o nosso indomavel heroismo... e depois? Passado o enthusiasmo, vimos a patria deserta, pobre, e, em vez de Sagres, o Restello ainda regado de lagrimas, um pequeno oasis á beira-mar, evocando a severa figura do velho de *aspeito venerando*, e bem proximo, nos *Jeronymos*, os duvidosos restos de Camões — o cantor das nossas glorias! Do imperio oriental, extenso, rico, tudo esquecido, tudo abandonado á crua fatalidade do destino!

«D'essa *Viagem da India* — diz o sr. Oliveira Martins — em que Portugal se embarcou, restam ainda salvados (se restam!) Timor, Macau, que principiou por um ninho de piratas, e a cidade do Albuquerque *terribil*, Goa, com um alfôz bem pouco ha enfeudado á Inglaterra.»

Com pequena differença as companhias exploradoras da India cederam o passo á Inglaterra, que desde Clive, por um systema bem organisado de administração colonial, conseguiu arvorar, de Ormuz a Malaca, por sobre os escombros dos nossos baluartes, a bandeira que hoje domina no vasto Oriente.

Das dominações europêas, ninguem o duvida, a nenhuma estará ligada tradição tão gloriosa e sympathica, como a de Portugal. Mas o que é egualmente certo é que

nenhuma outra nação colonisadora accumulou tantos erros como a nossa.

Com respeito á India elles tiveram um desenlace excepcional na historia da colonisação europea. O inicio da colonisação portugueza teve um caracter cosmopolita. D'ahi resultou que o Brazil nos quizesse impor a sua suzerania e que Portugal apunhalasse desapiedadamente os filhos que do seu seio se tinham implantado nas remotas regiões da India.

O elemento portuguez, a Colonia da India, extincta por um ministro regenerador, desapparece a olhos vistos, confundindo-se com o elemento indigena do paiz, degenerando-se em frente da colonia ingleza, que vae-se estabelecendo e progredindo n'aquella India que no pensar de Albuquerque devia estar dentro da alma dos nossos reis.

O tratado anglo-luso, firmado pelo mesmo nefasto partido, veiu coroar esta gigantesca obra de destruição. Basta para o condemnar os seus resultados economico-sociaes.

A maior parte da Colonia Portugueza voltou triste e envergonhada para os braços gelidos de uma patria-madrasta. Os indigenas na afadigosa lucta pela existencia emigram em escala ascendente para o reino, d'onde partem a occupar nas duas Africas os cargos publicos.

Como triste epilogo de tudo isto, ficará a pungente ironia da Cidade de Vasco da Gama (Mormugão) ahi onde os inglezes dominam e onde nós gravámos a bella historia do *illustre peito lusitano!*

Não seria ainda tempo de quebrarmos um epitaphio tão deshonroso? Depende isto de todos que se presem de portuguezes, e n'esta terra de heroes não podem faltar os homens, que teem conseguido levantar povos ainda mais decadentes que o nosso e com menos tradição gloriosa do que este Portugal de Camões.

NOTAS

[1] Os schatrias são egualmente considerados aryas, mas não me parece que todos os *charadós* de Goa sejam schatrias. Dos brahmanes direi a mesma coisa. A conversão para o christianismo confundiu muito a origem d'esse povo.

[2] Rivara refere-se visivelmente aos brahmanes. Eu que andei por Salcete, pude testemunhar a realidade dos factos por elle indicados. Como o povo de Salcete é extremamente servil e pobre, os ricos, os *battacarás* (lavrador), esmagam n'o com uma tyrania brutal. O trabalho é ahi ainda pago em generos, como o arroz, etc., e do peor. Até o proprio sacerdote, que volta endinheirado das missões do Padroado é um tyranete repugnante. Em Raia (Salcete) vi uma vez um sacerdote brahmane dirigir os trabalhos de lavoura ao domingo. Vestia uma longa cabaia, barrete, e trazia uma bengala de canna da India com castão de oiro. Um perfeito naire. As creadas, que pertencem geralmente á casta *sudra*, são exploradas de uma maneira ignobil por estes magnates. Vi muitos, que além de um trabalho forçado, mal vestidas e mal alimentadas, e quasi sempre sem salario, recebiam duros castigos corporaes.

[3] Estes cantos ou *mandós* não são verdadeiramente originaes, por isso que não partilham do sentimento tradicional, no entanto em alguns nota-se a feição dolente e amorosa da poesia popular.

[4] As festas gentilicas — zatrá, sigmon, etc. — veem descriptas no interessante livro *India Portugueza*, do meu erudito amigo sr. Lopes Mendes. Com respeito ao *zagor*, parece-me que elle é a fórma profanada das apparatosas representações da Paixão e dos autos catholicos introduzidos na India pelos jesuitas. Subsistem ainda no Malabar e em Ceylão. A influencia

do theatro portuguez já ahi estabelecido na época de Camões devia tambem ter concorrido para modificar estas festas religiosas.

[5] Entre outros citaremos como typos de bravura e dedicação os *guancares* (senhores de terras) de Carmená e Orlim e os Lourenço de Sousa e Lourenço de Lisboa.

[6] Questão Dipl. L. Marques. V. de Paiva Manso.

Candido Mourão, bisavô do visconde de Bucellas e barão de Combarjua, por officio de 11 de novembro de 1811, dirigido ao vice-rei da India, conde de Sarzedas, tendo este, por difficuldades da fazenda (Port. de 6 de junho e 21 de outubro) mandado desguarnecer algumas fortalezas das Ilhas de Goa, offereceu-se mantel-as cedendo ao Estado metade dos seus soldos e dos seus filhos. — (Papeis de familia).

De Henrique Carlos Henriques, fundador de uma illustre familia portugueza em Goa, disse o conde de Ega: «Acudiu a tudo com evidente perigo da sua vida, pagou á sua custa os marinheiros e muitas despezas... sem receber coisa alguma da fazenda real.» — (Os Brigad. H. C. Henriques. Esboço. hist. F. L. Gomes).

Podia accumular muitos exemplos d'estes.

[7] O autor perdeu dois irmãos: José Antonio Diniz d'Ayalla e Adolpho Ernesto Diniz d'Ayalla, ambos militares e na flor da edade.

[8] O exercito não ha meio seculo era tanto o apanagio d'essa classe, que o regimento de artilheria era exclusivamente formado das tropas enviadas do reino. A maioria do exercito era composta de indigenas, e não conhecemos lei alguma que interdictasse a admissão d'elles a essa primazia da classe dos descendentes. Teriam dito ao illustre ministro que os officiaes indigenas de Goa eram como os *jamedares* da tropa ingleza?

[9] Até 1835, época em que foram extinctos os conventos, muitos descendentes professaram em varias ordens. A profissão de medico não era permittida aos indios e a escola medica só ficou organisada pelo decreto de 11 de janeiro de 1842.

Os descendentes não só se faziam militares, mas muitos recebiam do rei, logo ao nascer, patentes militares, como aconteceu com o tio do autor Bernardo Ayalla, filho morgado do Penêdo.

Desde a conquista da provincia de Satary, a sua historia é

de constantes sublevações. Em 1746, 1755, 1806, 1807, 1809, 1813, 1814, 1816, 1822, 1823, 1824, 1845. 1853... houve ahi insurreições. — (Bol. offic. de 22 de fev. de 1859).

E Goa não carecia de exercito!

[10] Só agora no seu periodo de decadencia é que um ou outro se entrega á especulação commercial, mas não pertencem á aristocracia portugueza da India. Se Spencer tem razão no que diz com respeito a costumes commerciaes, o facto da colonia se não entregar ao commercio é mais um traço lisongeiro do seu caracter. Parece-me que os peninsulares, pelo seu genio nobre e cavalheiroso, não são aticitos ao commercio. Os judeus, como se sabe, occupavam-se quasi exclusivamente na Peninsula n'esse ramo de actividade social.

[11] Um facto narrado por Cunha Rivara comprova este meu modo de vêr:

Um sacerdote da casta brahmane prégava um dia na côrte portugueza. Fidalgos, altos dignitarios, embaixadores, e o proprio monarcha se preparavam para ouvir o illustre indio. Um silencio profundo pairava na capella real, tudo eram olhos e ouvidos. Em presença de um auditorio tão illustrado e respeitavel, a palavra quasi que ia morrendo nos labios do prégador. Foi então que o pae d'elle acercando-se do pulpito lhe diz em concani para o animar: *bagi*, *bagi*, *rê em*, quer dizer, coragem meu filho, isto tudo são uma sucia de alarves. O rei, a nobreza, a côrte portugueza, todos uns pacovios: *bagi! bagi!* (Litteralmente esta palavra quer dizer beldroega.)

O caso de Lisboa Pinto dá a medida do desprezo em que somos tidos pelos indigenas de Goa.

[12] O padre José Vaz merece especial menção pelo seu zelo apostolico e mais virtudes. Entre os religiosos, porém, alguns houve que se dedicaram aos estudos profanos escrevendo monographias historicas, taes como: Adeodato da Trindade, Antonio Jesus, Jorge de Lemos, Antonio Barbosa, Caetano José de Abreu do Amaral, Cosme da Guarda, Diogo de Bragança e outros, na maior parte indigenas. — (Manusc. ined. da Acad. Real de Lisboa.)

[13] Da conhecida escola dos Sousas em Mazagão (Bombaim) tive de banir esses folhetos como sendo altamente perniciosos á moral infantil. Demais, achei-os pela sua linguagem, quasi indigena, muito prejudicial á cultura da nossa bella lingua. Não o fiz, comtudo, sem primeiro consultar a opinião do meu

prestante e estimavel amigo sr. Gouveia (hoje fallecido), que me indicou os seus folhetos como os melhores até então publicados na India.»

[14] Não podemos furtarmo-nos ao desejo de explicar, por assim dizer, os trechos sublinhados da carta, visto que o leitor europeu achará difficuldade em interpretal-os, desconhecedor como é das coisas do paiz de que tratamos. D'elles se deduz: 1.° que o governador Macedo e Couto, delegado do gabinete Fontes-Jayme obedecia ás ordens ou indicações do sr. Antonio Anastacio Bruto da Costa, irmão do sr. Bernardo Francisco da Costa e fundador do *Ultramar;* 2.° que o partido regenerador era tão solidario com as idéas do partido anti-nacional, a ponto do autor da carta, bem informado pelo sr. Bernardo da Costa, que n'esse tempo se achava em Lisboa, estar seguro de que qualquer outro ministro regenerador substituiria Jayme Moniz nos seus planos exterminadores; 3.° que se porventura o ministerio cahisse nenhum outro ministro perceberia as cartas de Macedo e Couto — »não podem ser conhecidas do successor» —; 4.° que visto Manuel de Carvalho estar em Pangim, proximamente 27,75 kilometros de Margão, residencia do autor da carta, não podia este «conseguir arredal-o ou evitar que elle se desmande», a menos que se não reconheça que o partido anti-nacional, com séde em Margão, tenha seus agentes na capital (Pangim) para illudir os funccionarios europeus; 5.° que pelas relações do sr. Bernardo da Costa com os chefes do partido regenerador é evidente que a *seita negra* tem tambem seus agentes em Portugal, pelos quaes consegue illudir a boa fé de portuguezes; 6.° que o partido anti-nacional da India não só conseguiu seduzir um partido portuguez, mas tem a audacia de declarar ao delegado do governo da metropole a cumplicidade d'esse partido.

A que desceste patria de D. João! Jugurtha não fez mais, nem peor.

[15] A copia d'essa carta, cujo original está na Torre do Tombo, foi-nos confiada pelo nosso excellente amigo e sabio orientalista sr. Vasconcellos de Abreu, a quem tornamos a agradecer a fineza.

[16] Canarim é geralmente melhor conhecido pelos sacerdotes indigenas. Estes em familia falam geralmente na lingua da terra. Nas provincias o portuguez falado pelas familias portuguezas tem o tom rastejante e nazal dos ilheos. Empregam-se muitos vocabulo hespanhoes como *cambar*, *sombrero*, e outros

de origem indigena ou não, como *begarim*, *boiá*, *judia* (jaleco), *machila*, *godrim* (colchão), etc. Em Damão e em Diu conserva-se ainda a fórma primitiva do portuguez falado na India, e constitue, por assim dizer, um dialecto ou antes uma fórma ingrammatical, como succede em Ceylão, onde a permanencia de europeus foi menos do que em Goa: *vós qui tá querê? und tá vae? qui lai tem?* Um missionario de Ceylão disse-nos que para prégar em portuguez escrevia correctamente o sermão e cortava depois todas as ultimas syllabas e punha os verbos n'um determinado e uniforme tempo, modo e pessoa, para se fazer entender! Tudo isto se obviava se tivessemos mandado para essas partes professores europeus.

[17] Pedro Barreto Rezende no seu *Breve tratado ou epilogo de todos os vice-reis que tem havido na India* (Manusc. da Academia Real de Lisboa), diz que el rei D. Manuel mandou á India em 6 de março de 1506 uma armada de 16 velas, de que era capitão-mór Tristão da Cunha. A nau de Albuquerque era a *Flor de la Mar*. Nós seguimos o excellente livro — *Resumo historico ácerca da antiga India Portugueza*, Rezende parece basear-se no que diz João de Barros (Dec. 2.ª liv. 1.º fol. 1). Diz este, porém, que levava 14 velas.

[18] Barros, dec. 2.ª, liv. 5.º, cap. 3.º e 9.º, e comment. de A. de Albuquerque, part. 2.ª, cap. 21.º, e part. 3.ª, cap. 3.º, assignalam a tomada de Goa em 17 de fevereiro de 1510. Seguimos outra chronologia. Sabe-se definitivamente que Albuquerque sahiu de Cochim a 10 de fevereiro, que se demorou em Mergeu e Cintacorá para combinar com Timoja e o rei de Onor, de quem recebeu navios. O termo medio da viagem de Cochim para Goa era de 10 dias, mas em fevereiro predomina o vento do quadrante NE., pouco favoravel a viagem. Póde ser que nos enganemos no calculo.

[19] É erro suppôr-se que a colonia portugueza descende toda dos casamentos feitos por Albuquerque, ou que todos os habitantes christãos de Goa são de egual ramo, segundo geralmente se crê. Póde dizer-se que a primitiva colonia fundiu-se com o elemento indigena, ou se extinguiu pelas luctas em que os nossos se empenhavam por todo esse oriente. Em substituição a esse elemento, cujos restos ainda se deparam em Ragaim, Chaul e em alguns pontos no interior da India, bem como em algumas familias mestiças de Goa, estabeleceram-se ahi posteriormente muitas familias portuguezas, relacionadas com as casas mais fidalgas de Portugal, constituidas em mis-

tocracia militar, e de que nos occupamos n'este livro. O conde de Sandomil, em officio de 23 de janeiro de 1735 ao governo de S. M. dá as seguintes informações sobre as principaes familias da aristocracia portugueza de Goa:

D. Christovam de Mello — distinguiu-se sempre em todos os logares que occupou, principalmente no de vedor da fazenda em que embaraçou muitos descaminhos.

D. Lourenço de Noronha — este fidalgo prefere pelo seu nascimento a todos os mais que existem na India: he summamente bem procedido em verdade, desinteresse e limpeza de mãos... *Com seu dinheiro tem servido a V. M. varias vezes sem lucro algum.*

D. Francisco de Alarcão Sotto-Maior — capaz pelo seu bom modo, desinteresse e valor.

Francisco de Mello de Sousa — este fidalgo he de muito bom procedimento e desinteresse.

Bernardo Carneiro de Sousa e Faro — filho legitimo do conde da Ilha do Principe, que he o unico merecimento que reconheço n'este fidalgo alem do seu valor.

Francisco de Mello e Castro — não ha n'este fidalgo mais deffeyto, que o dos seus poucos annos.

Xavier Leite de Sousa — não lhe falta a parte essencial do valor.

Antonio José de Miranda Henriques — este fidalgo tem a bondade de seu Pay... em materia grave não ouvi nada contra o seu procedimento.

(Bosq. hist. das poss. port. no Oriente, tom. III. J. P. Celestino Soares.)

[20] Além dos Commentarios e Gaspar Correia, Albuquerque em carta de 23 de novembro de 1512, diz assim: «Os arrenegados eu lhe dey vida a requerimento do Ruztalcam e os mandey danificar em seus membros, e aleijados e decepados e desorelhados por espanto e memorya da traiçam e maldade que cometeram.»

[21] Depois de escriptas estas paginas tivemos á mão o excellente trabalho — *European Colonies* — de E. J. Payne, corroborando tudo quanto dissémos do conquistador de Goa. Eis o que diz o insuspeito testemunho do sabio escriptor inglez:

«These unexpeted successes earned him (Albuquerque) the jealousy of Emmanuel (D. Manuel) until he died at Goa, poor and in disgrace, 1515. Albuquerque was not merely a great conqueror. He was a just and humane governor.» (Pag. 12).

[22] N'este ponto discordamos de Quinet, escriptor aliás que melhor comprehendeu a raça latina (?) e especialmente a Peninsula. Buckle (Esquise de l'histoire de l'intellect espagnol depuis le cinquième siècle jusq'au milieu du neuvième) mostrou-se muito inglez e muitissimo protestante. O sr. Hypolite Taine (Essais de critique et d'histoire: voyage en Espagne par madame d'Aulnoy—notavel de informações e observações) fez-nos em parte justiça, e se ella não é completa é porque o sr. Taine se não votara a um estudo cabal e perfeito sobre a Peninsula. Loyola não fundou, segundo pretende Quinet, a escravidão do espirito ou o jesuitismo. O jesuitismo não é o producto da nossa raça. Assim como Colombo, apesar do seu cosmopolitismo italiano, desgraça e ruina da Italia, como entre nós é a faltá de patriotismo, tornou-se hispanhol na Peninsula, assim a ordem de Loyola, em Roma, se filiou no machiavelismo italiano.

Se não nos enganamos é este tambem o modo de pensar do sr. Oliveira Martins na sua *Civilisação Iberica*, que todo o portuguez deve ler para comprehender a grandeza e o valor da sua raça.

[23] Dizemos assim pela feição demasiado politica imprimida á Egreia pelos jesuitas. Não parece a infallibilidade papal um recurso perigoso, uma solução instavel do duello entre a Sciencia e a Biblia? O futuro o dirá.

[24] Frisamos este ponto porque quasi todos que se teem occupado de Goa baseados nas descripções de viajantes, principalmente Pyrard, pintam-a como um serralho em que a sociedade portugueza, perdida toda a noção do respeito devido a si, vivia do vicio e só para o vicio.

Iriamos longe se nos detivessemos em criticar as narrações dos viajantes estrangeiros que teem visitado Goa. Alguns estão abaixo da critica, como Jacolliot. Burton, por exemplo, citado por Spancer, viu em Goa um *tandel* (patrão de barco) *portuguez!* O eminente geographo Elisée Reclus no seu Diccionario descobriu que a physionomia dos habitantes de Goa representava o typo mongoloide!

A narração de Pyrard, embora veridica no geral, pecca por exagero e por falta de conhecimentos proprios. O seu livro vem rectificado em muitos logares por Cunha Rivara. Alem d'isto tinha recebido aggravos da parte da Inquisição e o seu espirito accentuadamente *encyclopedista* era adverso ao systema catholico que então dominava no viver d'essas sociedades. Pobre e perseguido não passou das portarias dos conventos,

onde muitas vezes, segundo elle proprio confessa, ia comer com os pobres do arcebispo de Goa.

Linschotten, hollandez, que foi á India (1582) na companhia do arcebispo Fr. Vicente da Fonseca, conhecendo mais de perto a sociedade portugueza da India, não a confundiu com o viver das *perrinhas malabares* e dos da *matalotagem*

Note-se ainda que Buchanan, Burton e outros eram protestantes e inclinados a exagerar ou a generalisar a corrupção dos portuguezes para dos costumes aferir a influencia do regimen catholico. Cottineau de Kloguen, referindo-se propriamente a portuguezes, diz á pag. 145: «Estas familias, todas mui respeitaveis, não são numerosas.»

Como este livro não aspira a ser um trabalho *allemão* não nos alongamos em citar documentos. Admira-nos, porém, que escriptores portuguezes cahissem no erro dos estrangeiros e não nos admira tambem porque nós ficamos satisfeitos em termos conquistado a India e de nunca a termos estudado. D'ahi a desorganisação das nossas colonias.

[25] «A falta de educação historica é que o fazia (a Bocage) assim desconsiderar a antiquissima raça indiana representada com maior pureza na casta brahmanica.»—(T. Braga—Bocage e sua vida.)

A falta de discriminação da parte dos escritores ainda coevos ao tratar-se das sociedades de Goa, levava-os a generalisar costumes e habitos, que eram peculiares a uma determinada classe. Aos viajantes todo o christão era portuguez. Não admira esta confusão em uma época em que a India era completamente desconhecida. Em Bombaim, por exemplo, um paria indigena de Goa, que ahi é cosinheiro, chamam lhe os inglezes—*portuguese-cook*. Que admira que a tanto degredassem a raça portugueza quando aqui na Europa os estrangeiros que nos visitam nos tem comparado a negros?!

[26] «Dans l'Inde les événements politiques relatifs à l'histoire moderne sont de peu d'importance, et ont un caractère purement religieux, car ils n'ont qu'à la question du patronat des Indes —(Découv. et conq. du Portugal.—Le baron Ed. de Septenville.)

[27] Sobre este importante facto historico possuimos o livro do incansavel mineiro das nossas antiguidades orientaes, Cunha Rivara, com o titulo que nos serve de epigraphe. Como todos os trabalhos d'este portuguez de lei, e que talvez por isso morreu como um trabalhador obscuro, o livro que nos

serve de guia e um documento comprovativo de tudo quanto temos dito sobre a oligarchia indiana ou o partido anti-nacional da India.

N'esse livro ha um capitulo —*Exame do que se tem escripto ácerca da conjuração* — breve, incisivo, e que revela o alto talento critico de Cunha Rivara. Resumemol o: «n'um livro (*Refutação analytica do Manifesto do Governo Provisional*) em uma nota, referindo-se á conjuração, não só se nega a authenticidade do facto (aliás comprovado não só por documentos officiaes da secretaria da marinha e do governo local, mas ainda por actas das camaras de Salsete, Bardez e Ilhas), mas affirma que os conjurados são uns *innocentes justiçados;* que o governador da India fôra *asperamente reprehendido* pelo governo da metrodole por os ter prendido; que tão innocentes eram, que depois de alguns annos de injusta prisão na torre de S. Julião de Lisboa *voltaram victoriosos* para Goa.

No *Ultramar*, orgão d'esses jacobinos, de 18 de maio de 1865, Genezano Antonio de Sonsa, e no *Almanach Popular* de 1867, C. R. Ernesto Alves, desvirtuam de egual modo a verdade do facto.

Commentando este systema repugnante de fazer a historia de Goa, escreve Rivara o seguinte:—«Serviu de thema (a tal nota) para sobre elle se comporem variações cada vez mais dissonantes do testemunho dos documentos, e da exagese dos factos.»

Ora isto que repugnava ao nosso illustre chronista tinha desculpas, porque n'esse tempo ainda se não tinha publicado o seu precioso livro. Mas que diria Cunha Rivara se visse hoje, depois dos documentos publicados, o *Ultramar* affirmar que a tal conjuração só *existiu na imaginação dos loucos?!*

Mas continuemos. Apresenta depois o autor as duas maneiras por que se tem apreciado a conjuração de 1787: uns negam que tal conjuração houvesse, outros glorificam o attentado e chamam aos homens de 1787—*martyres da patria!* Os *charadós*, quando *contrapõem o povo da India á classe europea*, exalçam os homens de 1787, mas quando procuram incriminar os brahmanes exproba-os como traidores da patria.

Basta este facto para indicar cabalmente o ponto de vista sob que fazem a politica em Goa o *Ultramar* e a *India Portugueza*, politica cujos resultados são hoje patentes—a despacionalisação da India.

Rivara continua commentando: «Um e outro systema ao parecer tão encontrado, procedem do mesmo principio, isto é, de um exaggerado e por conseguinte fallaz amor da patria.»

[28] Eis a forma geral dos decretos indultando os réos e assignados pelo secretario de estado de então, visconde de Anadia: «*Attendendo ás supplicas* de Jorge Dias e Caetano Francisco da Silva, presbyteros seculares, e naturaes do estado da India, d'onde vieram presos, ha muitos annos, e tem estado detidos n'este reino *em consequencia das culpas de que foram arguidos;* foi servido perdoar-lhes, etc., etc.»—Doc. n.º 10, pag. 30.)

O *Ultramar* de 4 de outubro de 1872 diz da conjuração: «Foi em Portugal julgado uma *visão* e premiados os co-réos do tal fantasiado crime.»

Nos jornaes de Lisboa, quando na epoca da extincção do exercito se debatiam muitas das questões que se prendem com este livro, n'uma serie de artigos publicados no *Partido Constituinte*, sob o pseudonymo—*Um Canarim*—e attribuidos á penna do sr. Bernardo Francisco da Costa, apparece a reedição da nota inserida na *Refutação analytica* de que nos fala Rivara. Eis o que escrevia o citado jornal de 3 de outubro de 1872: «... que não só foi por isso asperamente reprehendido por um decreto o governador que havia consentido no processo d'aquelles *innocentes justiçados*... elles voltaram victoriosos, e com as mais positivas recommendações, para se lhes conferirem os melhores beneficios e empregos que vagassem.»

Ainda o anno passado em resposta aos meus artigos publicados na *Provincia* do Porto, sob o titulo—*Uma pagina negra do fontismo*—o *Ultramar* repete a mesmissima asserção.

[29] Seguimos a interessante collecção de documentos publicados na *Relação das alterações politicas de Goa* por Miguel Vicente de Abreu. O livro é apenas um thema sobre o qual escrevemos este capitulo. O autor diz assim na sua *prefacção:* «Colligimos os factos e os documentos *simplesmente como monumentos historicos*... Ainda é talvez cedo (1862) *e certamente não somos nós os competentes para aventurar um juizo seguro e imparcial sobre esses acontecimentos.*»

E' pena que o laborioso escriptor não quizesse aproveitar d'esses documentos que incontestavelmente derramam muita luz sobre as coisas politicas do paiz. A educação politica do auctor levou-o no entanto a umas interpretações de todo o ponto infundadas. Por exemplo, diz o autor em nota: «Os habitantes de Goa que não tiveram parte alguma na revolução e deposição (do conde do Rio Pardo)» etc. O documento, porem, que elle proprio adduz diz: «Principiei por via de Peres, pae e filho, a dispor algumas coisas.»

Ambos são indigenas e brahmanes. Thomaz Peres ia na guarda avançada que derrubou o conde de Rio Pardo. N'outro logar pretende o autor significar que os motins em Bardez foram exclusivamente devidos aos militares (militar em Goa é synonymo de branco, como habitantes de Goa quer dizer indigenas). Mas elle proprio relata a parte activa que Pedro Antonio Ribeiro, José Mariano Cardoso e outros indigenas tomaram nos motins de Bardez.

Vê-se, pois, que temos de destruir pela base um trabalho historico e construir de novo a época tão mal interpretada. Ao laborioso escriptor devemos, porém, o peculio dos documentos, que nos forneceram uma diversa orientação.

Se quizessemos fazer a critica das fontes com aquella largueza que assumptos de interesse geral requerem, teriamos posto hombros a um trabalho além das nossas forças. Ter de destruir e construir de novo é na verdade uma tarefa penosa.

No decurso do capitulo verá o leitor o que é o arcebispo Galdino, pois o historiador brahmane confessando que os disturbios de Bardez tinham logar *com um silencio de tolerancia do arcebispo primaz*, toma-o por modelo de primaz do Oriente.

As provas abundam, mas não vale a pena destruir o que pela natureza das coisas está condemnado.

Com respeito ao infeliz Luiz Prates, Miguel Vicente de Abreu, que ainda em 1862 não se queria decidir sobre os factos de 1821, diz o seguinte: «um dos votados pelo exercito ao exterminio referido.»

A historia feita assim não é de molde a inspirar um odio eterno contra a colonia? Muito antes da Allemanhã, com Weber, escrever a guerra franco-prussiana de modo a incutir nos seus compatriotas um odio incansavel contra a França, os astutos brahmanes de Goa faziam o mesmo contra a colonia.

[30] N'um discurso que o sr. visconde de S. Januario pronunciou na escola militar de Goa (1 de julho de 1870) s. ex.ª fazendo quasi as mesmas considerações com que nós em outro logar demonstrámos a necessidade do exercito da India, termina assim: «não podia por estas razões deixar de entreter-se n'este paiz o espirito militar tendente á conservação e guarda de tão honradas tradições. De geração em geração se tem transmittido esse espirito militar e quiçá nas mesmas familias.»

«Este modo de vêr as coisas da India levou aquelle honrado e brioso militar a mandar desmentir officialmente no Boletim

Official da provincia (19 de julho de 1870) os boatos de insubordinação que alguns jornaes regeneradores da metropole adrede davam curso com respeito ao exercito da India.

Das medidas do sr. Jayme Moniz, eis o que s. ex.ª escreve no seu folheto — *Duas palavras acerca da ultima revolta do exercito do Estado da India:* — «Direi só de passagem e para descargo de consciencia, que posto o pensamento seja judicioso no conjuncto das providencias, todavia resentem-se umas da precipitação com que foram estudadas e decretadas, e peccam outras por demasiado violentas, acrescendo que arrastam para o mesmo abysmo, com os criminosos os innocentes; e não só os innocentes mas tambem aquelles que prestaram com lealdade contra a revolta, o serviço que a lei exigia da sua sujeição á disciplina e dos seus sentimentos de honra.»

[1] A proclamação de S. Januario em que se aventa a independencia de Goa pelo exercito é datada de 25 de setembro de 1871, e o officio do sr. Jayme Moniz ao ministro da guerra onde egualmente se fala da *integridade do territorio* é de 26 do mesmo mez e anno. S. Januario não insinuou essa idéa em telegramma algum dos que foram publicados. Mas os patriotas de Goa o o gabinete regenerador pensavam ou fingiam acreditar a mesma coisa!

[2] A folha ingleza de Bombaim — *Bombay Gazette* — de 13 de novembro de 1871 era tambem de opinião que se devia extinguir o exercito de Goa: «Seja, pois, dissolvida esta força... que necessidade ha ahi de sustentar o grande exercito que lá existe?!»

O *Times of India* de 16 de novembro de 1871 escrevia o seguinte: «Se o novo vice-rei (Macedo e Couto) não tiver poder para acabar e desfardar mais de metade dos sypaes, não terá melhor sorte do que s. ex.ª o sr. conde *(sic)* de S. Januario.»

[3] O *Ultramar* de 17 de novembro de 1871 escrevia o seguinte: «Se Goa tivesse elementos para ser independente... se os povos a proclamassem e o exercito os tivesse auxiliado n'esta sua nobre aspiração, não seria condemnavel a rebellião, como não tem sido a da Polonia esmagada, mas seria censurado Portugal com» é censurada a Russia, se quizesse conservar sob sua dominação uma colonia que a aborrece.»

[4] O *Ultramar* n.º 670 não contente de infamar a colonia portugueza, com grande gaudio dos inglezes, que n'esse tempo

não reconheciam a S. Januario o *direito de chamar-se governador geral do Estado da India* (*Delhi Gazette*, citado no *Ultramar* de 10 de novembro de 1871), insinuava que o proprio S. Januario estava mancommunado com os salteadores de Satary: «por ahi correu relativamente a certas prégações do seu ajudante de ordens, para que fosse a gente do extincto exercito para Satary, com o fim de justificar-se a amnistia e pôr em embaraço o seu successor (M. e Couto).»

INDICE.

I. — Goa: a entrada da barra — a barra da Aguada — o panorama — as margens do Mandovy — a vida no littoral — Pangim — rio acima — Rajah-Bandar e os suburbios da Velha Goa — a Velha Goa — Bardez — as Novas Conquistas — a natureza e os habitos — os salteadores — Custobá — os Sar-Dessays e Ranes — o arecal — uma tempestade no palmar — o calor — uma tarde de maio — uma noite de inverno — reflexões sobre o caracter historico de Goa — traços geraes sobre o seu caracter politico e social — o destino da India — solução dada pelo partido regenerador — opinião de Cunha Rivara sobre a oligarchia brahmanica — divisão da historia de Goa — Antonio de Mello e Castro e D. Affonso VI.

II. — O povo e as classes: algumas reservas — o genio e o caracter dos indigenas — a colonia portugueza — o que os seus inimigos teem dito d'ella — o seu caracter e a sua missão — o exercito e a sua utilidade — explica-se porque a colonia era militar — o seu patriotismo — o seu desastrado fim — a origem dos brahmanes — os seus meios de acção — caracter tradicional — causas da formação do seu caracter — o seu programma politico — o castismo — a cultura europêa — os padres José Antonio Gonçalves e Victorino de Faria — Bernardo Peres da Silva — Constancio Roque da Costa — a influencia do jacobinismo francez — o ultramarismo — Margão, capital politica dos brahmanes — Bernardo Francisco da Costa — a politica dos brahmanes — o gabinete regenerador de 1871 e o partido anti-nacional da India — o assassinato de um official portuguez pelos indigenas.

III. — Albuquerque e a conquista de Goa: o Canará e o Concão — a preferencia de Goa sobre Ceylão — os aborigenes — a lingua e sua filiação — causas da decadencia da lingua e

litteratura autocthones — as primeiras invasões — os preparativos da conquista da India — a partida de Vasco — os primeiros feitos portuguezes — Lisboa no seculo XVI — a primeira tomada de Goa — episodios da primeira campanha — a retirada — episodios durante o inverno — o assalto do forte de Pangim — Albuquerque e os seus planos — Varias peripecias — a retomada de Goa — descripção da campanha — episodios da segunda guerra — o estabelecimento dos portuguezes em Goa — as campanhas de Banastarim — os episodios da campanha de Banastarim — Albuquerque e D. Manuel — retrato do conquistador de Goa — Albuquerque e o apostolo das Indias — estudo sobre Loyola e a companhia de Jesus — retrato do apostolo das Indias — Xavier typo da solidariedade dos povos peninsulares — a sua vida e a sua morte.

IV. — A Babel: algumas reservas sobre os viajantes estrangeiros — descripção topographica da antiga cidade — o viver em cada um dos seus bairros — os fidalgos e a chatinagem — Bocage e os mestiços — a matalotagem — a inquisição — rua do Leilão — as festas religiosas — os frades — a Alfama indiana.

V. — A conjuração de 1787: o nucleo dos conjurados — o padre Victorino de Faria — os indigenas em Lisboa — os seus planos e os seus meios de acção — o que favorecia os revoltosos — o caracter da sublevação — Tipú Sultão e os conjurados — como os conjurados não vingaram o seu plano — como elles foram justiçados — o padre Couto na Torre de S. Julião — doze annos depois.

VI. — O Constitucionalismo em Goa: caracter geral da epoca — principios da revolta liberal — Ferreira Marinho e seus adeptos — a deposição de Rio Pardo — os inimigos da 1.ª Junta — causas de descontentamento — o arcebispo Galdino — o jacobinismo constitucional e os representantes do povo — os desembargadores a banhos — os Gracchos de Goa e o seu Cartismo — a 2.ª Junta — tumultos em Bardez — as eleições — a colonia portugueza — a crise — a dictadura do exercito — a anarchia — os deportados e o exercito — Luiz Prates — a prophecia de Maduá Rau — synthese da epoca.

VII. — O Peresismo: retrato de Bernardo Peres da Silva — Thomaz Peres — B. Peres e D. Pedro IV — sua partida para a India como Prefeito — o partido europeu — a attitude do exercito — o caput anguli — a republica de Peres — a reacção anti-

Perista — a deposição do Prefeito — D. Manuel de Portugal — movimento Perista — a colonia portugueza Perista — Constancio Roque e os patriotas — Peres nas praças do norte — a expedição invasora — os inglezes e D. Manuel — a orgia patriotica — planos secretos de conspiração — a dictadura do governador militar Fortunato de Mello — Gaspar-Dias, baluarte Perista — Tiracol e o ultimo arranco do Perismo — Peres em Lisboa — a sua apologia — o jazigo do patriota no cemiterio dos Prazeres — a opinião d'um historiador brahmane sobre a epoca.

VIII. — A EXTINCÇÃO DO EXERCITO DE GOA: a expedição do Bonga — a colonia portugueza e a expedição — os ultimos tempos heroicos da India — critica da campanha do Bonga — as causas de descontamento no exercito — o Ultramar e os prenuncios da extincção — Volvoy — Ferreira Pestana e os revoltosos — S. Januario e os seus planos — a revolta de Marcella — o terror poetico — as intrigas dos patriotas — os sobresaltos dos srs. Thomaz Ribeiro e Jayme Moniz — a comedia patriotica — Entre Palmeiras — os ultimos momentos da colonia — D. Augusto e Macedo e Couto — os nossos fieis alliados — o partido anti-nacional e o sr. Jayme Moniz — a exautoração da colonia — os jubilos do *Ultramar* — finis Goæ.

00143116

Digitized with financial assistance from

on 11 March, 2020